



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
DA UNIRITTER
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS - ASSOCIAÇÃO AMPLA
UCS/UNIRITTER**

MARCELL BOCCHESI

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA EM CRÔNICAS LITERÁRIAS DE JORNAIS DE
CAXIAS DO SUL (1963 a 1983)**

**CAXIAS DO SUL
2019**

MARCELL BOCCHESI

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA EM CRÔNICAS LITERÁRIAS DE JORNAIS DE
CAXIAS DO SUL (1963 a 1983)**

Tese apresentada ao Programa de
Doutorado em Letras – Associação Ampla
UCS/UNIRITTER – como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Miranda Alves

**CAXIAS DO SUL
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

B664r Bocchese, Marcell
Representações de leitura em crônicas literárias de jomais de Caxias do Sul (1963 a 1983) / Marcell Bocchese. – 2019.
206 f. : il. ; 30 cm
Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.
Orientação: Márcio Miranda Alves.
1. Crônicas - Crítica e interpretação. 2. Leitura. 3. Jomais - Caxias do Sul (RS). I. Alves, Márcio Miranda, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 82-94.09

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA EM CRÔNICAS LITERÁRIAS DE JORNAIS DE CAXIAS DO SUL (1963 a 1983)

Marcell Bocchese

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Leitura e Processos de Culturais.

Caxias do Sul, 07 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:

Participação via videoconferência

Dra. Cassilda Golin Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Raquel Bello Vázquez
Centro Universitário Ritter dos Reis

Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência

Dr. Vitor Cei Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à família, por ser imprescindível para que possamos atingir nossos objetivos pessoais e profissionais. Em especial à esposa Jane, por todo o apoio e incentivo.

Aos colegas de Universidade, em especial aos coordenadores dos cursos de Comunicação da UCS, Edson, Jussânia e Ronei, e à professora Branca, pelo apoio desde o projeto que originou este trabalho.

Aos professores João Cláudio, pela orientação ao longo de boa parte do percurso, e Márcio, pela acolhida, apoio e seriedade na condução das orientações.

À Universidade de Caxias do Sul.

EPÍGRAFE

"Tudo se regenera: tudo toma uma nova face. O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração. A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático, como ele. Foi a nova cratera do vulcão."

"[...] O jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade."

Machado de Assis
O jornal e o livro (1859)

RESUMO

Esta tese tem como tema as representações de leitura em crônicas literárias de jornais de Caxias do Sul, considerando um recorte temporal que vai de 1963 a 1983. Estudar essas representações de leitura nas crônicas de jornais da cidade de Caxias do Sul, com vista a perceber como o gênero pode, já que é parte de um sistema literário regional, contribuir na promoção da leitura, do livro, de autores e de eventos relacionados ao universo das letras configura-se como objetivo geral proposto. Como objetivos específicos, destacam-se: investigar o contexto da imprensa escrita de Caxias do Sul, com foco no veículo jornal; divulgar o contexto local de produção literária e sua relação com temáticas relacionadas à leitura a partir do levantamento e do estudo de crônicas literárias publicadas em jornais da cidade; contribuir para a elaboração de uma história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra gaúcha. O referencial teórico utilizado baseia-se, principalmente, nas áreas da leitura, a partir de Chartier (2002), Ferreira (2004), Leffa (1996), Leyva (2009) e Manguel (1997); das representações de leitura, com as contribuições de Bauer (1995), Chartier (2002), Duveen (1995), Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997), John (2004), Marangoni (2012), Moscovici (2003) e Minayo (1995); do sistema literário, a partir de Candido (2000), Even-Zohar (2013) e Stüben (2013); do gosto, via Bourdieu (2007), Magnani (1992), Montesquieu (2005) e Schneider (2008); da crônica, a partir de Melo (2003), Candido (1992), Coelho (2005), Galvani (2005), Martins (1977; 1984) e Moisés (2005); e das características da imprensa em geral e de Caxias do Sul, com contribuições de Erbolato (1982), Henrichs (1988), Hohlfeldt (2012), Pozenato e Giron (2004), Rodrigues (1988), Rüdiger (2013) e Travancas (2001). A metodologia utilizada é de orientação geral qualitativa. A pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011), a análise documental (MOREIRA, 2011) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) são as três modalidades metodológicas empregadas. Conclui-se que o jornal impresso e a crônica literária atuaram na congregação de autor e público e fomentaram a difusão tanto da leitura, quanto de autores, obras, bibliotecas e livrarias.

Palavras-chave: Crônica literária. Gosto. Leitura. Representações de Leitura. Sistema Literário.

RESUMEN

Esta tesis tiene como tema las representaciones de lectura en crónicas literarias de periódicos de Caxias do Sul, considerando un recorte temporal que va desde 1963 hasta 1983. Estudiar esas representaciones de lectura en las crónicas de periódicos de la ciudad de Caxias do Sul, con vista a percibir como el género puede, ya que es parte de un sistema literario regional, contribuir en la promoción de la lectura, del libro, de los autores y de eventos relacionados al universo de las letras se configura como objetivo general propuesto. Como objetivos específicos, se destacan: investigar el contexto de la prensa escrita de Caxias do Sul, con foco en el vehículo periódico; divulgar el contexto local de producción literaria y su relación con temáticas relacionadas a la lectura a partir del levantamiento y del estudio de crónicas literarias publicadas en periódicos de la ciudad; contribuir para la elaboración de una historia de la lectura, de la literatura y de la comunicación de la región de la Sierra Gaucha. El referencial teórico utilizado se basa principalmente en las áreas de la lectura, a partir de Chartier (2002), Ferreira (2004), Leffa (1996), Leyva (2009) y Manguel (1997); de las representaciones de lectura, con las contribuciones de Bauer (1995), Chartier (2002), Duveen (1995), Fraisse, Pompougnac y Poulain (1997), John (2004), Marangoni (2012), Moscovici (2003) y Minayo (1995); del sistema literario, a partir de Candido (2000), Even-Zohar (2013) y Stüben (2013); del gusto, vía Bourdieu (2007), Magnani (1992), Montesquieu (2005) y Schneider (2008); de la crónica, a partir de Melo (2003), Candido (1992), Coelho (2005), Galvani (2005), Martins (1977; 1984) y Moisés (2005); y de las características de la prensa en general y de Caxias do Sul, con contribuciones de Erbolato (1982), Henrichs (1988), Hohlfeldt (2012), Pozenato y Giron (2004), Rodrigues (1988), Rüdiger (2013) y Travancas (2001). La metodología utilizada es de orientación general cualitativa. La pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011), la análisis documental (MOREIRA, 2011) y la análisis de contenido (BARDIN, 2011) son las tres modalidades metodológicas empleadas. Se conclui que el periódico impreso y la crónica literaria atuaron en la congregación de autor y público y fomentaron la difusión tanto de la lectura como de autores, obras, bibliotecas y librerías.

Palabras clave: Crónica literaria. Gusto. Lectura. Representaciones de lectura. Sistema literario.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Espaço do texto na página 7 do <i>Ecos do Mundo</i> (ago. 1964).....	35
Ilustração 2 – Espaço do texto na página 10 do jornal <i>Pioneiro</i> (abr. 1973)	44
Ilustração 3 – Espaço do texto na página 4 do jornal <i>Pioneiro</i> (jun. 1983).....	57
Ilustração 4 – Espaço do texto na página 10 do jornal <i>Pioneiro</i> (abr. 1972).....	66
Ilustração 5 – Espaço do texto na página 7 do <i>Boletim Eberle</i> (fev./mar. 1964)	82
Ilustração 6 – Capa <i>Correio Riograndense</i> (ago. 1949)	95
Ilustração 7 – Capa <i>Boletim Eberle</i> (jun. 1953)	103
Ilustração 8 – Capa <i>Caxias Magazine</i> (set. 1958)	105
Ilustração 9 – Capa <i>Correio Riograndense</i> (jun. 1970)	110
Ilustração 10 – Capa <i>Ecos do Mundo</i> (maio. 1962)	113
Ilustração 11 – Capa <i>Folha Regional</i> (set. 1982)	115
Ilustração 12 – Capa <i>Jornal de Caxias</i> (mar. 1973)	118
Ilustração 13 – Capa <i>Pioneiro</i> (nov. 1948)	121
Ilustração 14 – Espaço do texto na página 7 do <i>Pioneiro</i> (jul. 1968).....	127
Ilustração 15 – Espaço do texto na página 2 do <i>Pioneiro</i> (fev. 1963)	131
Ilustração 16 – Espaço do texto na página 2 do <i>Caxias Magazine</i> (fev. 1963)	136
Ilustração 17 – Espaço do texto na página 3 da <i>Pioneiro</i> (jan. 1963).....	139
Ilustração 18 – Espaço do texto na página 6 do <i>Folha Regional</i> (jun. 1983)	144
Ilustração 19 – Espaço do texto na página 10 do <i>Jornal de Caxias</i> (jul. 1978)	148
Ilustração 20 – Espaço do texto na página 10 do <i>Correio Riograndense</i> (set. 1973)	152
Ilustração 21 – Espaço do texto na página 2 do <i>Pioneiro</i> (jan. 1978)	156
Ilustração 22 – Espaço do texto na página 4 do <i>Pioneiro</i> (maio 1978)	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Literatura-Comunicação-Linguagem (Jakobson/Even-Zohar)	53
Quadro 2 – Elementos Sistema Literário segundo Even-Zohar	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise Documental
ADJORI-RS	Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul
AGERT	Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão
ANJ	Associação Nacional de Jornais
ARI-SERRA-GAÚCHA	Associação Riograndense de Imprensa, seccional Serra Gaúcha
Cr\$	Cruzeiro
DE	Delegacia da Educação
EDUCS	Editora da Universidade de Caxias do Sul
FEE	Fundação de Economia e Estatística
IGP-DI	Índice geral de preços - disponibilidade Interna
IPCA	Índice nacional de preços ao consumidor amplo
INPC	Índice nacional de preços ao consumidor
RBS	Rede Brasil Sul

INTRODUÇÃO	14
1 A LEITURA	26
1.1 REPRESENTAÇÕES DE LEITURA	30
1.2 A FORMAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA	38
1.3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE SISTEMA LITERÁRIO	48
2 A CRÔNICA	61
2.1 O GÊNERO QUE FALA DE PERTO	62
2.2 A CRÔNICA E O JORNAL	73
3 A IMPRENSA ESCRITA DE CAXIAS DO SUL: ORIGENS E CONTEXTO DE 1963 a 1983	87
3.1 OS JORNAIS E SUAS LINHAS EDITORIAIS	101
3.1.1 O informativo <i>Boletim Eberle</i>	103
3.1.2 O jornal <i>Caxias Magazine</i>	104
3.1.3 O <i>Correio Riograndense</i>	107
3.1.4 <i>Ecos do Mundo</i>	111
3.1.5 A <i>Folha Regional</i>	114
3.1.6 O <i>Jornal de Caxias</i>	116
3.1.7 <i>Pioneiro</i>	120
4 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA	125
4.1 A BIBLIOTECA E O LIVRO	126
4.1.1 O espaço para livros em uma biblioteca "moderna"	126
4.1.2 O cheiro dos livros e a Livraria do Globo	130
4.1.3 O sentimento de arrependimento do cronista	135
4.2 O AUTOR E SUA OBRA	138
4.2.1 Uma exaltação a Ortega Y Gasset	138
4.2.2 O velho e bom cronista	142
4.2.3 Os ensinamentos do mestre Guilhermino	147
4.2.4 A crônica e o "comercial" de um livro	151
4.2.5 Os níveis de leitura de Nanetto Pipetta	155
4.2.6 O gênero e a reedição de um poema	160

CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	173
ANEXOS	184
ANEXO A - CRÔNICA: “UM FATO EM DESTAQUE”	184
ANEXO B - CRÔNICA: “QUINTANA”	185
ANEXO C - CRÔNICA: “UMA ESPLÊNDIDA INICIATIVA”	186
ANEXO D - CRÔNICA: “COMPADRE, SEU RABO ESTÁ NA ESTRADA”	187
ANEXO E - CRÔNICA: “NÃO SER POETA”	188
ANEXO F - CRÔNICA: “BIBLIOTECA MODERNA”	189
ANEXO G - CRÔNICA: “LIVRARIA DO GLOBO”	190
ANEXO H - CRÔNICA: “LE PAROLE CHE NON DISSI”	191
ANEXO I - CRÔNICA: “APENAS...”	192
ANEXO J - CRÔNICA: “O VELHO BRAGA”	193
ANEXO K - CRÔNICA: “FERNANDO SABINO”	194
ANEXO L - CRÔNICA: “UMA PAUSA”	195
ANEXO M - CRÔNICA: “O NANETTO PIPETTA SOBREVIVERÁ!”	196
ANEXO N - CRÔNICA: “DOM BENEDITO - DOM PAULO”	197
APÊNDICE	198
APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS CRÔNICAS PESQUISADAS	198

INTRODUÇÃO

É seguro afirmar, conforme Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010), que, ao longo da história, o livro não se configura como o único objeto de leitura existente. Outros objetos impressos somaram-se a ele como suporte comunicacional, às vezes até mesmo assumindo protagonismo.

Os autores citam Dominique Kalifa (2001) para afirmar que, a partir de meados do século XIX, os suportes de leitura se diversificaram notavelmente com a publicação de jornais, revistas e magazines. Por consequência, o estilo da leitura praticada antigamente, linear e de obras longas, teve arrefecida sua atração. Um novo espaço para a leitura de outros materiais estava sendo construído.

Ainda conforme Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010, p. 99),

[...] a leitura linear de obras longas deixou de ser atraente, a leitura de livros foi substituída pela das revistas, periódicos, magazines. Leituras mais rápidas ou mais incisivas? A mudança dos suportes de leitura significa uma mudança nos modos de praticá-la, nas maneiras de apropriar-se dos conteúdos.

Héris Arnt (2001) aproxima a produção e publicação do folhetim, embrião da crônica brasileira, como peça importante de suporte à leitura. Conforma a autora,

a publicação de folhetins e romances reflete um momento de aspiração das massas à cultura letrada. [...] É interessante revisar a história da imprensa, no século XIX, que se confunde com a própria história do acesso do povo à leitura, nos países europeus e nos Estados Unidos – hoje chamados de Primeiro Mundo. Quando o desenvolvimento industrial tornou possível o aumento das tiragens dos jornais, havia na Europa uma forte pressão popular das gerações recentemente alfabetizadas, ávidas por leitura. As obras literárias impressas em jornais contribuíram para integrar uma grande camada da população ao círculo de leitores. (ARNT, 2001, p. 7).

Historicamente, a crônica é um gênero presente com significativa ênfase na mídia impressa. Segundo Antonio Candido et al. (1992, p. 14), porém, a crônica não teria surgido com o jornal, mas sim se tornando popular somente quando "[...] este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos".

Dileta Silveira Martins (1984) afirma que o crescimento da mídia impressa no Brasil foi importante instrumento de disseminação da crônica. No período do

romantismo brasileiro (século XIX), ela se torna, em terras brasileiras, uma manifestação original. Segundo a autora,

[...] a ascensão do jornal, no país, que se desenvolveu e se posicionou sob o clima do Romantismo, contribuiu, sobremaneira, para as manifestações líricas dos cronistas. Foi então que, a partir desse período, a crônica passa à criação genuinamente brasileira. (MARTINS, 1984, p. 16).

Isabel Travancas (2001) estabelece relação entre imprensa e literatura, só que a realiza comparando as características da imprensa na França e no Brasil. Segundo a autora,

durante um largo período de tempo que abrange desde o século XVIII (no caso da França) até o XX as imprensas brasileira e francesa poderiam ser caracterizadas como "literárias". Os jornais anteriormente mais políticos e polêmicos se tornaram literários e mundanos, contanto com a presença de inúmeros escritores em suas páginas. (TRAVANCAS, 2001, p. 25).

A autora ainda afirma que tal fase da imprensa brasileira é considerada literária a partir de três pontos-chave: a publicação de romances e folhetins nas páginas dos periódicos da época; o estilo de texto desprendido da objetividade e concisão (marcas de um estilo de jornalismo que décadas após seria empregado à imprensa escrita e geral) e a divulgação/estimulação da produção literária da época.

Como pôde-se notar, mesmo não sendo um gênero constituído no Brasil, a crônica alcançou, aqui, singular consolidação. A partir de sua disseminação, configurou-se como porta de entrada da literatura para grande parte do público. Desde o século XIX até os dias atuais, o gênero abriga escritores que, por meio da crônica, muitas vezes, tiveram seu primeiro "contato" com seus futuros leitores, o público receptor.

Em meados das décadas de 1963 a 1983, recorte temporal proposto por esta pesquisa – e que será detalhado no decorrer desta introdução –, a mídia impressa da cidade de Caxias do Sul também cumpriu importante papel como espaço para publicação do gênero crônica.

Nomes como Aldo Colombo, Aluísio Coelho, Carmem Michels, Carlos Castelo Branco, Cristiano Antunes, Décio Osmar Bombassaro, Décio Vianna, Eloy Lacava Pereira, Flavia Bocchese Nora, Gevaldino Ferreira, Itala Nandi, J. Bicca Larre, Jimmy Rodrigues, José Clemente Pozenato, José Machado, Leonel, Mansueto Serafini Filho, Mário Gardelin, Mário David Vanin, Odilla D. B. Dutra, Oscar Bertholdo, Renan Falcão

Azevedo, Rovillo Costa, Ubirajara Ricciardi, Valentin Ângelo Lazzarotto e Waldyr Luiz Prévdi, dentre outros, figuravam entre os colunistas do período. Muitas vezes o espaço de suas colunas¹ era utilizado para a publicação de crônicas, literárias ou não.

Caxias Magazine, Correio Riograndense, Jornal de Caxias, Nosso Mundo e Pioneiro eram alguns dos periódicos que, à época, figuravam como importantes espaços para a publicação de tais textos.

Entende-se, assim, que o jornal pode ser percebido como importante instrumento/plataforma de acesso à leitura por parte da população caxiense. Significativa fonte de pesquisa, é configurado como instância que produz, organiza, publica e distribui materiais de leitura.

Conforme Vilson J. Leffa (1996), a leitura é uma área do conhecimento essencialmente interdisciplinar, cujos processos podem ser definidos de várias maneiras.

Norma de Almeida Ferreira (2004, p. 15) corrobora a ideia de Leffa (1996), pois percebe que a leitura é entendida como

[...] um fenômeno complexo que estabelece inúmeras relações e se inscreve numa malha de diferentes áreas e temas correlatos. [...] Tratar a leitura como fenômeno psicológico, social, político, histórico ou tudo isso entrelaçado é, ainda, uma complicada decisão.

Ainda segundo a autora, a leitura possui importante papel em inúmeras conjunturas:

[...] a leitura assume significativa importância em um contexto que não é só educacional, mas político e social, e os estudos sobre ela apontam para propostas pedagógicas capazes de formar um novo leitor, não apenas aquele que "sabe" ler na escola, mas que seja capaz de "ler o mundo" [...]. (FERREIRA, 2004, p. 18).

Nesse sentido, projeta-se que a crônica, percebida como objeto de leitura, pode ser entendida como importante instrumento de "leitura do mundo".

É possível que o gênero, como produto do jornal impresso, seja entendido como um propósito de comunicação entre os seres integrantes de uma sociedade específica, que possui modos de organização e produção da existência de leitura, além dos valores e dinâmicas específicas de uma cultura regional.

¹ Seção fixa que abarca os gêneros jornalísticos comentário, crônica e resenha (MELO, 2003). O conceito do termo será aprofundado no item 2.1 desta pesquisa.

Propõe-se, então, a seguinte questão norteadora de pesquisa: a partir do estudo das representações de leitura em crônicas literárias de jornal, como o gênero pode contribuir para a promoção da leitura e temas a ela relacionados?

Nessa perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa é estudar as representações de leitura nas crônicas de jornais da cidade de Caxias do Sul de 1963 a 1983, com vista a perceber como o gênero pode, já que é parte de um sistema literário regional, contribuir na promoção da leitura, do livro, de autores e de eventos relacionados ao universo das letras.

Como o recorte temporal proposto se aproxima da fase da ditadura civil-militar brasileira (1964 - 1985), versa-se sobre esse período de modo que se estabeleçam algumas reflexões sobre o assunto que, mesmo não sendo mote da presente pesquisa, é considerado sobremaneira importante.

Como objetivos específicos, destacam-se: investigar o contexto da imprensa escrita de Caxias do Sul, com foco no veículo jornal; divulgar o contexto local de produção literária e sua relação com temáticas relacionadas à leitura a partir do levantamento e do estudo de crônicas literárias publicadas em jornais da cidade; contribuir para a elaboração de uma história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra gaúcha.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de orientação geral qualitativa. A pesquisa bibliográfica, a análise documental (AD) e a análise de conteúdo (AC) são as três modalidades metodológicas empregadas.

A pesquisa bibliográfica é muito utilizada em estudos que ganham guarida no universo da comunicação. Objetiva-se, a partir do seu uso nesta pesquisa, a construção de um referencial que sustente uma densa base teórica para as análises dos documentos, estes também alçados a partir do uso das técnicas de tal modalidade metodológica.

Conforme Ida Stumpf (2011, p. 51), pode-se afirmar que, em um sentido mais restrito, a modalidade é

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico [...].

No que diz respeito a esta tese, portanto, tal etapa define a identificação de bibliografias que tratam, principalmente, dos temas "leitura", "representações de leitura", "gosto", "sistema literário" "crônica literária" e "imprensa escrita de Caxias do Sul", além da identificação das próprias crônicas (consideradas, aqui, como documentos) a partir da pesquisa em periódicos da cidade. O processo que precedeu a identificação de bibliografia foi o da anotação de dados pertinentes à pesquisa.

Entende-se, também, que a AD seja importante para que a pesquisa aqui encetada alcance os objetivos projetados, bem como na resposta à questão norteadora proposta, além de outras inferências concernentes ao trabalho.

Segundo Sônia Virgínia Moreira (2011), esse método compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. Crônicas literárias publicadas em jornais são, portanto, os documentos-chave coletados para esta pesquisa. Ainda segundo a autora, "[...] o recurso da AD costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques)". (MOREIRA, 2011, p. 270).

Antes do detalhamento da AD, é importante mencionar o que se entende por crônica literária. Para isso, utilizam-se alguns autores cujos estudos podem ser considerados referência na área.

Conforme Cristiane Costa (2005), imaginação, realidade, jornalismo, literatura e língua culta e coloquial são elementos característicos do gênero que o projetam como uma manifestação jornalístico-literária. Já Walter Galvani (2005) entende que o gênero é solto como poesia, utiliza-se tanto da realidade quanto da ficção, da verdade ou da dúvida. Para Dileta A. P. Silveira Martins (1984), a crônica deve ser considerada uma manifestação suprema da literatura, pois há, no texto, uma harmoniosa convergência do coloquial com a invenção, por exemplo. Segundo Massaud Moisés (2005), o gênero, *sui generis* do jornalismo brasileiro (CANDIDO, 1992), tem a metáfora como marca para seu entendimento como manifestação literária. Finalmente, José Marques de Melo (2003) afirma que a crônica pode ser entendida como o relato poético do real. Essas são asserções, entende-se, que configuram a crônica como uma legítima manifestação literária.

Ainda sobre a AD, Laurence Bardin (2011, p. 51) cita J. Chaumier ao afirmar que o método pode ser considerado uma operação – ou até mesmo um conjunto delas

– que visa a uma representação não original do conteúdo de um documento. O objetivo é facilitar, em um momento posterior, a sua consulta e a referência.

Sob o enfoque das representações de leitura contidas em crônicas literárias, julga-se que, além de promover a reflexão sob o tema central da pesquisa, torna-se possível o acesso, de maneira mais fácil e sintética, a inúmeros e qualificados textos produzidos, publicados e difundidos no contexto da imprensa de Caxias do Sul.

É importante, neste momento, o detalhamento de como foi realizada a delimitação, o tratamento e a análise do *corpus* da pesquisa.

Julga-se que a crônica possa servir como fonte de interpretação entre as relações acerca da comunicação, da literatura e da leitura. Nessa direção, é necessário, portanto, obter um *corpus* significativamente robusto para sua posterior classificação e análise.

No tratamento dos dados da pesquisa oriundos dos textos (crônicas literárias), foram empregadas técnicas da AC, principalmente embasadas em Bardin (2011). Almeja-se, assim, decifrar, em cada texto selecionado, o que para Alessandra Pimentel (2001, p. 189) se entende como "[...] o núcleo emergente que servisse ao propósito da pesquisa” .

A AC pode ser entendida como um "[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]" (BARDIN, p. 44, 2011).

O método projeta, dentre outros pontos, uma abordagem interpretativa de caráter qualitativo do *corpus* selecionado. O objetivo é "[...] a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem" (BARDIN, 2011, p. 52). Ainda conforme a autora,

a análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta² religioso ou leitor profano que deseja distanciar-se da sua leitura "aderente", para saber mais sobre esse texto. (BARDIN, 2011, p. 165).

² "Comentarista, intérprete [...], o que dirige, o que dá instruções, cicerone, o que explica ou interpreta (os oráculos, os sonhos, os presságios), intérprete dos ritos, dos costumes sagrados." (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 855).

Nesta pesquisa, entende-se que essa realidade se configura como a das representações de leitura contidas no conteúdo das crônicas literárias (o campo do *corpus*), possibilidade que projeta uma leitura que transcende a "leitura aderente", citada pela autora.

Para que se alcancem os objetivos propostos e se responda o questionamento norteador, definiram-se, à luz de Bardin (2011), três etapas: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

Na fase da pré-análise, foram organizados os documentos a serem submetidos à análise propriamente dita.

Para a escolha do material de análise, houve a aplicação da técnica de "leitura flutuante" (BARDIN, 2011), cuja primeira atividade consiste em "[...] **estabelecer contato** com os documentos a analisar e em **conhecer** o texto deixando-se invadir por impressões e orientações". (BARDIN, 2011, p. 126, grifos nossos).

No processo de escolha do *corpus* de análise, que segundo a autora se configura como um conjunto de documentos submetidos ao processo analítico, foi realizado um recorte quanto à temporalidade da publicação do material (a crônica literária de jornal) e também acerca do volume e características desse mesmo material.

Como ponto central do recorte temporal desta pesquisa optou-se pelo ano de 1973, data do lançamento do *Jornal de Caxias*, importante periódico para o cenário da imprensa escrita da cidade, conforme apontam Kenia M. M. Pozenato e Loraine S. Giron (2004).

A constituição do *corpus* de análise considerou as regras de exaustividade, representatividade e pertinência.

Segundo a regra da exaustividade, não é possível abrir mão de qualquer matéria do *corpus*, ou seja, "[...] não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificada no plano do rigor." (BARDIN, 2011, p. 127). Nessa fase, todos os textos diagramados em colunas (típico espaço de editoriais, artigos de opinião e crônicas, dentre outros), foram apreciados para pré-seleção ou descarte.

No total, de 1963 a 1983 – 10 anos que precedem e sucedem a data que se configura como ponto central do recorte temporal, ou seja, 1973 –, todos os periódicos

digitalizados e publicados no acervo de jornais do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul foram averiguados em intervalos de 5 anos, impreterivelmente, página por página. Esse intervalo de tempo foi pensado em razão da grande quantidade de material publicado no período e em função de uma escolha pela ampliação do tempo geral do recorte da pesquisa, pois buscou-se uma visão ampla do *corpus* de pesquisa. O acesso na íntegra a todos os documentos foi consideravelmente facilitado a partir da boa usabilidade do *site* <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>.

Assim, os textos foram selecionados após leitura do universo de inúmeras crônicas publicadas ao longo dos anos de 1963, 1968, 1973, 1978 e 1983. A partir dessa delimitação, entende-se que haja a configuração de uma amostra significativa para análise. Um quadro que detalha o nome de cada periódico pesquisado e o ano das publicações, bem como o nome dos cronistas e os temas tratados nos textos está publicada como apêndice³. As temáticas das crônicas que compõem esse quadro versam, principalmente, sobre: a) livros e autores; b) a valorização do livro; c) a importância da leitura. Instituições como bibliotecas, livrarias e escolas são mencionadas ao longo das crônicas. De uma maneira geral, Mário Gardelin, Jimmy Rodrigues, Fernando Ramos Rodrigues e Gevaldino Ferreira são os cronistas que mais figuram como autores de textos mencionados no quadro.

Das 106 crônicas pré-selecionadas como ponto de partida para a análise, 14 serviram de *corpus* de análise desta pesquisa, principalmente por se configurarem como textos que uniam mais elementos propícios à análise pretendida.

Observando-se um dos objetivos já anteriormente propostos, que versa sobre a possibilidade de esta pesquisa contribuir para a história da comunicação da cidade de Caxias do Sul, tão somente crônicas publicadas em jornais da cidade foram selecionadas. No que se refere à questão da periodicidade da publicação, do alcance e da tiragem do veículo, não foram considerados alguns jornais em detrimento de outros. Objetivou-se, assim, descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática, para facilitar a sua recuperação. (MOREIRA, 2011).

As outras duas regras da AC utilizadas na constituição do *corpus* de pesquisa foram a da homogeneidade e a da pertinência. Considerando os ensinamentos de Bardin (2011), conforme a regra da homogeneidade os documentos "[...] devem

³ Apêndice A - Relação das crônicas pesquisadas.

obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios".

Assim, todas as crônicas literárias selecionadas para a composição do *corpus* foram obtidas por meio de técnicas idênticas de seleção e se referem aos temas: "biblioteca"; "livro"; "autor"; "autor e obra"; "leitura"; "leitor"; "eventos literários"; "ações de fomento à leitura"; "livraria", não necessariamente ao mesmo tempo e nessa ordem. Todos os textos obedeceram, também, à regra da pertinência, já que adequadamente corresponderam ao objetivo que estimula a análise.

Destaca-se, porém, que algumas pontuais crônicas publicadas nos demais anos que compõem a totalidade do recorte temporal proposto – e cujas temáticas sejam pertinentes a esta pesquisa – também foram aproveitadas como *corpus* de análise.

Pozenato e Giron (2004) resgatam importantes informações acerca da evolução da imprensa em Caxias do Sul e região. Alguns apontamentos das autoras sobre periódicos impressos fazem-se necessários para corroborar a escolha do recorte temporal.

Conforme as autoras, entre os anos 1964 e 1988, a sociedade de Caxias do Sul e região já exigia uma nova imprensa, mais profissional e sem vínculos fortes com partidos políticos, fato que era comum à época: "durante o período muitas foram as tentativas visando dotar a região de uma imprensa moderna e atuante [...]". (POZENATO; GIRON, 2004, p. 134).

No período, ainda segundo as autoras, alguns jornais ocuparam papéis relevantes na imprensa da cidade. Exemplo é o já citado *Jornal de Caxias*, considerado como marco para a renovação do jornalismo regional, disponibilizando, inclusive, espaços para intelectuais manifestarem as suas opiniões, já que antes eram reprimidos em seu direito de manifestação.

Com o *corpus* de pesquisa devidamente selecionado, passou-se à segunda etapa, de exploração do material. Essa é a fase em que deve haver a administração das técnicas previstas frente a esse *corpus*.

Na fase de tratamento dos resultados e interpretações (BARDIN, 2011), a síntese e a seleção dos resultados, além de inferências e interpretações, são consideradas atividades-chave. Nesse momento, então, as crônicas foram codificadas.

Enunciados, proposições e sintagmas também podem ser úteis no momento do tratamento do material (BARDIN, 2011). Os temas-eixo, ao redor dos quais o discurso das crônicas que compõem o *corpus* se organiza, bem como as personagens presentes nos textos e os acontecimentos noticiados e comentados pelos cronistas são "unidades linguísticas normalizadas" (BARDIN, 2011) a serem levadas em consideração nesta pesquisa.

De uma maneira mais específica, afirma-se que, na fase de codificação do material, que se caracteriza como "[...] uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto" (BARDIN, 2011, p. 133), o recorte considerou as seguintes unidades de registro.

- **Palavras:** biblioteca, crônica, jornal, literatura, livraria, ler, leitor(a), livro, poema, poesia, romance, soneto;
- **Temas,** entendidos como "[...] unidade[s] de significação que se liberta[m] naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura" (BARDIN, 2011, p. 135): biblioteca, livro, leitura e opiniões críticas sobre autores e/ou suas obras;
- **Personagens:** contista, cronista, escritor(a), editor(a), jornalista, poeta, professor(a), poetisa e romancista;
- **Acontecimentos:** abertura/fechamento de bibliotecas, encontros entre cronista e autor citado, eventos literários em geral e lançamento de livros;
- **Documentos:** trechos de jornais impressos e de livros publicados nas crônicas literárias.

É importante destacar que "[...] a unidade de registro existe no ponto de interseção de unidades perceptíveis (palavra, frase, documento material, personagem físico) e de unidades semânticas (temas, acontecimentos, indivíduos) [...]" (BARDIN, 2011, p. 136).

O tratamento dos resultados, as interpretações e ainda as inferências – que são deduções (de maneira lógica) ou, conforme Regina Dell'isola (2001, p. 30), processos cognitivos que geram "[...] uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em determinado contexto" – se caracterizam como etapas conjuntas que estarão presentes na fase final da análise das crônicas de jornal.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho está estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo, versa-se sobre alguns aspectos acerca dos seguintes temas: leitura, a partir de Ferreira (2004), Leffa (1996), Leyva (2009), Manguel (1997), dentre outros; representações de leitura, via Bauer (1995), Chartier (2002), Duveen (1995), Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997), John (2004), Marangoni (2012), Moscovici (2003), Minayo (1995), além de outros; gosto, com contribuições principalmente de autores como Bourdieu (2007), Magnani (1992), Montesquieu (2005) e Schneider (2008); sistema literário, a partir de Candido (2000), Even-Zohar (2013) e Stüben (2013), entre outros.

Já no capítulo dois, abordam-se o conceito de crônica – com foco no estudo da crônica literária – assim como os aspectos sobre a sua presença no jornalismo impresso, mais precisamente no veículo jornal, como espaço de leitura. Os principais autores utilizados como suporte teórico para o capítulo são: Melo (2003), Candido (1992), Coelho (2005), Galvani (2005), Martins (1977; 1984) e Moisés (2005).

No terceiro capítulo, contextualizam-se as origens da imprensa escrita em Caxias do Sul com foco ajustado para o veículo jornal impresso e trata-se de suas principais características à época do recorte temporal proposto. Estabelecem-se, também, algumas relações entre os cenários da imprensa de Caxias do Sul, da capital, Porto Alegre, e de algumas cidades importantes para o cenário da comunicação no estado do Rio Grande do Sul. As características dos veículos pertencentes ao *corpus* desta pesquisa também são tratadas no capítulo, que tem como principais aportes os seguintes autores: Erbolato (1982), Fico (2004), Henrichs (1988), Hohlfeldt (2012), Pozenato e Giron (2004), Rodrigues (1988), Rüdiger (2013) e Travancas (2001), dentre outros. Excertos de edições dos próprios jornais estudados também são utilizados ao longo do capítulo.

No quarto capítulo, atém-se de forma mais precisa e minuciosa à análise da maioria do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

Com a pesquisa, pretende-se dar continuidade aos estudos⁴ sobre a crônica, gênero fronteiro entre a literatura e o jornalismo. Entende-se que a aproximação entre as áreas vai ao encontro de uma das características dos estudos sobre leitura: a interdisciplinaridade. Acredita-se que não haja publicações de trabalhos que

⁴ Alguns estudos que abordam os temas já foram realizados no mestrado acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS), cujos resultados foram apresentados em dissertação defendida no ano de 2011, intitulada *A Crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de Quando cai a neve no Brasil, de Paulo Ribeiro* (BOCCHESI, 2011) e em artigos publicados em revistas e jornais de Caxias do Sul e Porto Alegre (BOCCHESI, 2013a; 2013b; 2013c).

relacionem o tema de representações de leitura a crônicas literárias publicadas em jornais, sobretudo em publicações de Caxias do Sul inseridas no recorte temporal proposto. Dessa maneira, atesta-se o caráter inédito desta pesquisa.

Assim, imagina-se que o estudo das relações entre a comunicação, a leitura e a literatura encontre guarida, principalmente, no conceito de comunicação como área multidisciplinar e transversal, já que, conforme João Barreto da Fonseca (2010, p. 242), "[...] procedimentos narrativos oriundos das artes e da literatura são encontrados com fartura nos veículos de comunicação e no processo de informar."

1 LEITURA

"Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é a nossa função essencial."

Alberto Manguel
Uma história da Leitura (1997)

Este capítulo, o primeiro de natureza essencialmente teórica desta pesquisa, objetiva, inicialmente, estabelecer algumas observações sobre o conceito de leitura e suas representações, de modo que, mais adiante, tais apontamentos possam servir como embasamento teórico de análises que surgirão imersas numa problemática e a ela circunscritas.

Na sequência, e na mesma linha que vislumbra a construção de uma base sólida para análise das crônicas de jornal, são considerados alguns apontamentos sobre as temáticas do gosto e do sistema literário regional.

Pode-se afirmar que o acesso, as práticas e as competências ligadas à leitura estão, de uma forma ou de outra, relacionados à evolução dos meios de comunicação. A partir deles, o ato de ler ganha outras proporções. O tempo, o espaço e os contextos culturais, políticos, sociais e tecnológicos são, da mesma forma, importantes para se pensar determinada problemática.

Hoje, vive-se em um período em que o acesso à leitura, principalmente a partir da evolução das tecnologias digitais da comunicação, se dá a partir de inúmeras possibilidades. Do livro ao celular, passando pelo *tablet* e pelas mídias tradicionais de comunicação, como o jornal e a revista, a leitura é uma prática que faz parte do cotidiano das pessoas. Ao longo da história, porém, inúmeros foram os momentos em que, por exemplo, regimes políticos de exceção exerciam o controle da produção e do acesso à leitura. Conforme Giselle Martins Venancio (2010), houve momentos na história da leitura em que se controlava o que se lia e quem lia. (VENANCIO, 2010, p. 750).

É possível afirmar, ainda conforme a autora, que a prática da leitura é caracterizada pela "[...] diversidade temporal e social [e política] [...] mediada pela ação editorial". A autora ainda afirma que "em cada época há competências e práticas específicas, condicionadas pelo espaço e pelo tempo e pelo objeto material sobre o qual se efetua sua ação". (VENANCIO, 2010, p. 750).

Como já visto, segundo Leffa (1996), a leitura é considerada uma área do conhecimento essencialmente interdisciplinar, cujos processos podem ser definidos de várias maneiras. Utilizando-se de mesma linha de raciocínio, Ferreira (2004, p. 15) entende que, "[...] no conjunto, sabemos que são preocupações densas, entrecruzadas em torno dessa habilidade, experiência, prática, relação, produção de sentidos, que chamamos de leitura. A complexidade, a multidisciplinariedade e a multiplicidade temática são, portanto, tônicas inseridas no conceito de leitura.

Elsa M. Ramírez Leyva (2009) conceitua o termo leitura também projetando uma significativa complexidade de sua definição. Deixa-se claro, neste momento, que a definição do termo se torna significativamente importante para esta pesquisa, já que o campo da leitura se configura como central.

Conforme Leyva (2009),

A leitura não é somente produção do significado das palavras: é um ato realizado com um propósito determinado, onde se integram estratégias individuais, psicológicas, sociais, políticas e econômicas, e onde o efeito obtido é uma aposta ganhada. Escarpit conclui que a leitura é uma porta que conduz à liberdade. (LEYVA, 2009, p. 177, tradução nossa).⁵

A partir das palavras de Leyva (2009), percebe-se claramente que o conceito de leitura se configura como inserido em um complexo ambiente, onde não somente estratégias individuais, mas também coletivas, se caracterizam nos campos da psicologia, da sociologia, da política, da economia e da educação, dentre outros.

Pode-se afirmar que a leitura, tradicionalmente, fora objeto de interesse de pesquisas oriundas das áreas da Psicologia e da Pedagogia. Mas, conforme Magda Soares (2003, não paginado), tal panorama tem se alterado, já que, nas últimas décadas, se consideram

⁵ **Do original:** "la lectura no es solamente producción del significado de las palabras: es un acto realizado con un propósito determinado, donde se integran estrategias individuales, psicológicas, sociales, políticas y económicas, y donde el efecto obtenido es una apuesta ganada. Escarpit concluye que la lectura es una puerta que conduce a la libertad." (LEYVA, 2009, p. 177).

[...] também suas suas outras facetas, conquistando seu estatuto pleno não só de prática cognitiva e pedagógica, mas também de prática histórica e de prática social; tornou-se, assim, objeto de interesse também da História, da Sociologia e, na fusão dessas duas áreas, de uma História Social.

É importante destacar que a referida "porta que conduz à liberdade" citada anteriormente por Leyva (2009) é revestida com atributos que a configuram como importante não apenas no cenário da educação, mas também no quadro político e social (FERREIRA, 2004).

Projeta-se, portanto, o que será tratado de forma mais aprofundada no último capítulo intitulado "As representações de leitura": a leitura das crônicas literárias pertencentes ao *corpus* desta pesquisa configura-se como agudamente definidora. Explica-se: a partir de indicações no texto cronístico que "flagram" "espaços" de fomento à leitura, contribui-se para o estabelecimento de uma possível intenção de leitura. Tornar-se-ão claros, também, os esforços do cronista na atribuição de valores positivos a autores e obras da literatura nacional e internacional.

Neste momento, entende-se como pertinente destacar algumas considerações acerca de questões que envolvem o "mundo como representação", termo utilizado por Roger Chartier (2002).

Segundo o autor, tal "mundo" é moldado por uma série de discursos que têm o objetivo apreendê-lo e estruturá-lo. Chartier (2002) acredita que essa questão conduz "[...] obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real". (CHARTIER, 2002, p. 23-24). Ainda conforme o autor,

no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação de discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (CHARTIER, 2002, p. 24).

Ao encontro do que diz Chartier (2002), Leffa (1996, p. 17) afirma que

na leitura, como na química, para termos uma reação é necessário levar em conta não só os elementos envolvidos, mas também as condições necessárias para que a reação ocorra. A produção de uma nova substância – no caso a compreensão – só ocorre se houver afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presentes.

Mesmo que não seja objetivo deste trabalho o estudo de recepção dos textos cronísticos publicados em jornais de Caxias do Sul, é significativo destacar que Chartier (1998 e 1999) já considerava que a leitura constitui um conjunto de ações físicas e mentais, em que se estabelecem ações de decodificação, interpretação e relacionamento (por parte do leitor, o receptor do texto). É relevante, portanto, destacar o papel do leitor nesse cenário.

Ferrão Neto (2010, p. 751) cita Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1997) para afirmar que o leitor, além de ocupar papel de protagonista no contexto da leitura, está acima de tudo e inscrito em um tempo e em um espaço, "[...] em tradições e práticas, em habilidades, competências [...]".

O autor desassocia a ideia de que o leitor seria um mero receptor de textos no processo comunicativo, atribuindo a ele a característica de interlocutor:

O leitor, portanto, é um ser concreto, um sujeito histórico cuja ideia ultrapassa a de um mero receptor de textos para assumir a posição de interlocutor, elemento que dialoga com as textualidades e seus produtores – os autores, editores, distribuidores. [...] Torna-se, portanto, ele também um produtor de textos, que tem escolhas e imprime sentido para além do que lhe é dado a ler e dos protocolos de leitura sugeridos pelo autor ou editor. [...] O texto diz algo ao leitor que, por sua vez, tem sempre alguma coisa a dizer ao texto, no momento catártico que caracteriza todo ato comunicativo. (FERRÃO NETO, 2010, 752).

Alberto Manguel (1997) é taxativo ao atribuir ao leitor, na mesma linha de Ferrão Neto (2010), uma posição de destaque nas relações existentes no ato da leitura.

Conforme Manguel (1997, p. 19-20),

[...] em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo.

Retomando as discussões sobre o termo leitura, pode-se afirmar que ela se configura de diferentes formas e caracterizações. Conforme Ezequiel Theodoro da Silva (1998), a leitura

[...] cumpre propósitos e finalidades de comunicação entre os homens que interagem em sociedades específicas. Daí dizemos que a leitura é uma *prática social* e, por isso mesmo, condicionada historicamente pelos modos de organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura. (SILVA, 1998, p. 21, grifo do autor).

Finalmente, pode-se destacar, conforme Valquíria Michela John (2004, p. 29), que a leitura pode ser objeto de representação,

enquanto concepção predominante de um grupo que vivencia uma mesma situação, uma mesma dinâmica de relações, com mediações bastante semelhantes (naquele contexto), mas que leva em conta também a percepção individual – portanto “leitura”.

A crônica literária como produto do jornal impresso pode ser entendida como "propósito de comunicação" entre os seres integrantes de uma "sociedade específica", que possui tem modos de organização e produção, além de valores e dinâmicas que são específicos em uma cultura regional, por exemplo. Entende-se, também, que o gênero pode ser caracterizado como objeto de leitura de um universo representado.

1.1 REPRESENTAÇÕES DE LEITURA

O termo "representações de leitura" é consideravelmente caro a esta pesquisa, de modo que, a seguir, algumas considerações sobre ele serão expostas. Entende-se que, assim, haverá elementos que certamente somarão para importante base teórica de análise.

Conforme Chartier (2002), a noção de representações está ligada à questão da compreensão do funcionamento da sociedade ou até mesmo da definição das operações intelectuais de apreensão de mundo.

Inicialmente, julga-se importante afirmar que algumas considerações sobre "representações de leitura" surgem a partir dos estudos de "representações sociais", estes oriundos do campo da psicologia social. Estabelecem-se, a seguir, algumas reflexões sobre o termo.

John (2004) traça importante relação entre a história do homem e as representações desenvolvidas em sociedade decorrentes de sua evolução. Conforme a autora,

a transformação do homem em *homo socius* ocorre através do processo de socialização, onde passamos a representar, a atribuir significados ao mundo que nos rodeia, ao que os autores conceituam como a “construção social da realidade”. O mundo é, portanto, o resultado de nossas representações. (JOHN, 2004, p. 20).

Os autores citados por John (2004), Berger e Luckmann (1996), ainda afirmam que "a autoprodução do homem é sempre e necessariamente um empreendimento social. Os homens *em conjunto* produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formulações sócio-culturais e psicológicas." (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 74-75, grifo dos autores).

Emmanuel Fraisse, Jean-Claude Pompougnac e Martine Poulain (1997) também afirmam que é possível considerar que representações "dizem algo do social". Há uma relação manifesta entre a "representação" e o "social", portanto. Os autores rechaçam a ideia de que as representações sejam configuradas somente como descrições. Para eles, representações estão inscritas em um campo de lutas.

[...] as representações não são apenas descrições, retratos, tipologias neutras. As práticas culturais, de fato, se inscrevem num campo polêmico: o das lutas (cuja força consiste, precisamente, em não se promover como tais) empreendidas para impor uma representação da (boa) leitura, para sugerir modelos de conduta, para desqualificar certos gestos⁶. (FRAISSE; POMPOUGNAC; POULAIN, 1997, p. 8).

Os autores ainda afirmam que há uma dupla conotação relacionada ao termo e que tal conotação elucida certa complexidade relacionada à leitura. Nota-se:

O termo "representação", com sua dupla conotação psicológica e teatral, destina-se mais a alertar quanto à temível complexidade dos enunciados sobre a leitura. As representações da leitura, em texto ou em imagem, deveriam permitir reavaliar os discursos que objetivam regulamentá-la, dizer sua norma ou prescrevê-la como aqueles que pretendem construir uma descrição objetiva, histórica ou sociológica, das práticas de leitura. (FRAISSE; POMPOUGNAC; POULAIN, 1997, p. 8).

Martin Bauer (1995) também trata da temática das "representações" e, assim, deixa claras algumas relações entre o termo e questões que envolvem o aspecto social. Conforme ele, representações sociais

[...] são representações de alguma coisa sustentadas por alguém. É essencial identificar o grupo que as veicula, situar seu conteúdo simbólico no espaço e no tempo, e relacioná-lo funcionalmente a um contexto intergrupal. (BAUER, 1995, p. 235).

⁶ No texto, o autor referencia a seguinte obra: CHARTIER, R. & HÉBRARD, J. Les imaginaires de la lecture. Histoire de l'édition française.

O autor ainda afirma que as representações sociais têm um caráter de signo referencial duplo: elas "re-presentam" algo diferente e são usadas por alguma comunidade.

Considerando os vieses de estudo propostos por esta tese, que relaciona a leitura (e suas representações) ao campo das representações sociais, foca-se no estudo das representações de leitura, aqui entendidas como "alguma coisa", utilizando-se o termo de Bauer (1995). Tais representações de leitura estão presentes em crônicas literárias pertencentes ao *corpus* de pesquisa, portanto "sustentadas" pelo conteúdo de autoria do cronista. Ainda fazendo referência às palavras de Bauer (1995), é possível afirmar que os jornais de Caxias do Sul se configuram como "grupo" que "veicula" tais representações. Como já mencionado na introdução desta tese, propõe-se um recorte temporal de análise a partir do lançamento do *Jornal de Caxias*, em 1973.

Monica Costa (2012) também destaca a relação entre as representações de leitura e o contexto social de onde foram concebidas. Conforme a autora,

as representações da leitura não se descolam da sociedade na qual foram produzidas, por mais que o meio por onde circulam (a literatura) possa ser lido e interpretado em qualquer tempo e por qualquer sociedade com acesso aos instrumentos de sua decodificação. (COSTA, 2012, p. 2).

Já Chartier (2002) aproxima a problemática da representação à da cultura. O autor trata da temática da História Cultural⁷ e suas práticas e representações. Conforme ele, o entendimento de representação está associado à prática cultural, já anteriormente citada no contexto da definição do termo representações.

O autor ainda afirma que as representações do mundo social,

[...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Nesse sentido, Tania Dauster, Lucelena Ferreira e Anderson Tibau (2009) também tratam do caráter social presente nas representações, inserindo à problemática a questão da interação. As autoras afirmam que

⁷ Conforme o autor, "a história cultural [...] tem por principal objectivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

as representações são esquemas de classificação e julgamento construídos nas interações, não são neutros e correspondem aos lugares sociais daqueles que os produzem, segundo seus interesses. O conceito de representação conduz à vida social, às relações sociais concretas, pressupondo atividades de classificação e delimitação vistas como construções sociais. (DAUSTER, FERREIRA, TIBAU, 2009, p. 208).

Sandra Jatahy Pesavento (2012) também se ocupa do tema da representação. Conforme a autora,

as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. [...] são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade" (PESAVENTO, 2012, p. 39).

É claro, segundo Moscovici (2003, p. 43), que o estudo das representações sociais prevê o estudo do próprio ser humano: "enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa e não enquanto ele processa informação, ou se comporta. Mais precisamente, enquanto seu objetivo não é comportar-se, mas compreender".

Ainda segundo o autor, as representações "[...] ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa". (MOSCOVICI, 2003, p. 46).

Como supracitado, não é objetivo desta pesquisa o estudo da recepção das crônicas literárias em jornais de Caxias do Sul. Mesmo assim, entende-se como importante destacar que seja possível projetar, a partir do estudo das representações de leitura em crônicas literárias, por exemplo, como o leitor em contato com os textos poderia estar tendo o seu leque de possibilidades de acesso à leitura ampliado a partir da leitura da crônica literária. A crônica é, aqui, entendida como importante gênero literário que auxilia na difusão/divulgação de assuntos relacionados à leitura. O texto cronístico é entendido, portanto, como gênero capaz de ser guardada para inúmeras representações de leitura.

Neste momento, parece significativo citar as relações entre representação, circulação, realidade e interlocução do texto com o público leitor a partir de Marangoni (2012).

A autora acredita que

a representação supõe circulação, isto é, objetiva a interlocução com determinado público. Além disso, a representação intenta um movimento mimético, pretendendo-se uma imitação ou reprodução da realidade, de modo que se tende a considerá-la verídica (buscando responder à questão *como as coisas eram?*) ou verossímil (quando a questão a ser respondida é *como se pensava que as coisas eram ou deveriam ser?*). As representações incluem dados documentais, já que, em dada medida, guardam realismo para com o contexto histórico. Por outro lado, o conteúdo representado sofre a interpolação do aspecto criativo do autor, podendo então traduzir vivências da época (contexto de recepção) e (pessoais) do autor, assim como apropriações históricas ou anacrônicas. (MARANGONI, 2012, p. 212, grifos do autor).

Nesse contexto, considera-se importante a menção à base do texto do cronista, ou seja, a palavra. É fundamental destacar que as palavras "[...] são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama para as relações sociais em todos os domínios [...] porque as palavras não são a realidade, mas uma fresta iluminada: representam!" (MINAYO, 1995, p. 110).

Assim, é possível destacar o caráter representativo do texto da crônica que, a partir de seus "fios" ideológicos, estabelece a "trama" para as relações sociais e inúmeras representações.

Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997) elucidam também uma importante relação entre a representação e sua fidelidade. É possível estabelecer questionamentos acerca de certos "implícitos da representação", próprios do autor que traz em si "representados" da "representação". Conforme os autores, "a obra, o trabalho realizado é, também, ou antes de mais nada, o espaço de criação do artista considerado. Este, afinal, dirige-se a um 'público' diversificado, cambiante [...]". (FRAISSE; POMPOUGNAC; POULAIN, 1997, p. 60).

Na crônica "Um fato em destaque", de Jimmy Rodrigues⁸ (1984), é possível sinalizar alguns elementos que versam sobre o universo da representação. Como pode-se notar a seguir, por exemplo, são flagrados indícios sobre a questão que

⁸ Conforme Bertussi, Zinani e Santos (2006), o jornalista caxiense Jimmy Rodrigues era conhecido pelos pseudônimos de laçanan, V. B. e Villas Boas, atuando também em cargos públicos municipais, como publicitário e radialista. Dentre outros jornais, Rodrigues colaborou com *O Momento*, *A Voz do Povo*, *À Época*, *Pioneiro* e *Diário de Notícias*, todos de Caxias do Sul, além de ter atuado no jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre - RS. Na imprensa caxiense, o jornalista ainda foi gerente do jornal *A Época*; redator e diretor do jornal *Pioneiro*; redator do jornal *Correio Riograndense*; diretor da sucursal de Caxias do Sul dos jornais *Última Hora* e *Zero Hora*; primeiro editor do *Jornal de Caxias*, do qual foi um dos fundadores [...]; responsável pelo periódico *Aquarela* da Secretaria Municipal da Educação e Cultura; criador e primeiro diretor do *Jornal do Município*, da prefeitura municipal de Caxias do Sul; redator do jornal *Eco del Mondo*, da colônia italiana radicada em Caxias do Sul e membro do conselho editorial da Editora da Universidade de Caxias do Sul." (BERTUSSI; PEZZI; SANTOS, 2006, p. 168). Ao longo de sua carreira, Jimmy Rodrigues foi agraciado com diversos troféus, medalhas e prêmios literários.

envolve a interlocução do texto com o público. O ponto sobre a interpolação que sofre a representação por parte da crônica também pode ser notado.

O texto, ilustrado a seguir, foi publicado no jornal *Ecos do Mundo*, em 8 de agosto de 1964. A crônica ocupa cerca de meia página do periódico.

Ilustração 1 – Espaço do texto na página 7 do *Ecos do Mundo* (ago. 1964)

8 DE AGOSTO DE 1964 "ECOS DO MUNDO" Pág. 7

Um fato em destaque

Jimmy Rodrigues

O sujeito que vive de escrever, - ou que escreve para viver, - como é o nosso caso, defronta-se, quase que quotidianamente, com uma série de dificuldades, as quais, porém, têm de ser vencidas de qualquer maneira.

Há dias em que o comentarista se indaga se vale à pena emitir opiniões, tecer considerações, analisar fatos e acontecimentos, difundir idéias, quando, frequentemente, tudo se torna inútil.

Há dias de tédio, de melancolia, de desânimo e até de frustração, quando escrever sobre assuntos sérios, e com sinceridade, torna-se uma verdadeira tragédia.

Os que escutam ou que têm fazem, em geral, uma idéia, muito diversa do que é, na realidade, o homem que vive de escrever, que escreve por obrigação, todos os dias, em hora certa e espaço pré-estabelecido.

O escrevinhador, - na verdade não passamos disto, - é uma criatura humana igual as outras, talvez mais desesperado e insatisfeito do que a maioria, porque, quase sempre, está por dentro dos fatos e lê incessantemente, sobre tudo e sobre todos, para poder transmitir ao grande público as suas impressões. Deste modo, penetra desde os subterrâneos da vida até às suas mais elevadas e sublimes paragens, onde, entretanto, não chega a sacar compensações, dado que sua memória registra, indelivelmente, toda a gama de nuances que lhe foi dado conhecer e constatar.

O escrevinhador, dizíamos, é uma criatura humana, que tem os seus problemas, as suas dúvidas, as suas dificuldades, as suas máguas e as suas insatisfações.

O público, porém, geralmente, não o encara como tal. Acredita-o dotado de facultades excepcionais, ser que não tem o direito de errar, de equivoocar-se, de cometer enganos, enfim, ser passível de tójas as fraquezas e de todas as limitações inerentes ao gênero humano.

E por isso, não levando em conta que ele é feito do mesmo barro que os demais, exigem dele muito mais do que seria justo esperar de um homem que sente, que sofre, que tem alegrias e tristezas e que pode cometer, involuntariamente, erros de julgamento e de apreciação.

Afinal, toda esta conversa é para justificar porque, em alguns dias, não se têm ânimo para escrever e, em outros, escrevem-se coisas que não valeriam à pena nem de serem divulgadas.

Mas, minha gente, não há estômago que resista mais de três ou quatro dias sem alimentação. Logo...

Bases do concurso de Cartazes para a Festa da Uva

- 1) - O concurso é de âmbito nacional, dele podendo participar todos os cidadãos brasileiros que o desejarem.
- 2) - Cada concorrente poderá apresentar, no máximo, dois trabalhos, tendo como motivação a vindima, a Festa da Uva e o desenvolvimento industrial desta região. O cartaz deverá ter por título "Festa da Uva de 1965" e lugar em branco para impressão de outros dizeres à critério dos promotores do concurso.
- 3) - As dimensões dos cartazes devem ser 64x44 centímetros, com o máximo de quatro cores.
- 4) - Os trabalhos serão recebidos no SETUR, no Departamento Municipal de Turismo de Caxias do Sul e no Escritório Central da Festa da Uva até o dia 15 de outubro deste ano. O julgamento será procedido por uma comissão especial, até o dia 25 de outubro.
- 5) - Dos cartazes concorrentes não deverá constar nenhum nome ou sinal que possam identificar o seu autor. O nome e endereço do concorrente devem ser encaminhados, juntamente com os trabalhos, em envelope lacrado.
- 6) - O prêmio para o autor do melhor cartaz - que será impresso e distribuído em todo o Brasil e nas Repúblicas do Prata, será de 300 mil cruzeiros em dinheiro, passagem e estadia, por 7 dias, para duas pessoas, em Caxias do Sul, durante a Festa da Uva. O segundo colocado receberá 100 mil cruzeiros e o 3º, 50 mil cruzeiros. Os autores dos dez melhores trabalhos receberão diplomas e medalhas comemorativas.

Mais informações serão prestadas no SETUR, em Porto Alegre e, em Caxias do Sul, no Departamento Municipal de Turismo, na Galeria Muratoro, e no Escritório Central da Festa da Uva, à rua Marquês do Herval, 666.

RENAULT Dauphine VA CONHECE-LO EM

BAY & CIA. LTDA.

Av. Júlio de Castilhos, 130
Telefones 630 e 681
CAXIAS DO SUL



SENHOR EMPREGADOR

COLABORE COM OS SEUS FUNCIONÁRIOS, FORNECENDO-LHES COUPÔES DE COMPRAS DOS ARMAZENS POPULARES DE CAXIAS DO SUL. ASSIM FAZENDO ESTARÁ CONTRIBUINDO PARA QUE OS MESMOS ADQUIRAM ARTIGOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE A PREÇOS DE CUSTO.

PEÇA INFORMAÇÕES NO ESCRITÓRIO CENTRAL DOS ARMAZENS POPULARES.

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

Segundo ele mesmo categoriza, a conversa de Rodrigues (1964) tem por objetivo "[...] justificar porque, em alguns dias, não se têm ânimo para escrever e, em outros, escrevem-se coisas que não valeriam à pena nem de serem divulgadas". (RODRIGUES, 1964, p. 7).

O estímulo para a redação da crônica realmente parece ser esse citado pelo autor, pois o mote da crônica trata das dificuldades do escritor que

[...] vive de escrever, – ou que escreve para viver [...]. Os que escutam ou que lêem fazem, em geral, uma idéia, muito diversa do que é, na realidade, o homem que vive de escrever, que escreve por obrigação, todos os dias, com hora certa e espaço pré-estabelecido. (RODRIGUES, 1964, p. 7).⁹

Sobre a questão anteriormente apontada por Marangoni (2012) que trata da interpolação que sofre a representação do autor por suas vivências pessoais, Rodrigues (1964) afirma que

há dias em que o comentarista se indaga se vale à pena emitir opiniões, tecer considerações, analisar fatos e acontecimentos, difundir idéias, quando, frequentemente, tudo se torna inútil. Há dias de tédio, de melancolia, de desânimo e até de frustração, quando escrever sobre assuntos sérios, e com sinceridade, torna-se uma verdadeira tragédia. (RODRIGUES, 1964, p. 7).

Como pode-se notar, o cronista se queixa da exigência de ter que emitir sua opinião mesmo afetado por elementos do contexto em que vive.

Compreende-se que é com o objetivo de representar o movimento de imitação da realidade, também a partir do verossímil – já que se entende a representação como um movimento mimético (MARANGONI, 2012) –, que o escritor "[...] talvez mais desesperado e insatisfeito do que a maioria" "lê incessantemente, sôbre tudo e sôbre todos, para poder transmitir ao grande público as suas impressões" (RODRIGUES, 1964, p. 7).

No texto de Rodrigues (1964) também há elementos que tratam da interlocução do representado com o público. Como visto anteriormente, a representação supõe circulação e objetiva a interlocução com o público (MARANGONI, 2012).

Parece que afeta o cronista o fato de que seu público leitor às vezes não o encarar como "uma criatura humana, que tem seus problemas, as suas dúvidas, as suas dificuldades, as suas máguas e as suas insatisfações" (RODRIGUES, 1964, p. 7). Assim, claramente o texto dialoga com o leitor – o que é próprio da crônica, como já visto em Moisés (2005) – na intenção, imagina-se, de fazer com que entenda melhor o contexto de produção do texto pelo cronista.

⁹ Manteve-se a grafia original em todos os textos extraídos de jornais. Não houve, assim, interferência do pesquisador na correção ortográfica e/ou na atualização do texto para o acordo ortográfico vigente.

É possível notar, também, que tais elementos podem indicar que o texto do cronista é tecido a partir de seus fios ideológicos, já que a palavra não pode ser considerada uma realidade e, sim, uma "fresta iluminada" que representa (MINAYO, 1995).

Ainda sobre o aspecto da interlocução com o público, Rodrigues (1964) deixa clara sua insatisfação quanto ao fato de as pessoas leitoras,

[...] não levando em conta que êle é feito do mesmo barro que os demais, exigem dêle muito mais do que seria justo esperar de um homem que sente, que sofre, que tem alegrias e tristezas e que pode cometer, involuntariamente, êrros de julgamento e de apreciação. (RODRIGUES, 1964, p. 7).

Assim, entende-se que a crônica "Um fato em destaque" pode contribuir para a elucidação de alguns dos elementos teóricos sobre as representações, um dos temas-chave desta pesquisa.

Finalmente, é importante destacar que Gerald Duveen (1995) garante que o caráter das representações é construtivo e o seu valor é simbólico. Quando internalizadas, relações são expressadas. Nas palavras do autor,

representações são sempre construtivas; elas constituem o mundo tal como ele é conhecido e as identidades que elas sustentam garantem ao sujeito um lugar nesse mundo. Assim, ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece e, ao mesmo tempo, elas o situam nesse mundo. É essa dupla operação de definir o mundo e localizar um lugar nele que fornece às representações o seu valor simbólico. (DUVEEN, 1995, p. 267).

Sobre a questão do simbólico e sua relação com o conceito de representação, Chartier (2002) cita Furetière¹⁰ e afirma que a relação simbólica consiste na "representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais [...] O leão é o símbolo do valor; a esfera, o da inconstância; o pelicano, o do amor paternal". (CHARTIER, 2002, p. 20).

Parte-se, neste momento, à discussão das temáticas que versam sobre o gosto pela leitura e acerca do sistema literário, matérias caras a esta pesquisa.

¹⁰ Obra citada: *Dictionnaire universel*, de 1690.

1.2 A FORMAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA

É de Marco Schneider (2008) a afirmação de que o "conceito de *gosto*, do qual pouco se tem falado ultimamente, merece mais atenção, a começar por sua importância prática vital". (SCHNEIDER, 2008, p. 11, grifo do autor).

Essa relevância seria vital de acordo com o autor porque os seres humanos se relacionam com o mundo a partir de um processo de seleção, que envolve coisas, ideias e pessoas, por exemplo, "conforme sua propriedade, real ou aparente, de colaborarem para a satisfação de necessidades e desejos, e para a realização de projetos". (SCHNEIDER, 2008, p. 11).

A tarefa de conceituar o gosto, definido por Bourdieu (2007) como a faculdade de julgar valores estéticos de maneira imediata e intuitiva, não pode ser considerada simples.

Comparando os três modos alternativos de relacionamento do pensamento ou da consciência com a vida e o mundo, ou seja, o gosto, a ética e a lógica ou razão, Teixeira Coelho (2005) afirma que "[...] o gosto parece à primeira vista o mais incerto, o mais repleto de armadilhas e becos sem saída, a obrigar que sempre se retorne ao ponto de partida para em seguida refazer a viagem que permite apreendê-lo, compreendê-lo." (COELHO, 2005, p. 83).

Montesquieu (2005), em estudo sobre a temática do gosto inicialmente pensado para a *Encycopédie* – "o livro máximo do Iluminismo"¹¹ –, assevera que o sentimento é fundamental para o conceito do gosto. Observa-se:

a definição mais geral do gosto, sem considerar se se trata de um bom gosto ou de um mau gosto, um gosto adequado ou não, é que gosto é aquilo que nos liga a uma coisa por meio do sentimento, o que não impede que ele possa aplicar-se às coisas do intelecto [...]. (MONTESQUIEU, 2005, p. 17).

Ainda este o autor, o gosto pode ser considerado a vantagem de se descobrir com certa sutileza e presteza a medida do prazer que as coisas dão às pessoas. Relacionando a questão ao gosto pela leitura, Montesquieu (2005) afirma que os melhores escritores, os que mais agradam, são os que estimulam mais sensações na alma.

¹¹ Excerto presente no paratexto editorial da obra de MONTESQUIEU intitulada *O gosto*. O ensaio de Montesquieu foi publicado no século XVIII.

Maria do Rosário Magnani (1992), por sua vez, contrapõe a ideia de Montesquieu (2005) que designa a existência de uma distinção entre gosto natural e gosto adquirido. Não obstante, nota-se a existência de uma relação entre os conceitos expostos por Montesquieu (2005, p. 16-17).

[...] gosto natural não é um conhecimento teórico; é uma aplicação direta e requintada de regras que não conhecemos bem. [...] [o gosto adquirido] afeta, muda, aumenta e diminui o gosto natural, tanto quanto o gosto natural afeta, muda, aumenta e diminui o gosto adquirido.

Magnani (1992), ao aproximar e relacionar as temáticas gosto e leitura, afirma que "o gosto (como sabor, ou prazer, ou moda, ou opinião, ou faculdade de julgamento) pela leitura, em particular a da literatura, não é um dado da 'natureza humana'". (MAGNANI, 1992, p. 101).

Tal dissociação entre gosto e natureza, como se aquele fosse originário desta, também é exposta por Pierre Bourdieu (2007), que ainda insere o tema da educação na problemática. Conforme o autor,

contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social. (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Magnani (1992) trata a temática da formação do gosto pela leitura de literatura em sala de aula e defende a ideia de que existe um processo de formação do gosto por parte do leitor. É possível, assim, destacar que a autora também acredita que o gosto está relacionado com a educação. Nota-se: "Desenvolvimento e aprendizagem encontram-se, assim, relacionados entre si e com o processo de constituição dos sujeitos históricos, através do trabalho lingüístico." (MAGNANI, 1992, p. 101).

Portanto, ainda conforme a autora,

aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter satisfação com a leitura; aprende-se a acompanhar modismos de leitura; aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. A tudo isso se aprende lendo. Dentro e fora da escola. Por tudo isso, podemos pensar que o gosto se forma e que a aprendizagem escolar da leitura da literatura desempenha importante função no desenvolvimento. (MAGNANI, 1992, p. 101-103).

Sob o enfoque do gosto pela leitura, entende-se como importante destacar alguns aspectos que versem sobre a problemática do prazer do texto.

Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997) afirmam que, conforme a concepção de Roland Barthes – cuja base teórica para a referida problemática também é estudada neste segmento –, o prazer do texto funda um postulado que escapa ao controle social e lógico. Percebe-se, no excerto que segue, a relação entre o prazer do texto e a leitura. Segundo os autores,

a leitura implica, portanto, uma travessia feliz do texto, liberdade que vem a constituir o prazer do texto. Se este prazer é um erotismo, isso decerto não se deve ao caráter eventualmente erótico do tema tratado, mas ao da própria escrita, que se torna um erotismo ao mostrar suas 'falhas'. (FRAISSE; POMPOUGNAC; POULAIN, 1997, p. 133).

Na relação entre o prazer e a leitura, deve ser considerado o prazer de quem escreve e de quem lê o texto, sem que se deixe de lado a fruição, o "ato de aproveitar satisfatória e prazerosamente alguma coisa". (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 932).

Nota-se, nas palavras de Roland Barthes (1973), que há certa tensão na relação entre o prazer da escrita e da leitura:

Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque todas foram escritas no prazer (este prazer não entra em contradição com os lamentos do escritor). Mas o contrário? O escrever no prazer garantir-me-á – a mim, escritor – o prazer do meu leitor? De modo nenhum. Esse leitor, é necessário que eu o procure (que eu o "engate"), **sem saber onde ele está**. Cria-se então um espaço da fruição. Não é a "pessoa" do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialéctica do desejo, de uma imprevisão do fruir: que os dados não estejam lançados, que exista um jogo. (BARTHES, 1973, p. 37, grifo do autor).

Novamente referindo-se à fruição capaz de estar "presente" no ato da leitura, Barthes (1973, p. 49, grifos do autor) afirma que

o **brio** do texto seria **sua vontade de fruição**: exactamente no ponto em que ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, contrariar a invasão dos adjectivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em borbotões.

Em seguida, o autor ainda divide em duas categorias o texto: o de prazer e o de fruição. Segundo ele, este desconforta, faz vacilar a consistência dos seus gostos, dos seus valores e recordações. Aquele contenta, dá euforia. Está ligado a uma prática confortável da leitura.

Quanto ao prazer do texto, Barthes (1973) afirma que a sua definição está relacionada a uma prática. E a leitura é uma delas. Percebe-se, também, como o autor estabelece uma conexão entre o prazer do texto e a cultura.

Prazer do texto: Clássicos. Cultura (quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer). Inteligência. Ironia. Delicadeza. Euforia. Domínio. Segurança: arte de viver. O prazer do texto pode ser definido por uma prática (sem o menor risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa, província, refeição imediata, candeeiro, família [...] (BARTHES, 1973, p. 96-97, grifo do autor).

Sob o ponto de vista do escritor, o autor considera o ritmo da narrativa como preponderante no cumprimento do objetivo da produção de prazer. Barthes (1973) afirma, questiona e cita um tipo de leitura que "salta" páginas do texto:

[...] É o próprio ritmo daquilo que se lê e do que não se lê que produz o prazer das grandes narrativas [...] alguma vez leu Proust, Balzac, **Guerra e Paz**, palavra por palavra? (Prazer de Proust: de uma leitura para outra, não se saltam nunca as mesmas passagens). (BARTHES, 1973, p. 46, grifo do autor).

No momento em que considera o ponto de vista do leitor do texto, Barthes (1973, p. 53) afirma que "o prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias ideias – pois o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu".

As relações entre gosto e leitura também são temáticas presentes na obra de Bourdieu (2007). O autor cita Marcel Proust para relacionar a questão do prazer do leitor de uma obra e as inúmeras redes de relações existentes no ato da leitura. Observa-se:

Proust não deixou de cultivar e, ao mesmo tempo, analisar o prazer culto, quando, para tentar compreender e fazer compreender a espécie de prazer idólatra que se tem ao ler tal página célebre (um trecho de *Stones of Venice* de Ruskin), ele deve evocar, além das próprias propriedades da obra, toda a rede de referências cruzadas que se tece à sua volta, referências da obra às experiências pessoais que ela acompanhou, favoreceu ou, até mesmo, produziu no leitor [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 459).

A concepção de que o gosto é algo que se aprende e se aprimora, por exemplo, não advém apenas do pensamento de um exclusivo autor. Schneider (2008) fortalece a ideia de Magnani (1992) ao afirmar que o gosto "[...] é necessariamente resultado de cultivo, de educação, de um entre inúmeros modos possíveis de 'aquisição da cultura'". (SCHNEIDER, 2008, p. 16).

É possível, também, relacionar o gosto a questões que envolvem o estilo de vida das pessoas. Conforme Bourdieu (2017), o gosto, a propensão e a aptidão para determinada apropriação, seja material ou simbólica, de objetos ou práticas, é fórmula geradora que se encontra na concepção do estilo de vida. Conforme o autor, é possível afirmar que haja relação entre gosto e distinção, já que

o gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas. (BOURDIEU, 2017, p. 13).

Gosto puro, rejeição, distinção e fruição são alguns dos termos mencionados pelo autor nas suas reflexões sobre a temática do gosto.

O princípio do gosto puro, conforme Bourdieu (2017, p. 450), se configura em uma aversão: "pelos objetos que impõem à fruição, assim como aversão pelo gosto grosseiro e vulgar que se compraz com essa fruição imposta".

O autor entende o gosto como uma espécie de "operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas". (BOURDIEU, 2007, p. 163).

Bourdieu (2007, p. 56) ainda assevera que o gosto pode ser considerado como o princípio de tudo o que se possui, "[...] e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável".

Um sujeito, apto a discernir acerca de qualidades ou defeitos de objetos e fenômenos, algo central na ideia do gosto (COELHO, 2005), estaria contribuindo para a formação do seu gosto.

Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997) relacionam o prazer e o gosto do leitor à questão do próprio conhecimento adquirido. Conforme os autores, essa problemática passa por uma competência relacionada a uma seleção que pressupõe certo conhecimento.

Outra ideia relacionada à concepção do gosto é a que trata da existência de uma cultura mediada. Conforme Schneider (2008), há mediações "dialeticamente articuladas" que culminam no próprio gosto, considerado por ele como

juízo sintético – para o qual contribuem a percepção, a sensibilidade e a razão – de uma disposição integral (de um *habitus*), o qual, salvo limites externos, ou mesmo diante destes, orienta a ação, a práxis. Esses processos, entretanto, não ocorrem no vazio ou na pura abstração, mas no mundo real, em meio ao qual, hoje, a comunicação pode ser entendida como um "novo ambiente" [...]. (SCHNEIDER, 2008, p. 37-38).

A crônica, como gênero inserido no universo da Comunicação Social, já que se entende como produto jornalístico a partir do conceito que a caracteriza como manifestação jornalístico-literária, pode, portanto, ser entendida como um "espaço" em que é possibilitado o processo de formação do gosto do leitor:

a) pela leitura de crônicas; b) pela ampliação do "leque" de leitura de outros gêneros, como romances, poemas e novelas, por exemplo; c) pela leitura de autores e obras possivelmente referidos ao longo do texto cronístico.

Em um tom carregado de lirismo reflexivo, próprio da crônica com viés literário, a crônica do jornalista caxiense Mário Gardelin¹² intitulada "Quintana" exalta o poeta Mário Quintana e também aclama sua obra. Trata-se de um convite à leitura do poeta gaúcho, um dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos.

Publicado no jornal *Pioneiro* em junho de 1973, o texto, conforme ilustração que segue, ocupa a parte central da página. Trata-se de um texto de uma coluna que se encontra entre outra crônica e o editorial do veículo, este considerado um gênero jornalístico que ocupa um dos locais de destaque das edições dos jornais. Pode-se perceber que o espaço da crônica na página está destacado com a cor vermelha.

¹² Poeta, cronista, historiador e jornalista, Mário Gardelin graduou-se em História e Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde atuou como vice-reitor, professor, coordenador e presidente do conselho da editora da Universidade, a EDUCS. Foi correspondente da Companhia Jornalística Caldas Júnior e dos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Pioneiro* e *Correio Riograndense*. Além de trabalhar em emissoras de rádio da cidade, Gardelin atuou na política. Foi membro fundador da Academia Caxiense de Letras e, em 1992, patrono da Feira do Livro de Caxias do Sul. (BERTUSSI; ZINANI; DOS SANTOS, 2006, p. 95).

Não creio que houvesse melhor ambiente para conhecer a alma do poeta. Foi numa tarde cheia de sol e de luz, de ar puro e suave, que mais do que ar parecia uma fonte cristalina de serra. Terminado o trabalho, gostava de tomar uma antologia e dirigir-me a um matinho, de sombra fechada e aí, com vagar, em altas vozes, ler e reler poemas. Lembro-me da primeira vez que li seu nome, que tem o mesmo que o meu. O Quintana se me afigurou, assim de longe, algo de espanhol, provindo de "Quintas", coisa, portanto, bem rural e, logo, muito nossa. (GARDELIN, 1973, p. 10).

O relato da experiência do cronista não deixa encoberto o sentimento de prazer do autor em relação à leitura, mais especificamente em relação à leitura de poesia, já que "ler" e "reler" poemas "em altas vozes" era algo cotidiano, diga-se, pois o referido costume estava ligado aos afazeres do ofício.

Entende-se que o texto é um estímulo claro a uma possível provocação pelo sentimento de prazer pela leitura. O leitor poderia passar a descobrir a medida do prazer e de satisfação que a leitura pode causar.

Gardelin (1973) detalha ainda mais o ambiente utilizado por ele para o contato com a leitura e a poesia do "poeta das coisas simples", como era conhecido Mário Quintana. Nota-se:

Digo que melhor lugar não podia haver para tomar conhecimento do trabalho de Mário Quintana. Ao longe, ondulando no horizonte, o Morro Grande, os Campos do Raposo, os matos do Rio Piaí... à esquerda e à direita, o verde azul desta natureza perpetuamente em festa. E, lá em baixo, numa doce humanização a vila da Fazenda Souza, então, muito pobre, muito acanhada [...]. Foi num ambiente de natureza esplêndida e borboletas sem pressa, a esvoaçar, que conheci a poesia de Mário Quintana. (GARDELIN, 1973, p. 10).

O autor, com riqueza de detalhes, recria, assim, um ambiente sublime, entende-se, para o ato da leitura.

É possível estabelecer uma associação entre o que Montesquieu (2005) comenta acerca da curiosidade relacionada ao gosto e a curiosidade por determinado autor ou obra literária que, motivo de crônica, chegam ao leitor atento, provocando-o a descobrir "mais" ou até mesmo iniciar o processo de descoberta.

Montesquieu (2005, p. 21) afirma que a alma, como entidade, "deve sentir curiosidade pois, como todas as coisas estão numa cadeia na qual cada ideia precede outra e segue-se a uma terceira, não podemos ver uma coisa sem desejar ver uma segunda."

A leitura de uma crônica, cuja temática central pode tratar de um autor ou até mesmo de uma obra recém-lançada, pode acabar despertando tal curiosidade no

leitor. "Portanto, é o prazer proporcionado por um objeto que nos conduz a um segundo objeto; é por isso que a alma sempre procura coisas novas, e nunca se cansa de fazê-lo." (MONTESQUIEU, 2005, p. 21).

Entende-se que em "Quintana", Gardelin (1973) projeta tal sentimento de curiosidade no leitor, ao passo em que o enaltece. Nota-se:

O poeta, entretanto, vim a conhecê-lo muitos anos após. A primeira vez que o apontaram para mim, estava assentado a uma mesa, lendo, muito compenetrado. Quizeram [sic]¹³ apresentá-lo. Recusei. Insistiram-me que o homem era a simplicidade e bondade em pessoa. Pedi que ficasse para outro dia. Uma vaga sensação de que todos os poetas são hóspedes do Olimpo não me permitiu raciocinar melhor... [...] E, com o tempo, nossas relações mais se familiarizaram. [...] Foi aí que senti o cavalheiro, o homem de uma sensibilidade magnífica, o poeta que a natureza fez, com profusão de talento e sem medidas. (GARDELIN, 1973, p. 10).

Tratando com esmero de pormenores os seus primeiros contatos com o poeta gaúcho e o enaltecendo com minúcia, o cronista prossegue na tarefa de expor seus sentimentos em relação a ele: "Mário Quintana, para mim, fica entre as mais carinhosas recordações de minha mocidade." (GARDELIN, 1973, p. 10).

O texto "Quintana" não deixa de ser pródigo, também, na utilização de palavras que reverenciem a obra do poeta. Projeta-se como manifesto o sentimento de "felicidade" e o prazer adquirido pelo cronista a partir da leitura de versos de Quintana.

Eu sei que os poetas sentem as coisas como um diapasão que escapa ao comum dos mortais. Terá imaginado, algum dia, Mário Quintana, quanta felicidade palpável ele distribuiu com aqueles versos? Suspeita-o, sem dúvida, mas, quem pode imaginar que algo que foi maravilhosamente escrito há um século pode encontrar um menino, sedento de poesia, a ler e a reler, até penetrar profundamente em todos os versos? (GARDELIN, 1973, p. 10).

Como fica claro, o cronista também não economiza elogios em relação à obra do poeta. Entende-se que o sentimento de curiosidade do leitor da crônica pela obra de Mário Quintana pode estar sendo aguçado na medida em que são utilizados

¹³ Como se nota, há uma significativa quantidade de indicações do termo sic (assim mesmo / conforme o original / segundo informações colhidas) inseridas ao longo de algumas citações extraídas de jornais. Destaca-se que, talvez, se pôde verificar tais equívocos ortográficos ou de concordância verbal pela inexistência de profissionais revisores atuando na verificação dos textos e/ou pelo fato de que a imprensa caxiense, à época, se configurava como colaborativa. A imprensa caxiense era composta por profissionais da área da Comunicação não necessariamente em sua íntegra. A inserção do termo sic não diz respeito à correção e/ou atualização do texto para as normas ortográficas vigentes, tampouco trata-se de qualquer interferência deste pesquisador.

recursos com o objetivo, entende-se, de causar sensações de contemplação ao artista. Trata-se de uma convocação à leitura de Quintana.

E os poemas, que líamos com paixão, eram pontos de ouro escavados na esmeralda da serra. Para mim, Mário Quintana brilharia como um luzeiro de encosta. E seria uma luz que se renovaria para sempre, aquecendo-me, primeiro, a alma, pela beleza de sua mensagem. E o coração, pela amizade posterior. (GARDELIN, 1973, p. 10).

Mário Quintana, como escritor que agrada o "paladar" do cronista, acaba estimulando sensações na alma do leitor-cronista que, a partir do gosto pelo autor, homenageia-o em crônica.

Ainda em relação ao aspecto citado por Montesquieu (2005) acerca da curiosidade que é gerada inicialmente pelo objeto, entende-se, por analogia, que o objeto seria a obra literária citada no texto cronístico. Ela despertaria a curiosidade do leitor que, conforme o autor, relaciona-se ao prazer (que é caro ao conceito de gosto, como já anteriormente citado):

Esta disposição da alma que a conduz sempre na direção de diferentes objetos faz com que ela aprecie todos os prazeres que advêm da surpresa, sentimento que agrada à alma pelo espetáculo e pela imediatez da ação. A alma percebe ou sente algo que não esperava, ou o percebe e sente de um modo que não previa. (MONTESQUIEU, 2005, p. 37).

Pode-se relacionar o gosto, também, com a orientação pela tomada de decisão por parte do sujeito, afinal, "o gosto diz respeito a decisões práticas, [e] orienta a ação do sujeito". (SCHNEIDER, 2008, p. 165).

A crônica, objeto de manifestação pertencente à cultura de que o sujeito faz parte, estaria, assim, oferecendo tais noções ao leitor que, atento ao texto, estaria contribuindo para a formação de seu gosto.

Magnani (1992) afirma que o aprendizado do gosto depende de um processo de intervenção intencional. Seria, segundo a afirmação da autora, o papel que ocuparia o professor no progresso de seus alunos/leitores.

Se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores. (MAGNANI, 1992, p. 104).

É possível, entende-se, estabelecer uma aproximação entre tal papel desempenhado pelo professor e o desempenhado pelo gênero. A crônica, ao tratar de autor e obra ao longo de seu texto, estaria intervindo, intencional e construtivamente, no processo de desenvolvimento do leitor. Sua aptidão pelo discernimento, como já visto algo central na ideia de gosto (COELHO, 2005), estaria sendo desenvolvida.

Sob tal enfoque, Schneider (2008) afirma que pode haver, ou não, o aceite por parte do sujeito leitor: "essas noções são tanto oferecidas de antemão ao sujeito, prontas, pela própria cultura em meio à qual ele se faz sujeito, quanto podem ser refutadas ou refeitas pelo sujeito a partir de sua experiência singular." (SCHEIDER, 2008, p. 165).

A partir da leitura da crônica, o leitor estaria em constante processo de formação, já que, ainda conforme Magnani (1992, p. 104), o texto literário, "por corresponder a uma necessidade existencial de fantasia, consegue atuar em zonas profundas, propiciando a superação de conflitos internos e mobilizando a imaginação para a superação de problemas de outras ordens".

Como visto, o gosto é algo que pode ser aprendido (MAGNANI, 1992). Portanto, já que lhe é concedida a função de ligar alguém a alguma coisa por meio de sentimentos (MONTESQUIEU, 2005), é na crônica, texto solto, curto, leve e de fácil entendimento, que se percebem potencialidades do gênero formador do gosto do leitor. A crônica pode estar, em uma possível frutífera convivência, despertando nele uma imensa gama de sentimentos.

1.3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE SISTEMA LITERÁRIO

A considerar o fato de que a primeira editora¹⁴ da Serra gaúcha surgiu apenas na década de 1970, entende-se que a mídia impressa local tenha, nesse contexto regional, atuado como significativo ingrediente na divulgação do livro e demais assuntos tangentes à leitura. A época coincide, aproximadamente, com o final da primeira metade do recorte temporal aqui proposto.

A ideia que defende o protagonismo da mídia impressa local no cenário da comunicação regional da época é defendida por João Claudio Arendt e Aline Brustolin

¹⁴ Editora da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Cecchin (2018). O estudo parte do argumento de que o jornal pode ser considerado uma fonte de pesquisa para a investigação da produção, publicação e circulação literária na região da Serra gaúcha.

Conforme Arendt e Cecchin (2018, p. 159, grifo do autor),

de modo geral, os periódicos da Serra Gaúcha foram muito importantes para a publicação de textos literários de escritores da região, em uma época em que ainda não existiam editoras locais. Sabe-se que havia editoras em Porto Alegre, porém, para escritores de menor ou nenhum prestígio e, talvez, até sem publicações anteriores, seria praticamente impossível chegar até elas. [...] Durante muito tempo, portanto, as únicas formas de publicar na Serra Gaúcha eram pequenas gráficas ou periódicos que circulavam na região.

Os autores ainda enfatizam a importância da imprensa local como promotora da literatura principalmente até meados do final da década de 60 do século XX, época em que o jornal ainda assumia papel exclusivo no estabelecimento do contato entre leitores e autores. Os jornais teriam contribuído tanto para o surgimento de escritores como de leitores.

Conforme Arendt e Cecchin (2018, p. 169),

a imprensa na Serra Gaúcha desenvolveu um trabalho relevante na promoção da produção, publicação e circulação literária desde os primórdios do século XX. Ao estabelecer a relação entre leitor e escritor, através da publicação de textos literários, os periódicos contribuíram para o surgimento de novos escritores e leitores.

O jornal, veículo impresso de comunicação que histórica e tradicionalmente publica a crônica, faz parte tanto do que se define como paisagem literária quanto do que se configura como sistema literário. Entende-se que tais termos sejam sobremaneira importantes para esta pesquisa. A seguir, portanto, desdobram-se algumas reflexões acerca de seus conceitos.

No campo da sociologia da leitura, Candido (2000) trata do conceito de sistema literário a partir do que chama de esquema comunicativo existente nas relações entre um tripé constituído por autor, obra e público. Para ele, a formação de um sistema literário pressupõe um conjunto de produtores conscientes de seu papel (se não totalmente conscientes, ao menos de alguma forma), de mecanismos transmissores e, como não poderia ser diferente, de receptores.

Como resultado de um exercício que possa objetivar a aproximação entre tal conceito e o contexto da crônica de jornal, projeta-se que seja possível afirmar que:

- a) o "autor" se configura como o cronista;
- b) a crônica figura como a "obra";
- c) o leitor do periódico impresso se caracteriza como "público" receptor, ou seja, o que lê o jornal e se depara com o texto cronístico publicado em suas páginas;
- d) o jornal se configura como "mecanismo transmissor";
- e) os profissionais envolvidos na produção e gestão do veículo de comunicação atuam como "produtores conscientes de seu papel". Neste aspecto, acredita-se que o cronista também atue, pois além de autor de sua obra é promotor de seu texto.

Um sistema literário, porém, não é composto apenas por escritores (leia-se cronistas), obras (leia-se crônicas) e leitores (CANDIDO, 2000). Julga-se necessário considerar nesse esquema outros elementos, como universidades, editoras, livrarias, meios de comunicação, dentre outros.

Assim, ainda conforme o autor, deve-se ter o entendimento de que o "[...] *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura [...]". (CANDIDO, 2010, p. 14, grifo do autor).

Além dos três elementos que constituem o tripé autor, obra e público, que como visto devem ser somados a fatores "externos" (sociais), deve existir ainda a continuidade na transmissão da produção.

Estaria sendo formada, portanto, o que o autor chama de tradição literária:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra a tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento do conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição no sentido completo do termo [...]. (CANDIDO, 2000, p. 24).

Integrantes do "esquema comunicativo", é possível afirmar que tanto editores/gestores de uma mídia impressa de comunicação (o "mecanismo transmissor") quanto os próprios cronistas (os colaboradores/funcionários "autores") eram, ao menos minimamente, "conscientes" (CANDIDO, 2000) de seus papéis como fomentadores da leitura. Ações como a publicação de crônicas com viés literário ou a abertura de espaços para que se pudessem discutir assuntos relacionados à leitura, dentre outras ocorrências, corroboram tal ideia.

Ainda sobre o conceito de sistema literário, Candido (2006) enfatiza a importância, também, de se pensar a repercussão¹⁵ e o efeito da obra.

[...] Não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo o processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito. (CANDIDO, 2006, p. 30).

Jens Stüben (2013) é outro autor com trabalhos sobre sistema literário. Ao analisar a produção, a circulação e a recepção da literatura, o autor traz à baila indagações que se conectam ao contexto da literatura regional. Segundo ele, o texto é um fato social e a literatura – entendida como subsistema social – está inserida em uma rede de relações que compõe o que se caracteriza como paisagem literária. Stüben (2013, p. 56) afirma, ainda, que "jornais, revistas, calendários e almanaques" constituem-se como aspectos que podem ser explorados no estudo da vida literária de uma região.

Arendt (2015) faz referência aos elementos que contribuem para uma paisagem literária "ampla" e "diversificada":

autores que produzem, editoras que publicam, eventos que promovem e público que consome ajudam a compor uma paisagem literária diferenciada, inserida, por sua vez, em uma paisagem mais ampla e diversificada. (ARENDR, 2015, p.117).

O jornal, como meio que publica e promove textos que versam acerca do tema leitura, por exemplo, pode ser acrescido à lista de elementos citada pelo autor.

Como objeto deste estudo, a crônica literária se configura como exemplo significativo desses textos, porém não o único. Editoriais, artigos, crônicas de outras tipologias, resenhas, notas, suplementos literários, reportagens e entrevistas são, para citar alguns exemplos, outros produtos que, via jornal, podem se ocupar do tema da leitura.

Historicamente, ao jornal também deve ser atribuído o papel de fomentar a difusão de obras literárias que compõe o sistema literário. Mesmo que à época do

¹⁵ Projeta-se que uma pesquisa com o enfoque na recepção das crônicas literárias publicadas em periódicos caxienses poderia gerar interessantes resultados e, quem sabe, ser realizada em estudos posteriores.

recorte temporal aqui proposto não fosse mais comum verificar a publicação de obras literárias a partir de folhetins¹⁶ em jornais, tal ação era, como já visto, comum nos primeiros anos de existência do veículo no Brasil.

Sem deixar de mencionar os jornais, Arendt (2015) enumera outros elementos expressivos que congregam autores e público na disseminação de obras literárias.

Conforme o autor,

casas editoriais, bibliotecas, livrarias, feiras de livros, grêmios ou associações literárias, instituições de patrocínio, periódicos, entre outros, emergem enquanto forças capazes de congregar autores e público, e fomentar a difusão de obras. (ARENDR, 2015, p.117).

É importante destacar que muitos desses elementos são temas de crônicas literárias presentes no *corpus* desta pesquisa. Mais um indício da importância do papel da crônica nesse contexto. Será possível verificar tal afirmação no capítulo que precede as considerações finais desta tese.

Também como exemplo do papel desempenhado pela crônica em um sistema literário, pode-se citar a análise de crônicas de Raquel de Queiroz a partir do trabalho de Gustavo Leite Sobral e Juliana Bulhões Alberto Dantas (2018).

Os autores destacam o papel do gênero que, integrado a um sistema, produz sentido: "a partir da leitura de seus escritos, é possível identificar na página do jornal diário a crônica como parte de um sistema, resultado de uma comunicação midiática e, portanto, instância de produção de sentido". (SOBRAL; DANTAS, 2018, p. 241).

Itamar Even-Zohar¹⁷ (2013) também tece estudos acerca da problemática do sistema literário. Para alcançar o objetivo de estabelecer reflexões sobre o conceito, entende-se que seja importante mencionar alguns aspectos da teoria exposta pelo autor.

Even-Zohar (2013), via teoria dos polissistemas, conceitua o termo que considera problemático: o sistema. Conforme ele, o termo tem compromisso com o conceito de sistema oriundo da teoria do funcionalismo (dinâmico), "[...] isto é, a rede de relações que podem hipotetizar-se (propor como hipótese) para um conjunto dado de observáveis ("eventos"/"fenômenos")". (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 22).

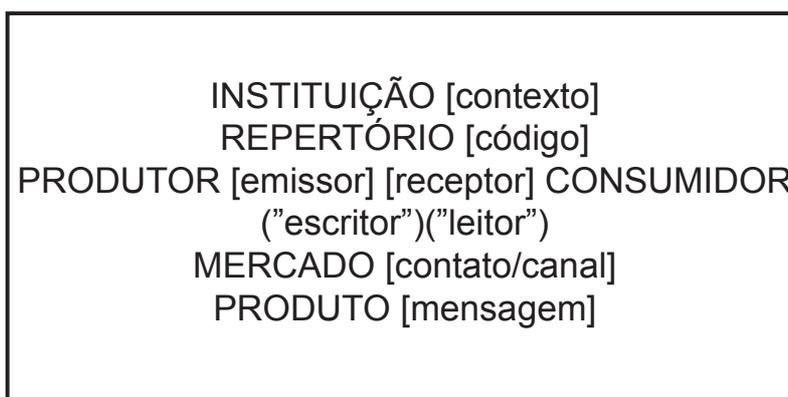
¹⁶ *Folhetim*: embrião da crônica brasileira, como poderá se notar mais adiante.

¹⁷ Conforme SPERB (2017), Itamar Even-Zohar (1939), professor da Universidade de Tel Aviv, em Israel, além de desenvolver a teoria dos chamados polissistemas, problematizou o chamado sistema literário e "[...] também refletiu sobre a posição da literatura traduzida nesses contextos." (SPERB, 2017, p. 98).

Para conceituar o que chama de esquema do sistema literário, Even-Zohar (2013) cita Jakobson e "toma emprestado", conforme suas próprias palavras, o seu esquema de comunicação e linguagem.

No quadro que segue, predominam o que o autor chama de fatores implicados no "(poli)sistema literário (com os termos de Jakobson¹⁸ entre colchetes)". (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 26).

Quadro 1 – Literatura-Comunicação-Linguagem (Jakobson/Even-Zohar)



Fonte: EVEN-ZOHAR, 2013, p. 27

A ideia de adaptação do esquema de Jakobson, que apresenta os fatores constitutivos de um ato de fala, traduz-se na sugestão de uma linha de raciocínio que possa comportar fatores macro do sistema literário, o que se percebe nas próprias palavras do autor:

o esquema que sugiro, ainda que possa se ocupar também de qualquer intercâmbio literário individual, está pensado principalmente para representar os macros-fatores implicados no funcionamento do sistema literário. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 27).

É possível, ainda seguindo a linha de pensamento de Even-Zohar (2013), notar que o sistema literário compreende como internos mais do que como externos todos os fatores que estão implicados no montante de atividades do que chama de "etiqueta literária" (EVEN-ZOHAR, 2013). Nesse sentido, é possível notar um certo contraste entre o exposto pelo autor e a proposta já citada por Candido (2000), já que

¹⁸ JAKOBSON, Roman. Metalanguage as a Linguistic Problem. In: _____. **The Framework of Language**. Ann Arbor: Michigan Studies in the Humanities. 1980. p. 81-92.

este autor considera que há, além de fatores internos, elementos externos que assumem papéis significativos na estrutura do sistema literário.

Ainda segundo o autor, exige-se que não exista, aprioristicamente, hierarquia que possa elucidar algum tipo de ordem entre elementos. Assim, o texto não é o único e nem o mais importante elemento componente do sistema. É importante citar, também, que não se pode afirmar que haja o funcionamento de qualquer elemento de forma separada dos demais: "[...] a classe de relações que podem ser detectadas cruza todos os possíveis eixos do esquema". (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 30).

Conforme o autor,

basta reconhecer que são as interdependências entre estes fatores o que os permite funcionar. Assim, um CONSUMIDOR pode “consumir” um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para o “produto” ser gerado (o “texto”, por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por uma certa INSTITUIÇÃO. E deve existir também um MERCADO no qual ele possa ser transmitido. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 30).

Considerando a importância do estudo de Even-Zohar (2013) para esta pesquisa, segue um resumo elaborado especificamente com o objetivo de sintetizar as principais menções do autor a todos os elementos que compõem o sistema literário.¹⁹

Quadro 2 – Elementos Sistema Literário segundo Even-Zohar (2013).

(continua)

Instituição	Caracteriza-se como um conjunto de fatores "implicados na manutenção da literatura como atividade sociocultural". Rege as normas, sancionando umas e rejeitando outras. Renumeras e penaliza os produtos e agentes. Determina a quem e quais produtos serão lembrados durante um maior período de tempo. Inclui parte dos produtores, críticos, casas editoriais, periódicos, clubes, grupos de escritores, corporações do governo (gabinetes ministeriais e academias), instituições educativas (escolas e universidades), meios de comunicação de massa, etc. Naturalmente, essa enorme variedade não atua harmonicamente e com êxito para impor suas preferências. Há lutas pelo domínio dentro da instituição. Grupos ocupam o centro, tornando-se dominantes. Mas, pela variedade do sistema literário, diferentes
--------------------	---

¹⁹ Entre aspas situam-se os excertos diretamente extraídos do texto do autor. O texto, no geral, é composto por citações indiretas, paráfrases.

	<p>instituições podem operar ao mesmo tempo. A instituição literária não está unificada, portanto. A natureza da produção, assim como a do consumo, está regida pela instituição. É a instituição literária a que pode tentar dirigir e ditar as classes de consumo, determinando os preços (valores) dos vários artigos produzidos.</p>
Repertório	<p>Designa-se como o conjunto de regras e materiais que regem tanto a confecção como o uso de qualquer produto. As noções-chave do conceito de repertório são: "pré-conhecimento" e "acordo". "Quanto maior seja a comunidade que confecciona e usa dados produtos, tanto maior deve ser o acordo sobre semelhante repertório." Em termos linguísticos tradicionais, repertório é a combinação da "gramática" e do "léxico" de uma determinada "língua". "Se 'textos' são considerados a mais evidente manifestação da literatura, o repertório literário é o conjunto de regras e unidades com as quais se produzem e entendem textos específicos." Um repertório pode ser conhecimento compartilhado necessário para produzir (e entender) um texto e também para produzir (e entender) vários outros produtos do sistema literário. Pode haver um repertório para o "escritor", outro para o "leitor" e ainda outro para um "agente literário".</p>
Consumidor e consumidores	<p>Conforme a teoria clássica, "leitor" é uma entidade para a qual a literatura é produzida. Seria altamente inadequado pensar os modos nos quais a literatura funciona para seus "consumidores" somente em termos de "leitura", pois o consumo, como a produção, não está necessariamente circunscrito e ligado à "leitura" e à "audição" de "textos". O "consumidor" como "produtor" se move em vários níveis como participante nas atividades literárias. Sobre consumidores "diretos" e "indiretos", pode-se afirmar que todos os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores "indiretos" de textos literários. Membros da comunidade simplesmente consomem uma certa quantidade de fragmentos literários digeridos e transmitidos por variados agentes culturais. Consumidores "diretos" são pessoas que voluntária e deliberadamente se interessam por atividades literárias. Não é claro que todos os integrantes desse grupo minoritário se preocupem pelo ato de ler ou de participar de várias formas no sistema literário. "Quantos daqueles que iriam conhecer um célebre escritor ou escritora realmente leram sua obra?" Os consumidores de literatura consomem frequentemente a função sociocultural dos atos envolvidos na atividade em questão. Não existem somente consumidores individuais no sistema literário. Há consumidores como grupo: o "público".</p>
	<p>É o conjunto dos fatores envolvido no comércio de produtos literários e na promoção de tipos de</p>

Mercado	consumo. É composto por instituições abertamente dedicadas ao intercâmbio de mercados (livrarias, clubes de leitura ou bibliotecas) e por fatores que participam no intercâmbio semiótico (simbólico) no qual tais instituições estão envolvidas. Um mercado restrito diminui naturalmente as possibilidades de a literatura evoluir como atividade sociocultural. É do maior interesse para o sistema literário fazer com que o mercado floresça.
Produto	Configura-se como qualquer conjunto de signos realizado, como resultado de uma atividade qualquer. "[...] "Textos são o produto evidente – em muitas concepções o <i>único</i> produto – da literatura? A resposta depende do nível de análise." Os "textos" circulam no mercado de modos variados e nunca apenas – especialmente se estão canonizados – como os vêm os críticos literários. Fragmentos (segmentos) para uso diário são produto literário muito notável, também. "Citações, parábolas curtas e episódios aos que podem fazer referência facilmente são alguns exemplos desses fragmentos."

(conclusão)

Fonte: Adaptado de EVEN-ZOHAR, 2013, p. 27-43

Deve-se reconhecer que a região da Serra gaúcha detém uma paisagem literária configurada desde a década de 60 do século passado. A sua consolidação ocorreu no final dos anos 1960. Entretanto, figurava desde 1897, a partir da percepção da existência de registros de textos e eventos literários, principalmente em Caxias do Sul, maior cidade da região. (ARENDR; CECCHIN, 2018). Os veículos impressos da época devem ser considerados, como já mencionado, importantes integrantes dessa paisagem literária.

No segmento final deste subcapítulo, pensa-se a crônica a partir de elementos componentes do sistema literário (EVEN-ZOHAR, 2013). Para tal, utiliza-se um texto publicado em primeiro de junho de 1983, a crônica "Uma esplêndida iniciativa", de Mário Gardelin. Entende-se que, ao longo da narrativa, o texto expõe diversos elementos componentes do sistema literário, o que pode indicar um caminho que elucidie ainda mais os elementos teóricos expostos. O texto ocupa, conforme ilustração que segue, cerca de 1/3 da página 4 do jornal *Pioneiro*.

O cronista valoriza a obra ao mencionar que "[...] o essencial, o principal, o substancial sobre a nossa cidade aí está: História, relevo, clima, vegetação, hidrografia, economia, cultura, trânsito, praças, divisão, autoridades, calendário cívico, e assim por diante. Uma beleza." (GARDELIN, 1983, p. 4).

Ainda quanto aos elementos componentes do sistema literário presentes no texto, o "mercado" é o que menos figura ao longo do texto, pois não há menções diretas ao longo das duas colunas do texto.

Como se trata de uma obra direcionada ao público infantil estudante da terceira série do Primeiro Grau, hoje ensino fundamental, entende-se que o livro tenha sido produzido para ser comercializado em um ambiente, ao menos inicialmente, bem restrito. O livro traz uma "[...] série de textos e de exercícios, para as crianças do III Ano, tendo como tema Caxias do Sul". (GARDELIN, 1983, p. 4).

Gestores das escolas do Ensino Médio da cidade de Caxias do Sul, nos níveis particular, municipal e estadual, participariam ativamente na seleção e compra do produto. Mesmo pertencente a um mercado mais específico, entende-se que a obra poderia interessar, por consequência, também às demais escolas da região e ao público em geral, já que trata de uma importante cidade da Serra gaúcha.

A crônica documenta a existência, à época, de uma "Gráfica da Universidade", menção à gráfica da UCS, Universidade de Caxias do Sul.

Como visto em Even-Zohar (2013), a "instituição" deve ser entendida como instância que rege a natureza da produção e do consumo. Uma gráfica, portanto, é elemento componente dessa "instituição", diretamente ligada à etapa de produção da obra, e vinculada, naturalmente, à editora própria da Instituição. Como já visto em Arendt e Cecchin (2018), essa editora passou a figurar no final da década de 1970, época anterior à produção da obra em questão e, por consequência, da publicação da referida crônica. Por mais que a crônica de Gardelin (1983) não faça menção à "casa editorial" (EVEN-ZOHR, 2013), é possível presumir que, "[...] ao visitar a Gráfica da Universidade" e ao se deparar "[...] com um livrinho [...] prata-da-casa" (GARDELIN, 1983, p. 4), o cronista esteja mencionando uma obra sob responsabilidade da editora da UCS.

Ao aludir à recepção da obra, o texto ainda menciona outras "instituições", referidas por Even-Zohar (2013) como "corporações do governo". Conforme Gardelin (1983, p. 4),

A receptividade de parte de algumas autoridades educacionais tem sido a mais alvissareira! E quem o aplaudiu foi o nosso Secretário de Educação e Cultura, o dr. João Pradel de Azevedo Filho. Por intermédio do incansável Valmir Susin, obtiveram uma audiência e levaram o livrinho.

O cronista ainda menciona outras "corporações" que estariam dando "apoio" à obra, como a "[...] 4ª DE, sob direção da professora Gilda Nora" e a "Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município, sob a direção da profa. Marta Trez" (GARDELIN, 1983, p. 4).

Mesmo que não presente na narrativa de Gardelin (1983), o foco desta análise é sublinhar que como "instituição" também deva ser considerado o próprio jornal *Pioneiro*, meio de comunicação de massa responsável por publicar a crônica que faz menção à obra publicada. A contribuição dessa instituição para a obra em questão, o que ratifica sua ação dentro do sistema literário, está nas próprias palavras do cronista, quando há menção a uma futura segunda edição de "Estudos Sociais, Município e Datas Cívicas, III Série, I Grau". Nota-se:

Agora as professoras partem para a segunda edição. Vão ampliar, melhorar e dar nova feição. Certamente, precisam da **colaboração de todos nós**, e esta **eu a recomendo**, não porque tenha alguma autoridade para isso, mas sim, pelo fato de que se trata de um trabalho que visa tornar conhecida a nossa querida Caxias do Sul a todas as crianças. (GARDELIN, 1983, p. 4, grifo nosso).

O "repertório", como já visto em Even-Zoahr (2013), é o conjunto de regras e unidades com as quais se produzem e entendem textos específicos. Como se trata de uma obra para crianças do ensino médio, pode-se inferir que ela tenha sido elaborada com linguagem própria a este tipo de "consumidor".

Quanto aos "consumidores" da obra das professoras Carmen e Glecy, pode-se destacar que haja a configuração clara tanto de "consumidores diretos" quanto de "indiretos", tipologias sugeridas, como já visto, por Even-Zohar (2013).

Como "consumidores diretos", ou seja, os que se interessam deliberada e voluntariamente pela obra, destacam-se os professores e o público infantil, já que a obra é destinada exclusivamente a este tipo de público. Gardelin (1983, p.4) acha que o livro "[...]" pode ser muito útil nas escolas municipais. Nos colégios particulares o campo de ação é o mesmo".

Como consumidores "indiretos" da obra, a crônica dá pistas acerca da existência de grupos compostos por pais e mães de estudantes do Ensino Médio e

ainda por autoridades educacionais. Por se tratar de obra impressa em uma Universidade, entende-se que o próprio público, pertencente à comunidade acadêmica de Caxias do Sul e região, pode também ser configurado como grupo de consumidor "indireto" da obra. O último grupo "consumidor indireto" da obra, projeta-se, é composto pela própria comunidade em geral. Como já visto, Gardelin (1983) projeta que a obra deva interessar a "todas as crianças". Na crônica, há indícios que direcionam a esse entendimento. Ainda segundo o cronista, sobre a obra a ele mesmo "falaram vários amigos, cujos filhos o estão utilizando". (GARDELIN, 1983, p. 4).

Gardelin (1983) afirma que as autoras ocuparam um espaço vago com a produção do livro, já que eram raras obras sobre determinada temática para tal tipo de público. Nas palavras do cronista, as professoras são "[...] pioneiras, portanto". (GARDELIN, 1983, p. 4).

Por fim, entende-se que a crônica "Uma esplêndida iniciativa" acaba atestando a configuração do jornal impresso como fonte de pesquisa para a investigação da produção, publicação e circulação literária. A partir da leitura da crônica, é possível alguns dos elementos que compõe ou compuseram a paisagem literária de uma determinada região. Essa paisagem, ampla e diversificada (ARENDR, 2015), pôde ser percebida ao longo da análise do texto de Gardelin (1983).

2 A CRÔNICA

"Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. Na sua despreensão, humaniza; [...] de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição."

Antonio Candido

*A vida ao rés-do-chão (1984)*²¹

"É sabido que o gênero [crônica] tem muitos leitores, uma vez que o cronista reproduz o pensamento de uma época, despertando o interesse do público para a leitura."

Dileta A. P. Silveira Martins

História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul (1984)

Este capítulo aborda o conceito de crônica – com foco na literária – e trata das características do gênero que se relacionam à leveza, à naturalidade e, como afirmou na década de 1960 o poeta Vinícius de Moraes (2010, p. 15), a sua típica "maneira simples e direta". Ocupa-se, também, da exposição de aspectos sobre a presença da crônica no Jornalismo Impresso como importante espaço de leitura e de formação do gosto do leitor por ela. Ao longo do percurso do capítulo, algumas crônicas do já referido *corpus* serão analisadas, de modo que os conceitos adquiram mais sentido e, por consequência, se tornem mais claros.

²¹ Publicado originalmente em ANDRADE, Carlos Drummond de [et al.]. **Para gostar de ler: crônicas**, v. 5. São Paulo: Ática, 1981-4.

2.1 O GÊNERO QUE FALA DE PERTO

Como manifestação jornalístico-literária, o gênero, dentre inúmeras acepções, pode ser considerado, como já visto, um relato poético do real, mas adquire condição de relevância quando comparado aos tradicionais gêneros literários. Portanto, é possível afirmar que se tende a compreender a crônica como um gênero menor.

Conforme Melo (2002), a crônica é um gênero pertencente ao jornalismo contemporâneo, com origens que se localizam na história e na literatura, mas sua aproximação

em relação à literatura nem sempre lhe confere o mesmo *status* dos gêneros literários como o romance, o conto ou o poema. Tanto assim que Antonio Candido não hesita em dizer que a crônica é a literatura ao "rés-do-chão", um "gênero literário menor". (MELO, 2002, p. 152).

Martins (1977) afirma que tal desprestígio que pauta a opinião de alguns críticos também pode estar relacionado a uma de suas principais características: a efemeridade²². A autora alega, porém, que

a premência do tempo, a transitoriedade vêm de encontro às habilidades criativas do cronista que se vê confinado, às vezes, à vulgaridade e ao lugar-comum. O mau texto não invalida a autenticidade do gênero e o cronista que se compromissa demais com o cotidiano, exercitando uma temática efêmera, compromete-se com o fazer literário. (MARTINS, 1977, p. 31).

A crônica é um gênero *borderline*, que oscila, conforme Costa (2005, p. 246), "[...] entre a imaginação e realidade, o jornalismo e a literatura, língua culta e coloquial" e que pode ser considerado um gênero jornalístico-literário cujas características multifacetadas permitem, inclusive, uma determinada imprecisão conceitual.

Flexibilidade, poliformismo, criatividade e invenção são características associadas à crônica. (MARTINS, 1977, p. 16). A ambiguidade é uma característica que marca o gênero. Massaud Moisés (2005) considera tal característica como irreduzível ao conceito de crônica.

²² Foge do foco desta pesquisa o tratamento do gênero sob o viés da sua publicação em livro onde, por exemplo, se projeta, via de regra, a inexistência de tal característica. Diga-se de passagem, porém, que a crônica também é conhecida por sua publicação em livros, o que acaba dispensando a característica instantânea da duração de seu texto.

Conforme o escritor Carlos Drummond de Andrade, o gênero merecia mais atenção por parte de quem estuda a literatura e a sociedade. Tal reivindicação, vinda de um dos mais importantes poetas brasileiros, enrobustece a pertinência de estudos que se debruçam sobre o gênero. A afirmação do poeta pode ser percebida por meio da leitura da crônica "A espiga do milho verde", do cronista caxiense José Clemente Pozenato, publicada há dez anos.

Conforme o autor, Drummond teria afirmando em entrevista que concedeu a uma emissora de televisão – e veiculada à época da publicação da crônica de Pozenato – que o gênero "[...] era uma auxiliar da história, porque assuntos a que o historiador jamais daria a menor importância transformavam-se em tema para o cronista. [...] Certas coisas que não aparecem na história podem aparecer numa crônica". (POZENATO, 2009, p. 3).

Ainda conforme Pozenato (2009), Drummond reforçou sua tese ao citar uma crônica²³ que escrevera sobre algo inicialmente desprezível, banal, mas com valor histórico que pode ser entendido como uma boa maneira de, em tempos futuros, se entender a cidade do Rio de Janeiro: uma moça que sai pela rua comendo uma espiga de milho.

Pozenato (2009) reforça tal argumento ao citar uma crônica de Machado de Assis, que como Drummond, é outro escritor também muito conhecido por sua produção cronística:

[...] tem razão Drummond. A entrada do bonde elétrico, nessa mesma cidade do Rio, no tempo do cronista Machado de Assis, o levou a escrever uma crônica inesquecível sobre algo que ninguém mais – nenhum historiador pelo menos – deu atenção: o destino dos burros que eram aposentados em consequência da inovação tecnológica. Uma espécie de contraponto à visão ufanista da história como progresso, que só traz benefícios. (POZENATO, 2009. p. 3).

O referido texto foi publicado em março de 1877 na série "História de quinze dias". No texto, o cronista projeta o ponto de vista do animal que passa de importante a preterido personagem da história. Nota-se que há clara dose de humanização no relato poético do Bruxo do Cosme Velho, alcunha de Joaquim Maria Machado de Assis.

²³ A crônica é intitulada "Milho Cozido", publicada na obra *Boca de Luar*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

E esse interessante quadrúpede olhava para o *bond* com um olhar cheio de saudade e humilhação. Talvez rememorava a queda lenta do burro, expelido de toda a parte pelo vapor, como o vapor o há de ser pelo balão, e o balão pela eletricidade, a eletricidade por uma força nova, que levará de vez este grande trem do mundo até à estação terminal. O que assim não seja... por ora. (ASSIS, 1994, não paginado).

A crônica também foi, e ainda é, muito importante como demarcadora do espaço de opinião pessoal do cronista sobre quaisquer que sejam os temas. Marcelo Coelho (2002, p. 157) afirma que "o propósito da crônica é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal".

Salvos riscos decorrentes de todas as generalizações, pode-se afirmar que as posições políticas dos cronistas são evidenciadas livremente em seus textos, chancelados pela inerente liberdade temática do gênero.

Nesse aspecto, exemplares são as crônicas de Machado de Assis que tratavam, de forma recorrente, o tema político. Hérés Arnt (2001, p. 84-85) afirma que

as posições políticas de Machado de Assis emergem nas crônicas. Ele não era contra a Monarquia, desde que fosse parlamentar; era radicalmente contra as oligarquias escravistas atrasadas. [...] A crítica às instituições é uma constante nas crônicas de Machado de Assis. [...] Seu senso de humor não consegue encobrir o pessimismo diante da situação política brasileira.

Conforme Galvani (2005, p. 18-34), assuntos do cotidiano são, geralmente, os mais lembrados pelo cronista, já que a "[...] crônica faz a apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana" e pode ser considerada "[...] a mais legítima representação da liberdade de opinião".

Para Coelho (2002, p. 165), o gênero "[...] também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver)".

Em "Compadre, seu rabo está na estrada"²⁴, crônica publicada em primeiro de abril de 1972 no jornal *Pioneiro*, o cronista José Ferreira Machado²⁵ confere intensa

²⁴ Esta e todas as demais crônicas selecionadas como *corpus* de análise desta tese de doutoramento estão anexadas na íntegra na parte final do trabalho. A intenção é que haja a possibilidade de contato com os textos originais por parte do leitor. Os textos foram extraídos em arquivo de formato .pdf do portal do Centro de Memória, mantido pela Câmara Municipal de Caxias do Sul. Disponível em: www.liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid. Acessos de janeiro de 2018 a junho de 2019.

²⁵ Graduado em artes, jornalismo e direito, José Ferreira Machado nasceu na capital gaúcha Porto Alegre. Por muitos anos, ocupou cargos públicos como, por exemplo, o de secretário de Turismo da cidade de Canela - RS. Foi docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Machado recebeu o título de Cidadão Caxiense da Câmara Municipal de Caxias do Sul e a distinção Mérito Farroupilha, da Assembleia Legislativa da mesma cidade. José Ferreira Machado também atuou como jornalista do *Pioneiro* em coberturas da área de polícia.

importância ao tema do cotidiano, já que se refere de forma direta a "cenas reais do dia a dia". No texto, há a afirmação que tal olhar atento ao cotidiano do leitor deve ser encarado como um verdadeiro "aprendizado".

O cotidiano, portanto, é um dos temas centrais da crônica. Veja-se:

Se analisarmos as cenas reais do dia a-dia [sic], as passagens tragicômicas que nossos olhos viram, nossos ouvidos ouvirem e nossos sentidos sentiram, o amigo leitor vai ver que aprendizado! E isto vem desde que, quando engatinhamos, começamos a sentir o estranho e espetacular mundo que nos cerca. (MACHADO, 1972, p. 10).

O texto, como aponta a ilustração a seguir²⁶, ocupa cerca de 1/5 do espaço da página, tem destaque no topo da página do jornal e foi diagramado ao lado do editorial, texto que expressa a opinião do veículo sobre assuntos da atualidade.

²⁶ Como pode-se notar, o texto é marcado com um retângulo da cor vermelha, marcação que, doravante, será utilizada para sinalizar o espaço de todas as crônicas a serem analisadas nesta pesquisa.

A liberdade na escolha do tema é uma das principais características que confere devida importância à crônica: "nada melhor, pois, do que o gênero crônica para a projeção dessa rebeldia através de sua flexibilidade e vibração". (MARTINS, 1977, p. 22).

A gama de assuntos a serem tratados pelo atento cronista do cotidiano é vasta, portanto. Projeta-se, assim, que tal liberdade seja a porta de entrada para que temas atinentes a esta pesquisa, como a leitura, o livro, a biblioteca, sejam temáticas que possam disparar o gatilho para a criação do cronista.

Conforme afirma Galvani (2005, p. 41), "[...] dificilmente encontraremos, em outras terras, um cronista na acabada versão brasileira, capaz de transformar uma borboleta em assunto [...]".

Moisés (2005) estabelece relação entre a liberdade do cronista, a variação emocional do escritor no momento da produção do texto e a mobilidade significativa que adquire a crônica, já que sempre há um vínculo com um cotidiano em constante mutação.

Segundo o autor, qualquer tema serve para a crônica:

[...] a curva térmica do texto varia de acordo com o estado de espírito do cronista no momento de compor sua página diária. Qualquer tema serve de assunto (até a falta de assunto, tema glosado praticamente por todos os cronistas), quer de política, economia, sociologia, quer de futebol, trânsito, viagens, amizade e etc. [...]. (MOISÉS, 2005, p. 110).

Valendo-se da liberdade temática própria da crônica, Machado (1972, p. 10) trata de uma espécie de crise existencial do ser humano, cada vez mais longe de sua essência: "o mundo em que estamos vivendo hoje está nos transformando a todos em semi-máquinas meio esquisofrênicas [sic]".

O cronista deixa claro o seu estado emocional quando, incerto, indaga o leitor: "Esquecemos nossas origens, amigo leitor. Ou acha você que não? Concorda em parte? Então podemos começar o diálogo". (MACHADO, 1972, p. 10).

Galvani (2005) utiliza a metáfora do "voo da palavra" ao se referir à mobilidade própria da crônica. O autor estabelece preciso conceito acerca do gênero. Alguns dos elementos citados por ele já foram utilizados na introdução desta tese, como forma de conceituar a crônica como uma manifestação jornalístico-literária. Conforme ele, ao longo de sua história, a crônica se emancipou:

Trata-se do vôo livre da palavra, tão solta quanto na poesia, capaz de elevar o pensamento até os mais distantes confins, estabelecer os laços com a realidade ou se perder nas brumas da ficção, engajar-se às questões políticas ou se alienar aos domínios do amor, aprofundar-se na busca da verdade ou flutuar pelos imensos campos da dúvida. [...] a crônica pode subir tão alto a ponto de se tornar exemplar ou inalcançável. E, portanto, se eternizar. (GALVANI, 2005, p. 18).

A crônica, que no Brasil se manifesta desde a segunda metade do século XIX, evoluiu com o passar dos anos. Do simples tratamento de relatos históricos e registros de acontecimentos, o gênero foi inserido em um ambiente onde há uma, como já visto, "[...] harmoniosa convergência do coloquial com a invenção que, transfigurando o fato, o acontecimento, faz dela uma manifestação suprema de literatura." (MARTINS, 1984, p. 336).

Uma das importantes características da crônica dos tempos atuais que pode acabar projetando a sua popularidade como gênero de leitura é a sua capacidade de tratar dos temas de forma simples, coloquial, e com linguagem de fácil entendimento.

O texto da crônica, salvas exceções, é escrito em primeira pessoa (MOISÉS, 2005) e, a partir do ponto de vista do cronista, "traduz" o cotidiano, e suas peculiaridades essenciais, em um estilo criativo, leve e breve: "no geral, a crônica é um texto curto, de meia coluna de jornal ou de página de revista". (MOISÉS, 2005, p. 116).

Entende-se que o termo coluna mereça aprofundamento neste momento, já que há uma recorrência considerável de sua utilização no universo do jornalismo impresso, uma das áreas de conhecimento envolvidas no proposto estudo.

Melo (2003) afirma que, de uma maneira geral, a coluna pode ser considerada uma seção fixa que abrange os gêneros jornalísticos comentário, crônica e resenha.

Como componentes do espaço das colunas no jornalismo impresso de jornal e de revista, Rabaça e Barbosa (1978) somam a esses gêneros os seguintes: notas, *suelos*²⁷ e artigos ou textos-legenda. Ainda segundo os autores, trata-se de um local onde se entrecruzam várias formas de expressão noticiosa.

Melo (2003, p. 140-142) ainda assegura que o colunismo no jornalismo impresso pode ser considerado como

²⁷ Uma das definições do termo diz que um "suelto" pode ser considerado um breve comentário jornalístico sobre algum assunto do dia. "Notícia solta, referência espirituosa, boato" também são significados atribuídos à palavra. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1786).

[...] um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. [...] A coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator. [...] Trata-se de uma colcha de retalhos, com unidades informativas e opinativas que se articulam. [...] Na prática, é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo.

A crônica é uma unidade curta que, como já visto, faz parte desse "mosaico", gênero jornalístico literário que permite a exposição da impressão pessoal do cronista.

Retomando a abordagem sobre o gênero crônica, pode-se afirmar que é em textos efêmeros, como que fossem pílulas de fácil digestão, onde o cronista

fornece alimento espiritual de consumo imediato, de cômoda ingestão, e sabe que não se comunicaria com o leitor se procedesse de outro modo. De onde as qualidades, que tornam a crônica apetecida (novidade, surpresa, devaneio, variedade, etc.), serem justamente os agentes de sua desintegração. (MOISÉS, 2005, p. 108).

Conforme Candido (1992, p. 13), é aplicada ao texto da crônica uma linguagem próxima ao leitor

por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.

Ainda segundo o autor, tais características não podem ser atribuídas ao gênero desde a sua aparição no Brasil²⁸. Com o passar do tempo, a crônica se desvencilhou do objetivo primeiro de informar e comentar para divertir: "A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia a dentro." (CANDIDO, 1992, p. 15).

De sua fórmula madura, extrai-se o humor, a poesia e o fato miúdo, assim como sintetiza Candido (1992, p. 15): "Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma."

²⁸ "Antes de ser crônica propriamente dita foi 'folhetim', ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção 'Ao correr da pena', título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855." (CANDIDO, 1992, p. 15).

Candido (1992) ainda traça interessante relação entre cronistas importantes e seus estilos, projetando um conceito de crônica como típico do jornalismo literário brasileiro:

No século passado, em José de Alencar, Francisco Otaviano e mesmo Machado de Assis, ainda se notava mais o corte de artigo leve. Em França Júnior já é nítida uma redução de escala dos temas, ligada ao incremento do humor e certo toque de gratuidade. Olavo Bilac, mestre da crônica leve, guarda um pouco do comentário antigo mas amplia a dose poética, enquanto João do Rio se inclina para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara do esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores, de Carmen Dolores a João Luso até os nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto ***sui generis* do jornalismo literário brasileiro** que ele é hoje. (CANDIDO, 1992, p. 16, grifo nosso).

Melo (2003) cita alguns autores para corroborar a tese de que no Brasil, a crônica, ao longo dos anos, assumiu características originais. Conforme o autor

no jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países. (MELO, 2003, p. 148).

O autor ainda afirma que a concepção de que a crônica – gênero fronteiro entre jornalismo e literatura – se caracteriza como um "relato poético do real" não ocorre em outros países.

Melo (2003, p. 149) cita o professor e crítico Paulo Rónai para afirmar que

o termo crônica, no jornalismo mundial, está bem mais vinculado àquele outro significado a que se refere Paulo Rónai: o de relato cronológico, o de narração histórica. Trata-se, portanto, de um gênero controvertido, cuja caracterização varia de país para país.

Ainda segundo o autor (2003, p. 150), na França, por exemplo, "denomina-se crônica a cobertura 'especializada' que os jornalistas fazem de determinados setores da atividade social ou cultural". No jornalismo italiano, "o sentido predominante é o de informação observada e conferida pelo repórter". (MELO, 2003, p. 150). Já no espanhol, Melo (2003) argumenta, sustentado pela tese de Martín Vivaldi, que a crônica se caracteriza como uma produção jornalística que relata e analisa os fatos.

Finalmente, Melo (2003) sintetiza a variação das características essenciais da crônica em países como Itália, França e Espanha: "assim sendo, na Itália a crônica aproxima-se mais do sentido que, no Brasil, atribuímos à reportagem. Na França,

oscila entre a reportagem setorial e o nosso colonismo. Na Espanha, combina a notícia e o comentário". (MELO, 2003, p. 151).

Entende-se que tais afirmações são importantes para demonstrar, em linhas gerais, como a crônica brasileira pode ser considerada um gênero específico, pois há prevalência de características singulares quando se estabelece o exercício de comparação com o gênero praticado em alguns outros países.

Dos cronistas brasileiros mais representativos da metade do século XX, Coutinho (1971) elenca: Almeida Fischer, Antônio Maria, Antônio Olinto, Fernando Sabino, José Condé, José Carlos Oliveira, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Saldanha Coelho e Sérgio Porto. Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Paulo Francis e Rubem Braga também são considerados expoentes da crônica brasileira.

A jornalista e escritora Raquel de Queirós (1910-2003) também deve ser destacada dentre as principais figuras da crônica brasileira. Ela é considerada a primeira cronista mulher da imprensa brasileira.

Conforme Martins (1984), nomes como Antônio Carlos Ribeiro, Ary Veiga Sanhudo, Evelyn Berg, Ivete Brandalise, Mário Quintana, Patrícia Bins, Renato Maciel de Sá Júnior e Ruth Caldas enriquecem a produção do gênero crônica, especialmente nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Outros cronistas merecem destaque: Aldir Blanc, Armando Nogueira, David Coimbra, Domingos Pellegrini, Fabrício Carpinejar, Fernando Bonassi, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Angelo, Ivan Lessa, João Ubaldo Ribeiro, Lourenço Diaféria, Luis Fernando Verissimo, Martha Medeiros, Marina Colasanti, Mario Prata, Moacyr Scliar, Paulo Sant'Ana, Ruy Carlos Ostermann, Walcyr Carrasco, dentre muitos outros nomes importantes da crônica brasileira.

De estilo leve e descompromissado, a crônica humaniza ao se aproximar do leitor. Seu texto tende para uma conversa fiada, ou seja, despretensiosa. Sem adornos excessivos, a crônica comunica de perto, e "[...] por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia". (CANDIDO, 1992, p. 19).

Mesmo considerado simples e de fácil entendimento por parte do leitor, o texto não deve abandonar a metáfora, marca característica da linguagem da crônica que a projeta como manifestação literária.

O estilo em que se vaza o monodialogo²⁹ repercute todo o hibridismo da crônica: direto, espontâneo, jornalístico, de imediata apreensão, nem por isso deixa de manusear todo o arsenal metafórico que identifica as obras literárias. (MOISÉS, 2005, p. 117).

Ao longo da crônica "Compadre, seu rabo está na estrada", Machado (1972, p. 10) deixa claro o objetivo de dialogar com o leitor a partir do momento em que se refere a ele como "amigo" e o questiona diversas vezes ao longo da crônica: "Vamos os dois, você e eu, raciocinar em termos de gente. [...] Viu, amigo leitor? A vida ensina ou não ensina."

É clara a proximidade entre cronista e leitor, objetivo alcançado a partir da coloquialidade do estilo do texto que, simples, mas sem abandonar certo apuro estilístico, faz referência ao escritor e poeta português do século XIX, Antero Tarquínio de Quental: "As grandes lições, sigamo-las. As más, deixemos de lado. Mas não vamos nos esquecer que o professor é a nossa própria consciência, que nos mostrará o conceito de 'certo' e 'errado', como diria Antero de Quental." (MACHADO, 1972, p. 10).

A subjetividade, a realidade e a ficção na crônica de Machado (1972) ficam por conta da interpretação de fábulas e frases de efeito, utilizadas pelo escritor para ratificar seu discurso de reflexão e tomada de consciência por parte do leitor. Veja-se:

Também o famoso poeta e cronista nacional Rubem Braga, há coisa de uns oito anos atrás, escreveu que o homem de hoje etá [sic] preocupado só com os outros e nada consigo mesmo. E escrevia com muita propriedade: "que tenho eu a ver se a empregada de meu vizinho tem um amante?" "Devo em primeiro lugar é cuidar do meu eu, que, no momento me é muito mais importante. (MACHADO, 1972, p. 10).

Tal estilo, ligado à oralidade, não deixa de ser tratado com certas doses de análise, crítica "[...] ou filosofismo, o suficiente para temperar o prato de suave digestão." (MOISÉS, 2005, p. 118).

Segundo esse autor, mesmo que por vezes transcendente, o texto da crônica é assimilado pelo leitor a partir de uma simples leitura, sem nenhum chamado à reflexão aprofundada, "[...] transcendência que aflora ao sabor da conversa

²⁹ Moisés (2005, p. 116, grifo do autor) faz referência ao termo da seguinte forma: "monólogo enquanto autorreflexão, diálogo enquanto projeção, a crônica seria, estendendo o vocábulo que Carlos Drummond de Andrade utiliza na designação do processo de relação verbal com o interlocutor, para o texto na sua totalidade – um *monodialogo*." A obra em que Drummond se refere ao vocábulo é: ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

descontraída, não a que emerge da análise exigente e vertical de uma complexa questão". (MOISÉS, 2005, p. 119).

Machado (1972, p. 10) finaliza a crônica com um convite velado à reflexão por parte do leitor:

[...] vou terminar com uma historinha que meu falecido pai nos ensinou, quando, pequenos, estávamos aos seus joelhos e ele nos dava verdadeiras lições de vida. Dois ratos caminhavam pelo leito da via férrea, conversando, quando se aproximou o trem. Um deles inchou o peito e, olhando para o outro disse: "compadre, o seu rabo está na estrada. Mas não olhou para trás [sic] para ver onde estava o próprio rabo. Passou o trem e, záz." É isso, amigo, que eu queria te contar, assim na base do tete a-tete [sic]. Pense bem nisso. Até a próxima. (MACHADO, 1972, p. 10).

Novamente se fazendo valer de um texto que mescla realidade e ficção, coloquial em sua essência, a crônica trata do tema de maneira simples e direta.

Entende-se que a leitura da crônica de Machado (1972) poderia estar assumindo uma função pedagógica propriamente sua, já que esclarece o leitor e pode proporcionar ao interessado na leitura do texto formas distintas de encarar os fenômenos da vida.

[...] a crônica deve ter também um sentido explicativo, mostrando o talento do cronista, desde a ironia, desde a astúcia dando a explicação dos fenômenos que estão a ocorrer no momento, e lembrando ao leitor outras formas de encarar os fenômenos, de encaixar os fenômenos, outras formas de conhecer a vida. As funções, portanto, que a crônica deve preencher são essencialmente pedagógicas, de esclarecimento e orientação. (ROCHA³⁰, s/d. p. 122-123 apud MELO, 2002, p. 151).

2.2 A CRÔNICA E O JORNAL

A história da relação entre jornalismo e literatura é antiga. José Domingues de Brito (2007, p. 25-26) garante que "[...] jornalismo e literatura³¹ andam de mãos dadas há muitos anos."

³⁰ O texto de ROCHA referido por Melo (2002) trata-se de: *Editorial, crônica e funções*, publicado em PRAÇA, José e TEIXEIRA GOMES, José Maria. **Jornalismo ao vivo**. LISBOA: Encomendi, s.d. p. 122-123.

³¹ Segundo Brito (2007, p. 25), "é sabido que a imprensa, hoje sinônimo de jornalismo, e a literatura, no sentido de 'livros a mão cheias', como pedia Castro Alves, surgiram quase na mesma época. Em 1456, quando Gutenberg inventou a imprensa, criou também o livro, como o concebemos hoje, ao editar a *Bíblia*."

Tal atuação de escritores na imprensa escrita – que, por consequência, deixou marcas na Literatura – também foi importante, inclusive, para a concepção de veículos de comunicação. Conforme Arnt (2001, p. 13),

no século XIX, os escritores participaram ativamente da vida dos jornais, influenciando na maneira de concebê-los, criando o fenômeno do jornalismo literário. A literatura foi, em contrapartida, profundamente marcada por essa passagem dos escritores pela imprensa.

Já conforme Martins (1977, p. 20), "ao evoluir, no Brasil, o jornal assumiu foros de empresa, nos meados do século XIX, atribuindo-se então à crônica ideia de grande imprensa integrada ao cotidiano".

No jornal, a porta de entrada para o gênero crônica se abriu a partir do interesse dos homens de letras por mais reputação e dinheiro no bolso. Conforme Nelson Werneck Sodré (1999, p. 292) eles

buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O *Jornal do Comércio* pagava colaborações entre 30 e 60 mil réis; o *Correio da Manhã*, a 50. Bilac³² e Medeiros de Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente [...].

Fábio Lucas (2007) também discorre sobre o espaço que ocupavam em jornais no Brasil os profissionais da escrita e de demais profissões entre a passagem do século XIX para o XX. Conforme o autor,

quando o jornal se implantou como fonte de informação diária, ao alcance dos leitores, recrutou, entre os principais colaboradores, os letrados que já dispunham de notoriedade na utilização da palavra escrita: escritores, juristas, médicos, sacerdotes, engenheiros, enfim, todos aqueles vocacionados para a expressão artística, inclusive autodidatas. (LUCAS, 2007, p. 12).

O autor ainda afirma que a relação entre a Literatura e o Jornalismo fez com que o jornal incorporasse "[...] às suas folhas o suplemento literário, órgão de grande prestígio literário no meio intelectual do país." (LUCAS, 2007, p. 13).

Mesmo que não se constitua como *corpus* desta pesquisa, julga-se que seja importante destacar o papel dos suplementos literários como importantes espaços de

³² Aqui, o texto refere-se ao escritor brasileiro Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

discussão de temas voltados à literatura (e temas a ela adjacentes), espaços esses ocupados, tradicionalmente, no jornal (principalmente) e na revista.

A importância dos suplementos literários se deve, entende-se, pela sua significativa contribuição ao jornalismo literário brasileiro, já que se trata, como já visto, de uma evidência da frutífera relação entre a literatura e o jornalismo em terras brasileiras.

Como aporte teórico neste momento, utiliza-se a obra de Travancas (2001) que trata da temática aproximando contextos franceses e brasileiros³³ a partir do estabelecimento de pontos comuns e singulares, multidisciplinarmente.

Os suplementos literários, cadernos de livros ou espaço de resenhas, nomenclaturas atribuídas ao espaço do jornal que trata de assuntos sobre literatura, de uma maneira geral, vêm, ao longo dos anos, tendo algumas de suas características alteradas.

Conforme Travancas (2001, p. 21),

[...] se olharmos para trás, para a história da imprensa tanto na França quanto no Brasil, perceberemos o quanto os chamados suplementos literários se transformaram. Visual, forma, tamanho e conteúdo mudaram muito desde os primórdios.

Houve uma época em que aos suplementos literários publicados em periódicos se atribuía a função de crítica literária. Já a realidade dos últimos anos, ainda segundo Travancas (2001), não é a mesma. A autora afirma que tal realidade já não mais se configura, pois "[...] hoje podem ser caracterizados como cadernos de livros que tratam de literatura, dos escritores e do mercado editorial." (TRAVANCAS, 2001, p. 16).

O espaço para as discussões acerca da literatura no jornalismo impresso de jornal foi, consideravelmente, suprimido a partir das transformações ocorridas na imprensa brasileira na quarta década do século XX. Nesse período, o estilo da escrita jornalística passa a lançar mão da objetividade.

A partir de então, a literatura passa a ter menos espaço na imprensa, ficando restrita aos suplementos literários publicados pelos grandes jornais nos anos 50. De lá para cá, eles se tornaram mais raros e menores, sendo considerados um "artigo de luxo" por muitas empresas jornalísticas. (TRAVANCAS, 2001, p. 21).

³³ Os suplementos literários estudados na obra foram: *Idéias do Jornal do Brasil* e *Mais!* da *Folha de São Paulo* (Brasil); *Les Livres* do *Libération* e *Le Monde des Livres* do *Le Monde* (França).

Com constante diminuição da existência de tais espaços na mídia impressa, a crônica literária, entende-se, pode ter seu papel no tratamento de temas ligados à literatura ainda mais valorizado.

Desde o século XIX, tais suplementos ocupavam papel de destaque na imprensa. Era-lhes atribuído o rótulo de detentores do espaço de publicação de literatura e de crítica literária.

Travancas (2001, p. 148) afirma que no princípio do século XXI, porém, pode-se alegar que a imprensa³⁴

mudou muito e o perfil destes suplementos já não é mais o mesmo. Eles não são mais o palco de discussões literárias, nem romances são divulgados primeiramente em suas páginas. Hoje, estes cadernos são um espaço de expressão do mercado editorial.

Mesmo não se configurando da mesma forma que no passado, os suplementos literários podem ser considerados, também, como mais uma clara evidência da relação entre a literatura e o jornalismo no Brasil.

Candido (1992) discorre sobre a histórica relação entre o jornal e a crônica. Esta última, conforme aponta o autor,

[...] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. (CANDIDO, 1992, p. 14).

Moisés (2005) reforça a ideia de Candido (1992) sobre o vínculo histórico entre o gênero e o jornal. Segundo ele, "ainda quando em livro, a crônica jamais rompe sua vinculação com o jornal: o signo da origem marca-lhe o rosto bifronte qualquer que seja o espaço físico que ocupe". (MOISÉS, 2005, p. 108).

Sobre a aproximação entre a crônica e o jornalismo, Melo (2003) estabelece uma relação entre o gênero e a reportagem. Conforme o autor, a crônica, como relato histórico, é o "embrião da reportagem, [...] uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo". (MELO, 2003, p. 149).

³⁴ Travancas (2001), neste momento, refere-se à realidade da imprensa do Brasil e da França.

É importante destacar que, com o desenvolvimento da imprensa escrita no Brasil (decorrente do processo de industrialização e urbanização do país do século XX), os grandes jornais diários assumem feições empresariais e se tornam mais ágeis e dinâmicos, além de absorverem um número maior de leitores. Nesse momento, a crônica ocupa papel de destaque e atende um público leitor mais exigente, ávido por uma maior diversidade de conteúdos e formas jornalísticas. (MELO, 2003).

Sobral e Dantas (2018) também estabelecem relação entre o gênero e a modernização da imprensa ocorrida no Brasil. Nas palavras dos autores,

a crônica também é fruto da modernização dos jornais, que resultou também em uma renovação tecnológica e estilística que trouxe um novo padrão para o jornalismo brasileiro, próximo do modelo norte-americano. Os jornais abandonam os afamados “artigos de fundo”, transformando-os na crônica e abraçaram as pautas pré-determinadas e o modelo do lide. As reformas instituíram a Era da notícia objetiva, direta, impessoal. (SOBRAL; DANTAS, 2018, p. 243).

Conforme Neiva (2005, não paginado), foi nesse século que o cronista

[...] preocupou-se com o espaço jornalístico que o seu texto ocupava, ou seja, em suas crônicas praticavam o exercício de metalinguagem, onde discutiam a importância, a finalidade, sua relação com o leitor e as especificidades do que escreviam.

Ainda sobre a relação entre o gênero e o jornal, Melo (2003, p. 155) constata que a crônica "figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa".

Conforme Sobral e Dantas (2018), a partir da atuação da crônica atribui-se, inclusive, um papel inovador ao próprio jornal como veículo de comunicação. Nota-se:

Foi a crônica que abriu os caminhos para as inovações no texto jornalístico. Ao absorver todas estas regras³⁵ e/ou desrespeitá-las, fundou-se como o espaço para o exercício da transgressão e da liberdade no jornalismo e para o estabelecimento do texto autoral. (SOBRAL; DANTAS, 2018, p. 244).

Para o leitor de jornal, a crônica assume o papel de tratar de assuntos descompromissados e banais. Melo (2003) cita Carlos Drummond de Andrade para argumentar que a crônica seria uma espécie de "descanso" para o leitor de jornal, que constantemente se depara com assuntos densos, pesados.

³⁵ Aqui, a autora se refere a regras e normas de produção de conteúdo jornalístico.

Conforme Andrade (2009, p. 174),

o inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo da eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é esta pausa, que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral.

Segundo Arnt (2001, p. 14), na crônica há uma relação próxima entre a informação e a visão de mundo do cronista. Conforme a autora, o gênero se tornou literário e informativo devido ao seu hibridismo. Como fonte de informação, a crônica é ligada intrinsecamente ao cotidiano, à cidade. Já o estilo literário garante a ela perenidade.

Parafraseando um personagem do cronista Rubem Braga, Jorge de Sá (2008) estabelece relação entre a escolha de assuntos típica e característica do jornal – pautada pela necessidade de publicar conteúdos jornalísticos, atuais, de interesse e relevância para público-alvo do veículo – e a liberdade temática do cronista, já anteriormente citada neste capítulo.

Sá (2008, p. 18) afirma que

como os jornais têm preferência pelos fatos que são notícia – isto é, aqueles que podem causar maior impacto em seus leitores –, não publicam em destaque (ou até mesmo nem publicam) matérias que falem, por exemplo, da "vida silenciosa e úmida das árvores" e da "pedra escura com sua pele de musgo e seu misterioso coração mineral". "Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...", afirma um personagem do Braga num texto de 1951.

De forma geral, pode-se dizer que, em um jornal, encontram-se duas categorias de textos: os que se vinculam à necessidade de informar e os que não se prendem a esse dever. Moisés (2005, p. 103) afirma que

para o bom entendimento da crônica, impõe-se preliminarmente uma reflexão acerca do jornal (ou revista) como veículo de informação e cultura. De modo genérico, nele encontramos matéria autóctone, inerente à sua natureza de órgão informativo das ocorrências diárias, e matéria alóctone, estranha ou aleatória, na medida em que não corresponde à peculiaridade originária.

Como já visto, não é apenas o jornal que se configura como espaço da crônica. A revista também dá guarida ao gênero. Conforme Melo (1985, p. 118, grifo do autor), "[...] produto do *jornal*, porque dele depende para a sua expressão publica

[sic], [...] a crônica não se restringe ao jornal diário. Ela encontra abrigo nos semanários, especialmente nas revistas de informação geral. E também no rádio".

Da mesma forma que no jornal, como já citado anteriormente (MOISÉS, 2005), o texto cronístico, quando pertencente à revista, quase nunca ocupa lugar de destaque ao longo da edição.

No jornalismo brasileiro, segundo Melo (2002), a crônica é vinculada aos espaços destinados à opinião. Sem estabelecer um contraponto em relação ao vínculo da necessidade de informar com o gênero, o autor conta que tal afirmação não traduz que o gênero não tenha vínculo com o cotidiano. Segundo ele,

sua motivação principal é o conjunto dos fatos que o jornal acolhe em suas páginas e colunas. Só que ela não os reconstitui, sua função é a de apreender-lhes o significado, ironizá-los ou vislumbrar a dimensão poética não explicitada pela teia jornalística convencional. (MELO, 2002, p. 147).

Sobre a relação do gênero com o veículo que lhe serve como suporte, Sá (2008, p. 18) afirma que, no jornal, a crônica está submetida a um risco, o de "[...] ser sufocada pelas grandes manchetes, ou confundir-se com o contexto da página em que ela é publicada."

Os leitores de crônicas são, ainda conforme o autor,

[...] apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite³⁶, [...] [o leitor é] mais apressado e mais envolvido com as várias matérias focalizadas pelo periódico. (SÁ, 2008, p. 10-85).

Nos dias de hoje, a informação é encontrada em toda a parte, o que corrobora a ideia de que, por mais que os jornais também estejam presentes nas telas de computadores, *tablets* e *smartphones*, o mundo virtual permite que o leitor seja bombardeado com informações do mundo inteiro, provenientes de todas as mídias.

Por vezes, há a formação de "[...] ideias fragmentadas na cabeça de quem pensa que, com a Internet, está completamente informado". (MARANGONI; PEREIRA; SILVA, 2002, p. 204).

Pode-se dizer que o espaço no veículo de comunicação destinado ao texto da crônica não tem relação direta com a importância que assume o gênero para a

³⁶ É possível afirmar que, hoje em dia, a Internet, como suporte que agrega diversas mídias, até mesmo as tradicionais, também disputa a atenção por parte do leitor.

formação do leitor, já que é na crônica que ele pode encontrar, por exemplo, um texto de simples assimilação, atual, informativo e com certas doses de crítica-social.

No Brasil e nos Estados Unidos do século XIX, cronistas e escritores, com humor e ironia, discutiam de forma pessoal os últimos inventos, os fatos do cotidiano (o que conferiu aos cronistas o importante papel de historiadores da cidade³⁷) as decisões políticas que iriam interferir na vida dos cidadãos. [...] No Brasil, foi por intermédio das crônicas de José de Alencar que os leitores tomaram conhecimento da introdução da máquina de costura no Rio de Janeiro. (ARNT, 2001, p. 33).

Com a evolução da crônica, que pôde ser notada anteriormente, o gênero passou de essencialmente argumentativo e calcado na crítica política a leve e descompromissado. Conforme Costa (2005, p. 251), "ao cronista, sobrou o entretenimento do leitor."

A relação do leitor com o texto da crônica é clara em Candido (1992, p. 15), pois o autor afirma que a crônica "[...] ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios".

Ainda conforme o autor, há um papel didático que pode ser atribuído ao gênero como formador de leitores. Mesmo que cite há mais de duas décadas um exemplo particular, entende-se como atual e pertinente o trecho que segue. Veja-se:

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade [...]. O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (CANDIDO, 1992, p. 16).

O autor ainda é taxativo em reforçar a importância do papel da simplicidade do texto na formação do leitor. Nota-se:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. [...] Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de

³⁷ Sobre tal afirmação, já se exemplificou que Machado de Assis tratara do tema da chegada dos bondes elétricos na cidade do Rio de Janeiro do século XIX.

modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1992, p. 19)

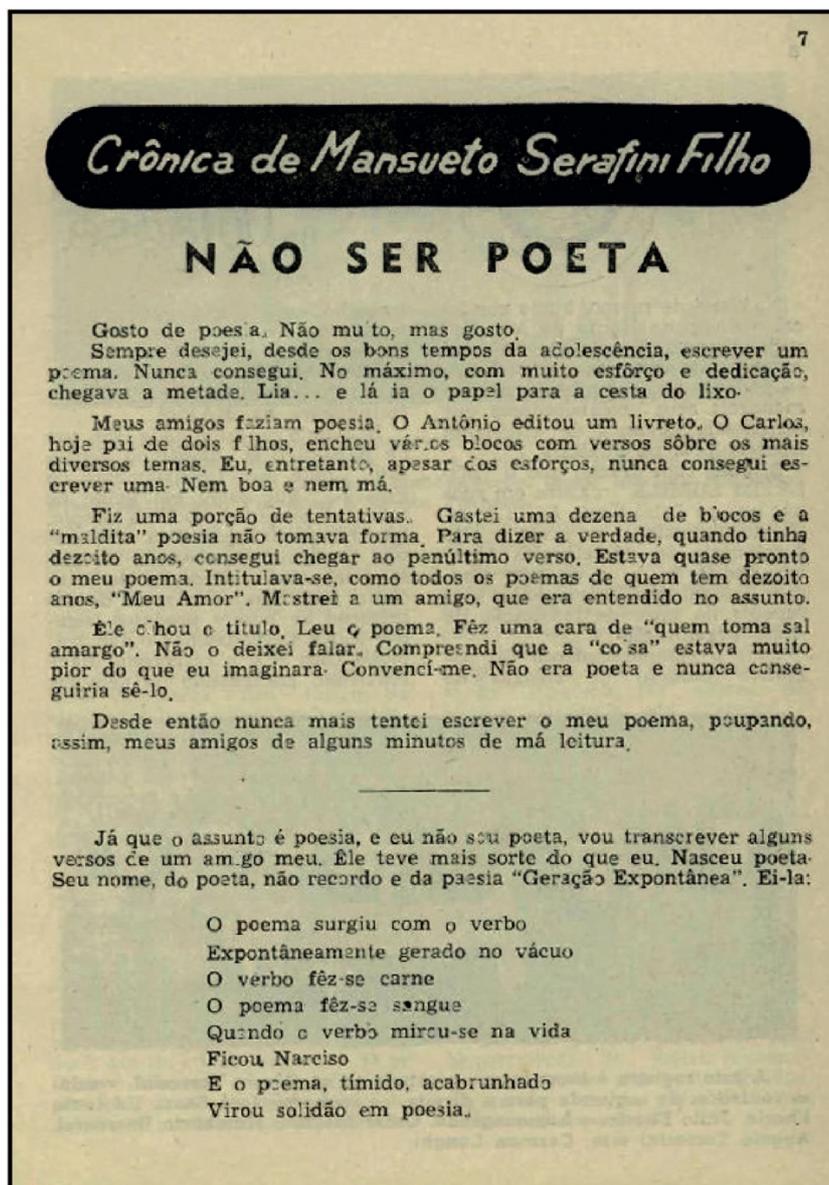
A partir da leitura aprofundada de crônicas, já que "todo texto literário pressupõe várias leituras, sendo que a primeira costuma ser bastante superficial (SÁ, 2008, p. 78), o leitor pode amadurecer. Sá (2008, p. 79) alerta, ainda, que "a crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação".

Em uma primeira leitura da crônica "Não ser poeta", publicada no *Boletim Eberle*, nos meses de fevereiro e março de 1964, percebe-se que o cronista Mansueto Serafini Filho³⁸ trata, a partir de um relato simples, curto e direto, apenas de uma questão particular: a sua não aptidão à poesia: "nunca consegui escrever uma. Nem boa e nem má." (SERAFINI FILHO, 1964, p. 7).

O que poderia ser entendido apenas como uma comum inaptidão a determinada arte literária, pode-se revelar, porém, como algo muito mais significativo: o sentimento de frustração próprio de qualquer ser humano.

Como se pode notar a seguir, a página sete do periódico é destinada na íntegra à publicação do texto, o que se mostra como significativo indicativo de valorização do gênero por parte do *Boletim Eberle*.

³⁸ Mansueto de Castro Serafini Filho nasceu em 1939 na cidade de Caxias do Sul e é jornalista, bacharel em direito pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e político. Nesta área, se destacou por ser eleito prefeito duas vezes de sua cidade natal. Além de fundar o periódico *Caxias Magazine*, atuou em emissoras de rádio e televisão da cidade. Serafini Filho pode ser considerado uma das figuras públicas mais importantes da cidade de Caxias do Sul.

Ilustração 5 – Texto da página 7 do *Boletim Eberle* (fev./mar., 1964)

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Como gênero comunicativo de perto e de modo mais natural do ser humano (CANDIDO, 1992), a crônica em questão possui linguagem acessível e escancara sentimentos pessoais do cronista.

Observe-se o excerto a seguir:

Gosto de poesia. Não muito, mas gosto. Sempre desejei, desde os bons tempos da adolescência, escrever um poema. Nunca consegui. No máximo, com muito esforço e dedicação, chegava a metade. Lia... e lá ia o papel a cesta do lixo. (SERAFINI FILHO, 1964, p. 7).

Além do sentimento de frustração por nunca ter alcançado tal objetivo, o que se revela a partir de uma interpretação mais cuidadosa do texto são as características de perseverança e resignação, próprias de adolescentes que, chegados à idade adulta, descobrem virtudes ou insucessos.

Fiz uma porção de tentativas. Gastei uma dezena de blocos e a "maldita" poesia não tomava forma. Para dizer a verdade, quando tinha dezoito anos, consegui chegar ao penúltimo verso. Estava quase pronto o meu poema. Intitulava-se, como todos os poemas de quem tem 18 anos, "Meu amor". Mostrei a um amigo, que era entendido no assunto. Ele olhou o título. Leu o poema. Fez uma cara de "quem toma sal amargo". Não o deixei falar. Compreendi que a "coisa" estava muito pior que eu imaginara. Convenci-me. Não era poeta e nunca conseguiria sê-lo. (SERAFINI FILHO, 1964, p. 7).

Sente-se a força dos valores das palavras presentes no texto da crônica (CANDIDO, 1992) quando, finalmente, um tom de humildade do cronista se faz claro a partir de cuidadosa leitura: "Desde então nunca mais tentei escrever o meu poema, poupando, assim, meus amigos de alguns minutos de má leitura."

Como o gênero crônica é, por natureza, convidativo a partir de seu estilo simples e coloquial, entende-se que o leitor de crônicas, amadurecido a partir do contato com a leitura do gênero, estaria formando sua opinião crítica sobre os fatos do cotidiano. Reflexão e informação se entrelaçariam, portanto. A crônica pode ser considerada, assim, como uma das portas de entrada desse leitor para o mundo da leitura.

É importante destacar, porém, que, historicamente, o papel do jornalismo para a formação de leitores se deu de forma distinta no Brasil, isso quando comparado aos principais centros do mundo. Mesmo que de maneira ampla, sem considerar manifestações particulares e precisas, é possível afirmar que, aqui, houve um atraso considerável quando se comparam as realidades de Estados Unidos e Europa.

O panorama encontrado era muito diferente do atual, em que os meios de comunicação de massa, com o importante esteio da internet como plataforma significativa de acesso à leitura, há anos contribuem para a democratização da informação.

O jornalismo europeu, por exemplo, viveu um período de aumento substancial do número de leitores na segunda metade do século XIX. Isso se deu, segundo Arnt (2001), "[...] devido à ascensão das massas urbanizadas à alfabetização". A autora ainda explica que

quando o desenvolvimento industrial tornou possível o aumento das tiragens dos jornais e o barateamento dos custos, havia por trás disso uma forte pressão popular das gerações recentemente alfabetizadas, ávidas por leitura, o que permitiu também o aumento da circulação. (ARNT, 2001, p. 45).

À época, no Brasil não houve essa adesão da população "ávida por leitura", principalmente pelo fato de haver uma grande disparidade entre os níveis de instrução da população. No início do século XX, consideráveis índices de analfabetismo eram verificados no país. Nota-se:

Os jornais brasileiros não acompanharam o *boom* da imprensa da América do Norte e da Europa, pois, sem o respaldo de uma sociedade que se urbaniza e se alfabetiza, atravessaram o século [XIX para XX] com tiragens minguadas. Lá, a aquisição de jornais simbolizava a adaptação da população a novas formas de consumo, fomentadas pela industrialização e urbanização, enquanto, no Brasil, o jornal está voltado para a elite e para a classe política. (ARNT, 2001, p. 47).

Finalmente, a partir de Coelho (2002) se destaca a interessante relação entre o prestígio e o espaço da crônica enquanto gênero literário no jornalismo impresso. Estabelece-se uma relação que considera tempos passados a contemporâneos.

Ao citar o exemplo do jornal *Folha de São Paulo*, um dos mais importantes periódicos do país, Coelho (2002) afirma que o gênero acabou perdendo bastante espaço nas editorias de jornais e revistas. "Se menciono um 'declínio' da crônica, portanto, não é com saudosismo" (COELHO, 2002, p. 156).

O autor sustenta a tese de que a função da crônica é de ser uma "espécie de avesso, de negativo da notícia. [...] A crônica vai sempre insistir na desimportância de tudo." (COELHO, 2002, p. 156). Porém, o autor sustenta a tese de que esse papel já estaria sendo cumprido por notícias "comuns" ao longo do jornal. "[...] as notícias comuns, as páginas comuns do jornal, de um jornal como a *Folha*³⁹, já se encarregaram elas próprias de ser mais leves e humorísticas, de não se levar tão a sério assim."

Mais adiante, o mesmo autor, ao relativizar, projeta uma espécie de generalização do fenômeno: "[...] esse seria um raciocínio que só se aplica à *Folha*, e não sei se a diminuição do espaço da crônica não é um fenômeno bem mais genérico, se não acontece em todos os jornais". (COELHO, 2002, p. 159).

³⁹ Jornal *Folha de São Paulo*.

Se considera pertinente a exposição de tal panorama, mas entende-se que a problemática não esteja diretamente ligada à desta pesquisa. Como já citado no capítulo que introduz este trabalho, além de se averiguar outros aspectos referentes ao gênero, selecionam-se periódicos publicados entre os anos 1963 e 1983. Elaborase, portanto, um recorte temporal que não privilegia a crônica contemporânea como objeto de estudo.

Pode-se destacar, finalmente, que a crônica – historicamente tendo seu espaço predominantemente em jornais e revistas – também encontrou abrigo no rádio. Conforme Luiz Arthur Ferraretto (2014, p. 190),

sem dogmatismo e, não raro, deixando de lado o rigor formal, o cronista paira sobre o assunto, aplicando na abordagem um toque pessoal. [...] Em rádio, há inclusive uma espécie de contaminação da reportagem pela crônica, como em algumas manifestações de setoristas esportivos, ao acrescentarem uma impressão à narrativa sobre, por exemplo, o desempenho deste ou daquele jogador ou time de futebol.

A internet – atualmente utilizada por todos os meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, jornal e revista) como plataforma digital para produção, difusão e recepção de conteúdos – deve também ser considerada um importante ambiente para a publicação de crônicas. Destaca-se, assim, que o cenário contemporâneo de produção de conteúdo digital favorece a possibilidade da difusão da crônica.

Atualmente, e apenas para citar alguns exemplos, a crônica pode ser veiculada em *blogs*, *sites*, seções de portais de veículos de comunicação, *e-mails* ou a partir de perfis desses mesmos veículos ou de pessoas físicas em redes sociais como *Facebook*, por exemplo.

Neste trabalho, como já pôde ser demonstrado, estuda-se, exclusivamente, a crônica de jornal. O gênero manifestado em outras plataformas como na web, por exemplo, não se configura como objeto desta pesquisa, não obstante se tratar de um interessante campo de estudos.

Joaquim Ferreira dos Santos (2007) expõe o cenário pródigo para a produção e veiculação a crônica no cenário da produção de conteúdo digital. Mesmo se tratando de um panorama de mais de uma década, entende-se como atual a asserção do autor. Nota-se:

Nunca se escreveu tanta crônica como hoje, pois, além dos jornais e das revistas que começaram a saga do gênero, criou-se um novo veículo, a internet. Com ela veio uma multidão de sites e blogs dedicados exclusivamente a pessoas que querem colocar seu cotidiano, seus sonhos e ideias em textos caprichados e bem confessionais. [...] Agora, quando cada um é seu próprio editor, todos podem cronicar – e há grandes talentos. (SANTOS, 2007, p. 301).

Luis Eduardo Veloso Garcia (2018) menciona os "espaços virtuais", habilitados a partir a internet, como espaços possíveis para a produção e disseminação da crônica. O autor também estabelece importante relação entre esses espaços e o jornal impresso. Veja-se:

Com a queda da indústria do jornal impresso sendo vista claramente depois da concretização do modo comunicacional do suporte digital, além do entendimento de que os autores contemporâneos e seus leitores fazem parte das gerações teorizadas como nativos digitais e analógicos digitais, não se pode ignorar que o espaço virtual é um espaço real e dinâmico que pauta as interações pessoais na contemporaneidade, afinal, estão todos interligados em suas comunidades virtuais. O cotidiano do leitor e do cronista, definido pelas relações construídas no dia a dia de cada um deles, tem no ciberespaço um novo espaço a ser considerado e compreendido, pois não cabe mais ignorá-lo, tanto nas vidas em questão, quanto nos textos produzidos. (GARCIA, 2018, p. 75).

Projeta-se que neste capítulo foi possível perceber com clarividência alguns dos mais importantes conceitos acerca da crônica, gênero que compõe exclusivamente o *corpus* de análise desta pesquisa, de modo que se obtenham artifícios qualificados para a composição das futuras análises previstas nesta pesquisa.

Verificou-se, também, elementos que dizem respeito ao papel ocupado pela crônica no veículo que historicamente serviu como espaço para a divulgação do texto do cronista, ou seja, o jornal impresso. Na sequência, portanto, versa-se sobre alguns importantes aspectos relacionados à imprensa escrita caxiense, com foco ajustado ao veículo jornal e ao período histórico que comporta as décadas de 60, 70 e 80 do século XX, supracitado recorte temporal proposto por esta pesquisa.

3 A IMPRENSA ESCRITA DE CAXIAS DO SUL: ORIGENS E CONTEXTO DE 1963 A 1983

"Com efeito! a imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção. A humanidade galgava assim o Himalaia dos séculos, e via na idéia que alvorecia uma arca poderosa e mais capaz de conter o pensamento humano."

Machado de Assis

O jornal e o Livro (1859)

"A função da imprensa é a de manter a sociedade em estado de diálogo, para que todos os seus membros participem da vida em comum."

José L. Martínez Alberto

La Información en una Sociedad Industrial (1981)

"Colocar o leitor dentro do acontecimento é inseri-lo no mundo, pô-lo à altura do mundo."

Alberto Dines

Tendências no Jornalismo Brasileiro (1996)

Como já visto, as crônicas pertencentes ao *corpus* de estudo desta tese foram publicadas em jornais da cidade de Caxias do Sul, de 1963 a 1983. Já que o recorte escolhido considera um período significativamente distante do atual, julga-se importante a contextualização da imprensa em Caxias do Sul, com o foco nessa mídia e com a devida consideração a aspectos que envolvam sua origem e características marcantes à época.

São abordados, portanto, aspectos concernentes à mídia da cidade centralizados no jornalismo impresso, com foco ainda mais específico no veículo jornal, o espaço de publicação das crônicas. Estabelece-se, também, algumas conexões entre o cenário da imprensa da capital e do interior do estado.

Os primórdios da história da comunicação impressa caxiense, a sua importância para a cidade e as principais características dos veículos que fazem parte do *corpus* de análise desta pesquisa, incluindo informações acerca de suas linhas editoriais, são temas deste capítulo.

Pode-se assegurar que o termo imprensa às vezes tem o seu significado confundido com o termo jornalismo. Pela importância que o termo imprensa tem para esta pesquisa, faz-se necessário, julga-se, que o seu conceito seja devidamente elucidado. Objetiva-se, então, esclarecer o sombreamento existente entre os significados de ambos os vocábulos.

Francisco Rüdiger (2003, p. 11), em estudo sobre a história do desenvolvimento do jornalismo no Rio Grande do Sul, é taxativo ao afirmar que

[...] jornalismo e imprensa podem confundir-se, mas não são a mesma coisa. O Rio Grande do Sul conheceu diversos tipos de imprensa (política, literária, operária, religiosa, humorística, noticiosa), mas nem todas possibilitaram a formação do correspondente jornalismo.

Mais adiante, o autor diferencia imprensa de jornalismo ao dizer que este se configura como

[...] uma prática social componente do processo de formação da chamada opinião pública; prática que, dotada de conceito histórico variável conforme o período, pode estruturar-se de modo regular nos mais diversos meios de comunicação, da imprensa à televisão. [...] O primeiro lugar do jornalismo é a imprensa (RÜDIGER, 2003, p. 11).

O jornalismo, portanto, depende do meio de comunicação para ser praticado. Historicamente, e sem que se entre no mérito da atual crise que envolve o jornalismo impresso, o veículo de comunicação mais antigo e um dos com maior aderência junto à população é o jornal impresso.

Por muito tempo considerada sinônimo de jornalismo de jornal e revista⁴⁰, a imprensa é configurada como um espaço de disseminação de ideias que representam, de alguma forma, os temas da atualidade e o cotidiano, ou seja, o dia a dia dos seres humanos.

⁴⁰ Ao não classificar o jornal e a revista como meios de comunicação de massa no Brasil, Sodré (1999), na página IX da abertura da obra *História da imprensa no Brasil*, deixa clara tal consideração: "é preciso, desde logo, compreender e aceitar que a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo."

Nos primórdios, os jornais eram lançados por iniciativas próprias ou do Estado. O governo, por exemplo, necessitava "[...] estabelecer comunicação com a classe letrada ascendente, cuja atividade era fonte econômica de seu poder." (RÜDIGER, 2003, p. 16).

Aos jornais é atribuída a missão de prestar serviço à comunidade onde estão inseridos. A possibilidade da troca de informações entre o emissor e o receptor integra esse serviço prestado pela comunicação social.

Conforme Antonio Hohlfeldt (2012, p. 235), "a comunicação social, contudo, preocupa-se apenas com aqueles processos comunicacionais que se dão exteriormente, em sociedade."

Mário Erbolato (1982, p. 24) entende que um dos grandes benefícios da comunicação social seja o de esclarecer o ser humano: "[...] os comunicadores exercem um magistério: ensinam populações, no dia-a-dia de suas atividades, esclarecendo-as e orientando-as".

O mesmo autor, ao citar Luiz Campos Martinez, afirma que, além desse vínculo entre comunicar e informar, há, também, uma relação direta entre influência e poder. Nota-se:

A multiplicação dos meios de comunicação cria uma rede sutil que envolve o homem onde quer que se encontre e o submete à sua influência e poder. Por mais medíocre que seja o ser humano, ele *sente* a necessidade de receber *mensagens*, sejam elas pessoais, ou através de veículos e meios apropriados. (ERBOLATO, 1982, p. 24, grifos originais).

É importante afirmar que o aparato tecnológico existente em cada época se configura como a base para que tais objetivos se tornem possíveis. Quanto mais evoluída for a tecnologia da informação, mais se tornam práticas, velozes e eficazes as conexões entre a informação e o público.

Kenia M. M. Pozenato e Loraine S. Giron (2004) estabelecem importante relação entre a atual conjuntura da comunicação contemporânea e o contexto existente nas primícias da imprensa na Serra gaúcha que, ressalta-se, nasceu a partir do lançamento dos primeiros jornais impressos. As tecnologias que chegariam a desenvolver mais adiante o rádio e a televisão sequer existiam à época.

Conforme as autoras,

hoje, são múltiplos esses veículos, que abrangem desde um simples panfleto até a internet. Mas isso não foi sempre assim. Até meados do século XX, eram grandes as dificuldades de comunicação para grandes públicos. Esta se fazia pelo boca a boca dos púlpitos das igrejas ou em reuniões – políticas ou não. (POZENATO; GIRON, 2004, p. 13).

Pode-se afirmar que a história da comunicação social na região da Serra gaúcha confunde-se com o próprio desenvolvimento da cidade e região.

Conforme Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2008), em um contexto mais amplo também se verificam conexões entre as histórias da comunicação e da própria nação brasileira, que

[...] nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão lavrada em 1808⁴¹, mas também é veículo para a reconstrução do passado. [...] Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 8).

O jornal impresso, primeiro veículo de comunicação a se consolidar no Brasil, assumiu papel pioneiro na capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, na atual maior cidade do interior do estado, Caxias do Sul e, também, em outras cidades do estado. As épocas em que o jornal impresso assumiu tal protagonismo, porém, não coincidem.

Conforme Rüdiger (2013), em 1827 foi lançado o *Diário de Porto Alegre*, primeiro jornal da Província de São Pedro do Rio grande do Sul. Já em Caxias do Sul, O *Caxiense* foi lançado em 15 de outubro de 1897, exatos 70 anos após o surgimento do primeiro periódico da então província.

Na Serra gaúcha, o jornal impresso nasceu e se enraizou com a participação fundamental dos imigrantes, que passaram a ocupar a região de Caxias do Sul a partir de 1875. À época, a região da Serra gaúcha foi ocupada por imigrantes europeus, sendo grande parte deles de origem italiana.

Conforme Roberto Radünz e Tiago Aguiar Cardoso (2018, p. 191), tais imigrantes eram provenientes

⁴¹ A *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 10 de setembro de 1808 sob a Imprensa Régia (criada por Dom João VI), é considerada por alguns estudiosos como o primeiro jornal do País. É de se destacar, porém, que em primeiro de junho do mesmo ano, Hipólito José da Costa lança, em Londres, o *Correio Brasiliense*, também considerado como o marco inicial do jornalismo brasileiro.

[...] de áreas rurais e urbanas. Através do Atlântico, carregavam suas tradições e inclinações políticas. Nessa bagagem, merece destaque a orientação católica, quase hegemônica em termos de orientação religiosa. Oriundos de áreas urbanas da Itália alguns imigrantes trouxeram orientações da modernidade: liberalismo, socialismo e anarquismo.

Nas palavras de João Cláudio Arendt, Letícia Lima e Roberto Menegotto (2017, p. 196),

após o início da colonização italiana na encosta nordeste do Rio Grande do Sul, [...] o governo brasileiro procurou difundir informações sobre a política e a economia nacionais entre a população imigrada. O propósito era tanto evitar que os imigrantes permanecessem isolados em meio à floresta de araucárias no alto da Serra Gaúcha, quanto incentivar sua integração à vida nacional. [...] De um modo geral, sabe-se que era comum o desejo dos colonos de receberem notícias da pátria deixada na Europa e, posteriormente, também do Brasil. Com isso, não demorou para que surgisse a imprensa escrita em Caxias do Sul.

Percebendo que determinado público sentia necessidade de receber informações de sua terra natal, a perspicácia de alguns empreendedores ligados a partidos políticos da época fez com que os primeiros periódicos fossem criados.

Luís Antônio Giron (2004) afirma que os imigrantes italianos foram objeto de disputa entre periódicos que começaram a veicular na região já a partir de 1890.

A lenta tentativa de conquista de corações e mentes dos imigrantes pelos partidos políticos gaúchos travou-se nas ruas e no seu reflexo imediato: jornais, pasquins e estafetas que começaram a se produzir nas antigas colônias a partir do fim da década de 90 (do ano 1800). (GIRON, 2004, p. 11).

Assim, a imigração italiana foi motivo para o surgimento de periódicos como é o caso do centenário jornal *Correio Riograndense*, que, dentre outras temáticas, sempre destinou espaço em suas publicações a assuntos que envolviam o homem do campo.

De maneira geral, e já considerando manifestações verificadas nas cidades mais importantes do estado à época, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, o jornalismo político-partidário gaúcho surge por volta do terceiro quarto do século XIX, época que precede, portanto, a da imigração italiana na região da Serra gaúcha.

Conforme Rüdiger (2003, p. 35):

não foram poucos os tipógrafos⁴² que conquistaram cargos políticos, de modo que logo a propriedade de um jornal se tornou meio de ascensão política. [...] partidos políticos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiram as redações, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidava a racionalidade em seu funcionamento.

Algo que se pressupõe necessário apontar acerca da relação entre os periódicos é a marca da rivalidade entre determinados empreendimentos jornalísticos.

Conforme Judith Brito (2009), havia uma relação de desunião entre os periódicos, tanto em contextos mais próximos (ou seja, entre periódicos de uma mesma cidade, por exemplo) quanto em âmbitos estaduais e nacionais. Conforme o autor,

[...] os jornais brasileiros eram desunidos e, por razões de mercado, tendiam sempre a privilegiar o enfrentamento de seus concorrentes, em vez de buscar a defesa dos interesses comuns. A imensa rivalidade entre os títulos de uma mesma cidade ou estado contaminava as relações pessoais dos seus proprietários e minava o pensamento associativo. (BRITO, 2009, p. 43).

É importante destacar o que Marialva Carlos Barbosa (2007, p. 17) afirma ao se referir aos primórdios da imprensa no Brasil – meados da primeira metade do século XIX – sobre o papel dela na ordem do controle social: "Há que se perceber também o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente."

Tal função, entende-se, também se verificava no contexto dos primórdios da comunicação do estado do Rio Grande do Sul e da Serra gaúcha.

Posteriormente, e já instalados na região da Serra gaúcha, os imigrantes italianos passaram de objeto de disputa a responsáveis pela produção de seus próprios periódicos. Entende-se que tal iniciativa pode ser relacionada com o que Antônio Hohfeldt (2012) chama de "caráter social proeminente da comunicação": "como o ser humano é, além do mais, eminentemente social, isto é, ele é incapaz de viver isolado e solitário, decorre daí o fato de ser o fenômeno da comunicação também um fenômeno social." (HOHLFELDT, 2012, p. 61).

⁴² Tipografia "é o ato de comunicar por meio de letras impressas de forma ordenada. Tipo é o desenho de determinada letra. O *linotipo* foi o primeiro sistema mecânico de composição de tipos criado, em 1880, por Otmar Mergenthaler." (BRASILIANSE, 2010, p. 1185, grifo do autor). O verbete é conceituado também como o "conjunto de procedimentos artísticos e técnicos que abrangem as diversas etapas da produção gráfica (desde a criação dos caracteres até a impressão e acabamento)." (HOUAISS; VILLAR 2009, p. 1846).

Além de informativos, literários e críticos – às vezes com severas e claras inclinações políticas – os jornais que surgiram nos primórdios da imprensa da região da Serra gaúcha também apresentavam viés religioso.

Giron (2004, p. 11-12) ainda afirma que

é emocionante entender como os padres capuchinhos, que passaram a acompanhar os imigrantes, a partir de 1897 criaram o *Staffetta Riograndense*, mais tarde rebatizado de *Correio Riograndense*, até hoje em atividade⁴³, em que os colonos encontraram conforto espiritual, conselhos para agricultura, informação em português e italiano sobre fatos locais e internacionais e até mesmo romances de folhetim em dialeto vêneto, como Nanetto Pipetta.

Antes do *Staffetta*, o jornal *O Caxiense*, em 15 de outubro de 1897, marca o início da imprensa escrita da região, sendo o primeiro da região da Serra gaúcha.

À época, a região já contava com cerca de 80 mil habitantes que ocupavam distritos e municípios. Tal fato, "[...] aliado à existência de um bom número de possíveis leitores, viabilizou a fundação da imprensa regional". (ARENDDT; LIMA; MENEGOTTO, 2017, p. 197).

Nesse mesmo período, uma imprensa de resistência se verificava na região. Algumas produções, inclusive, eram veiculadas de forma anônima. (POZENATO; GIRON, 2004).

Com o passar dos anos, alguns periódicos que existiram desde as origens da imprensa se modificaram, não mais sendo publicados com textos em língua italiana, em busca da "nacionalização do leitor imigrante" (GIRON, 2004, p. 11).

Algo que se pôde verificar desde o princípio da imprensa escrita de Caxias do Sul e região é o não profissionalismo de seus colaboradores: "Na região, no início do século XX, não havia jornalista profissional. Eram diletantes que escreviam suas matérias em casa, levando-as depois para serem publicadas no jornal." (POZENATO; GIRON, 2004, p. 35). É importante afirmar que as características desse cenário se alteraram somente a partir de meados da metade do século XX.

A importância da imprensa para a cidade pode ser notada, também, a partir do número de periódicos que circularam na época dos primórdios da imprensa da cidade.

⁴³ Em fevereiro de 2017, o *Correio Riograndense* encerrou suas atividades como mídia impressa, passando a existir exclusivamente na versão online em <http://www.correioriograndense.com.br>.

Com linhas editoriais independentes ou vinculadas a partidos políticos, aos interesses da colônia, ao humor, à literatura e à religião, Caxias do Sul ostentou 19 jornais dentre os anos 1897 e 1914 e 18 periódicos dentre os anos 1914 e 1930. Entre os anos 1930 e 1945, a cidade contou com 12 periódicos, 75% das publicações existentes na região. (POZENATO; GIRON, 2004).

Muitos desses jornais, porém, tiveram vida curta. A efemeridade da participação de diversos periódicos na história da imprensa da cidade é algo que se verificou desde o princípio, quando do lançamento *d'O caxiense*.

Trata-se de um fenômeno que perpassa a história da imprensa escrita da cidade. Razões socioeconômicas e políticas são atribuídas a esse quadro segundo Jimmy Rodrigues (1988), que cita alguns periódicos, consolidados com a evolução da imprensa da cidade, como exemplos. Veja-se:

Não é fácil, por exemplo, manter um jornal de oposição ao "stablissement". E sem dinheiro, não há empreendimento que resista. Veja-se o caso dos jornais que sobreviveram: "Pioneiro" somente equilibrou-se financeiramente, depois de atravessar fase difícil, quando desvinculou-se de qualquer tipo de orientação político-partidária e passou a ser jornal eminentemente comercial. [...] "Correio Riograndense" não dependeu nem de qualquer instabilidade político-partidária, nem de fatores econômicos, já que pertence a uma ordem religiosa economicamente forte [...]. Nota-se que os jornais que surgiram anteriormente e desapareceram não possuíam, efetivamente, estrutura econômica e profissional para se manterem, com exceção, talvez, do "Diário do Nordeste" que teve efêmera existência por motivos que não teriam sido, propriamente, apenas de ordem econômica. (RODRIGUES, 1988, p. 68, grifo do autor).

Devido à evolução econômica de Caxias do Sul verificada em meados da década de 1950, a maior cidade da região da Serra gaúcha já exigia uma "imprensa nova", mais moderna e

[...] menos interessada na política partidária local, mais voltada para a economia e a cultura. Imprensa que deveria divulgar e registrar não apenas questões locais, uma imprensa aberta à nova realidade nacional e mundial. (POZENATO; GIRON, 2004, p. 122).

Mesmo que exigisse uma "imprensa nova", aberta "à nova realidade nacional e mundial", a região da Serra gaúcha não teve o privilégio de não presenciar a existência de práticas de censura por parte da imprensa.

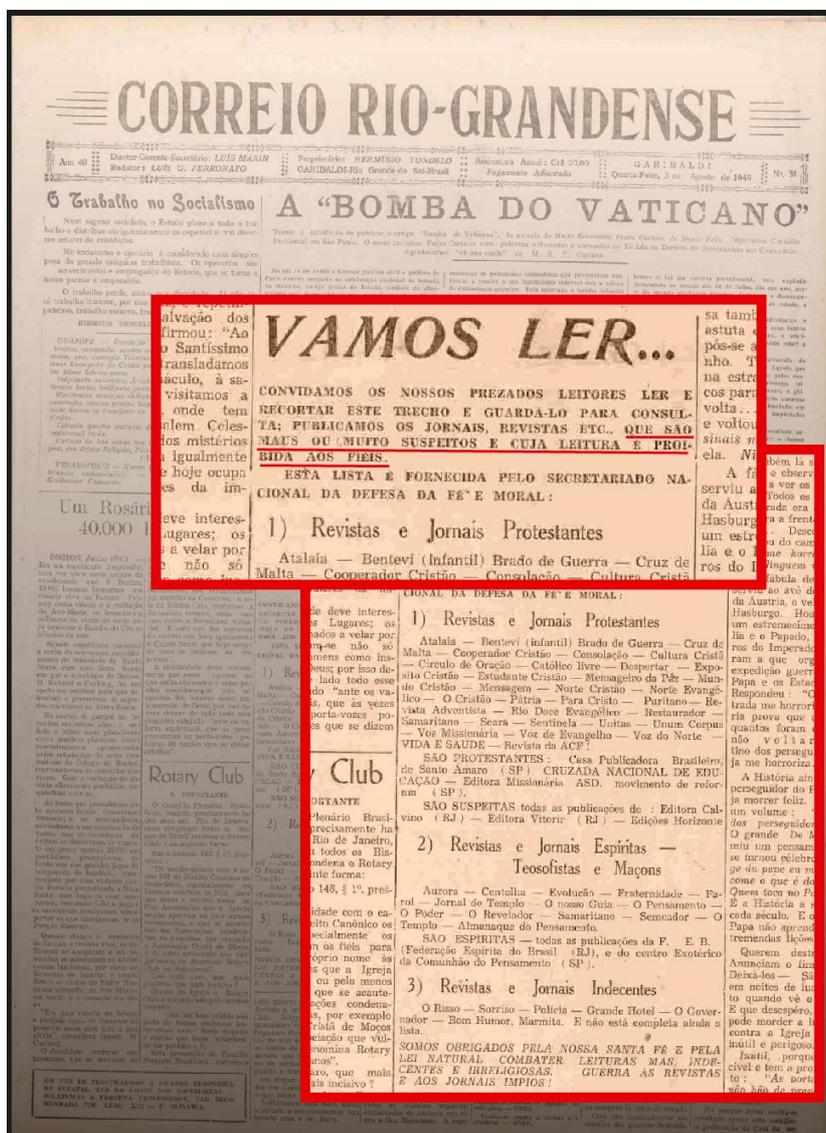
O *Correio Riograndense* pode ser citado como exemplo da censura aplicada pela imprensa local. Acredita-se que o exemplo seja suficiente para estabelecer

reflexões sobre o assunto que, mesmo não sendo mote da presente pesquisa, é considerado sobremaneira importante.

O *Correio* elencara, em 1949, uma série de jornais, revistas e casas editoriais que sua linha editorial considerava "suspeitos". As informações foram estampadas na capa do jornal (que segue ilustrada na sequência com fragmento do trecho em destaque). (ARENDDT; LIMA, MENEGOTTO, 2017).

A leitura era, portanto, proibida aos fiéis católicos (como já visto o jornal era ligado à Igreja Católica). Intencionalmente, a ideia do jornal era aderir a uma campanha que pretendia "moralizar" a imprensa.

Ilustração 6 – Capa *Correio Riograndense* (ago. 1949)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

Arendt, Lima e Menegotto (2017, p. 206-207) ponderam que

a censura impetrada pelo jornal Correio Riograndense a obras, editoras, autores e periódicos deixa entrever, por exemplo, que a postura assumida por esse periódico de circulação regional não se encontrava isolada dos acontecimentos nacionais, já que o governo federal, por meio de decretos e portarias, igualmente procurava controlar e moralizar a cultura artística brasileira. Nesse sentido, a censura e a biblioclastia não se restringem a uma iniciativa isolada da igreja católica brasileira ou à Ordem dos Capuchinhos da Serra Gaúcha.

No contexto nacional da época, tais movimentos de censura praticada "por" meios de comunicação ou imposta "a" meios de comunicação se fizeram presentes no período da ditadura civil-militar (1964-1985), época que abarcou praticamente todo o recorte temporal proposto por esta pesquisa (1963 a 1983).

Em função de tal aproximação entre o período de exceção vivido pelo País e o recorte temporal da pesquisa, julga-se importante tecer algumas considerações acerca do regime militar de 1964 e da censura ao jornalismo impresso de jornal, objeto de estudo desta tese. Nesse sentido, pensa-se na possibilidade de encontrar elementos para a análise que seguirá.

A ditadura civil-militar no Brasil foi responsável, para citar alguns exemplos, por inúmeras manifestações de cerceamento da liberdade de pensamento e expressão dos cidadãos brasileiros (profissionais, ou não, da Comunicação), além de perseguições e torturas a políticos e jornalistas, iniciativas que afetaram consideravelmente a prática do jornalismo e as rotinas dos veículos de comunicação do País.

Segundo Susel Oliveira da Rosa (2005, p. 2), "a censura atuava de forma mais ou menos rigorosa, não tendo, portanto, uma atuação homogênea. Em alguns órgãos foi uma censura política, em outros, econômica, e, por vezes, até pessoal." É possível afirmar que a censura pode ser considerada um dos pilares da repressão imposta pela ditadura de 1964. O objetivo era silenciar as críticas da imprensa ao governo.

Ao longo dos 21 anos do regime militar, houve momentos em que a censura se fez presente com mais intensidade, outros com menos. Ela foi mais branda nos anos que se avizinharam da segunda metade dos anos 80, período em que o processo de redemocratização do País se encontrava já em curso. É importante destacar que no período que precedeu o golpe militar, o País vivia um momento de radicalização política de classes, com disputas políticas acirradas e frequentes.

Sem dúvidas, a partir de 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5, a censura se intensificou, período em que o governo conquistou um poder de controle significativo em relação à imprensa.

Conforme Carlos Fico (2004), o período histórico em questão conviveu não com uma censura, mas com duas. Nota-se:

Não houve uma censura durante o regime militar, mas duas. A censura da imprensa distinguia-se muito da censura de diversões públicas. A primeira era "revolucionária", ou seja, não regulamentada por normas ostensivas. Objetivava, sobretudo, os temas políticos *stricto sensu*. Era praticada de maneira acobertada, através de bilhetinhos ou telefonemas que as redações recebiam. (FICO, 2004, p. 37).

A ditadura civil-militar de 1964 compreende um período inserido na dinâmica do movimento do anticomunismo, da reação internacional contra o avanço do socialismo e da Guerra Fria. (KONRAD, LAMEIRA; LIMA, 2013).

Nas palavras de Fico (2004), uma "utopia autoritária" aspirava eliminar o comunismo, a subversão e a corrupção

Segundo o autor,

[...] só o estudo conjunto dos pilares básicos da repressão (espionagem, polícia política, censura da imprensa, censura de diversões públicas, propaganda política e julgamento sumário de supostos corruptos) permite compreender que, a partir de 1964, gestou-se um projeto repressivo global, fundamentado na perspectiva da "utopia autoritária", segundo a qual seria possível eliminar o comunismo, a "subversão", a corrupção etc. que impediriam a caminhada do Brasil rumo ao seu destino de "país do futuro". (FICO, 2004, p. 36)

É significativo destacar que na imprensa brasileira dos "anos de chumbo" alguns jornais ocuparam papéis de destacada resistência ao "silêncio" imposto, de maneira geral, à imprensa nacional. Trata-se da função desempenhada pela "imprensa alternativa", composta, por exemplo, por jornais de pequeno porte mantidos por jornalistas, estudantes, intelectuais e políticos afastados pelo regime militar.

Susel Oliveira da Rosa (2005), afirma que

quando falamos em imprensa alternativa, logo vem à mente jornais como *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Lampião da Esquina*, *Em Tempo*, *Brasil Mulher*, *Beijo*, *Ex*, *Versus*. Esses são alguns dentre os muitos jornais alternativos que circularam entre os anos de 1964 a 1984 no Brasil, e que ousaram romper com o silêncio que recaía sobre a grande imprensa. (ROSA, 2005, p. 1).

No período que precede o golpe militar brasileiro de 1964 e contemporâneo à outra ditadura implantada no Brasil, a da Era Vargas (1937-1945), o contexto da imprensa escrita do estado nas primeiras quatro décadas do século XX foi marcado pela chamada fase de "transição para a modernidade" da imprensa dos grandes centros do Rio Grande do Sul. (RÜDIGER, 2003).

A época deve ser considerada a de avanços da parte gráfica e editorial dos periódicos e da conquista de certa independência por parte dos periódicos. Conforme o Rüdiger (2003, p. 72-73)

[...] se formou um novo regime jornalístico em detrimento não só da imprensa político-partidária, mas da própria imprensa literário-noticiosa. [...] Entre 1910 e 1940, não foram poucas as folhas de boa feitura gráfica e conteúdo editorial de qualidade que procuraram conquistar um espaço nos quadros do novo jornalismo gaúcho, principalmente em Porto Alegre. Na capital, a modernização das relações sociais havia progredido, possibilitando uma diminuição da dependência da imprensa em relação ao campo político, conforme patenteava a trajetória do *Correio do Povo*⁴⁴.

São dessa época, também, duas ações que contribuíram para o avanço do jornalismo e da própria profissão: em 1936, a reconstrução da Associação Rio-Grandense de Imprensa; em 1942, a criação do Sindicato dos Jornalistas.

Ainda segundo Rüdiger (2003), de 1937 (início do Estado Novo) até 1962, a fatia de participação dos jornais porto-alegrenses na tiragem total de periódicos do estado subiu de 25% para 60%, o que acaba atestando a hegemonia da produção jornalística da capital em relação à do interior.

Tal fato se deu, principalmente, porque a lógica de sustentação da imprensa escrita do interior foi extraída da política. A ditadura de Getúlio Vargas proibira a existência dos partidos políticos e suspendera a publicação de seus órgãos de imprensa. A liberdade de imprensa, assim, fora reprimida pelo novo regime político. "Quando ela [a política] entrou em eclipse, a atividade sofreu uma profunda depressão". (RÜDIGER, 2003, p. 89).

⁴⁴ Walter Galvani (1995) afirma que o próprio desenvolvimento do jornalismo moderno do estado está ligado ao nome do jornal, ratificando a importância do periódico para a história da imprensa escrita do estado. O periódico foi fundado pelo sergipano Caldas Júnior. Juntamente com o *Diário de Notícias*, o *Correio*, como era comumente chamado, foi um periódico hegemônico na imprensa do estado.

Os periódicos que quisessem manter a existência, necessariamente, deveriam se tornar noticiosos. "[...] Os velhos jornais foram desaparecendo, apesar das tentativas de se modernizarem." (RÜDIGER, 2003, p. 89).

Configurou-se, assim, uma nova fase da imprensa, caracterizada pelo desprendimento de características político-partidárias e pela absorção de traços empresariais.

Conforme João Claudio Arendt e Aline Brustolin Cecchin (2018, p. 154)

A partir de então, os jornais não objetivavam apenas difundir ideais políticos, mas também constituir-se como empresas que procuravam assinantes e anunciantes para a sua manutenção e, possivelmente, angariar algum tipo de provento. Além das mudanças da imprensa, a economia regional passava por transformações, influenciada pela economia nacional da Era Vargas, que almejava desenvolver um capitalismo de natureza industrial no país.

No que se refere ao panorama da imprensa interiorana, Rüdiger (2003) ainda estabelece precisa síntese que cita os periódicos que mais logravam sucesso à época, transformando o panorama da imprensa interiorana do Rio Grande do Sul. Dentre eles, figura um periódico caxiense: *O Pioneiro*.

Conforme o autor, merecem menção os jornais: "*A Razão*, o *Jornal do Povo* (Pelotas, 1938-1949), a *Folha da Serra* (Cruz Alta, 1937-1966), a *Folha do Povo* (Rio Grande, 1939-1955), *O Nacional* (Passo Fundo, 1925), o *Diário da Manhã* (Passo Fundo, 1935) e *O Pioneiro* (Caxias do Sul, 1948)". (RÜDIGER, 2003, p. 88).

Concomitantemente à circulação da maioria desses periódicos, pode-se afirmar que um reflexo da evolução da imprensa caxiense foi o lançamento do primeiro jornal diário da cidade, o *Diário do Nordeste*, que circulou a partir de 1951. Com duração relativamente curta, em 1954 o jornal deixou a cidade sem nenhum periódico diário, fato que se manteve até 1981, a partir da alteração da periodicidade de circulação do jornal *Pioneiro*.

Conforme texto publicado na edição de setembro de 1959, no jornal *Caxias Magazine*, à época a cidade exigia novamente um "jornal diário". O texto, mesmo que não ofereça dados para a devida comprovação das informações, é claro ao contextualizar a Caxias do Sul de então quanto a sua situação no campo econômico.

A cidade é projetada como importante município no cenário econômico do estado e do País. Veja-se:

Caxias do Sul, graças ao dinamismo dos seus filhos, é hoje um dos maiores centros econômicos do país. As vendas de nosso comércio, segundo revelam as estatísticas, são das maiores do país, superando mesmo a de várias capitais do Brasil. Nossa produção, [sic] é a maior do interior do Rio Grande do Sul e das maiores do Brasil. Caxias do Sul, segundo os entendidos em estatística, será, dentro de poucos anos, a segunda cidade do Rio Grande do Sul. Apesar de tudo isso, os leitores de outras cidades por certo se espantarão, não existe um jornal diário na Metrópole do Vinho. Não se justifica que uma zona com contingente populacional muito grande e que economicamente é das mais desenvolvidas do Brasil não possua o seu jornal diário. (CAXIAS MAGAZINE, 1959, p. 13).

De maneira geral, pode-se dizer, conforme Pozenato e Giron (2004), que as décadas de 1960, 1970 e 1980 marcam a existência de uma imprensa mais profissional, moderna e sem vínculos diretos com partidos políticos.

Nesse contexto, destacam-se, portanto, a maior existência de espaço nos periódicos para a manifestação das ideias de seus colaboradores e o desenvolvimento de parques gráficos que abrigavam novas tecnologias para a impressão dos jornais.

No final dos anos 1960, o contexto do jornalismo interiorano apontou para um movimento de organização. Suas origens aludem à fundação da Associação dos Jornais do Interior⁴⁵ (1962). Investimentos em maquinários e concentração de capital foram as bases desse movimento. Diversas empresas do interior do estado conquistaram posições de destaque no mercado de jornais. (RÜDIGER, 2003).

É pertinente ressaltar que diversos fatores se alteraram na relação histórica entre literatura e imprensa. O espaço para a publicação de manifestações literárias em jornais, talvez, tenha sido o mais afetado. Como exemplo já reiterado, cita-se o fato de que, no início, romances eram publicados como folhetins nos jornais e, já no período que comporta o recorte temporal desta tese, pôde-se encontrar, inclusive, jornais que sequer mantinham publicações de crônicas (mesmo que não literárias), como é o caso, por exemplo, dos jornais *Aurora Jornal* e *Assessôr*.

Travancas (2001) afirma que os "jornais da sociedade moderna"

⁴⁵ Conforme o *site* da Associação, "a entidade foi fundada em 7 de setembro de 1962, em encontro de diretores de jornais do interior, na cidade de Novo Hamburgo, com a denominação de 'Clube de Diretores dos Jornais do Interior do Estado do Rio Grande do Sul'. (ADJORI-RS, 2019). Hoje, se chama Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul (Adjori-RS). No âmbito estadual e nacional, é de destaque a fundação, em 1979, da Associação Nacional de Jornais, (ANJ). Dos representantes do estado do Rio Grande do Sul no momento da fundação, figuravam Maurício Sirotsky e Fernando Ernesto Corrêa, representando o jornal *Zero Hora*, e Francisco Antônio Caldas, à frente do *Correio do Povo*. (BRITO, 2009).

[...] concentraram a sua atenção para a notícia e a reportagem nas diversas editoriais. O espaço para crônicas [que já ocupara, como visto, lugar de destaque no processo de desenvolvimento da imprensa do início do século], poesias, publicação de trechos de romances reduziu-se enormemente. A influência de uma linguagem mais "literária" também foi desaparecendo dos jornais, assim como os escritores se tornaram presenças mais raras em suas páginas. O jornal-empresa virou modelo e o jornalista assalariado seu elemento principal. (TRAVANCAS, 2001, p. 150).

É possível perceber que, de maneira geral, tal panorama, também, abrange a época de publicação dos periódicos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa (1963 a 1983).

Sem se desvincular de características que a configuram como meio significativo de influência e controle social, a imprensa escrita da época mantinha-se, assim, como importante meio para a disseminação de ideias e prestação de serviços e esclarecimentos às comunidades inseridas em seu contexto.

Segundo o acervo de jornais do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, de 1963 a 1983, Caxias do Sul teve 14 jornais⁴⁶. São eles: *A Vanguarda*, *Aurora Jornal*, *Assessôr*, *Boletim Eberle*, *Basilino*, *Caxias Magazine*, *Correio Riograndense*, *Ecos do Mundo*, *Folha Popular*, *Folha Regional*, *Jornal de Caxias*, *Jornal do Progresso*, *Nosso Mundo* e *Pioneiro*.

Apenas os periódicos *Correio Riograndense* e *Pioneiro* – esse considerado no princípio da década de 1980 a 5º empresa jornalística do estado e a 2º do interior (PIONEIRO, 1981) – tiveram publicação regular durante todos os anos que compõem o recorte temporal proposto para esta pesquisa. Os jornais *Caxias Magazine*, *Assessôr* e *Jornal de Caxias* também permaneceram por tempo considerável em atividade.

3.1 OS JORNAIS E SUAS LINHAS EDITORIAIS

A seguir serão apresentadas, em linhas gerais, algumas das características dos jornais que compõem o *corpus* desta pesquisa. As informações referem-se aos jornais circulantes no recorte temporal proposto que publicavam, sistematicamente, ou não, crônicas literárias.

⁴⁶ Conforme Pozenato e Giron (2004), porém, o jornal independente *O Semeador* também faria parte do conjunto de jornais publicados ao longo desse recorte temporal. O periódico não foi considerado como objeto desta pesquisa pois não há registro de suas edições no acervo do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.

Algumas das particularidades aqui estudadas em cada periódico serão: o preço convertido à moeda atual da edição ou da assinatura⁴⁷; a tiragem aproximada; a forma de distribuição; o número de páginas médio e aproximado das edições; a periodicidade; a duração da publicação.

Neste subcapítulo, também é dado tratamento especial ao levantamento de informações acerca das linhas editoriais de cada um dos jornais, a partir, especialmente, de editoriais dos próprios periódicos.

Em cada seção que expõe as referidas características de cada jornal, uma capa da edição do periódico (geralmente a de estreia) será exposta como ilustração.

Sobre as informações a respeito do tempo de duração dos jornais, é importante ressaltar, novamente, que esta investigação se baseia, impreterivelmente, no conteúdo dos periódicos arquivados no *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, sem que haja o envolvimento do pesquisador em pesquisas complementares a outros acervos.

Antes de dar sequência ao capítulo, entende-se que seja importante conceituar os termos editorial e linha editorial, pois há uma recorrência considerável de utilização deles nesta tese e ambos são muito comuns no universo da Comunicação Social –principalmente no universo das questões que envolvem a área do Jornalismo. Para isso, adotam-se ideias de Rafael D. O. Venancio (2009) e Melo (2003).

Segundo Venancio (2009, p. 166), entende-se por "'linha editorial', a manifestação real das ideias dos jornais. [...] É a manifestação da opinião do jornal acerca do mundo, que influencia a construção de editoriais⁴⁸ e que pode ou não influenciar na construção das notícias."

Já para Melo (2003, p. 103), editorial é um gênero jornalístico "[...] que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. [...] Popularmente se diz que o editorial contém a opinião do dono ou da emissora de radiodifusão".

⁴⁷ Os índices considerados para a atualização do valor das moedas vigentes à época de venda dos jornais foram: IGP-DI, IPCA e INPC. Os cálculos foram realizados a partir do *site* da Fundação de Economia e Estatística, a FEE, disponível em <https://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

⁴⁸ Como "editorias", termo citado por Venancio (2009), entende-se a divisão temática do jornal que agrupa assuntos de interesse. Em algumas oportunidades, também, tais editorias são organizadas em cadernos ou suplementos. Algumas editorias mais comuns são: geral, cidade, política, polícia, esportes, cultura e economia, dentre outras.

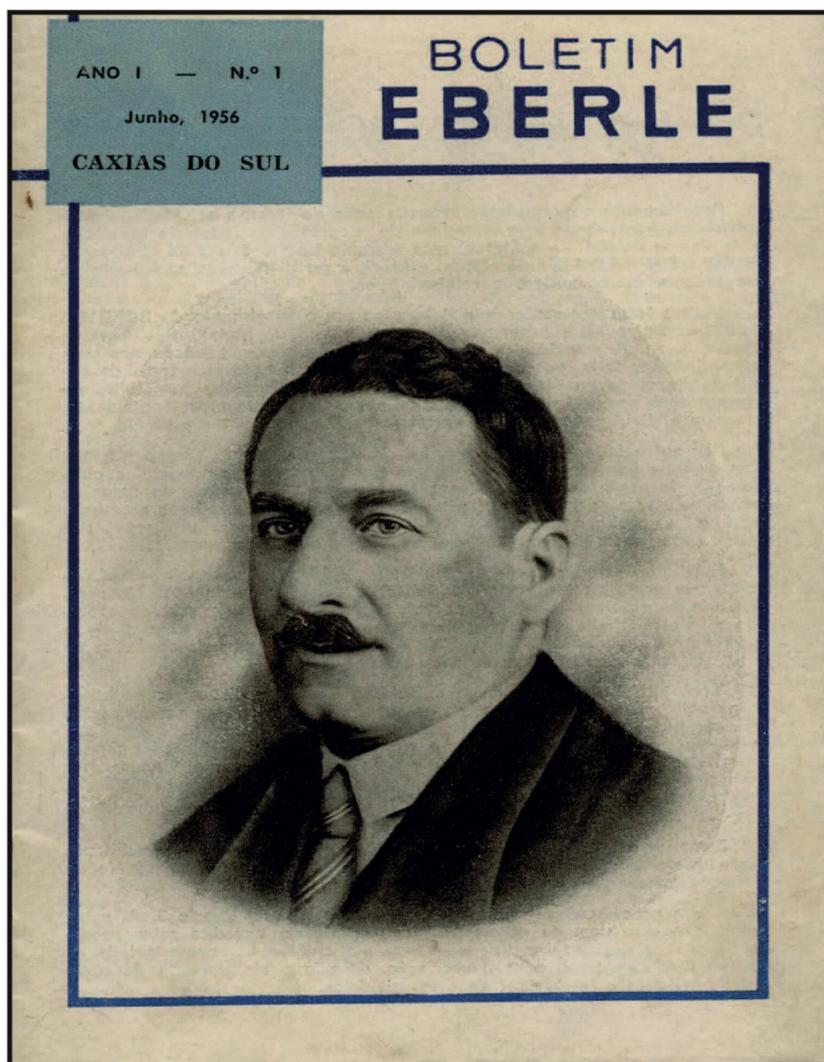
Ao todo, sete periódicos que abrigam crônicas serão objeto de estudo. Todos os jornais apresentaram publicação regular no recorte temporal da pesquisa.

3.1.1 O informativo *Boletim Eberle*

Ao completar 60 anos de atividade, em 1956, a Metalúrgica Abramo Eberle S.A., histórica empresa do ramo da metalurgia de Caxias do Sul, passa a divulgar o *Boletim Eberle*. Gratuito, o informativo era distribuído entre colaboradores e "amigos" (pessoas consideradas próximas à empresa).

A seguir, nota-se uma imagem que ilustra a capa da primeira edição do boletim.

Ilustração 7 – Capa *Boletim Eberle* (jun. 1953)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Inicialmente, a periodicidade de publicação do informativo era mensal, porém, após alguns anos de atividade, a circulação passou a ser bimensal. A cada edição, a tiragem era de 4.000 exemplares. O diretor responsável pelo informativo era Júlio J. Eberle⁴⁹.

O texto intitulado "Das finalidades do BOLETIM EBERLE", publicado em sua edição de estreia, trata de algumas garantias e objetivos almejados com a publicação.

Conforme o excerto, a iniciativa visava a

proporcionar a todos os seus colaboradores e amigos, uma leitura sadia e instrutiva. Ainda mais, visa divulgar um pouco das coisas de nossa indústria, de nossa terra e de nossos costumes. [...] Será, sem dúvida alguma, êste boletim, mais um meio a desenvolver a cooperação e o espírito de camaradagem entre os empregados. Mais um elo a congregar e vincular os interesses de todos. Mais um meio de comunicação e aproximação entre a Direção e os Empregados. [...] Será um orientador seguro e fiel dos princípios e normas que devem nortear nossas atividades, nos inúmeros setores da vida moderna." (BOLETIM EBERLE, 1956, p. 3).

O boletim agrupava notícias sobre a cidade e a região – que envolviam, via de regra, a empresa e seus colaboradores –, além de informações sobre festas internas e aniversário de colaboradores.

Efemérides em geral, cartas e um espaço destinado a anedotas, parábolas e charges também ocupavam o espaço do informativo. O conteúdo literário presente no informativo, por vezes intitulado "Página Literária", era composto, geralmente, por crônicas, poemas, sonetos e contos.

Devido à não uniformidade das publicações quanto ao número de páginas, somente é possível afirmar que, em média aproximada, as edições possuíam 16 páginas. Conforme acervo digitalizado do Centro de Memória de Caxias do Sul, o *Boletim Eberle* foi publicado de 1956 a 1965.

3.1.2 O jornal *Caxias Magazine*

Segundo esse mesmo acervo, o *Caxias Magazine* foi um jornal que circulou por doze anos, de 1958 a 1970. Com periodicidade semanal⁵⁰ (POZENATO; GIRON,

⁴⁹ Conforme Lopes de Oliveira (2015), Julio João Eberle foi um dos empresários mais influentes de Caxias do Sul. Filho de Abramo Eberle, importante empresário da cidade, "sua carreira profissional teve como destaque a administração da metalúrgica do pai, principal parque fabril da cidade e um dos mais importantes do Brasil a partir da década de 1950. [...] Ele faleceu em 1987."

⁵⁰ Segundo a capa da edição do *Caxias Magazine*, o jornal passa a ter publicação semanal apenas a partir de 13 de outubro de 1960. "Depois de breve ausência, volta hoje aos lares caxienses o 'Caxias

2004), na passagem dos anos 1959 para 1960, o jornal passa a circular gratuitamente. Antes, ele era vendido ao preço de 3,00 Cr\$⁵¹.

É importante destacar que, desde o lançamento do jornal, a tiragem do jornal era de 3.000 exemplares. A capa da primeira edição encontra-se exposta a seguir.

Ilustração 8 – Capa *Caxias Magazine* (set. 1958)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Na primeira edição do *Caxias Magazine*, o "Jornal Revista da Cidade", como se autointitulava, traz um texto com título homônimo que marca a postura

Magazine', agora circulando tôdas as semanas." (CAXIAS MAGAZINE, 1960, p. 1). A informação atesta que a periodicidade do *Caxias Magazine* nem sempre era contínua.

⁵¹ Equivalente a R\$ 1,08.

independente de sua linha editorial, além de deixar claros seus objetivos. O jornal estreou em setembro de 1958 e era de propriedade de Mansueto Serafini Filho (RODRIGUES, 1988).

"Caxias Magazine" colocará os interesses da coletividade acima dos interesses políticos – partidários. Nascemos e continuaremos sendo um jornal independente que não dará apoios incondicionais e nem fará oposições sistemáticas. Queremos cooperar, com nossa modesta parcela, para o maior desenvolvimento de nossa terra. O nosso modesto mensário é uma fôlha livre, honesta e imparcial. Jamais colocaremos a verdade em segundo plano, negando-a ou silenciando-a. Mostraremos defeitos, mas calaremos virtudes. Não encobriremos os atos bons para somente atacar os atos máus [sic]. O sentimento de justiça governará a nossa conduta. "Caxias Magazine" informará, instruirá e esclarecerá os seus leitores dentro dos princípios democráticos e cristãos. (CAXIAS MAGAZINE, 1958, p. 2).

A partir do discurso oficial do jornal, já que o excerto se configura como um editorial, nota-se que, desde o princípio, o jornal se compromete com a democracia da informação e com a instrução do leitor.

Ao se referir à dificuldade de manter um jornal sem vínculos com empresas e partidos políticos, Mansueto Serafini Filho (1960, p. 3), diretor responsável pelo jornal na maioria de suas publicações⁵² – e também voz oficial do periódico, portanto –, é taxativo:

Nossas colunas não têm e nunca terão preço. Elas jamais serão colocadas a serviço de grupos, sejam da direita, sejam da esquerda. Tudo o que escrevemos atenderá apenas a voz de nossas consciências. Esta será a nossa conduta. Antes de modificá-la abandonaremos a pena, pois é preferível fechar um jornal do que vender uma consciência.

Décio Vianna (1963, p. 2), colaborador do *Caxias Magazine*, deixa clara a postura quase "artesanal" do jornal, cuja "redação" ficava nas dependências particulares da família Serafini Filho:

Quando íamos à sua residência particular⁵³, onde o "Caxias Magazine" tem a sua redação, Redação será um modo de dizer, pois nem acreditamos que tal exista. Jornal de distribuição gratuita não pode dar-se o luxo de ter "redação", nem sede nem oficinas. É impresso ali, empacotado acolá e distribuído por amigos. Não tem casa e não mora em parte nenhuma...

⁵² A direção responsável pelo jornal na primeira edição ficou a cargo de Mansueto Serafini.

⁵³ Aqui, Vianna (1963) refere-se à então recém falecida Maria Artico Serafini, matriarca da família.

Além de crônicas, contos e poemas, o *Caxias Magazine* publicava notícias nas editorias de Política, Sociedade, Cultura, Economia e Esporte. Aproximadamente, 16 era o número médio de páginas das publicações do jornal.

3.1.3 O *Correio Riograndense*

Conforme Loraine S. Giron (2017, p. 15), "o *Correio Riograndense* é um dos mais antigos e respeitados jornais em circulação no Rio Grande do Sul e no Brasil. [...] Com 108 anos de fundação, sua história é tão longa quanto sua importância regional." Mantido pelos Freis Capuchinhos, o jornal sempre tinha uma linha editorial ligada aos preceitos da Igreja Católica.

O periódico teve seu nome alterado diversas vezes ao longo da história. Cleonir Paulo Dalbosco (2017) afirma que, em 13 de fevereiro de 1909, foi fundado como

[...] jornal *La Libertá*. Em 1910, *La Libertá* é transferido para Garibaldi e assume o nome de *Il Colono Italiano*. Em 1917, torna-se *La Stafetta Riograndense*. Em 1941, o nome do jornal é traduzido para *Correio Riograndense*. (DALBOSCO, 2017, p. 2).

É importante destacar que o nome do jornal precisou ser modificado a partir de um ato presidencial, que obrigava a "nacionalização" da imprensa brasileira.

Conforme Arendt, Lima e Menegotto (2017, p. 198), "as línguas estrangeiras e seus dialetos foram proibidos em todos os âmbitos, obrigando os jornais a mudarem seus nomes, extinguirem seções em outros idiomas e publicarem somente em português. Assim, o à época *La Stafetta Riograndense* parou de publicar textos em língua italiana, pois a ação passou a ser proibida no contexto da Segunda Guerra Mundial na qual o Brasil se engajara, ao lado da Alemanha e da Itália.

Conforme Líliliana Alberti Henrichs (1988, p. 77), em 10 de setembro de 1941 o jornal

passa a denominar-se "Correio Riograndense", autorizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, atendendo a Ato do Presidente da República que tornava obrigatória a nacionalização da imprensa no país. O diretor do semanário era Antônio Francisco Bianchi. Até então, era redigido nas línguas italiana e portuguesa. (HENRICHS, 1988, p. 77).

O nascimento do *La Libertá* foi idealizado no final da primeira década do século XX pelo frei Bruno de Gillonnay⁵⁴, chefe da missão capuchinha no RS, e pelo padre Carmine Fasulo, então pároco da cidade de Caxias do Sul, considerado o fundador do periódico. Pode-se afirmar que a ação foi motivada pela então recente chegada dos imigrantes italianos à região de Caxias do Sul.

O jornal propunha divulgar o "santo evangelho" e aconselhar e instruir os colonos italianos. Conforme o idealizador Frei Gillonnay (1976 apud COSTA, 1996, p. 40)

trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos.

Em editorial publicado na última versão impressa do jornal, Dalbosco (2017, p. 2) afirma que

desde o início até os dias atuais, o jornal procurou ser fiel aos seus princípios. Ele nasceu para ser um jornal diferente. Além de falar de Deus e proclamar a sua Palavra, teve seu foco na educação, na cultura, na saúde, na agricultura, na ecologia, na propagação dos valores fundamentais para a vida humana e cristã. (DALBOSCO, 2017, p. 2).

Giron (2017) também esclarece algumas características importantes do jornal, deixando claras informações como a abrangência, periodicidade, tiragem e temáticas abordadas ao longo das páginas do periódico. Segundo a autora,

Desde o início, o *Correio Riograndense* destinava-se aos agricultores de origem italiana que viviam na zona rural dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. Seu conteúdo e distribuição de seções se mantiveram inalterados nos últimos 50 anos, sendo fundamentalmente ligados à cultura dos imigrantes italianos que povoaram esses estados. [...] Sempre foi um semanário. Nos últimos anos, contou com uma tiragem de 12 mil exemplares. [...] Desde sua criação, mantém seções como informações, abordando de forma cosmopolita temas mundiais, nacionais e regionais; artigos de opinião, voltados a assuntos mundiais, nacionais e regionais; saúde, com dicas de tratamentos naturais; agronegócio e agroeconomia; imigração; catolicismo, Igreja e a visão franciscana do mundo e da fé. (GIRON, 2017, p. 15).

⁵⁴ À época da imigração italiana em Caxias do Sul, Frei Bruno de Gillonnay atuou de forma significativa na organização de comunidades rurais na região.

Por óbvio, informações que dizem respeito, por exemplo, à tecnologia utilizada para impressão do jornal, à tiragem do periódico, ao número de páginas e ao preço de venda variaram ao longo dos mais de 100 anos de história do periódico.

Na década de 1970, por exemplo, o *Correio Riograndense* passou por uma fase considerada histórica no que se refere à tecnologia utilizada para a impressão do jornal. Além da edição em formato tabloide, cujo tamanho de página era menor do que o habitual, a rotativa utilizada para a impressão das páginas do jornal possuía a tecnologia *offset*, considerada moderna à época e um avanço para as pretensões do jornal.

Conforme Rodrigues (1988, p. 68), o *Correio Riograndense*, cuja capa de uma edição da época segue ilustrada na sequência, era o "[...] mais moderno dentre os jornais existentes em Caxias, quanto ao equipamento e estrutura".

Ilustração 9 – Capa *Correio Riograndense* (jun. 1970)

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Sobre a sustentabilidade financeira do periódico, Rodrigues (1988) é enfático ao afirmar quais seriam os recursos da sobrevivência do periódico: a não dependência de qualquer agremiação político-partidária e, sim, a vinculação a uma ordem religiosa economicamente forte e a manutenção de um considerado número de fiéis assinantes.

A informação quanto ao número médio de páginas por exemplar do *Correio Riograndense* não é precisa, já que se considera um universo muito amplo de edições do jornal.

Nessa mesma época, o *Correio Riograndense* era considerado o maior semanário do Sul do Brasil, e sua tiragem semanal era de 50 mil exemplares. Em

1978, quando completou 69 anos de idade, o jornal tinha cerca de 40 mil assinantes. De 1963 a 1983, o preço de venda do jornal variou de Cr\$ 1.000,00⁵⁵, assinatura anual do mês de setembro de 1963, ao preço de Cr\$ 200⁵⁶, valor da unidade no mesmo mês do ano de 1983.

Ao longo dos 108 anos de história, diversos nomes figuraram como diretores do jornal. Dos que permanecerem mais tempo à frente do cargo, destacam-se, por exemplo, os nomes de Aldo Colombo⁵⁷, Décio Osmar Bombassaro⁵⁸, Gaudêncio Veronese⁵⁹, Giovanni Fronchetti⁶⁰, José Lorenzi⁶¹, João Carlos Romanini⁶², atual diretor de redação do jornal e Moacir Pedro Molon⁶³.

A "parceria centenária" (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 1) entre leitores e colaboradores das edições impressas do *Correio Riograndense* encerrou em 8 de fevereiro de 2017, quando da publicação da última edição do jornal. Atualmente, como já referido, o *Correio Riograndense* opera exclusivamente na versão online.

3.1.4 *Ecos do Mundo*

Com duração efêmera, o jornal circulou de 1962 e 1964. Conforme o redator do *Ecos do Mundo*, o jornalista Jimmy Rodrigues, o jornal era mantido "[...] pelo Centro

⁵⁵ Equivalente a R\$ 60,01.

⁵⁶ Equivalente a R\$ 5,02.

⁵⁷ Frei Aldo Colombo tem formação em Filosofia, Teologia e Comunicação (PUC-RS), e foi diretor do jornal em 1980 e de 2004 a 2012 (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 11). No mesmo periódico, atuou, também, como colunista.

⁵⁸ Décio Osmar Bombassaro é licenciado em Letras pela UCS, especialista em Filosofia pela mesma instituição e mestre na mesma área pela PUC-RS. Jornalista profissional e professor universitário, atuou de forma significativa em diversos órgãos de imprensa da cidade, contribuindo para a criação do *Jornal de Caxias*, *Jornal do Comércio* e *RBS-TV Caxias*. (BERTUSSI; PEZZI; SANTOS, 2006).

⁵⁹ Frei Dionísio-Gaudêncio Veronese foi jornalista, contista e historiador, atuando na direção do *Correio Riograndense* por 7 anos, de 1957 a 1964 (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 11).

⁶⁰ O padre capuchinho Giovanni Fronchetti atuou na área da Comunicação como diretor do periódico *Il Colono Italiano* e dono do jornal *La Libertá*, já que adquiriu-o à época em que o periódico passava por dificuldades financeiras, transferindo as instalações do periódico para a cidade de Garibaldi. (CLEMENTE, 1993).

⁶¹ José Lorenzi foi diretor do periódico de 28/09/1921 a 24/04/1929 e dos meses de janeiro a julho de 1933. (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 11).

⁶² João Carlos Romanini é graduado em Teologia, Jornalista e pós-graduado em Comunicação e Multimídia. Na versão impressa do *Correio*, Romanini foi diretor de 2012 até o encerramento das atividades do jornal, em 2017 (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 11)

⁶³ Frei Moacir Pedro Molon, diretor do jornal por 24 anos, de 1980 a 2004 (CORREIO RIOGRANDENSE, 2017, p. 11), tem formação nas áreas de Filosofia, Teologia e Comunicação (Unijuí e PUC-RS) e atuou como docente nas universidades PUC-RS, Unisinos e UCS.

Cultural Ítalo-Brasileiro, sob o comando de Raymundo Paschero⁶⁴ e Júlio Ungaretti [...]." (RODRIGUES, 1988, p. 65).

O *Ecos do mundo* era uma folha sem fins lucrativos, conforme texto editorial publicado na capa da primeira edição (ilustrada na sequência), de 19 de maio de 1962. Conforme o texto, a publicação prometia ser

[...] uma argamassa de boa vontade e de ideais ha [sic] muito acariciados [sic]; genuinamente popular e gratuita não acolherá em seu seio discussões de ordem pessoal, políticas [sic] ou religiosas [sic], levará somente a cada recanto regional e em cada lar uma mensagem amiga, uma recordação saudosa dos que se foram, um reflexo do presente em noticiário seletivo e sintético com informações úteis da vida cultural, social e esportiva do nordeste. (ECOS DO MUNDO, 1962, p. 1).

⁶⁴ Entende-se que a grafia correta do nome do diretor do jornal é a seguinte: Raimundo Pachero. A grafia do prenome do editor, utilizada na capa de todas edições digitalizadas no acervo digital utilizado nesta pesquisa, se dá com a letra "i" e não com a letra "y", portanto.

Ilustração 10 – Capa *Ecoss do Mundo* (maio, 1962)

ECOS DO MUNDO

Diretor Responsável
Julio Ungaretti

Diretor Geral
Raimundo Paschero

Nº 1 — Caxias do Sul, 19 de maio de 1962

Caxias do Sul tributa homenagem à memória de um pioneiro

GUIDO D'ANDREA
pioneiro da vitivinicultura,
cujos restos foram recentemente
enterrados em uma sepultura municipal.

É com satisfação que registramos, neste nosso primeiro número, a homenagem prestada pela municipalidade caxiense, à memória de um autêntico pioneiro. Desejando perpetuar o nome de quem contribuiu, direta e valiosamente, para o progresso desta comuna, a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, por iniciativa do prefeito Armando Biazar, designou "Guido D'Andrea" a uma Escola Municipal, inaugurada recentemente, na Zona Leste no interior do distrito de Passada Souza.

DADOS BIOGRÁFICOS
Para as novas gerações que não tiveram o prazer de conhecer a obra e a vida de Guido D'Andrea, aqui está um breve

esboço biográfico daquela personalidade ímpar de cidadão e de cientista.

Guido D'Andrea nasceu em Udine, na Itália, em 2º de janeiro de 1881. Veio para o Brasil em 1913, contratado pela Cooperativa de Flores da Caxias, onde permaneceu durante dois anos. Após este período, estabeleceu-se em Caxias do Sul, como industrial de vinho, atividade que desenvolveu até 1928, ano em que, juntamente com outros cantoneiros, constituiu e passou a ser o Diretor Técnico da Sociedade Vinícola Rincantense Ltda. Falou em 1º de Dezembro de 1953, deixando 4 filhas.

Com clareza, objetividade e carinho, o diploma da homenagem que lhe foi prestado pelos expatriados de uvas, na Festa de Uva em sua pessoa, expressa bem o quanto Guido D'Andrea contribuiu para o desenvolvimento da vitivinicultura em nosso Estado. Eis o texto daquele diploma.

Guido D'Andrea, Mestre, amigo e visionário da vitivinicultura açucalada.

Formado pela escola de Consiglieri, Itália. Sua vida foi um exemplo de constante e desinteressada dedicação à nossa vitivinologia. Seus trabalhos técnicos ainda hoje servem de diretriz segura aos nossos agricultores e cantoneiros. Viticultor, enólogo, consultor, conferencista e tratadista emérito. Planejador e diretor de empresas vitivinícolas.

Organizador da Grande Uva — o maior vinhedo de vitivinícolas do país. Fundador da Granja das Casas Rosadas. Inicializador e cultivador de inúmeras castas europeias que hoje aproximam a nossa produção vitícola, brasileira e caxiense, da histórica grande colheita

centros de mosto e suco de uva.

Convicção, insistente, para dirigir uma das maiores vinícolas do Chile, preferiu, num

gesto amigo, permanecer entre nós.

Hoje, que a vitivinicultura brasileira vem atingindo

(Cont. à pág. 6)

O QUE SOMOS E O QUE SEREMOS

É sempre um acontecimento memorável o surgir de um novo órgão de divulgação; ao nascermos, nos damos omenos e certas dias cultores, o fazemos enviando nossas saudações às Autoridades Cívicas e Eclesiásticas, das Colegas de Imprensa e a toda laboriosa população deste recanto pátrio.

Folha sem finalidades lacrativas, será uma argamassa de boa vontade e de ideais; ha muito acariciada; gentilmente popular e gratuita não acolherá em seu seio discussões de ordem pessoal, políticas ou religiosas, levará somente a cada recanto regional e em cada lar uma mensagem amiga, uma recordação saudosa dos que se foram, um reflexo do presente em noticiário seletivo e sintético com informações úteis da vida cultural, social e esportiva do nordeste.

Os italianos que aqui compartilham de nosso trabalho e do nosso progresso, terão, em seu próprio idioma, o eco nostálgico dos principais acontecimentos havidos na Pátria distante; os descendentes dos pioneiros avoengos lembranças e crônicas das passadas épocas; o que fizeram, como viveram, como amaram e sofreram; os brasileiros, de línguas as origens, um novo elo intelectual, um entendimento mais intenso e harmonioso entre os dois povos irmãos no sangue, nos ideais, na cultura e no progresso.

E assim com velhas tumbas silenciosas e frias, orçadas de flores e saudades, onde repousam os caxienses, os ancestrais que nos indicaram a trilha do trabalho e da honra, fitando este maravilhoso céu azul, que lhes recorda o romantismo peninsular, sorridentes verão que não renegamos o nome e a estirpe e com olhar fixado à Deus peçamos fortuna para as nossas menses e felicidades para as nossas vidas.

Julio Ungaretti

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

O jornal ainda garantia direcionar conteúdos tanto aos brasileiros natos quanto aos italianos e imigrantes de italianos, sendo "[...] um novo elo intelectual, um entendimento mais intenso e harmonioso entre os dois povos irmãos no sangue, nos ideais, na cultura e no progresso." (ECOS DO MUNDO, 1962, p. 1).

Além de textos em língua italiana, conforme já mencionado, o conteúdo ocupado pelas aproximadas 10 páginas da folha era composto, geralmente, por notícias e artigos de cunho geral e cultural, além de efemérides e informações sobre a sociedade caxiense. Na editoria de Cultura, comentários sobre Cinema e Teatro, além de contos, crônicas e sonetos eram frequentes nas edições do *Ecoss do Mundo*. Havia, também, a publicação de informações sobre esporte.

A tiragem do jornal era gratuita e quinzenal. Em seu expediente, estava o rótulo de jornal "apolítico, de caráter cultural e informativo".

3.1.5 A *Folha Regional*

Com o "objetivo de bem servir a comunidade" (FOLHA POPULAR, 1982, p. 1), o semanário *Folha Regional* não se desvincula da abordagem temática e linha editorial que regravava as ações de outro jornal publicado dentre os anos 1981 e 1982, a *Folha Popular*.

Conforme posicionamento oficial que fica claro no próprio nome do periódico, porém, uma abrangência temática mais ampla ocuparia as páginas do jornal. A região da Serra gaúcha passaria, também, a integrar as páginas da folha. Nota-se tal posicionamento, por exemplo, na editoria "Farroupilha", que tratava de temas que não necessariamente estavam relacionados à cidade de Caxias do Sul.

Com o objetivo de ilustrar uma das edições do periódico, segue imagem da capa de uma edição de 1982 da *Folha Regional*.

Ilustração 11 – Capa *Folha Regional* (set. 1982)

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Nas palavras de Pozenato e Giron (2004), os periódicos *Folha Popular* e *Folha Regional* "[...] merecem destaque pelo papel desempenhado nos tempos de ferro da ditadura." (POZENATO; GIRON, 2004, p. 141). A direção do *Folha Regional* era de Getúlio A. Tomasi⁶⁵.

Também podendo ser considerado um jornal independente, a *Folha Regional* não era um periódico gratuito. O custo por cada exemplar variou ao longo da vida do jornal: de Cr\$ 50,00 a 100,00⁶⁶.

⁶⁵ Em algumas edições da *Folha*, como, por exemplo, na de 28 de maio de 1983, o jornalista Guilherme Brandalise assina como diretor responsável pelo periódico.

⁶⁶ Equivalente a R\$ 2,94.

Pode-se afirmar que a maioria das edições publicadas possuía em média 20 páginas. Mesmo considerando a escassez de informações sobre a tiragem das publicações, informação que raramente era publicada no jornal, imagina-se que, ao longo da história do periódico, em torno de 5.000 exemplares eram impressos a cada edição do jornal. A *Folha Regional* circulou até o ano de 1983 (POZENATO; GIRON, 2004).

3.1.6 O *Jornal de Caxias*

De 1973 a 1989⁶⁷, a cidade de Caxias do Sul contou com um periódico de muita importância para a história de sua imprensa. Conforme Rodrigues (1988, p. 64), por alguns anos o editor do jornal que era de propriedade da ordem dos capuchinhos de Caxias do Sul, o *Jornal de Caxias* surgiu⁶⁸ a partir de uma "necessidade evidente":

O "Correio Riograndense" tinha uma grande circulação, cerca de 50 mil exemplares semanais. Dizia-se, naquele tempo, na área rural dos três Estados do Sul, onde era grande a sua penetração, que ele era "um jornal de Caxias". Em Caxias, dizia-se que era um jornal da zona rural. Havia uma espécie de "crise de identidade". Buscando solucionar o problema, Frei Aldo Colombo, Décio Osmar Bombassaro e eu chegamos à conclusão de que se devia editar outro jornal, que fosse exclusivamente de Caxias do Sul e circulasse unicamente na área do município.

A partir das páginas do *Jornal de Caxias* é que o pensamento de intelectuais "[...] antes cerceados em seu poder de manifestação pelo *Pioneiro*" (POZENATO; GIRON, 2004, p. 139) puderam figurar na imprensa, que na época de lançamento do jornal era censurada pelo regime militar brasileiro.

Mesmo com viés historicamente conservador, foi o pensamento da igreja que passou a figurar nas páginas do *Jornal de Caxias* como uma "nova voz", o que pode acabar projetando a natureza renovadora da linha editorial do periódico.

Pozenato e Giron (2004, p. 139) afirmam que o *Jornal de Caxias*

⁶⁷ De 25 de maio de 1987 a 25 de maio de 1989, o jornal não foi publicado. Na edição de 25 de maio de 1989, há a informação de que "a Empresa Jornalística Pioneiro volta a colocar em circulação, com periodicidade a ser definida, o *Jornal de Caxias*, publicação que havia sido suspensa em 1987. Esta edição será também distribuída aos assinantes do *Pioneiro*." (JORNAL DE CAXIAS, 1989, p. 1).

⁶⁸ Apenas como curiosidade acerca dos motivos impulsionadores da formação do jornal, destaca-se a necessidade, à época, de aproveitar de melhor forma uma moderna "rotativa" utilizada para a produção do *Correio Riograndense*. (RODRIGUES, 1989, p. 67).

[...] foi um marco na renovação do jornalismo regional. [...] Adotou uma linha editorial renovadora, abrindo espaço para o pensamento adotado pela Igreja, que representava a única voz a ser ouvida em tempo de ditadura, durante o qual a imprensa, pressionada pelo Ato Institucional n. 5 (AI5), era obrigada a calar-se".

Rodrigues (1988) ratifica a ideia das autoras acerca da absorção, pelo jornal, das ideias adotadas pela Igreja Católica, especialmente com a Ordem dos Padres Capuchinhos.

Pozenato e Giron (2004) defendem que o *Jornal de Caxias* deva ser considerado um órgão renovador, pois afirmam que foi o veículo que "[...] abriu espaços para intelectuais antes cerceados em seu poder de manifestação pelo *Pioneiro*, que durante esse período adotou a mais reacionária das atitudes, aplaudindo de forma declarada o governo militar". (POZENATO; GIRON, 2004, p. 139).

Foi a partir desses espaços criados que o periódico, conforme depoimento de Renato Henrichs à obra *100 anos de imprensa regional* de Pozenato e Giron (2004),

começou a fazer, naquele período, um jornalismo incisivo, um jornalismo muito atuante; até coincidiu também com a abertura do processo democrático no Brasil⁶⁹. [...] Havia uma certa ânsia das pessoas quererem conhecer as coisas. E o jornal, jornalisticamente, editorialmente, foi fantástico. (HENRICHES, 2003).

Conforme Rodrigues (1988), três eram os periódicos que se excetuavam quando o assunto era aproximar vieses comerciais da finalidade jornalística do veículo: "Com exceção da 'Voz do Povo', 'Correio Riograndense' e 'Jornal de Caxias', o que se colocava em primeiro plano era, efetivamente, a finalidade comercial". (RODRIGUES, 1988, p. 65).

Em algumas edições do periódico, havia, também, espaço para o leitor, como fica claro na segunda página da primeira edição do *Jornal de Caxias* (cujas capa é ilustrada na imagem que segue), intitulada "Ação Comunitária".

O leitor, sempre que tiver um problema de interesse geral, escreverá para o JORNAL DE CAXIAS, expondo a situação. Em sua carta, deverá registrar, expressamente, se permite que o seu nome seja publicado ou se prefere manter-se incógnito. [...] De possa reclamação ou queixa, esta secção fará com que a mesma chegue à repartição competente. [...] Cremos que, assim se estará prestando um serviço à comunidade e dando ensejo ao poder público para que forneça esclarecimentos. [...] Esta página, portanto, está à disposição da população caxiense, das entidades e órgãos públicos, tanto do

⁶⁹ Período que não coincide com a abertura do jornal mas, sim, com a época em que ele já era publicado há alguns anos, ou seja, o final da década de 1970 e início da de 1980.

município, do Estado e da União, para que se proceda, aqui, uma autêntica AÇÃO COMUNITÁRIA. (JORNAL DE CAXIAS, 1973, p. 2).

Ilustração 12 – Capa *Jornal de Caxias* (mar. 1973)

MICROFILMADO

PROPRIEDADE
Soc. Literária S. Beaventura

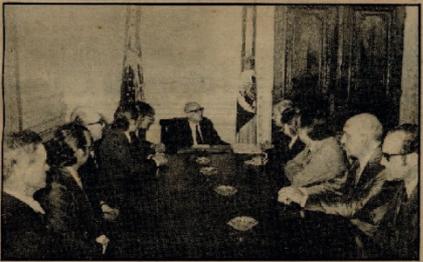
EDITOR
Jimmy Rodrigues

JORNAL DE CAXIAS
DO "CORREIO RIOGRANDENSE"

Caxias do Sul, 1 de março de 1973, ano 1, n. 1

ASSINATURA ANUAL
CR\$ 20,00

VENDA AVULSA
CR\$ 0,60



Novo local da Festa da Uva surgirá em 60 dias

O governador Euclides Triches (foto) recebeu a comissão de membros natos da Festa da Uva, liderada pelo prefeito Mário Ramos, apoiando todas as medidas e projetos que foram apresentados em relação ao seu tema de 1973. O Governador autoriza tratativas para a melhor localização da Festa da Uva, em área de até 100 hectares. Dentro de dois meses começará os necessários preparativos, devendo a promoção caxiense ser organizada em base de empresa. Depois de sua completa estruturação é que será escolhido o novo presidente da Festa da Uva. Circulam na cidade comentários de que uma área das futuras instalações poderia ser a que abrange o Seminário Nossa Senhora Aparecida, com 76 hectares, de onde se avista um dos mais belos panoramas de Caxias do Sul.

Bronca Zerbini Câmara

É do conhecimento geral que a situação financeira da Associação Caxias não é boa, como do resto de todos os clubes de futebol do Brasil. Um prejuízo de quatro do município está na Câmara, mas sua aprovação é problemática. Visando conseguir uma receita extra, a Associação pensou em realizar dois jogos de Carnaval, com ingressos a preços populares, no Restaurante Excursão, arrendado a uma firma particular. Entretanto, houve clubes reativos dos bairros que insistiram, considerando prejudicial a concorrência numa época em que os mesmos podem faltar um pouco mais. A bronca dos clubes pequenos foi levada a órgãos superiores, mas a questão é delicada. O Caxias precisa de dinheiro, os clubes reativos também. Mas é difícil contrariar o direito que cada um tem de realizar promoções dentro de lei.

O famoso médico Eurídydes de Jesus Zerbini estará em Caxias do Sul no dia 30 de agosto próximo. Participará do Simpósio de Cardiologia que será realizado como parte do programa de comemorações do Jubileu de Prata da Associação Médica de Caxias do Sul. O médico Armando Galeão Sirtius, presidente da entidade, está se desdobrando no trabalho de organização do programa festivo, de que ocorrerão diversas promoções, além do Simpósio. O professor Zerbini, pioneiro dos transplantes de coração no Brasil, pronunciará uma conferência. Estarão presentes renomadas personalidades do setor cardiológico riograndense e brasileira. Diversos atos públicos serão realizados no mês em que o AMECC completará 25 anos de existência. Seus associados estão desde já colaborando para os festejos.

Quinta-feira à noite. Calor intenso. Na Câmara de Vereadores, presentes todos os seus 21 integrantes, alguns de férias e gozando, outros em comitê esporte, sem caso. O Presidente Cid de Deitos declarou aberta a sessão de inauguração da VII Legislação e colocou a palavra à disposição. Como ninguém se levantou pelo, encerrou a sessão. Vereadores da ARENA permaneceram no recinto de Câmara, retardando a formação das chapas para a eleição dos Conselheiros Titulares. Vereadores do MDB — Oostankian, Ferretti, Bertuzzi e Drago — foram ao "Bierhaus". A entrada, encontraram-se com o Prefeito Mário Ramos. Houve algumas conversas e o momento da apuração seguiu-se em mais do lado. Cinco dos atuais vereadores saíram em São Francisco de Paula. Quatro vão exercer cargos no Executivo Municipal.

Faccioni: JC é sinal da pujança de Caxias

Victor Faccioni, o caxiense que é o Secretário da Casa Civil do Governo do Estado, anunciou seu programa de cumprimentos pelo lançamento do JORNAL DE CAXIAS, que considera "uma demonstração de pujança de nossa terra e da capacidade realizadora de sua gente". Formulando votos de sucesso, Faccioni, diz, mais adiante, estar certo de que, pela superior formação moral e profissional dos que o implantaram e conduzirão os seus destinos, o novo jornal será eficiente veículo de comunicação e vigoroso instrumento impulsionador do progresso". Também o Visário Geral da Diocese, padre Lula Cozzani, expressou sua satisfação, afirmando que "o lançamento de um novo veículo de opinião pública é fator marcante na história de nossa cidade". Estas são manifestações de confiança que muito nos sensibilizam e que constituem motivo de estímulo ao nosso trabalho.



Não me leve a mal. É carnaval

O Brasil e Caxias do Sul, a partir deste sábado, estarão envolvidos pelo Carnaval, nas ruas e nos salões. A 1ª DP baixou instruções, no sentido de que alguns voluntários de funcionários policiais civis percorram a cidade, das 22,00 às quatro horas da madrugada, para recolher veículos que estiverem em condições irregulares, bem como veículos, calçadinhos, relâmpagos e mercatões que andarem circulando nas ruas. Todos os veículos serão liberados somente no dia 4. Nos próximos 4 e 7 desta edição, maiores informações sobre o Carnaval de rua, dos salões e danças sobre o Rei Morro.

A luta desigual da Polícia

Página 3

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Ainda sobre a linha editorial adotada pelo periódico, é importante destacar o que está exposto no editorial de sua primeira edição. As características fundamentais da linha editorial adotada giram em torno de sua independência como periódico que persegue o compromisso ético e moral com a informação e presta serviço à comunidade em que está inserido.

O JORNAL DE CAXIAS será um jornal absolutamente independente, buscando a verdade, honrando e cultuando o direito e a justiça. Seus compromissos são unicamente com a comunidade de que passa a fazer parte. Seguirá a linha traçada pela Igreja Católica, a ativa, arejada e aberta

Igreja da Conferência Nacional dos Bispos e do Povo de Deus. [...] O jornal deve ser – infelizmente nem sempre é – um instrumento promotor de integração e de bem estar social. Se existir apenas para faturar, sem respeitar os princípios fundamentais de ordem ética e moral, não estará cumprindo a importante função que lhe é atribuída na sociedade moderna. (JORNAL DE CAXIAS, 1973, p. 6).

As temáticas que preenchiam as páginas do jornal faziam parte de diversas editorias, como a de assuntos gerais e a de sociedade, assim como as de polícia e esporte. Crônicas literárias, tiras, colunas críticas sobre livros, música, cinema, rádio, televisão, teatro, além de notícias segmentadas para o gênero feminino, também eram presença constante ao longo do periódico.

Nos cargos de direção, superintendência e edição figuraram nomes como Bernardino Conte⁷⁰, Clementino Dotti⁷¹, Jimmy Rogrigues e Paulo Cancian⁷².

O número de páginas de cada edição ao longo da duração do periódico muito se alterava. As tiragens variavam de cerca de 10 a aproximadamente 50 páginas. O preço das edições variou de Cr\$ 0,60 a Cz\$⁷³ 10,00 a unidade. Ao longo das edições digitalizadas no acervo do Centro de Memória, não foi possível obter informação sobre o número de exemplares impressos a cada edição.

Com periodicidade semanal, O *Jornal de Caxias*, em 12 de abril de 1980, "[...] deixa de pertencer a [sic] Soc. Lit. S. Boaventura, integrando-se à Emp. Jornalística Pioneiro S.A.". (HENRICHS, 1988, p. 81).

⁷⁰ Bernardino Conte foi jornalista, advogado, empresário e político. Na área da comunicação, desempenhou importante papel como diretor da AGERT (Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão), além de ser um dos sócios fundadores do jornal *Pioneiro*. (CÂMARA DE VEREADORES DE CAXIAS DO SUL, 2013).

⁷¹ Na área da comunicação social, Dotti, além de atuar na direção do *Jornal de Caxias*, foi, por exemplo, superintendente do *Correio Riograndense* e da *Rádio São Francisco*. Atualmente, é diretor da Fundação Educativa da Serra. (FREI, 2015).

⁷² Paulo Renato Marques Cancian trabalhou em diversos veículos de comunicação na cidade de Caxias do Sul, tanto em jornais como em emissoras de rádio e televisão. Além de atuar na direção do *Jornal de Caxias*, Cancian também foi, por exemplo, diretor do Centro de Teledifusão Educativa da Universidade de Caxias do Sul (CETEL) e editor do jornal *Folha de Hoje e Pioneiro*. Cancian já foi presidente da Associação Riograndense de Imprensa, seccional Serra Gaúcha (ARI-SERRA-GAÚCHA). Paulo Cancian faleceu no final de 2018 em decorrência de problemas com diabetes.

⁷³ Equivalente a R\$ 3,87.

3.1.7 *Pioneiro*

Este jornal⁷⁴, dentre os analisados o único que ainda continua em circulação no meio, pertence, desde 1993, ao Grupo RBS (Rede Brasil Sul), conglomerado de comunicações fundado em 1957.

Também presente na versão online⁷⁵, o jornal *Pioneiro* se propõe veicular notícias da cidade de Caxias do Sul e região da Serra gaúcha. As editorias de Economia, Esportes, Política, Geral e Política, dentre outras, são fixas nas páginas do periódico.

Nas páginas da primeira edição do jornal, de 4 de novembro de 1948, cuja capa está ilustrada na sequência do texto, o editorial do jornal afirma possuir um público-alvo amplo e atuante. O *Pioneiro* auto-intitula-se "moderador de ideias":

Penetrando no seio do povo, e lido por todas as camadas sociais, desde o intelectual e o capitalista até o proletário alfabetizado, o jornal adjudica-se uma função social das mais salientes, porque fazendo a todos partícipes de sua matéria, torna-se um moderador de ideias, aferidos de opiniões e orientador da consciência coletiva. [...] Queremos oferecer ao nossos leitores um semanário sério, honesto e criterioso, cuja leitura não seja apenas agradável e interessante, mas útil e proveitosa. Jornal que possa ser lido sem reservas e tenha boa acolhida em todos lares. (PIONEIRO, 1948, p. 3).

⁷⁴ Nos primeiros anos de atuação, o jornal chamava-se *O Pioneiro*. "Em 11 de novembro de 1950 passou a 'O Pioneiro do Sul'; 'Diário do Pioneiro'; e 'Pioneiro' a partir de 12 de abril de 1952". (HENRICHS, 1988, p. 75). O nome *Pioneiro* figura até os dias de hoje.

⁷⁵ Endereço: <http://www.pioneiro.com>

Ilustração 13 – Capa *Pioneiro* (nov. 1948)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

Mesmo com tais pretensões, o jornal esteve, por muito tempo, ligado ao Partido de Representação Popular.

Pozenato e Giron (2004) afirmam que, à época de sua fundação, havia um vínculo do jornal com ideais políticos. Veja-se:

O Pioneiro foi uma iniciativa do Deputado Estadual Dr. Luiz Compagnoni e surgiu baseado em duas ordens de influência. Uma, voltada à valorização das raízes socioculturais da cidade, e outra, político-partidária, ligada à Ação Integralista Brasileira [...]. A luta contra o comunismo foi uma das ideias-força do novo jornal. Nos seus primeiros números o ataque dá-se de forma brutal [...]. (POZENATO; GIRON, 2004, p. 114).

Como já visto, na época da ditadura civil-militar brasileira de 1964 a 1985, o jornal adotou atitudes reacionárias. (POZENATO; GIRON, 2004).

O *Pioneiro* foi implantado como um jornal semanário, mas a pretensão de se tornar um diário, algo então inédito para a cidade de Caxias do Sul e região, já estava presente desde a primeira edição do jornal.

Segundo Luiz Compagnoni (1948), ao se referir às instalações técnicas do novo jornal, "as oficinas de O PIONEIRO estão capacitadas para editar um jornal diário. Com esta afirmação o leitor poderá avaliar a extensão e a capacidade técnica que representam suas oficinas gráficas." (COMPAGNONI, 1948, p. 3).

Rodrigues (1988) afirma que o jornal "possuía aparelhagem mais moderna. Foi o primeiro jornal da cidade a ser composto em máquina 'Intertype' que permitia fundir linha por linha, com bastante rapidez". (RODRIGUES, 1988, p. 67).

Somente em 1980, sob a direção de Bernardino Conte, o jornal adquire feições empresariais. Seu conteúdo agrega menos teor opinativo e o periódico se torna informativo. (HENRICHS, 1988).

Cerca de um ano após ter sua direção alterada, o jornal se torna diário. A notícia aparece na capa da edição de número 32, de 20 de fevereiro de 1981. Segundo consta na edição de "comemoração" ao feito, à época, o jornal contava com instalações próprias e distribuía suas páginas a diversas cidades da região da Serra gaúcha:

Do semanário instalado em uma casa particular no seu surgimento, impresso com o sistema linotipo, Pioneiro encontra-se atualmente modificado, para melhor. Tem seu prédio próprio com instalações que possibilitam condições para oferecer à população caxiense e de mais 23 cidades um jornal que, a partir de hoje, passa a ser diário. Equipado com telex, teletipo, telefoto, rádiofoto [sic] e um moderno parque gráfico em off-set. (PIONEIRO, 1981, p. 23).

De 1963 a 1983, o preço do jornal variou de Cr\$ 10,00⁷⁶, em fevereiro de 1963, a Cr\$ 70,00⁷⁷, em janeiro de 1983.

Assim como no levantamento do número de páginas médio das publicações do *Correio Riograndense*, entende-se que tal dado não seria preciso, considerando-se um universo amplo de edições do jornal. Somente para se ter uma ideia, uma edição do jornal publicada em cada um dos anos de 1963, 1973 e 1983 somou o total

⁷⁶ Equivalente a R\$ 0,80.

⁷⁷ Equivalente a R\$ 1,98.

de 16, 24 e 28 páginas, respectivamente. Não é possível, também, informar a tiragem das edições do jornal, pois nos exemplares consultados não havia tal informação.

Diversas editorias ocupavam as páginas do *Pioneiro*. São exemplos as de assuntos gerais e de sociedade, assim como as de Política, Polícia e Esporte. Crônicas, comentários e poemas, além de notícias segmentadas direcionadas ao gênero feminino, também ocupavam as páginas do periódico, que se propunha veicular, ainda, notícias da região da Serra gaúcha.

De 1960 e 1980, e também ao longo de sua história, diversos nomes dirigiram o jornal, como, por exemplo, Elvo Janir Marcon⁷⁸, Mário Gardelin, Bernardino Conte e Jimmy Rodrigues. Atualmente, Andreia Fontana⁷⁹ responde pela gerência de jornalismo da *RBS-Caxias* (jornal *Pioneiro*, *RBS-TV Caxias* e rádio *Gaúcha Serra*).

Neste capítulo, pôde-se notar, dentre outros aspectos, algumas das principais características da imprensa escrita de Caxias do Sul, com foco no veículo impresso jornal, desde seus primórdios até meados de 1980.

É importante o conhecimento de algumas das principais características de cada veículo, principalmente no que se refere a sua linha editorial, periodicidade, tiragem, número de página das edições e preço por exemplar. Assim, é possível projetar, de forma mais adequada, a importância dos periódicos como local de publicação das crônicas que pertencem ao *corpus* dessa pesquisa.

Destaca-se, também, a considerável recorrência de espaços destinados, em cada periódico estudado, a distintas manifestações literárias, como a publicação de contos, poesia e crônicas, literárias ou não.

Verificou-se, também, que, principalmente em meados da década de 1970, houve considerável modernização e profissionalização da atividade jornalística na cidade, verificada, principalmente, no âmbito da evolução tecnológica, mas também na atuação dos periódicos em respeito a suas linhas editoriais. Como já visto, o *Jornal de Caxias* foi importante para a cidade, pois possibilitou maior espaço para que diferentes pensamentos e opiniões pudessem ser publicados.

⁷⁸ Marcon foi o primeiro diretor do *Pioneiro*, teve passagens também por outros jornais e algumas emissoras de rádio de Caxias do Sul e participou da fundação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

⁷⁹ Andreia Fontana é jornalista formada pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). A jornalista auxiliou na implantação do jornal *Diário de Santa Maria*, onde trabalhou por cerca de 13 anos, ocupando o cargo de editora-chefe do jornal. Em 2015, retornou a Caxias do Sul para assumir o cargo de editora-chefe do jornal *Pioneiro* (PIONEIRO, 2018). Em maio de 2018, assumiu o cargo de presidente da Associação Riograndense de Imprensa Seccional Serra Gaúcha (ARI Serra Gaúcha). (NOVA, 2018).

Uma época em que mais de uma dezena de periódicos existiam, alguns deles, inclusive, sendo distribuídos de forma gratuita, panorama bem distinto dos dias atuais, ao menos no que se refere ao número de jornais existentes.

4 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA

Nesta etapa da pesquisa será possível ater-se de forma mais precisa e minuciosa à análise do *corpus* selecionado. Como pôde-se notar, até o momento cinco crônicas foram analisadas em capítulos anteriores. Ao longo deste segmento, outros nove textos servirão como matéria de estudo.

A seguir, encontram-se considerações que objetivam relacionar elementos teóricos já referidos na composição da base teórica desta tese a excertos de crônicas literárias publicadas em jornais caxienses nos anos 1963, 1968, 1973, 1978 e 1983. Sempre que a crônica for citada pela primeira vez, expõe-se uma ilustração que demonstra o espaço do texto na página do jornal. Para melhor visualização, aplica-se ao texto um contorno na cor vermelha. Por óbvio, também, informações acerca do título, autor, nome do periódico em que foi publicado, ano e número de página da publicação são mencionados na sequência.

O propósito geral deste capítulo da tese é aprofundar os estudos acerca das representações de leitura nas crônicas e perceber como o gênero pode contribuir na promoção da leitura e de assuntos a ela relacionados.

Valoriza-se o contexto local de produção literária a partir da exposição e tratamento de crônicas literárias de inúmeros cronistas, na sua grande maioria caxienses, veiculadas em periódicos exclusivamente caxienses. É importante destacar que, dos sete jornais utilizados como fonte documental de pesquisa, apenas um continua em circulação no meio impresso: o *Pioneiro*.

Projeta-se, portanto, o reconhecimento de pesquisas de cunho histórico que valorizam a comunicação e a literatura de determinada região. Esta parte da pesquisa também pretende cumprir um dos objetivos específicos da pesquisa: contribuir para a elaboração de uma história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra gaúcha.

A seguir, é possível notar uma divisão do texto em subcapítulos. Organiza-se a exposição dos conteúdos por temáticas, mesmo que se perceba que existam crônicas que tratam de temas que extrapolem a delimitação do referido subitem. Entende-se que, mesmo assim, a divisão temática possa contribuir para o entendimento das informações por parte do leitor.

4.1 A BIBLIOTECA E O LIVRO

4.1.1 O espaço para livros em uma biblioteca "moderna"

Em “Biblioteca Moderna”, o cronista Ubirajara Ricciardi⁸⁰ se vale de um texto criativo – o que é próprio da crônica (MOISÉS, 2005) – na medida que expõe as características do que define como uma biblioteca moderna. Com doses de humor e, principalmente, ironia, características do gênero conforme Candido (1992) e Arnt (2001), o autor da crônica defende quais seriam as "medidas" exatas de uma biblioteca contemporânea. O texto ocupa cerca de 1/6 do espaço da sexta página do jornal *Pioneiro* (ilustração a seguir) da edição de 6 de julho de 1968.

⁸⁰ Não foram localizadas outras informações sobre o cronista.

São claras as manifestações de ironia no texto, pois o cronista confere, propositalmente, um tom de deboche ao mencionar termos em inglês que confeririam mais *status* a ambientes da casa que passaria a comportar a "biblioteca moderna".

O texto prossegue expondo os próximos passos necessários à criação da biblioteca: um especialista seria contratado pelo decorador, a madeira "da moda" (jacarandá) seria utilizada nos móveis, pois "[...] a prima da costureira da esposa do ministro fêz encomenda igual [...]". (RICCIARDI, 1968, p. 7).

Nota-se no excerto mais um "fino" deboche do cronista em relação às escolhas que confeririam, aparentemente, apenas elevado grau de "prestígio" para a biblioteca e não qualidade ao conteúdo mais importante de uma biblioteca, ou seja, os livros.

Ao afirmar que o decorador realiza uma "reserva de espaços para incluir acessórios artísticos de grande efeito no dito armário que, primitivamente, se destinava a livros" (RICCIARDI, 1968, p. 7), o cronista desaprova a ação.

Percebe-se, ao longo de todo o texto, uma sutil crítica (própria da crônica, conforme Coelho (2002)) à deformação da intenção inicial do tema central do texto, ou seja, a organização de uma biblioteca, que deveria destinar seu espaço prioritariamente aos livros de qualidade, mas acaba recebendo outras finalidades.

Nota-se a partir da leitura do texto de Ricciardi (1968), que

a prateleira ao alto, à esquerda, será destinada a um nicho onde figurará uma estatueta de jade, último grito em matéria de bom-gosto. Um pouco mais abaixo irá um vaso de terracota, que você comprou no brique, mas que dirá que lhe foi trazido do Peru [...]. A terceira prateleira será ocupada pelo bar, onde você exibirá uísques estrangeiros, legítimos escoceses adquiridos na Foz do Iguaçu, via Assunção do Paraguai, [...]. Na quarta prateleira você embutirá o toca-discos e reservará espaço para os próprios, de preferência aqueles que você e as visitas detestam: concertos de Beethoven e Dvorak [...] e qualquer coisa de Richard Wagner, que é o máximo da erudição que você poderá aparentar. [...] Ao lado do armário será pôsto um quadro moderníssimo [...] o qual pode ser dependurado em qualquer posição, pois se trata de obra funcional, oferecendo ainda a vantagem de poder ser utilizado como bandeja. (RICCIARDI, 1968, p. 7).

Reiteradamente se percebe um tom de desprezo do cronista em relação às possíveis ações que ratificariam apenas a manutenção de aparências e decorações, e não, como deveria ser, a organização de uma habitual biblioteca exclusiva aos livros.

O "último grito em matéria de bom-gosto" da estatueta, o vaso que foi comprado no "brique", os uísques que comporiam o bar, mas que foram trazidos "via

Assunção do Paraguai", e os discos de Wagner que exporiam "o máximo de erudição possível", além do "quadro moderníssimo", são elementos que atestam tal desprezo. Os excertos são entendidos como críticas à sociedade contemporânea que poderia estar dando espaço à valorização de aparências em detrimento do culto à biblioteca, ao livro, à leitura e, por consequência, à educação.

Paradoxalmente, o leitor da crônica pode se perguntar: e o espaço para os livros na "biblioteca moderna"?

Conforme Ricciardi (1968)

[...] alguns volumes deverão ser incluídos, ao menos para efeito de decoração [...]. [...] Bem, talvez nestas alturas você será lembrado pelo arquiteto, que foi lembrado pelo decorador, que foi lembrado pelo marceneiro, que foi lembrado pelo carpinteiro que sua encomenda era um armário para livros. (RICCIARDI, 1968, p. 7, grifo nosso).

Finalmente, e se utilizando novamente de clara ironia, Ricciardi (1968) narra que apenas 1,20 metros seriam fatalmente destinados ao ambiente reservados aos livros na dita "biblioteca moderna". Ironicamente, o espaço seria ocupado por "um metro e vinte de livros, de preferência encadernados e com lombada colorida que harmonize com o conjunto da estante" (RICCIARDI, 1968, p. 7).

Os referidos livros seriam comprados pelo "decorador" e não pelo proprietário da biblioteca pessoal. Nota-se: "Se o decorador tiver um pouco de imaginação é bem provável que lhe consiga o original da carta de Pero Vaz de Caminha, o máximo em matéria de raridade literária que você poderá exibir às suas vistas. (RICCIARDI, 1968, p. 7).

Pode-se afirmar que o texto de Ricciardi (1968) varia entre a imaginação do cronista e um possível recorte da realidade, atributos típicos da crônica (COSTA, 2005). No texto não há clareza quanto à veracidade dos fatos narrados, o que o aproxima da ficção, mas a riqueza de detalhes na crítica social torna o relato verossímil.

O texto, entende-se, também demonstra um dos atributos da crônica: a elucidação do que está por trás das aparências, ou seja, o que o senso comum não vê (COELHO, 2002).

A ironia de Ricciardi (1968) atribui significado à sociedade, via representação de possíveis manifestações contemporâneas à publicação. Como já visto em capítulos anteriores, a representação deve ser encarada como uma construção social de

determinada realidade, e isso está presente na crônica.

Discutiu-se a partir de Fraisse, Pompougnanc e Poulain (1997) que as representações dizem algo do social, havendo uma relação manifesta para esses dizeres. É clara a relação de tal afirmativa com as ideias externadas pelo cronista, que quer chamar a atenção para o fato da perda de valor de uma instituição tão importante para a educação como é a biblioteca. Entende-se, também, que o cronista critique pessoas dotadas de poder econômico, mas com pouca cultura, já que há a exigência de uma biblioteca para cumprimento de papel estético, apenas.

Também é possível inferir que, a partir do momento em que é lida, a crônica "Biblioteca moderna" pode ser entendida como um texto que conduz o leitor à alteridade, própria do ato da leitura (BLOMM, 2000).

Entende-se como importante destacar novamente o que Chartier (2002) menciona sobre a questão do interesse pela representação do mundo social por parte do grupo que expõe essa representação.

Ricciardi (1968), claramente, forja (para utilizar o termo de Chartier, 2002) as representações contidas no texto com o intuito de criticar a ação do enaltecimento de elementos estéticos de uma biblioteca e, por consequência, a pouca valorização para o ato da própria escolha dos livros e da ocupação do espaço para a acomodação do principal elemento de uma biblioteca, o livro.

Em "Biblioteca Moderna", o tema da leitura é representado a partir da exposição de toda a problemática envolvendo a organização do ambiente de leitura e o desvirtuamento da função da biblioteca.

4.1.2 O cheiro dos livros e a Livraria do Globo

Na crônica "Livraria do Globo"⁸¹, Mário Gardelin (1963) exhibe um relato poético e saudoso da sua relação com os livros e com a renomada livraria de Porto Alegre fundada no século XIX. Como pode-se ver, a crônica ocupa espaço de destaque na página do jornal *Pioneiro*.

⁸¹ A livraria encerrou as atividades em 2007.

alguém havia terminado o tema de latim. Um livro que se fechava mais forte, era a lição de história apreendida. (GARDELIN, 1963, p. 2).

Como já visto, o cotidiano é um elemento que está sempre muito presente no texto cronístico. Porém, neste caso, pode-se mencionar que não haja relação explícita entre o cotidiano e o tema da crônica "Livraria do Globo". O que parece mesmo é que foram as memórias do cronista que impulsionaram a criação do texto.

Lembra-se, aqui, do que já pontuou Martins (1997) sobre o comprometimento do gênero com o cotidiano. Segundo ela, se houvesse tal necessário envolvimento, comprometer-se-ia o fazer literário, algo que não pode ser percebido no texto de Gardelin (1963). Se lê um texto onde, por exemplo, um tom de lirismo reflexivo figura saudosista.

Conforme já visto em Moisés (2005), a metáfora deve ser percebida como a marca da crônica como manifestação literária. No excerto que segue, é possível notar essa marca no texto do cronista quando há menção ao cheiro dos livros, algo que ativa, entende-se, a própria memória de Gardelin (1963). Veja-se:

Às vezes, recordo as gravuras, as histórias, a interpretação dos fatos... Mas, o que jamais hei de esquecer, é [sic] o cheiro dos livros. E direis mais: dos livros publicados pela Livraria do Globo. Era um cheiro todo especial cheiro que associeis aos poucos com as gravuras. Assim, quando se falava das invasões bárbaras, julguei que o cheiro dos livros fosse o cheiro dos palácios, dos templos e das cidades conquistadas. Desta maneira, eu podia desconhecer perfeitamente como era o palácio de Teodósio, em Milão, mas sabia muito bem como êle cheirava. O único inconveniente, em tudo isto, é que o cheiro das pirâmides egípcias era o mesmo dos pagodes orientais. Isto, porém, eu somente percebi mais tarde. (GARDELIN, 1963, p. 2).

Ainda sobre a relação do cronista com o livro, é possível notar certa reverência em relação ao objeto de leitura. Gardelin (1963, p. 2) permite se culpar por alguns "erros" possivelmente cometidos na época dos estudos ginasiais, mas jamais se culpa por ter "fechado com estrondo o livro de história" ao término de uma lição. Configura-se uma clara e manifesta veneração ao livro. Tal respeito precede o culto ao livro.

Nota-se:

Habituei-me, desde o terceiro ano elementar, a ler os volumes de história do 1, 2, 3, 4 e 5º anos ginasiais. Terminados os meus deveres pedia ao Daizotto ou ao Bridi seus livros. E punha-me a ler, como quem saboreia um romance, sempre novo. (GARDELIN, 1963, p. 2).

Como já visto em Montesquieu (2005), o sentimento é algo fundamental para o conceito de gosto, já que esse pode se aplicar a elementos do intelecto. Na crônica, entende-se, há expressa exposição do gosto do autor pelo livro e pela leitura, pois um caráter saudosista se configura. A memória e os sentimentos do cronista o conduzem a um ambiente recriado no texto, ficando também manifesto o gosto pelo retratado. Também como já visto, o gosto é aquilo que nos liga a alguém por meio do sentimento. (MONTESQUIEU, 2005).

É também a partir do cheiro que a memória do cronista o conduz ao ambiente da Livraria do Globo, famoso espaço porto-alegrense mencionado no título da crônica de Gardelin (1963). Nota-se

Ficou-me o cheiro no fundo da memória. Vieram outros livros, outras oportunidades, outras idéias. E entre as idéias, a de ir a Pôrto Alegre. A única coisa que eu queria conhecer mesmo, era a Livraria do Globo, a Livraria que havia editado os livros de histórias, que eu lera com tanto entusiasmo. (GARDELIN, 1963, p. 2).

É emotivo o relato do cronista sobre a sua primeira visita à Livraria. Veja-se:

[...] quando cheguei à Rua dos Andradas e vi aquela figura inconfundível, emocionei-me. Ai estava o cheiro de toda a história. Cheiro às carradas. [...] Infelizmente naquele dia não pude entrar. Era um sábado à noite e nos voltamos pelo domingo. Mais tarde, quando fui a Pôrto Alegre, com mais vagar, meti-me naqueles corredores de livros. Fui lendo títulos aqui, lombadas acolá, folheando... Entrei pelas duas horas e queria ficar uns vinte minutos. Quando dei por mim, já eram quasi [sic] cinco horas e corri o risco de perder o ônibus. (GARDELIN, 1963, p. 2).

No fragmento final da crônica, Gardelin (1963) mantém o tom saudosista e emocional ao citar as atuais visitas que fazia à livraria com o intuito de "reencontrar o cheiro da história" (GARDELIN, 1963, p. 3). O cronista também estabelece um diálogo fictício com os "frios" negociantes da Livraria do Globo:

[...] gostaria de perguntar-lhes apenas isto: "Vocês já imaginaram quantas horas de alegria, de contentamento e de satisfação não proporcionaram seus livros? Quantos gaúchos, como eu, aprenderam, esforçaram-se e amaram aquilo que encontraram em seus livros?". (GARDELIN, 1963, p. 3).

Gardelin (1963), assim, acaba por valorizar ainda mais a importância do livro – para ele em especial os livros vendidos na livraria do Globo – como instrumento que

desperta "alegria", "contentamento" e "satisfação" no leitor que pode vir a "aprender" e a amar" a partir da leitura.

No relato pessoal de Gardelin (1963), é possível notar que seu gosto pela leitura e temas adjacentes já está formado. Como já se viu, há um processo de formação do gosto pela leitura; lendo, aprende-se a ler e a gostar de ler; a ter satisfação pela leitura, além de desenvolver critérios e valores estéticos relacionados a obras, por exemplo. (MAGNANI, 1992). Gardelin (1963), assim, poderia estar sendo interpretado como um exemplo para o leitor, já que há uma exposição considerável de elementos que atestam essa formação. O gosto pela leitura pode estar sendo projetado no leitor a partir das próprias faculdades do cronista.

No final da crônica, Gardelin (1963, p. 2) projeta o final das atividades da saudosa livraria: "[...] um dia, até o resto da Livraria do Globo (já foi reformada), desaparecerá. Se isso acontecer, podereis daqui a cem milhões de anos pedir que desenhe de novo a fachada. E eu a tirarei inteirinha de minha saudade." (GARDELIN, 1963, p. 2).

Como já visto, a partir da crônica o leitor pôde conhecer, via José de Alencar, a introdução da máquina a vapor na sociedade brasileira, fato que assevera o seu caráter de auxiliar da história, como já visto em Pozenato (2009). Viu-se, também, que temas como o destino dos burros frente à evolução tecnológica foram motivo de crônica do mestre do gênero, Machado de Assis, temas que, talvez, não fossem tratados se não houvesse a crônica.

É possível estabelecer relação entre essas referências e o texto de Gardelin (1963), pois o tema da crônica "Livraria do Globo" remete a um espaço importante para o cenário da leitura do estado, talvez desconhecido por muitos dos leitores do *Pioneiro*. Não fosse sua abordagem por meio da crônica, muitos leitores não "conheceriam" pelo menos um pouco do ambiente da livraria.

A partir de Candido (1992), viu-se que o gênero tem a faculdade de mostrar, de modo persuasivo, muitas coisas. Com o estudo da crônica de Gardelin (1963), pode-se supor o aumento de interesse do leitor por temas acerca da leitura e, naturalmente, pela própria Livraria do Globo. O texto, entende-se, pode despertar, atrair, inspirar e amadurecer a visão do leitor em relação a assuntos tão importantes.

4.1.3 O sentimento de arrependimento do cronista

A partir da metáfora "voo da palavra", de Galvani (2005), pode-se afirmar que o cronista Eloy Lacava Pereira⁸³ permitiu que a crônica intitulada "Le parole che non dissi" pudesse iniciar tratando de livros e da biblioteca do cronista para, depois, tomar o rumo – passando por um provérbio árabe – da exposição de um sentimento: o do arrependimento de não ter produzido versos, escrito cartas e, finalmente, redigido um livro.

O tema-eixo do texto – unidade linguística normalizada (BARDIN, 2011) – gira em torno do relato do cronista que, ao "passar em revista" o ano que findou, faz promessas e se arrepende do que não realizou.

A crônica ocupa espaço de destaque na página 2 do periódico e, conforme ilustração, foi publicada no jornal *Caxias Magazine*, em 15 de fevereiro de 1963. Como pode-se notar, o texto foi diagramado em 4 colunas.

⁸³ Natural de Caxias do Sul, Elói Lacava Pereira nasceu em 1930. Professor universitário, poeta e membro da Academia Caxiense de Letras, Pereira dirigiu o jornal *Ecos do Carmo*. (BERTUSSI; ZINANI; SANTOS, 2006). Crônicas e sonetos do poeta foram publicados em diversos jornais da cidade.

Ilustração 16 – Espaço do texto na página 2 do *Caxias Magazine* (fev. 1963)

Página 2 "Caxias Magazine" 15 DE FEVEREIRO DE 1963

LE PAROLE CHE NON DISSI

ELOY LACAVA PEREIRA

Limpei meus livros. Encontrei em páginas amareladas bosquejos de sonetos inacabados e rascunhos de antigas cartas. Meu pensamento percorreu a espiral do tempo numa tentativa de encontrar um princípio e um fim. De coordenar as idéias e passar em revista todo o passado. Tantos. As idéias vivem nos bosquejos e se perdem no torvelinho da sala. Aqui e ali civesa uma

lâmpada de luz na varagem do tempo. Mas eram tudo sonhos de fim de ano...

Voltei à limpeza de meus livros. Ordem. Para o próximo ano vou ter minha biblioteca na máxima ordem. Não quero mais saber de papéis rolando por cima de minha escrivaninha. Parece as véias que me alongo no meio de tanto papel. O ano que vem será diferente...

A propósito de meus versos pensei num provérbio árabe que diz: "Somos senhores das palavras que não pronunciadas e escravos das que nos escapam". Gosto estranha os sonetos com provérbios tão profundos sobre a arte de não falar! os que cenhego são tão faladores...

A minha sala está um sonho. Bem menor, é verdade, porque tive que ceder um pedaço às exigências de minha sanhora, mas muito bonita. Tem alguma coisa de moderno em sua modestia. As armas na parede. Os livros bem arrumadinhos. A secretária limpinha com o guarda-luz e um guardanapo por

cima. Vou trabalhar todo ano com tudo arrumadinho...

Interessante os filósofos. Pensam muito e não dizem nada. Lido junto com outros escritos um pensamento de D. Francisco de Melo que diz: "Nunca me arrependi do que não disse". Devo ser um homem muito orgulhoso mesmo, porque, neste fim de ano, passando em revista todos os meus atos veni-me uma profundo arrependimento de tudo que não realizei: dos versos que não fiz, das cartas que não mandei, das palavras de amor que não disse aos meus que amo, do livro que não escrevi... Ah esse livro! Sinto uma espécie de nostalgia por aquilo que vive em mim e que, por diversos motivos, não foi dado à luz.

Chego ao fim do meu trabalho com a sensação de ter desperdiçado de um extremo sono.

RENAULT Dauphine VÁ CONHECE-LO EM
BAY & CIA. LTDA.
Av. Júlio de Castilhos, 130
Telefones 630 e 681
CAXIAS DO SUL

TRANSPORTADORA
AURORA

ARMAZENS POPULARES

Lista de Preços Para o Mês de Fevereiro de 1963

Arroz amarelo	75,00	Espinaço Matador	25,00	Nescafé - grande	210,00
agulha	70,00	Escrito ESTI - grande	145,00	pequeno	75,00
bilis rosa	72,00	pequeno	60,00	Nescaú - grande	140,00
japonesa	62,00	Farinha trigo - avulsas	29,00	Pasta Kolmas - média	72,00
Apêcor cristal	55,00	pacotes	275,00	Signal	71,00
Diana - ref.	67,00	Farinha milho - avulsas	40,00	Papel higiênico	30,00
Tamoyo	65,00	Feciz	45,00	Pescado	63,00
Azeite A Dona	180,00	Farinha de mandioca	40,00	Pedras de fogo	13,00
Saude e Ther	180,00	Feijão	75,00	Sabão Campero e Amazonas	110,00
A Patrão - Soró - Lirio	170,00	Fósforo	35,00	Caicho	165,00
Avião	185,00	Lâmpadas	190,00	Apolo e Mariajã	100,00
A Dona - 16 kg.	8.435,00	Leite Ninho	202,00	São João e Guatira	60,00
Anil	7,00	Leite	200,00	Cardel	52,00
Bananas	21,50	Leitegral	220,00	Campero em pó - grande	120,00
Bom Bril	3,00	Condensado	62,00	pequeno	70,00
Banha avulsas	103,00	Margarina Primor	145,00	Sabonete Vale Quanto pesa	56,00
em pote - frigidificada	185,00	Soude	130,00	Salsichas	1.500
Café	75,00	Marmelada Muesli	100,00	Sardinhas	65,00
Erva Mate Americana	63,00	Maysena - grande	112,00	Sel	39,00
Campero	48,00	pequena	72,00	Sopapões Radium	30,00
Ducaradina	35,00	Massa - ovos	70,00	Vassouras	175,00
Ervilha	75,00	sovos	84,00	Caixas vazias	25,00
Esfregões de aço	7,00				

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

"As palavras que eu não disse"⁸⁴ trata de um momento introspectivo do cronista que, ao limpar seus livros, encontra "[...] em páginas amareladas bosquejos de sonetos inacabados e rascunhos de antigas cartas." (PEREIRA, 1963, p. 2).

Um tom de lirismo reflexivo aplicado ao texto é claro quando são expostos sentimentos do eu cronista que se nota percorrendo "[...] a espiral do tempo numa tentativa de encontrar um princípio e um fim. De coordenar as idéias e passar em revista todo o passado". (PEREIRA, 1963, p. 2).

Entende-se que o relato cronístico "fica perto de nós" (CANDIDO, 1984),

⁸⁴ Do original: "Le parole che non dissi." (PEREIRA, 1963, p. 2).

leitores, pois trata de algo inicialmente desprezioso, mas se aproxima em demasia da rotina do leitor: a revisão de ações pessoais de um passado próximo, a organização e limpeza de livros e demais materiais de uma biblioteca pessoal e, ainda, o sentimento de arrependimento, inerente ao ser humano.

Já se viu, a partir de Candido (1984), a força que possui a crônica, pois ao tratar do desprezioso, humaniza o seu relato. Há indícios claros dessa relação no texto de Pereira (1963). O cronista promete: “Não quero mais saber de papéis rolando por cima de minha escrivaninha. Parece as [sic] vezes que me afogo no meio de tanto papel. O ano que vem será diferente.” (PEREIRA, 1963, p. 2).

O texto segue dando lugar a uma considerável adjetivação da descrição do espaço utilizado. Esse espaço, como pode-se notar, serve à leitura e também ao estudo e ao trabalho. O cronista valoriza a importância da biblioteca, portanto. Nota-se:

A minha sala está um sonho. Bem menor, é verdade, porque tive que ceder um espaço às exigências de minha senhora, mas muito bonitinha. Tem alguma coisa de moderno em sua modéstia. As armas na parede. Os livros bem arrumadinhos. A secretária limpinha com o quebra-luz e um guardanapo por cima. Vou trabalhar todo o ano com tudo arrumadinho. (PEREIRA, 1963, p. 2).

A sala de estudos e trabalho que considera um "sonho", "bonitinha", "moderna" e "modesta" pode estar representando as salas de seus leitores ou, talvez, projetando neles um sentimento de pertença, de valorização do espaço cultuado pelo cronista.

A partir da citação de um provérbio que classifica como árabe – “somos senhores das palavras que não pronunciamos e escravos das que nos escapam” – e de um pensamento de D. Francisco de Melo – “nunca me arrependi do que não disse” –, Pereira (1963) problematiza os excertos citados e expõe, de modo natural, lamentos. Nota-se:

Devo ser um homem muito vulgar mesmo, porque, neste fim de ano, passando em revista todos os meus atos vem-me um profundo arrependimento de tudo que não realizei: dos versos que não fiz, das cartas que não mandei, das palavras de amor que não disse aos entes que amo, do livro que não escrevi... Ah êsse livro! (PEREIRA, 1963, p. 2).

No texto de Pereira (1963) fica clara a importância que o cronista dá, também, ao ato da escrita, tanto que se lamenta pelo fato de não ter escrito poesia, redigido cartas e produzido um livro.

"Ah êsse livro!" traduz o sentimento do cronista que, contrariando o provérbio árabe, torna-se escravo das palavras que não pronuncia, pois se lamenta do que classifica como omissão, melancolicamente: "sinto uma espécie de nostalgia por aquilo que vive em mim e que, por diversos motivos, não foi dado à luz." (PEREIRA, 1963, p. 2). Atina-se, portanto, que em "Le parole che non dissi" o estado de espírito do cronista afeta o que Moisés (2005) já chamara de curva térmica do texto.

O "mundo" da biblioteca do cronista é representado intimamente pelo cronista que, saudoso, expõe elementos conhecidos do leitor, comuns ao seu cotidiano. Como já foi apontado no capítulo 1 desta pesquisa, o mundo é resultado de nossas representações. Entende-se, assim, que de certa forma a crônica possa estar representando, também, o "mundo" do leitor ou, ao menos, um "mundo" que tenha características que se assemelham à realidade de cada um.

Neste momento, entende-se como importante o que afirma Costa (2012). Conforme a autora, as representações de leitura não se deslocam da sociedade na qual foram produzidas. Portanto, é possível projetar relações entre o representado pelo cronista e o "mundo" do leitor.

À sua maneira, o leitor pode estar atribuindo sentido às representações expostas e, talvez, sendo atraído pela forma como os assuntos referentes à leitura, à biblioteca e ao livro estejam sendo expostos via crônica. Projeta-se que, de certo modo, o leitor possa estar dando valor aos assuntos tratados no texto.

4.2 O AUTOR E SUA OBRA

4.2.1 Uma exaltação a Ortega Y Gasset

Na crônica "Apenas...", o caxiense Mário Vanin⁸⁵ destina o espaço de sua coluna a uma exaltação ao autor e a sua obra. A leitura deixa perceber um cronista introspectivo, cujo texto apresenta uma das características já expostas por Moisés (2005) como próprias da crônica: uma pílula de cômoda e fácil digestão. A unidade

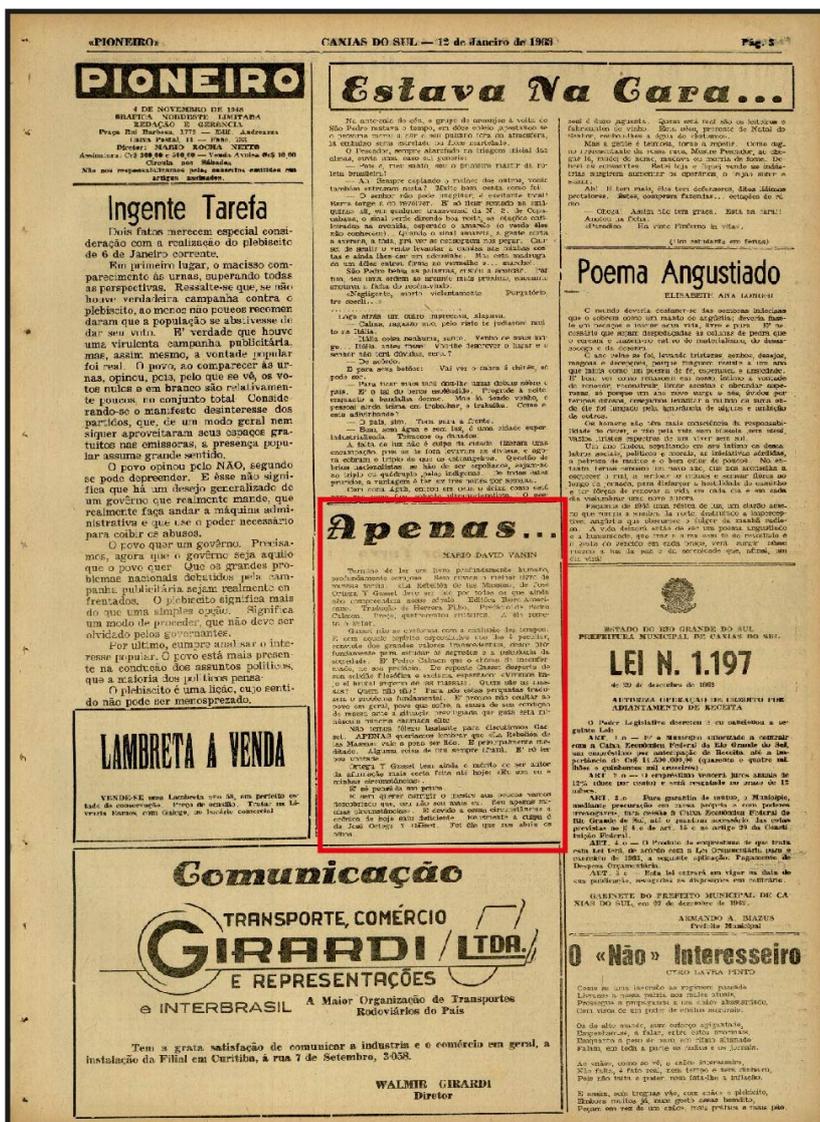
⁸⁵ Político, advogado e professor, Mário David Vanin nasceu em Caxias do Sul em 07 de dezembro de 1941. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde atuou como docente por muitos anos. Na política, Mário Vanin foi vereador e prefeito da cidade de Caxias do Sul por duas ocasiões. Atuou também como secretário do mesmo município, onde também presidiu a Festa Nacional da Uva. Vanin foi figura importante do cenário político caxiense. O político faleceu em Porto Alegre, em agosto de 2011.

linguística normalizada do texto gira em torno do personagem José Ortega y Gasset e de seu livro *La rebelión de las massas*.

É possível afirmar que o texto tenda a exaltar tanto a obra quanto seu autor, o filósofo, jornalista, ensaísta e ativista espanhol: "La rebelión de las massas vale muito a pena ser lido. E, principalmente, meditado. Ortega Y Gasset tem ainda o mérito de ser autor da afirmação mais certa feita até hoje: 'eu sou eu e minhas circunstâncias'." (VANIN, 1963, p. 3).

O texto, visualizado na figura que segue, mesmo que centralizado, não ocupa lugar de destaque na página 3 do jornal *Pioneiro* de 12 de janeiro de 1963.

Ilustração 17 – Espaço do texto na página 3 do *Pioneiro* (jan. 1963)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

A partir do relato de abertura do texto, é possível notar que "A rebelião das massas"⁸⁶, livro publicado por Ortega y Gasset no final dos anos 1920, foi objeto de leitura de férias de Mário Vanin (1963).

Na abertura de "Apenas...", Vanin (1963) não poupa adjetivos à obra. Nota-se: "Termino de ler um livro profundamente humano, profundamente corajoso. Sem dúvida o melhor livro de minhas férias." (VANIN, 1963, p. 3).

Leveza e acessibilidade são características da crônica (Candido, 1992) que estão presentes no texto de Vanin (1963). O autor trata com certa suavidade a temática central abordada na obra de Ortega y Gasset.

Longe de ser considerado simples, o enredo do livro trata de temas que versam, por exemplo, sobre as condições do homem na sociedade da época. A obra trata das tensões acerca das consequências do desenvolvimento do século XX e também trata do conceito de "massa humana" e "homem de massa". Na apresentação do livro, Néelson Jahr Garcia (2001) afirma que ele é uma "obra prima" de Ortega y Gasset e diz que ela "[...] deixou uma enorme abertura para que possamos repensar as idéias que defendeu em seus dias, adaptando-as ao nosso tempo e ao que viveremos no futuro". (GARCIA, 2001, p. 8). Infere-se que seja realmente isso que o cronista faça ao tratar da obra em seu texto, trazer à discussão a obra de Ortega y Gasset, talvez porque as temáticas tratadas dialoguem com a época da publicação da crônica, período de tensões pré-golpe militar.

A leitura da crônica de Vanin (1963) contribui para que o leitor projete o entendimento das questões centrais da obra de Ortega y Gasset, o que se pode interpretar como forma de tornar a obra mais acessível ao público leitor e uma contribuição a sua formação como leitor. Veja-se:

Gasset não se conforma com a confusão dos tempos. E com aquele espírito especulativo que lhe é peculiar, convicto dos grandes valores transcendentais, desce profundamente para estudar os segredos e a psicologia da sociedade. [...] De repente Gasset desperta de sua solidão filosófica e exclama espantado: "Vivimos bajo el brutal império de las massas". Quem são as massas? Quem não são? Para nós estas perguntas traduzem o problema fundamental. É preciso não ocultar ao povo geral, povo que sofre, a causa de sua condição de massa ante a situação privilegiada que goza esta minúscula minoria chamada elite. (VANIN, 1963, p. 3).

⁸⁶ **Do original:** "La rebelión de las massas." (VANIN, 1963, p. 3). O livro é considerado um dos mais conhecidos do autor. Inicialmente publicado em forma de artigos em jornal, em livro a obra foi traduzida para diversos idiomas.

Considerando que no espaço da sua crônica não há fôlego o "bastante" (VANIN, 1963, p. 3) para que se discuta o autor, o que ajuda a reforçar a tese de que a obra trata de assuntos densos, o cronista dedica-se, também, à tarefa de instruir o leitor. Na opinião de Vanin (1963, p. 3), a leitura vale a pena pois "alguma coisa de útil sempre ficará. É só ter boa vontade."

No final do texto, o cronista ratifica a importância do autor ao problematizar um dito do espanhol que assevera: "eu sou eu e minhas circunstâncias". Vanin (1963), ao se aproximar do leitor utilizando-se da primeira pessoa do singular, diz que nós (ele e o leitor)

vamos descobrindo que "eu não sou mais eu. Sou apenas minhas circunstâncias". E devido a essas circunstâncias a crônica de hoje saiu deficiente. Felizmente a culpa é de José Ortega Y Gasset. Foi ele quem nos abriu os olhos. (VANIN, 1963, p. 3).

A carga reflexiva empregada no texto de Vanin (1963) expõe com clareza as dúvidas do eu cronista em relação ao contexto em que vive. É atribuída ao autor de "A rebelião das massas" a "culposa" tarefa de alterar, inclusive, o formato da crônica em questão. Finalmente, Vanin (1963) parece resignado e de "olhos abertos" às questões expostas por Gasset.

Tal sentimento pode estar aguçando também no leitor a reflexão quanto às circunstâncias que o cercam, já que, conforme já visto em Manguel (1997), lê-se para vislumbrar o que se é e onde se está.

As representações de leitura expostas na crônica podem projetar no leitor o que Duveen (1995) já mencionara sobre a possibilidade de internalização das representações, que o situam no mundo e que podem passar a expressar a relação do sujeito (leitor) com o seu próprio mundo.

Em suas próprias palavras, o livro que o cronista acabara de ler pode ser considerado "profundamente humano e profundamente corajoso" e "deve ser lido por todos os que ainda não compreendem nosso século" (VANIN, 1963, p. 3). Essa valoração fortalece a qualidade do gênero crônica de contribuir para a formação do leitor, já que, claramente, convoca-o para que entre em contato com uma obra, nesse caso um dos livros mais conhecidas do filósofo espanhol.

A crônica, assim, deve ser encarada como instância que se caracteriza como fonte que projeta a interpretação de assuntos referentes ao mundo do leitor. O gênero,

como já visto, é objeto de leitura do mundo, mundo esse problematizado na obra de Ortega y Gasset que, com ela, é personagem central da crônica de Vanin (1963).

4.2.2 O velho e bom cronista

Em "O velho Braga", o hoje consagrado escritor gaúcho José Clemente Pozenato⁸⁷ reverencia um dos maiores nomes da crônica brasileira, Rubem Braga. Em um texto escrito em primeira pessoa, Pozenato (1983) extrai suas impressões sobre algumas das características do reconhecido cronista capixaba. Tais impressões incluem, até mesmo, menções sobre o estilo do seu texto.

O gatilho para o relato de Pozenato (1983) foi alcançado a partir da leitura de Braga: "acabo de descobrir, lendo Rubem Braga, que só os velhos deveriam escrever crônicas". (POZENATO, 1983, p. 6).

O cronista caxiense discorre sobre a experiência do cronista que "velho" pode "dizer, sem mentir, ou sem parecer mentir, que antes era tudo melhor". (POZENATO, 1983, p. 6). Assim, Pozenato (1983) trata, também, da própria figura do cronista, pois faz uma análise da sua função. Velho, utilizando-se o mesmo termo de Pozenato (1983), o cronista poderia ter mais sensibilidade para notar os detalhes da vida que rendem, conseqüentemente, boas crônicas.

A tese defendida por Pozenato (1983) assevera: "velho é o verdadeiro testemunha do que há de essencial no homem. Por isso é que os velhos são cronistas natos. São eles os privilegiados vedores do tempo." (POZENATO, 1983, p. 6). Nesse fragmento, o autor acaba reforçando a tese já citada de que a crônica deve ser entendida como auxiliar da história. Como já visto, a avaliação, inclusive, foi citada por Pozenato (2009) via Drummond de Andrade.

Como escritor, é possível inferir que a leitura faça parte do cotidiano de Pozenato (1983). É por isso, talvez, que um escritor e seu estilo façam parte do tema-

⁸⁷ Natural da cidade gaúcha São Francisco de Paula, onde nasceu em 1938, José Clemente Pozenato é um dos principais escritores gaúchos. Ainda durante o período em que cursou a graduação em filosofia, o romancista, poeta, cronista, ex-sacerdote e professor universitário publicou os primeiros contos, poemas e ensaios. Na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Pozenato ocupou importantes cargos administrativos, além de atuar como docente e pesquisador. Mestre em Educação (UFSCar) e Doutor em Letras (PUC-RS), o escritor gaúcho publicou uma série de livros e crônicas. Dentre suas obras mais importantes, figura a trilogia composta pelos romances *A cocanha*, *O quatrilho* e *A babilônia*. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras, da Academia Sul-Brasileira de Letras e da Associação Gaúcha de Escritores, Pozenato foi cronista dos jornais *Pioneiro*, *Folha Regional* e *Folha de Hoje*, dentre outros, e patrono da 11ª Feira do Livro de Caxias do Sul. (BERTUSSI; ZINANI; SANTOS, 2006).

eixo da crônica. Nesse caso, é a leitura como atividade do cotidiano do escritor que projeta o tema da crônica. O gatilho que gera a crônica é o cotidiano, assertiva que valida a afirmação já vista em Galvani (2005) de que tal conjunto de ações geradas diariamente é sempre um ambiente gerador de assuntos para o cronista. O cronista aprecia um fato do cotidiano (GALVANI, 2005) e tece seu texto. A crônica "O Velho Braga", portanto, não se configura como exceção.

O texto, ilustrado na sequência, foi publicado na página 6 na edição junho de 1983 da *Folha Regional*. A crônica ocupa cerca de 1/3 da página e sua publicação se deu em razão do prêmio que recebeu no Concurso de Contos, Crônicas e Poesias, integrante do Concurso Anual Literário de Caxias do Sul. O evento foi realizado pela administração municipal da cidade de Caxias do Sul.

Ilustração 18 – Espaço do texto na página 6 da *Folha Regional* (jun. 1983)

Reportagem 1983 JUN JÚNIPO DE 1983

POESIA VENCE NOVAMENTE CONCURSO DE OBRA LITERÁRIA

RÉQUIEM PARA UM RIO

RÉQUIEM PARA UM RIO
 O poema é de Leino Luiz Finkler
 1º lugar - Crônicas - Estremoz

Minhas águas tremem empararadas-me para o mar, e lá que seu ficar, mas tenho uma história, ela tem muito a ver com a sua, porque somos dois dependentes, dependemos um do outro e temos que nos ajudar, talvez você não se convença de minha importância para com você, porém eu que estou correndo a seus pés, sei o quanto você necessita. Para que você me acolha e avalie minha importância, vou contar-lhe a minha história, não me despreze, porque mais tarde não quero que você contasse a sua, espero que a minha seja a primeira e última lição que você tenha que estudar. Eu era claro e borbulhante, tinha o dono natural do cadar a sede de todos que me procuravam, a procura de minhas águas, era refúgio nas verdes árvores que me cercavam, os cachos de minhas cachoeiras cantavam feliz e desfravam harmonemente pelos vales, crianças rebeldes ruminicas encantados os que me viam passar. Os rios corriam desfradamente e jogavam-se em minhas águas limpas e refrescantes, pudé ver em minhas águas limpas e refrescantes, podia ver em minhas águas alegres famílias fazendo piqueniques, minhas águas eram povoadas por muitos peixes, sentia-me feliz, pelas divertidas pescarias e ajudava no alimentação doméstica, quando eu corria a verde mata, minhas águas celebravam alimentos para meus peixes, senti-me soberbo e prestigioso por este favor da natureza. Meu leite exalava vida e alegria, minha clara placidez refletia a imagem de todos que sorriam, scitiam-me sempre jovem e forte, a cada tola das minhas águas, tinha mais vida do que as outras. Porém hoje tudo está mudado, hoje sou apenas um composto desconhecido que provoca os mais diferentes sentimentos como: parvoçegias, sinto-me sem identidade, pensosamente rotulado como mais produto da poluição.

Sinto-me tão triste e pesado, faço um enorme esforço para mover-me, já não consigo olhar para trás e ver minha melancólica estada espregando-se entre mirres delimitadas, povoadas por estranhas edificações que despoem nevas fumacças e de algumas felizes líquidas, nem tenho que fechar os olhos para meus afluentes, eles vem carregados de tantas impurezas que quando os recebo, já é tarde demais, estão mortos, mesmo assim os apulho e num correjo fúnebre conduzo-os para o mar. Ninguém me olha mais, todos se afastam quando passo, não suportam meu cheiro, até a voz de minhas cachoeiras mudas, não cantam mais, somente murmuram tristemente. Sigo meu caminho e escurto, meus peixes não existem mais, há um vazão enorme dentro de mim, sinto-me mais que habito minhas águas grossas e lamacentas, que passam silenciosamente longe de você, mas tento fazer um esforço para que você me veja e corra até a mim e volte sua vida em minhas águas e veja o quanto estou doente, mas se você permitisse indiferente até a minha cordão, deixe que o seu filho, que ainda não me viu puro e alegre, comova seu coração e abra uma pequena lagrima para purificar nossos águas.

O VELHO BRAGA
 José Clemente Pozenato - Crônica - Publicado

Acabo de descobrir, lendo Rubem Braga, que ele não se dava ao trabalho de escrever crônicas. Somente elas podem dizer, sem medo, ou sem parecer mentir, que antes era muito miúdo. Só a abstração do velho é capaz de olhar para as miúdas contemporâneas com um deslumbramento entorpecido de quem já viu tudo antes. Só o velho é capaz de não se surpreender com as miúdas, com as novidades, com as invenções que tanto espantam os desavisados. Porque ele sabe que o mundo não mudou logo e que as coisas não mudam tanto como parecem. E que nada é mais comum e correto do que uma mudança superficial. O velho é o verdadeiro testemunha de que há de essencial no homem.

Por isso é que os velhos são cronistas mais. São eles os privilegiados videntes do tempo. Desse tempo que os grezes chamam-se crônicas. Por isso, o representante só a figura de um velho de imensas barbas brancas. O tempo é uma possibilidade de substituição por similar, a matéria prima da crônica.

É claro que existiu o cronista moço chamado Rubem Braga. E de que fazera ele, sendo moço? De borboleta amarela, das folhas do parque e dessas miúdas coisas que nosso olho grosseiro não vê. Mas não falou delas de maneira que a gente se sentisse transformado em um espantoso animal. O velho Braga nunca teve esse mau vício dos cronistas jovens. Desde cedo ele foi o velho Braga.

E isso só vem confirmar minha teoria descoberta, a de que é preciso ser velho para falar do mundo. Tanto a verdade que a opinião comum, ao ler os escritos de Braga, via-se tão simples que não precisavam em apêndice o velho. Concedo agora que esse foi o melhor diálogo que poderia ter sido inventado para o mestre da crônica.

Imagino que algum velho discordasse destes meus devaneios.

Afinal, o desejo de todo velho não é o de ser jovem? Mas dúvida que algum queira voltar às brotoças da juventude jogando no lixo tudo o que a experiência lhe ensinou. O que na verdade os velhos dizem é que voltariam de bom grado a ser jovens, mas sabendo tudo o que sabem. O que é uma sutil maneira de dizer que a juventude é a idade que a estúpidez. O que talvez não comprete a maior fúria dos músculos e a maior hipidez (como diria um velho) corporal.

Ac contentar-me do que se pensa, de que o ideal do velho é ter espírito jovem, descobro que o ideal do velho é ter espírito de velho. Mas foi exatamente isso que o Braga viu, mais cedo que eu. Ah, Velho Braga.

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

Ao falar de Braga, Pozenato (1983) acaba pontuando aspectos sobre o gênero crônica. O autor menciona que, quando jovem, Braga tratava – como já citado em Galvani (2005) das habilidades do cronista brasileiro de transformar qualquer assunto em crônica – “[...] de borboleta amarela, das folhas do parque e dessas miúdas coisas que nosso olho grosseiro não vê”. (POZENATO, 1983, p. 6). Esse excerto corrobora a tese de Candido (1992, p. 15) sobre a fórmula moderna da crônica, na qual o miúdo, o humor e a poesia representam o amadurecimento do gênero.

Ainda sobre o gênero e o estilo do cronista, Pozenato (1983) sustenta a tese de que o tempo seja matéria da crônica: "O tempo é, sem possibilidade de substituição

por similar, a matéria prima do cronista. É claro que existiu o cronista moço chamado Rubem Braga." (POZENATO, 1983, p. 6).

Mais adiante, o escritor caxiense menciona o que considera um vício dos jovens cronistas, mas afasta a possibilidade de que essa dependência possa ser percebida também nos primeiros textos de Braga. Pozenato (1983, p. 6) afirma que, mesmo tratando de temas miúdos, Rubem Braga "[...] não falou delas derramando-lhes açúcar sentimental, transformando-as em enjoativa embrosia. O velho Braga nunca teve esse mau vício dos cronistas jovens. Desde cedo ele foi velho Braga." (POZENATO, 1983, p. 6).

No fragmento final da crônica, Pozenato (1983) discorre sobre o que considera uma "tardia" descoberta: "[...] é preciso ser velho para falar do mundo". (POZENATO, 1983, p. 6).

A crônica, como já visto, é gênero capaz de elevar o pensamento (GALVANI, 2005) do leitor sobre temáticas geralmente vinculadas ao cotidiano. Nesse ponto, é importante notar que o texto de Pozenato (1983) pode estar conduzindo o leitor para que reflita mais sobre aspectos relacionados à própria experiência do ser humano.

Afinal, o desejo de todo velho não é o de ser jovem? Mas duvido que algum queira voltar às brotoejas da juventude jogando no lixo tudo o que a experiência lhe ensinou. O que na verdade os velhos dizem é que voltariam de bom grado a ser jovens, mas sabendo tudo o que sabem. O que é uma sutil maneira de dizer que a juventude é a idade da estupidez. O que talvez não compense a maior rigidez dos músculos e a maior hígidez (como diria um velho) corporal. Ao contrário do que se pensa, [...] descubro que o ideal é ser jovem com espírito velho. Mas foi exatamente isso que o Braga viu, mais cedo que eu. Ah, Velho Braga. (POZENATO 1983, p. 6).

A partir da análise da crônica "O velho Braga", infere-se que haja elementos que projetam intenções de leitura no leitor. Como já visto, a leitura é definidora e a crônica pode ser entendida como gênero que flagra espaços de fomento a ela, o que contribui para a formação do leitor.

O texto da crônica, como já referido em capítulos anteriores desta tese, é pródigo em simplicidade, o que pode ser percebido como uma característica que aproxima o leitor da compreensão do texto. Já se viu que quando há afinidade entre o leitor e o texto, a compreensão surge como que uma substância gerada. Essa afinidade seria facilitada pelo estilo leve e simples da crônica e a compreensão do texto, portanto, um dos resultados dessa afinidade gerada. O texto simples da crônica pode ser encarado como condição para que haja uma reação, essa entendida como

a própria compreensão do texto. Faz-se, assim, alusão à leitura como se fosse química, do modo como mostra Leffa (1996).

Nesse sentido, também é possível destacar novamente o que Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997) mencionam sobre a "travessia feliz" do texto que deve ser experienciada pelo leitor, já que é a liberdade que constitui o prazer do texto.

É possível afirmar, também, que, ao valorar o texto de Braga, Pozenato (1983) pode estar contribuindo para a formação do gosto do leitor pela leitura do gênero crônica e, também, pelo gosto do estilo de texto do "velho" Braga.

Sob esse aspecto, destaca-se, novamente, o que se viu em Schneider (2008), ao afirmar que o gosto é algo que se aprende e se aprimora, já que é o resultado de um cultivo, da educação.

Tanto no cenário que considera um contumaz leitor de crônicas entrando em contato com o texto de Pozenato (1983) quanto no cenário em que o leitor da crônica publicada na *Folha Regional* não leria crônicas comumente e, talvez, sequer conheceria Rubem Braga, é possível afirmar que no texto haja elementos estimuladores do gosto do leitor pelas crônicas e do gosto da leitura das crônicas de Braga, especificamente.

Já se viu que o gosto pode ser entendido como a vantagem de descobrir a medida do prazer que as coisas dão e que os melhores escritores, os que mais agradam, são os que possuem a qualidade de estimular sensações na alma do leitor. Acredita-se que Pozenato (1983) projeta o que poderia ser uma boa experiência para o leitor das crônicas de Braga.

Deduz-se, também, que com a leitura da crônica de Pozenato (1983), o leitor que se depara com o texto da página 6 da *Folha Regional* pode estar sendo formado para melhor julgar até mesmo os valores estéticos do gênero e da obra de Braga. Há o claro entendimento acerca de características valorativas do gênero e do autor.

Relaciona-se, assim, a questão ao que Bourdieu (2007) e Magnani (1992) já mencionaram sobre o gosto, que pode ser entendido como a faculdade de julgar valores estéticos imediata e intuitivamente. Coelho (2005) é outro autor que, como já percebido, afirma que o gosto projeta no sujeito a aptidão para o discernimento sobre qualidades e defeitos (o que considera algo central na ideia do gosto). Como já destacado, a crônica contribui, assim, para a formação do gosto do leitor.

Como uma conversa fiada, própria do estilo, a crônica "O velho Braga" se aproxima do leitor tratando de uma problemática humana que, por natureza, interessa

ao leitor. Na esteira da discussão sobre a experiência e a in experiência do ser humano, Pozenato (1983) aproveita e tece elogios ao cronista que considera o "mestre da crônica", o velho Rubem Braga.

4.2.3 Os ensinamentos do mestre Guilhermino

O gênero crônica, como já visto em Martins (1977), permite ao cronista ampla liberdade de escolha quanto aos assuntos que aborda em seus relatos. Fernando Sabino se vale dessa asserção para tratar de futebol e de literatura, ao mesmo tempo, na coluna que leva o seu nome. O texto, ilustrado a seguir e que leva o nome do próprio cronista, foi publicado em primeiro de julho de 1978 no *Jornal de Caxias*. Como pode-se perceber, ele ocupa boa parte da página.

Ilustração 19 - Espaço do texto na página 10 do *Jornal de Caxias* (jul. 1978)

fernando sabino

h como o assunto é futebol, acur nos o opinião de Nelson Saitoa, numa entrevista que ele concedeu por ocasião da Copa de 74, e que a disse ato só faz confirmar:

— Copa do Mundo é coisa muito difícil de ganhar. Quem ganhou os Copas para o Brasil foram Pelé e Garrincha, não tinha dúvida. Tudo mais é questão de sorte: a sorte está de lado na favor, o azar na hora de chutar em gol, os erros estranhos por acionarem contra o e a favor da gente. Se não fosse o Garrincha em 62, Gilmar imprimiu confiança. Zito também. Pelé, grande capitão — na minha época se capitão, queria ser — ter certo, para mostrar o joguê à vontade, sem parecer que estava mandando. Didi jogava o fim, mas aquela história de assinar o time em 58, conta a Stofca. Lado bom, cur a bola no gol, foi de puro azar. O que não mais mesmo era a existência do Mano ou do Pelé. O círculo era perfeito. Em 70 você viu ele acertar bola a todo mundo no favor gol. Agora, nunca se sabe o que pode acontecer: um esse dola pra ganhar. Agora todo mundo é igual, tanto faz como um cara outro.

El, segundo ele, ainda resta juízo. "O jogo pode decidir um jogo."

— Futebol é esporte ingratificante não se se caracteriza, faz um sacrifício louco, jog o que pode e o que não pode, para se fazer um negócio racado de certo meter uma apco na boca e sair com o sua dignidade.

Durante o Segundo Guerra, o grande prêmio (Jabuti e Menardi), ja voltando, foi considerado a vitória uma exposição de pintura feita que se realizou em Roma. Embora com certo ego e vaidade, a lo, mais lito na sua vida de

artista e li foi — ele dar uma olhada nos quatro dos a terra. Depois de percorrer a exposição, foi apenas um comentário.

Não tem dúvida: com esta pintura, vai ter a guerra. Uma frase ficou se repetido na minha cabeça, de pelé que saiu a — carta do Brasil na Copa do Mundo. Quando esta coisa for publicada, li estaremos eliminados, não ou, li foi vontade — eliminados. Mas lá, só me resta esperar, está parando deca, lentamente o velho Maradona.

— Com esta final, vamos perder a Copa.

Mudemos, pois, de assunto. flemos, por exemplo, em poesia.

— Me lembra o seguinte desin bicia posta a ser: se não e ao sim, ao mesmo e ao talvez; é uma contem e coquina: tra do estere e chro que se vê.

Sem pedalo de amor, par tido muitos e muitos versos, até; me atopa numa huida de tempo de inventiva, jogaria satírico do passado. Sou, ali, na procura oval-se n rano, a Emma que o sonho se vai acabar em cada gozo, em cada pensamento.

e só assim consigo se e, mesmo, e só assim me barto ao que, mesmo, mesmo, a sonhar o sonhar em vida."

A modéstia e comedimento, a discrição com que o autor desse belo soneto vem cultivando a poesia, são virtudes mineiras, que se não deram ainda e seu ramo a proção que merece: subiram a mesma respeito e admiração, as acaídas, entre os quais me incluo.

Qualificação e cultura Guilherme Lessa desde que me entendo no grupo. Os emulaos de esse história Lessa sabem da sua participação no grupo da revista. Vejo em Carlos Gomes, que sempre o no-

livros



GLENO PERES caderno de notícias

Com produção editorial e gráfica da Gregorini, de Porto Alegre, a está à venda na Livraria São Paulo, em Caxias, "CADERNOS DE NOTÍCIAS" de Glênio Peres. Segundo Tasso P. Gomes, a obra poderia ter o nome de "depoimento sobre temas impuros" — ou ainda, "do como a poesia pode inventar dicção de ra conjuntura sem perder sua relação com a arte".



LEIA

Já foi lançado o n.º 2 da revista "Leia Livros" (Cr\$ 15,00), distribuída pela Livraria Sulina.

LEIA LIVROS — N.º 2 — Está circulando a segunda edição desta revista com a edição dos artigos sobre os objetivos desta publicação, escreve Cláudio Alvim na página 18. "Foi concebida para transmitir conhecimento, convidar à reflexão, incitar ao estudo, estimular o exercício da inteligência, promover a discussão de idéias e opiniões. Ela não é o produto de uma sucessão de artigos e análises; ela se destina a todos e pretende sempre um diálogo legítimo".

O desta que capa é o livro "Per que os Judus Sobreviveram? Nazistas no Brasil" de Jerry Pinky, que também parte de um diário sobre a obra na página 20. Na revista há ainda artigos sobre televisão, cinema e música.



Todo mundo tem sede de natureza. Guarana ANTARCTICA

Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

No fragmento do texto destinado à poesia e assuntos que a ela dizem respeito, o cronista mineiro Fernando Sabino⁸⁸ abre a narrativa apontando o que considera um "belo soneto" e atribuindo ao seu autor inúmeras características valorativas. Nota-se:

A modéstia, o comedimento, a discrição com que o autor desse belo soneto vem cultivando a poesia, são virtudes mineiras, que, se não deram ainda ao

⁸⁸ O escritor, cronista, jornalista e editor mineiro Fernando Sabino nasceu em 1923. Vencedor do Prêmio Jabuti com o livro "O grande Mentecapto", Sabino também foi agraciado pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio Machado de Assis. Sabino também atuou como funcionário público e professor. O escritor faleceu em 2004.

seu nome a projeção que merece, souberam inspirar respeito e admiração aos iniciados, entre os quais me incluo. (SABINO, 1978, p. 10).

É nítido que a crônica se empenha em adjetivar o jornalista, escritor, crítico literário e também mineiro Guilhermino César⁸⁹ de modo que, inclusive, trata de citar a possibilidade de que o crítico não tivera, até então, alcançado a projeção que merecia.

Na medida em que chega a publicar um soneto de César, o cronista acaba confirmando a tese que projeta a crônica como gênero capaz de estabelecer um elo entre autor e obra, já que se configura como ponte que permite o contato do leitor de crônica com trechos da obra de autores mencionados no texto. A flexibilidade e o poliformismo do gênero, atribuições já mencionadas por Martins (1977), ficam claras no texto de Sabino.

O autor dá sequência ao relato expondo o próprio contato que tivera com o escritor. Sabino (1978) não se furta a mencionar triunfos da atividade intelectual do também magistrado Guilhermino César. Nota-se:

Conheço e admiro Guilhermino Cesar desde que me entendo por gente. Os estudiosos de nossa história literária sabem da sua participação no grupo da revista Verde em Cataguases, que encampou o movimento modernista. A partir de então, a sua atividade intelectual, sempre destacada e influente, se estendeu da literatura, ao jornalismo, ao magistério à magistratura. (SABINO, 1978, p. 10).

No desenrolar da crônica, Sabino (1978) passa a expor uma experiência próxima com César. O relato é munido de certo sentimentalismo e expõe o início do laço de amizade entre o crítico e o cronista. A biblioteca de César também é assunto da crônica e parte do relato. Vê-se como Sabino (1978) deixa claros seus sentimentos e emoções, característica típica do cronista, como já mencionado em outro trecho desta tese. Nota-se:

⁸⁹ Nasceu em 1908, em Minas Gerais, e faleceu em 1993, no Rio Grande do Sul. Foi poeta, romancista, crítico, ensaísta, historiador e professor. Foi importante para a crítica e a história da literatura brasileira porque, por exemplo, esteve vinculado ao movimento modernista fundando, inclusive, um tabloide intitulado *Leite Criólo*, que objetivava difundir suas ideias modernistas. Em 1927, fundou a revista modernista *Verde*. Guilhermino César da Silva também assumiu, ao longo de sua carreira, alguns cargos públicos, dentre eles o de secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1964, o professor recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, de Portugal. (ITAÚ, 2017). Conforme Póvoas (2016), "nos cinquenta anos em que viveu na capital, marcou profundamente a historiografia literária sul-rio-grandense, em especial com a publicação de *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, em 1956 [...]". Já conforme Silva (2010, p. 192), Guilhermino César, "[...] respeitadíssimo nos meios acadêmicos [...] quando falece, em 1993, deixa uma obra de vulto e qualidade, que serviu de referência a estudiosos de diversas áreas do conhecimento."

[...] tornei-me seu amigo desde os 14 anos, e a nossa diferença de idade não impediu que ele acolhesse com carinho a [sic] [e] interesse a minha literatice juvenil. Ainda me lembro do impacto que foi para mim, ao levar-lhe os meus primeiros contos, encontrá-lo literalmente perdido num oceano de livros, na biblioteca de sua casa, cuja desordem natural se agravava ante uma enchente de água que provinha de um cano furado. Ali estava eu, pela primeira vez diante de um escritor consagrado, e ele me parecia um ser humano como outro qualquer, jovial e acolhedor, calças arregaçadas, às voltas com um problema doméstico que afetaria apenas [sic] [apenas] nós outros, simples mortais. (SABINO, 1978, p. 10).

O relato cronístico de Sabino (1978) trata de um personagem considerado uma espécie de mito para o então jovem escritor. Sabino (1978) fala de perto, ao modo natural e, como já afirmara Candido (1984) sobre a atribuição dada à crônica como "gênero menor", pode-se afirmar que é na sua despretensão que ocorre a humanização do relato.

Da intimidade do "jovial" e "acolhedor", mas também consagrado crítico literário, surgem elementos que recriam o ambiente da biblioteca pessoal do famoso intelectual que se apresentou ao então futuro escritor "de calças arregaçadas".

Mais adiante, a faceta de um Guilhermino César educador foi exposta por Sabino (1978) na medida em que há o relato do empréstimo de uma série de obras de autores importantes para a formação do jovem aprendiz. Nota-se

– Você quer ser contista, não é? Pois então leia isto... e isto... e isto. Marimée, Flaubert e Maupassant – três autores francesas [sic], no original, que tentei ler a duras penas, já que o meu francês não dava ignorância para tanto que não tive coragem de revelar. (SABINO, 1978, p. 10).

Conforme o cronista, que passou a frequentar o ambiente da biblioteca de César, a convivência com o crítico literário "[...] não foi apenas um arrimo para a minha iniciação literária, mas uma lição permanente de valores humanos e de dignidade intelectual." (SABINO, 1978, p. 10).

O fragmento da crônica de Sabino (1978) que trata de literatura a partir da citação de um soneto de Guilhermino César encerra com a exposição de mais informações sobre a obra que comporta o soneto. Veja-se:

O soneto que transcrevi de seu último livro, "Sistema do Imperfeito e Outros Poemas"⁹⁰, não chega a dar a medida da importância dessa obra, feita de poesia, romance, estudos históricos, ensaios críticos, mas principalmente, [...] de sentimento de mundo." (SABINO, 1978, p. 10).

É clara, assim, a manifestação do cronista em valorar autor e obra. Como já visto em Minayo (1995), as palavras representam e são tecidas a partir de fios ideológicos. Sabino (1978) faz com que o leitor conheça mais sobre o autor e obtenha todas informações da última obra lançada por ele. É projetada ao leitor, entende-se, a possibilidade de aprender mais sobre as inúmeras facetas de Guilhermino César.

Assim como já afirmara Martins (1984) sobre a possibilidade de a crônica despertar o interesse do público pela leitura, projeta-se que o texto de Sabino (1978) possa, sim, contribuir para que haja interesse por parte do leitor em ter acesso à obra de Guilhermino César. É importante que, para sua formação, haja a continuidade do ato da leitura por conta própria. Entende-se que seja justamente essa continuidade que se projeta como ação do leitor a partir da leitura da crônica de Sabino (1978) publicada no *Jornal de Caxias* que, como veículo impresso de comunicação, deve ser considerado como uma importante plataforma de acesso à leitura para a cidade e região.

4.2.4 A crônica e o "comercial" de um livro

É histórica a relação existente entre jornalismo e publicidade. Esta é considerada uma das principais – se não a fundamental – fontes de renda dos veículos de comunicação. Em veículos impressos, tradicionalmente é explorada a venda de espaços nas páginas dos periódicos para que marcas e produtos, por exemplo, sejam expostos aos olhos do leitor.

Na crônica "Uma Pausa", publicada no jornal *Correio Riograndense* em 5 de setembro de 1973, pode-se afirmar que a intenção da publicização de um livro apresenta-se diluída ao longo do texto do cronista. Anteriormente, já se tratou da questão que envolve o poliformismo do gênero crônica e sua imprecisão conceitual

⁹⁰ O livro foi lançado em 1977 pela Editora Globo e se divide em nove partes, cada uma com um número variado de poemas. Conforme Silva (2005, p. 17), "[...] é a partir da análise de Sistema do Imperfeito & Outros Poemas que se pode apreender algumas facetas de um olhar sobre aquele período de revoluções dentro de um já bastante agitado século XX". Ainda conforme a autora, "a poesia de Guilhermino Cesar em Sistema do Imperfeito & Outros Poemas deixa transparecer uma forma bastante pessoal de aproximação para com a sua própria época, dentro do lirismo moderno brasileiro [...]". (SILVA, 2005, p. 80).

Própria da crônica, é clara a manifestação de aproximação entre o cronista e o leitor, tanto que Leonel (1973), desde o princípio, esclarece sua intenção como autor do texto: deixar o leitor ciente de que a coluna será utilizada para a publicização de um livro. No primeiro parágrafo do texto há, inclusive, a exposição do motivo que leva Leonel (1973, p. 10) a tratar da "venda" do livro: "[...] coisas boas devem ser conhecidas e aproveitadas".

Já se viu que a afirmativa sobre o protagonismo do leitor no contexto da leitura é pertinente. O que já se notou em Ferrão Neto (2010) a partir de Guglielmo Cavallo e Roger Chartier fica perceptível na crônica a partir da intenção do autor em se comunicar com o seu leitor. Entende-se isso porque é a ele, leitor, que o cronista "pede licença" para tratar do tema, solicitando que ele "não se preocupe" que a "venda" de um livro não é para que o cronista obtenha "comissão" ou dê uma "colher de chá" ao escritor. Assim, entende-se haja preocupação do cronista em explicar ao leitor o porquê de falar da obra e do autor. Talvez, mal-entendidos pudessem ser evitados, portanto.

A utilização de adjetivos para o enaltecimento da obra permanece sendo utilizada pelo cronista na sequência do texto. Ele se ocupa em expor o tema da obra e dimensionar o seu público.

A obra em questão é intitulada "Uma vida a dois"⁹². Pelo cronista, o volume é considerado "[...] um livrinho bem adaptado [sic] para o nosso tempo [...]" foi escrita por um Frei Capuchinho de São Pedro, o Frei José Carlos Correa Pedroso, um "[...] Superior Provincial da Província de São Pedro e Presidente da Conferência dos Capuchinhos do Brasil" (LEONEL, 1973, p. 10). Nota-se que o cronista, ao expor o posto e o cargo ocupados pelo escritor, intenta, imagina-se, reforçar a importância da obra citada.

Ainda conforme o cronista, a obra tem "[...] apenas 32 páginas, mas de um inestimável valor quanto ao seu conteúdo" (LEONEL, p. 10). Na sequência, o autor deixa nítido para quem está recomendando a obra. Veja-se:

É por isso que o estou recomendando a todos os meus queridos jovens – e também velhos – leitores. Serve para namorados e noivos e também para os recém casados e para aqueles casais que já perderam a conta dos anos do seu enlace matrimonial. (LEONEL, 1973, p. 10).

⁹² O livro foi lançado pela Editora Franciscana. São raras as informações sobre ele, o que explica ter caído no esquecimento.

O cronista também trata de expor características acerca do estilo e formatação da obra, que julga ser escrita "[...] num estilo bem simples e em forma de perguntas e pensamentos soltos. Estão mesmo adaptados para meditações e diálogos". (LEONEL, 1973, p. 10).

Infere-se que ao evidenciar características da obra que possam suscitar no leitor a ideia de se tratar de uma obra simples de ser lida, já que apresenta "apenas 32 páginas"; é um livro bem "adatado" ao tempo; tem dotes de "inestimável valor quanto ao seu conteúdo"; e dispõe de um "estilo simples", Leonel (1973) acaba aguçando certa curiosidade na busca pelo livro.

Tal interesse pode ser projetado, também, a partir da exposição de exemplos de "perguntas e pensamentos" presentes ao longo do livro. Assim, o leitor estar em contato com excertos da obra manifesta intenção do cronista em provocar uma possível intencionalidade de leitura. Nota-se:

nº 1 – "Quando você encontrou o seu cônjuge, ele ia seguindo um caminho [...]. Você também tinha sonhado e escolhido um para você. [...] E agora? Vocês continuam os seus caminhos? Mudaram de caminho? [...]"

nº 100 – "Humildade é o reconhecimento dos próprios limites e dos próprios valores. É aceitação de si e aceitação do outro. Depois do casamento já se torna difícil salvar as aparências. Isso é bom, pois podemos começar a viver a verdade." (LEONEL, 1973, p. 10).

Pensa-se que seja possível que o leitor se identifique ao ler excertos da obra selecionados pelo cronista e, por consequência, busque-a para uma leitura completa.

No trecho final da crônica "Uma Pausa" há a menção aos caminhos que devem ser percorridos pelo leitor interessado na compra. Leonel (1973, p. 10) utiliza, inclusive, o imperativo – próprio da publicidade – para reforçar a intencionalidade pela compra da obra. Veja-se:

Vocês podem adquirí-lo com os Freis Capuchinhos de São Paulo, Av. Brigadeiro Luís Antônio, nº 2071 – CEP 01.317, SÃO PAULO – SP. Ou então **escrevam** aqui para a Livraria São Miguel, C. Postal, 233 – 95.100 – Caxias do Sul – RS. (LEONEL, 1973, p. 10, grifo nosso).

O texto de Leonel (1973) apresenta uma das marcas da crônica conforme Moisés (2005): não se trata de uma reflexão densa e profunda sobre alguma temática específica. O cronista "fala" de uma maneira simples acerca da leitura e demais assuntos referentes a ela.

No primeiro capítulo desta tese, o que trata das representações de leitura e de outros assuntos, viu-se que algumas considerações são importantes para que se interprete o tema das representações sociais. Ao se discorrer sobre ele, por exemplo, é significativo situar o grupo que veicula essas representações.

Historicamente, também como já visto, o *Correio Riograndense* é mantido pela congregação dos Freis Capuchinhos. A linha editorial do veículo de imprensa que destinou parte de uma de suas páginas da edição setembro de 1973 ao tema da leitura sempre traz ligação com preceitos da Igreja Católica.

O jornal, que como já visto foi fundado para propagar valores fundamentais para a vida humana e cristã (DALBOSCO, 2017, p. 2), divulga um livro de um Frei Capuchinho, obra que trata de temáticas claramente ligadas à família e a preceitos da Igreja Católica, como, por exemplo, a humildade e a aceitação de si mesmo e dos outros. Estabelece-se, assim, clara relação entre a linha editorial do jornal e autor e obra citados.

Ao tratar do tema da leitura e mencionar, por consequência, autor e trechos da obra "Uma vida a dois", a crônica acaba representando de maneira mais específica elementos do próprio universo representado pelo livro. Como possui valor simbólico (DUVENN, 1995), fragmentos do "mundo" definido pelo autor da obra acabam, assim, sendo representados em crônica. É possível afirmar que no texto cronístico há a exposição de características das identidades sociais, as quais são sustentadas pelas representações que garantem ao sujeito um lugar no mundo. Esses, como já visto, são elementos próprios do caráter das representações (DUVEEN, 1995).

4.2.5 Os níveis de leitura de Nanetto Pipetta

As lembranças do então menino Waldyr Luiz Prévidi⁹³ recorreram ao período da juventude do futuro professor demonstrando a importância de um livro na vida de um morador da região da Serra gaúcha. Essas lembranças surgem na crônica em tom de profecia. "O Nanetto Pipetta sobreviverá!" é o título da crônica publicada em janeiro de 1978. Como pode-se notar na ilustração, o texto ocupa cerca de 1/3 da página do jornal *Pioneiro*.

⁹³ Foi docente do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Ilustração 21 – Espaço do texto na página 2 do *Pioneiro* (jan. 1978)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2019).

Logo no princípio, o texto valoriza o livro *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta*⁹⁴, escrito por Aquiles Bernardi e considerado referência da literatura regional sobre a imigração italiana no Brasil. Conforme o cronista, o exemplar do livro era bastante lido, "[...] já que percorrera longo caminho, de vizinho a vizinho" (PRÉVIDI, 1978), o que já acaba comprovando certo sucesso do livro.

⁹⁴ **Do original:** "Vita e Stòria de Nanetto Pipetta". (BERNARDI, 1956). Como já visto a partir de Giron e Pozenato (2004), o livro foi publicado originalmente em folhetins pelo jornal *Staffetta Riograndense*, nos anos 1924 e 1925. A obra de Bernardi já foi objeto de estudos acadêmicos, como pode-se notar, por exemplo, em RIBEIRO (1980) e PEROTTI (2007). A obra possui relevante importância na história da literatura regional.

Nota-se que se confere à obra de Bernardi considerável mérito. O cronista tinha "prazer" ao lê-la. Prévdi (1978) "saboreava" o livro e se "deliciava" com a sua leitura, o que evidencia estratégias individuais integradas no ato da leitura que, como já notado, não se trata apenas da produção de significado (LEYVA, 2009).

A leitura de *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta* era fruída, portanto. Veja-se:

Quando ainda menino, comecei a "saborear" a Vita e Stòria de Nanetto Pipetta. Eu ainda não estava na escola e já me deliciava em ouvir meus manos lerem fragmentos do livrinho em "talián"⁹⁵, como figuras de um jovem desengonçado. Lembro-me que o exemplar utilizado estava sem capa e seboso: já percorrera longo caminho, de vizinho a vizinho. (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

A crônica trata também de um tema próximo ao universo da leitura: a existência de "níveis de leitura" de uma obra.

Segundo o relato, o cronista quando jovem ouvia fragmentos da leitura dos textos de Bernardi e classificava a obra como um "livro divertido". "[...] Com efeito, ele provocava gostosas gargalhadas em todos nós". (PRÉVIDI, 1978, p. 2). Ficam revelados, assim, modos de leitura praticados.

Ainda sobre a questão dos "níveis de leitura": uma leitura mais "amadurecida", fez aflorar no cronista uma outra definição da obra. Veja-se:

Mais tarde, eu mesmo o li: acompanhei o herói em sua descoberta da América, com suas "piante de salami" (árvores que produziam salames, isto é, bananeiras) e comecei a perceber que não se tratava, apenas, de uma coleção incoseqüente de situações cômicas. (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

Em referência à obra de Bernardi, nesse ponto da crônica Prévdi (1978) afirma que "mensagens inteligentes" – de "obras de gênio" – comportam "níveis de leitura". Infere-se que o cronista esteja valorizando, também, o ato da leitura por um leitor mais amadurecido ou mesmo reconhecendo o ato da releitura.

É possível, aqui, fazer nova menção aos apontamentos de Sá (2008) acerca do amadurecimento do leitor do texto literário. Conforme Sá (2008), qualquer texto literário prevê a realização de várias leituras, ato que amadureceria o leitor, já que existe a tendência de que a primeira leitura seja mais superficial.

⁹⁵ Dialeto vêneto praticado na região da Serra gaúcha desde a chegada dos imigrantes italianos à região, em 1875.

Mesmo exaltando a obra *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta* como uma "pequena obra prima da literatura popular", Prévídi (1978) relativiza: "talvez não devamos chegar ao extremo de considerar genial a obra de Bernardi (ele, aliás, nunca teve pretensões artísticas)". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

A partir da leitura da crônica, é possível que o leitor entre em contato, também, com elementos que buscam ratificar a significância de *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta* a partir da valoração das qualidades do autor. Nota-se:

Desde o lançamento do Nanetto [...], Bernardi conseguiu divertir e emocionar os quase analfabetos imigrantes e seus filhos. [...] O próprio autor é filho de imigrantes italianos. A partir de sua experiência e observação, ele conseguiu criar, com enorme e despreziosa felicidade, uma espécie de história dos primeiros anos da colonização. (BERNARDI, 1978, p. 3).

O cronista deixa claras, assim, as qualidades do criador da obra e, também, evidencia atributos que projetam a acessibilidade dela, já que "divertiu" e "emocionou" imigrantes "quase analfabetos", que "se identificaram com a figura humana do Nanetto e suas peripécias". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

É possível, entende-se, perceber essa hipótese à luz do já mencionado em Ferreira (2004): o leitor pode ser entendido como alguém que ocupa o papel de leitor do "mundo a sua volta". Mesmo "quase analfabeto", o leitor pôde, segundo relato do cronista, se reconhecer no "mundo" relatado.

Ao mencionar aspectos sobre o enredo da obra, notados ainda anteriormente quando da menção ao ambiente de descoberta de uma região onde, por exemplo, plantas produziam salames⁹⁶, o cronista acaba por expor características de um ambiente específico que, provavelmente, instigue em alguns leitores lembranças e referências a seus antepassados. Essas são considerações que elaboram representações sobre um "certo mundo". Tais representações fazem, como já visto em Pesavento (2012), que o homem, seja ele o cronista ou o leitor, se coloque no lugar desse mundo, percebendo sua realidade, dando sentido a ele por meio de

⁹⁶ O termo cocanha foi documentado ainda no século XII, sendo utilizado para designar um modelo de sociedade utópica relacionado com a fartura e com a fruição de prazeres materiais. (POZENATO, 2011). Os imigrantes italianos que se instalaram na Colônia de Caxias, no sul do Brasil, deixaram sua terra natal com a ideia de que haveria fartura no país sonhado por muitos deles. Conforme Freitas e Alves (2017, p. 69), "entre os benefícios que seriam encontrados na nova terra, estavam a abundância, a ociosidade, a juventude e a liberdade. Nesse contexto, a visão de um lugar cheio de oportunidades e rico em mantimentos funcionava como um combustível para a coragem de abandonar a terra natal em busca de uma vida melhor, que poderia ser conquistada sem muito esforço."

representações que constrói acerca dessa realidade. (PESAVENTO, 2012). Conforme já citado por Manguel (1997), lemos a nós e a nossa volta para compreender ou começar a compreender. Talvez seja essa uma das funções da crônica de Prévídi (1978), a de provocar o leitor a entender mais sobre o mundo a sua volta.

O texto prossegue valorizando a obra também sob o ponto de vista linguístico, já que "não se esgota no humor [...] [e] representa um documento da maior importância: foi escrita num dialeto único [...]". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

Segundo a crônica, sob o enfoque sociocultural, a obra *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* também deve ser reconhecida. Nesse caso há menção a um texto do prof. Dr. Luís A. de Boni, filósofo, historiador, tradutor e escritor gaúcho. Nota-se, portanto, a intenção por parte do cronista em corroborar sua tese a partir de um discurso de autoridade. Veja-se:

O Dr. Luís A. de Boni, após enfatizar que ainda se trata do "vade-mecum⁹⁷ dos colonos", assim se refere ao livro: "é também um texto caprichoso que, exigindo paciência, vai revelando aos poucos os estados emotivos de indivíduos e dos grupos, bem como a situação sócio-cultural em que se encontravam milhares de colonos, pouco depois de ocupadas as terras montanhosas gaúchas". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

Retomando o título da crônica, que profetiza a permanência da importância da obra ao longo dos anos, Prévídi (1978) afirma que com "certeza" – utilizando-se das próprias palavras do cronista – ela sobreviverá "por seus próprios méritos". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

O cronista, finalmente, projeta que, como diversão, a obra se tornaria cada vez menos viável por razões linguísticas (de entendimento das próprias palavras do específico dialeto). Como obra que possua relevância para divulgar a região, porém, Prévídi (1978) afirma que "[...] a obra de Bernardo se constituirá sempre num documento valiosíssimo e autêntico. Trata-se de uma obra que esparge luzes múltiplas em nossas origens; especialmente nas áreas lingüística, sociológica e cultural". (PRÉVIDI, 1978, p. 2).

A crônica "O Nanetto Pipetta sobreviverá" pode ser entendida como mais um exemplo de manifestação do gênero no desempenho do seu papel tanto de difusora quanto de divulgadora de assuntos acerca da leitura e demais temas adjacentes a

⁹⁷ Expressão em latim que significa "vai comigo", nome dado a um "livro para referências".

essa área. São fartas, como pôde-se notar, as representações de leitura ao longo do texto, o que contribui sobremaneira para esse entendimento.

O cronista, ao mencionar experiências pessoais de leitura de uma obra literária que trata de temáticas regionais, contribui para a valorização e disseminação dela, provocando no leitor certa curiosidade pela leitura. É a crônica agindo como fonte de interpretação das relações entre a literatura, a leitura e a comunicação, multidisciplinarmente, adicionalmente a seu papel no registro de modos, hábitos, cultura e relações sociais.

4.2.6 O gênero e a reedição de um poema

Como já visto, a informação de que a primeira editora da cidade de Caxias do Sul surgiu na década de 1970 foi mencionada no capítulo que versa sobre a temática que envolve o sistema literário (ARENDE; CECCHIN, 2018).

Mesmo a partir dessa consideração, é importante notar que a imprensa escrita manteve, à época, sua relevância no que se refere à ação de divulgação do livro e de assuntos referentes à leitura. Via crônica, o jornal impresso, entendido como uma mídia tradicional, levava ao leitor a discussão acerca desses assuntos. Isso pôde se notar em diversos momentos deste capítulo final de análise. Anteriormente, destacou-se, também, que gráficas ou periódicos da região por muito tempo ocuparam a função de divulgação de obras ou até mesmo de trechos de obras.

Mesmo datada como uma publicação de 1983, época em que uma editora já figurava na região – atendendo, provavelmente, a uma demanda existente – a crônica "Dom Benedito - dom Paulo" também é capaz de simbolizar a importância do gênero como divulgador de assuntos referentes à leitura e temas a ela relacionados.

No texto, há a publicação de um poema escrito pelo próprio cronista. Entende-se, assim, que esse seja um exemplo que elucida a importância do gênero como significativo espaço para a publicação, inclusive, de textos literários. Clarificam-se, assim, peculiaridades da crônica já mencionadas por Martins (1977): a flexibilidade e o poliformismo do gênero.

A crônica em questão foi publicada por Oscar Bertholdo⁹⁸ (1983) e, ilustrada a seguir, ocupa lugar de destaque na página do jornal *Pioneiro*.

⁹⁸ Padre, cronista, poeta e radialista, Oscar Bertholdo nasceu em 1935 na cidade de Nova Roma do Sul, Rio Grande do Sul. Na imprensa escrita, atuou como diretor do *Jornal da Cidade de Farroupilha*,

O fato recém-acontecido que motiva a crônica de Bertholdo (1983) está relacionado à nomeação pela Igreja Católica de dom Paulo Moretto⁹⁹ como 3º Bispo Diocesano de Caxias do Sul, função que exerceria por quase três décadas. Na época, Moretto sucedeu a dom Benedito Zorzi.

Bertholdo (1983) explica as razões pelas quais havia elaborado o poema que mais de duas décadas depois seria publicado em crônica: "[...] reedito um poema escrito no longínquo 1958, quando, aluno do Seminário Maior de Viamão, escrevera por ocasião da presença de todo o episcopado gaúcho reunido naquela casa de ensino superior." (BERTHOLDO, 1983, p. 4).

Com doses de sentimentalismo, na sequência da crônica Bertholdo (1983) expõe um texto que remete às características gerais do poema, ou seja, menciona temas, emoções e conotações envolvidas ao longo da narrativa. Observa-se:

Trata-se de um poema envolvido com conteúdos de respeito, carinho, emoção, recordações, esperança, revisão e cordial estima; através da imagem da cruz que o bispo carrega no peito, como símbolo e como sinal, como meta e como peso, como perspectiva e como compromisso. Cruz que não termina na cruz, mas que é chave de ressurreição; cruz que deixou de ser fim de caminho, mas unicamente condição de libertação dentro dos desígnios do plano de Deus. (BERTHOLDO, 1983, p. 4).

As metáforas utilizadas no texto contribuem para uma exposição que eleva o estado do cronista, comovido sentimentalmente. A cruz "que é chave de ressurreição" e que "deixou de ser fim de caminho" para ser "condição de libertação" são exemplos de transposições do sentido próprio ao figurado utilizadas. Novamente, nesse sentido, trazem-se à luz as observações de Moisés (2005), que entende a metáfora como marca característica da linguagem da crônica que a projeta como manifestação literária.

É possível perceber, também, como já mencionado pelo mesmo autor, a exposição do estado emocional do cronista, envolvido com a notícia publicada.

Finalmente, o cronista direciona-se diretamente ao leitor, afirmando: "para os leitores de Pioneiro, aqui está, portanto, o poema em sua forma como foi escrito há vinte e cinco anos [...]". (BERTHOLDO, 1983, p. 4). O poema, então, dividido em 14 versos, é publicado na sequência.

⁹⁹ Atualmente, Nei Paulo Moretto, nome completo do bispo católico, possui o título de bispo-emérito da cidade de Caxias do Sul.

Parte de um sistema e resultado de uma comunicação midiática, a crônica, como já visto em Sobral e Dantas (2018), atua como instância de produção de sentido. "Dom Benedito - dom Paulo" deve ser considerada exemplo de importante peça desse sistema que, como já visto, se configura como um esquema comunicativo que age nas relações entre autor, obra e público (CANDIDO, 2000).

Nesse caso, o texto de Bertholdo (1978), ou seja, o poema não intitulado e publicado na íntegra, 25 anos após sua redação, dependeu da crônica para ser publicado em um jornal de considerável circulação (o mecanismo transmissor) e, conseqüentemente, chegar ao público leitor.

Mesmo que seja necessário, entende-se, um estudo que amplifique a relação do conteúdo do texto da crônica com as demais informações publicadas no jornal – a partir dos diversos formatos jornalísticos da mídia impressa –, é possível resgatar, aqui, o que já foi mencionado por Melo (2003). O autor citou o poeta Carlos Drummond de Andrade para fazer referência ao papel da crônica como descanso ao leitor. Esse integrante fundamental do sistema literário normalmente se depara com uma grande quantidade de informações densas e pesadas para a prática da leitura.

Não obstante, considera-se o que Sá (2008) já mencionou sobre o risco que a crônica corre ao ser "sufocada" pelas grandes manchetes ou confundir-se com o contexto da página em que está sendo publicada. Infere-se, mesmo assim, que haja, na leitura da crônica que publica um poema, uma certa pausa ao leitor, pausa essa que, conforme já notado ainda por Andrade (2009) pode ser considerada compensatória.

Ao longo deste capítulo, procurou-se expor uma significativa amostra do *corpus* desta pesquisa, de modo que essa amostra, representativa de um conjunto maior de crônicas, permitiu, entende-se, extrair considerações sobre o selecionado total. Abordaram-se as representações de leitura em crônicas distintas, cada qual com suas particularidades e nuances. As duas grandes divisões temáticas, como visto, categorizaram as argumentações sob o enfoque da biblioteca e do livro e, também, sob o ponto de vista do autor e de sua obra.

Uma biblioteca "moderna" que abriga pouco espaço a livros, o cheiro dos livros de uma famosa livraria, um cronista que exalta um autor, as aptidões de um bom cronista e o louvor a um importante crítico literário foram, dentre outras, algumas das temáticas expostas ao longo do capítulo, assuntos registrados em crônicas que serviram, entende-se, para que diversas inferências fossem tecidas.

Neste momento, parte-se para a etapa final desta tese, quando algumas considerações finais são tecidas a partir de outras inferências geradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o surgimento desta pesquisa está relacionado à relevância conferida pelo pesquisador à crônica, gênero considerado com certa franqueza por Antonio Candido (1984) como "menor", mas que pode ser "candidato à perfeição", ainda segundo o autor. A partir de tal afirmação, deduz-se que a crônica merece evidência, sem a menor dúvida.

Ao longo da pesquisa, viu-se que o gênero, no decorrer de sua história, se de um lado foi (e é possível que ainda seja) desprestigiado em função de sua efemeridade, por outro pode ser alçado à posição de auxiliar da história. Como observado, é de Carlos Drummond de Andrade a asserção de que o cronista "dá bola" para assuntos a que alguns historiadores não dariam importância. O poeta, inclusive, disse que o gênero merece mais atenção de quem estuda a literatura e a sociedade.

Além de considerar os dizeres de Antonio Candido (1984), esta tese segue as palavras do influente poeta mineiro, pois confere devido destaque a esse gênero de fácil e cômoda digestão, que por sua leveza e acessibilidade talvez comunique até mais do que estudos aprofundados acerca de determinadas temáticas. (CANDIDO, 1992). Assim, foi esse o principal estímulo para que pudesse ter sido construído o projeto de pesquisa que deu origem a esta tese de doutoramento.

Há quatro anos, quando da submissão desse projeto de pesquisa à comissão de seleção do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, já se pensava na ideia de entender como a crônica, um gênero leve, variado e despretensioso, que "fala" de perto e de modo natural e que operou milagres de simplificação e naturalidade no Brasil (CANDIDO, 1992), pode ser entendida no contexto de uma área interdisciplinar e complexa como é a leitura. (LEFFA, 1996; FERREIRA, 2004).

Como demonstrado, é frutífera a relação entre a crônica, a leitura e o jornal, este aqui compreendido na esteira do pensamento do canônico Machado de Assis, que o considera literatura comum, universal e democrática. Desde o folhetim publicado nesses periódicos, gênero embrião da crônica no Brasil, houve a colaboração para que a população brasileira integrasse o círculo de leitores. Nesse caminho, é significativo destacar que essa pesquisa surge igualmente a partir da intenção do pesquisador de voltar seus estudos à imprensa de Caxias do Sul, haja vista a importância que a ela é atribuída na sociedade como formadora de leitores.

Já foi destacado que o papel da imprensa, aqui estudada sob a perspectiva do jornal impresso, emerge de intencionalidades que se configuram no campo da prestação de serviço (DINES, 1996), do esclarecimento e do magistério, já que a população é ensinada, esclarecida e orientada a partir do papel do comunicador. (ERBOLATO, 1982).

Pôde-se salientar, igualmente, a importância do jornal impresso para a cidade de Caxias do Sul, mídia tradicional que figurava, à época do recorte temporal proposto, com certa relevância, já que se percebeu uma notável quantidade de veículos que eram impressos e comercializados e/ou distribuídos.

De 1963 a 1983, dezessete periódicos apresentaram publicação regular na cidade (um, inclusive, diariamente), sete deles foram estudados de maneira mais aprofundada aqui, já que serviram como plataforma de publicação de crônicas literárias que tratavam do tema da leitura e demais assuntos a ela relacionados.

Estudar a crônica sem que se desse a devida atenção ao jornal impresso não seria uma tarefa fácil, pois, historicamente, há uma aproximação entre este e aquela. Já se viu que a crônica, mesmo que não tenha surgido com o jornal, tornou-se popular a partir dele.

A aproximação entre o gênero e o veículo também pode ser analisada sob o aspecto da relação entre o jornalismo e a literatura: desde a publicação dos suplementos literários em jornais, espaços significativos para a discussão de temas voltados à leitura, pôde-se ter evidências acerca da fértil relação entre as duas áreas. E a crônica amplificou e ainda dilata essa relação.

Julga-se importante, agora, resgatar ao leitor atento quais foram os objetivos deste trabalho, na perspectiva de poder elucidar elementos que possam indicar o cumprimento das ações projetadas.

O objetivo geral desta pesquisa tratava do estudo das representações de leitura em crônicas de jornais da cidade de Caxias do Sul de 1963 a 1983, com vistas a perceber como o gênero pode, já que é parte de um sistema literário regional, contribuir na promoção da leitura, do livro, de autores e de eventos relacionados ao universo das letras.

Sobre esse mais relevante objetivo, apura-se que se tenha alcançado o propósito concernente ao estudo, ou seja, verificaram-se nas crônicas analisadas diversas representações de leituras.

Pôde-se notar, assim, que inúmeras foram as representações de leitura, que

como visto surgem a partir dos estudos das representações sociais, sustentadas (repetindo-se um termo já utilizado) pelo conteúdo de autoria dos cronistas mencionados e publicadas pelos “grupos” que “veiculam” tais representações, ou seja, os jornais.

Ao analisar algumas das representações de leitura, verificou-se a sua íntima relação com o cenário onde elas foram produzidas. Apenas para citar um exemplo, pela crônica "Biblioteca Moderna", do cronista Ubirajara Ricciardi (1968), notou-se a existência, por mais que aparentemente fictícia, de uma biblioteca que divide, restringindo o espaço aos livros com objetos que, em essência, não lhe diriam respeito. Assim, a crônica escancara elementos de uma sociedade (se não como um todo, mas ao menos parte dela) que pouco valor dava à leitura, mesmo no ambiente da biblioteca. O "mundo" representado pelo cronista, como já vimos, não se desvincula do universo do próprio leitor da crônica. Levando-se em consideração a afirmação de Martins (1984), que crê no cronista como alguém que reproduz o pensamento de uma época, notou-se uma conexão clara entre o mundo do cronista e sua época.

Três foram os objetivos específicos desta pesquisa. O primeiro deles propôs investigar o contexto da imprensa escrita de Caxias do Sul com foco no veículo jornal. A partir do recorte temporal proposto, notou-se que, por esse período se configurar significativamente distante do atual, houve a devida contextualização da mídia em Caxias do Sul com a consideração de aspectos de sua origem e de suas características marcantes à época.

Nesse sentido, estudou-se, também, algumas conexões entre o cenário da imprensa da capital e do interior do estado. Algumas particularidades da história e da evolução da imprensa na região puderam ser notadas. Viu-se que, assim como no cenário nacional, em um contexto regional também a evolução dos meios de comunicação acompanha, e até mesmo se confunde, com o desenvolvimento da própria região.

Alguns aspectos concernentes às linhas editoriais dos sete jornais estudados não figuraram à margem da discussão. Apurou-se, por exemplo, que houve manifestações de censura à leitura por parte do jornal *Correio Riograndense*. Mesmo não se tratando de uma manifestação jornalística produzida no período circunscrito ao recorte temporal proposto, entendeu-se como importante pontuar a devida ação

como forma de ilustração a uma conduta que impacta diretamente a área da leitura, muito cara para esta pesquisa.

Projeta-se, sem o fôlego de um trabalho mais aprofundado sobre o assunto, que o fato de ter havido censura à leitura pode, talvez, ter influenciado os temas das crônicas de um período que se avizinha do recorte temporal aqui proposto. Notou-se em um período que sucedeu essa manifestação de cerceamento que poucas foram as referências à política nas crônicas, já que inúmeras vezes os textos exploravam temáticas voltadas ao cotidiano. Mesmo que um estudo mais aprofundado sobre a relação entre a censura e a crônica não se afeiçoe como objetivo desta pesquisa, projeta-se, quem sabe, uma futura pesquisa que possa abordar essa problemática.

Conseguiu-se sinalizar, também, uma certa profissionalização da imprensa de Caxias do Sul, que evoluiu desde o seu surgimento, no final do século XIX. Nos primórdios da imprensa de Caxias do Sul, notou-se como os veículos possuíam vieses políticos e religiosos bem calcados, e que, ainda, muitos deles surgiram em função da necessidade de comunicação entre os recém-chegados imigrantes italianos. As relações existentes entre o poder e a mídia, também, puderam ser captadas.

Destacou-se uma considerável recorrência de espaços destinados, em cada periódico estudado, a distintas manifestações literárias, como a publicação de contos, poesias e crônicas, literárias ou não. Notou-se, também, que, principalmente em meados da década de 1970, houve significativa modernização e profissionalização da atividade jornalística na cidade, percebida, especialmente, em dois âmbitos: o da evolução tecnológica e o da atuação dos periódicos em respeito a suas linhas editoriais. Evidenciou-se, a partir de Pozenato e Giron (2004), que o *Jornal de Caxias* foi um significativo para a cidade, pois possibilitou espaço para que pensamentos e opiniões pudessem ser publicados.

Em relação ao contexto local de produção literária e sua relação com as temáticas relacionadas à leitura, o estudo de jornal por jornal, página por página, permitiu que pudessem ser separados os primeiros materiais de análise, ou seja, as crônicas literárias publicadas em jornais de Caxias do Sul.

Como já mencionado, foram pré-analisadas 106 crônicas, considerável amostra que acabou resultando na seleção de 14 crônicas analisadas ao longo dos capítulos 1, 2 e 4 desta tese. Devido à natureza dos textos, entende-se que este número se mostrou suficientemente satisfatório para que os propósitos previamente delimitados fossem cumpridos.

Imagina-se que a publicação do apêndice deste trabalho¹⁰⁰ contribui para a divulgação do acervo de inúmeros cronistas. O quadro, como se pode perceber, traz à tona elementos que versam, também, sobre as principais temáticas tratadas nas mais de uma centena de crônicas, além do nome de cada periódico e a data de publicação dos textos. Esses são dados que, inclusive, podem servir de pesquisa para que se lancem futuras investigações na área.

Como se pôde notar nas crônicas analisadas, e até mesmo nos textos que resumem os assuntos das demais crônicas presentes (apêndice), diversas são as manifestações que expõem o contexto local de produção literária. Pode-se pensar determinada problemática a partir da própria exposição da crônica literária como material analisado, bem como da menção a obras e autores significativos para o contexto local. A relação dessas questões com a leitura ficou clara na medida em que se notou, na análise das crônicas, a ligação entre o tratado no texto cronístico e as teorias acerca da leitura previamente abordadas no capítulo teórico sobre essa temática.

Não menos importante, o último objetivo específico desta pesquisa versa acerca da ideia que o trabalho possa contribuir para a elaboração de uma história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra gaúcha. Entende-se que este trabalho tem originalidade, pois não se tem conhecimento de estudos que relacionem as áreas da Leitura e da Comunicação em um contexto regional, sugerindo a crônica literária como gênero central do estudo.

Neste momento, entende-se como válido o resgate da questão norteadora desta tese, para que considerações possam ser tecidas no âmbito da problemática a seguir: a partir do estudo das representações de leitura em crônicas literárias de jornal, como o gênero pode contribuir para a promoção da leitura e temas a ela relacionados?

Entende-se que a partir das inúmeras ocorrências verificadas nas 14 crônicas analisadas, e também considerando o total de 106 crônicas pré-selecionadas, é possível afirmar que o jornal impresso e a crônica literária podem atuar na congregação de autor e público e fomentar a difusão tanto da leitura, quanto de informações sobre autores, obras, bibliotecas e livrarias.

É possível projetar, inclusive, que a crônica literária tenha contribuído para o surgimento de leitores formados e até mesmo de novos leitores, já que, a partir do

¹⁰⁰ Apêndice A - Relação das crônicas pesquisadas.

jornal impresso, inúmeras vezes fomentou-se a discussão sobre o tema da leitura e do livro, promovendo obras, trecho de obras, escritores, bibliotecas, livrarias e, por consequência, a própria leitura da crônica.

Como se percebeu, uma das áreas envolvidas no trabalho foi o gosto, de modo que pudessem ser notadas, também, inferências relacionadas à problemática da formação do gosto pela leitura. Projetou-se, assim, que a partir da valoração da temática da leitura e de matérias a ela relacionados, a crônica pode estar contribuindo para que o leitor adquira gosto pela leitura, mas também pelo livro, por autores, pela biblioteca, por livraria e assim por diante. Esse gosto adquirido, já que o gosto pela leitura (e pela literatura) não é um dado da natureza humana, incidiria, assim, no gosto natural, pois há uma relação de afeto entre eles (MAGNANI, 1992). E já que o gosto é relacionado com a educação, como observado por Bourdieu (2007), estabelece-se a possibilidade de se inferir na direção de imaginar a crônica como gênero em potencial na atividade de educar o leitor, formando-o. No estudo da vida literária da cidade de Caxias do Sul, município que pertence à região nordeste da Serra gaúcha, projeta-se, também, que as próprias obras e autores mencionados em obras possam ter sido objetos de posteriores leituras, cuja constatação empírica foge aos propósitos desta pesquisa.

É importante mencionar, também, que a mídia impressa local, aqui estudada a partir do jornal impresso, desempenha um papel muito importante quando vista sob o aspecto do sistema literário regional. Como se viu, figurou como uma alternativa na promoção da leitura, do livro e de demais matérias de leitura antes da criação da primeira editora da cidade, em 1970. Portanto, atuou como importante engrenagem da paisagem literária da cidade e região, já que publicou e promoveu a leitura, sendo a partir da publicação de sonetos, poemas e, principalmente no que se refere a esta pesquisa, crônicas literárias.

Observou-se, assim, a crônica literária como um fenômeno que faz parte de um sistema que, como já visto em Even-Zohar (2013), caracteriza-se como uma rede de relações que podem ser propostas como hipótese para um conjunto de dados observáveis.

É importante notar, também, a relevância que cada elemento adquire no sistema. Como se viu, o texto não é o único e, tampouco, o mais importante elemento do sistema. Figuram nesse sistema outros elementos tão importantes quanto ele. Dentre eles, o mercado, o repertório, o veículo de imprensa, responsável por dar

espaço e liberdade ao cronista para divulgar suas ideias – e a crônica é a mais legítima representação do processo de liberdade de opinião (GALVANI, 2005); o cronista e a sua sensibilidade para perceber as nuances da vida – os legítimos vedores do tempo (POZENATO, 1983); além do público, também peça fundamental desse sistema literário. É importante que não se pense, a priori, que deva existir certa hierarquia em relação a esses elementos.

Sem que fossem levados à risca os elementos das modalidades metodológicas empregadas, tanto o cumprimento dos objetivos propostos quanto a resposta à questão que norteou a pesquisa não poderiam ser atingidos. Ao longo da pesquisa, não se percebeu distinção no que se refere à importância de cada modalidade. Cada qual, com suas características, foi sobremaneira importante para esta tese.

A construção do referencial teórico proposto pela modalidade metodológica da pesquisa bibliográfica foi fundamental para que se pudesse compreender diversos aspectos acerca das teorias estudadas, com destaque para as discussões sobre a leitura e suas representações, para as leituras acerca do gosto, para os estudos sobre o sistema literário e, não menos importantes, para os estudos sobre o gênero cronístico.

Também muito importantes foram os aspectos teóricos sobre a AD, já que se trata de uma modalidade diretamente relacionada a pesquisas que objetivam resgatar a história dos meios de comunicação, bem como de seus personagens, em períodos distintos. Nesse sentido, entende-se que também a aplicação dessa modalidade foi significativa para que o resultado se configurasse como uma representação de conteúdos de determinados documentos que se destingue da exibição original. Facilita-se, assim, a consulta e a referenciação em momentos posteriores. Como já afirmou Bardin (2011), a utilização dessa modalidade faz com que sejam geradas pesquisas que acabam promovendo o acesso mais facilitado e sintético a inúmeras crônicas publicadas em um contexto regional. A crônica, portanto, deve ser entendida como fonte de interpretação das relações entre a literatura, a leitura e a comunicação.

A AC foi igualmente importante para esta pesquisa pois forneceu elementos para que houvesse uma abordagem interpretativa de caráter qualitativo do *corpus* proposto. As mensagens contidas nos discursos das crônicas literárias foram dissecadas, o que permitiu que se evidenciassem diversos indicadores que acabaram servindo para que inferências fossem percebidas.

De inúmeras formas as representações de leitura, que como já notado surgem a partir dos estudos das representações sociais (JOHN, 2004), puderam ser percebidas ao longo da análise das crônicas. Representações que expressaram diversas maneiras de o cronista poder expor suas vivências, sentimentos, gostos e ideias relacionadas à temática da leitura.

Se o cronista Mário Gardelin pôde ter levado o leitor de sua crônica "Livreria do Globo" ao universo "silencioso" de uma biblioteca, valorando o ambiente e ressaltando a importância do livro – e até mesmo do cheiro dos exemplares da biblioteca –, exaltam-se obras e trajetórias de escritores, cronistas e críticos literários, como nos textos "Apenas", de Mário Vanin, "O velho Braga", de José Clemente Pozenato, e no fragmento da coluna de Fernando Sabino, publicada no *Jornal de Caxias*, em 1978.

Notaram-se, também, representações de leitura que se perceberam nos âmbitos do "comercial" do livro, como visto em "Uma pausa", do cronista Leonel, da publicação de um fragmento inteiro de um poema, em "Dom Benedito - dom Paulo", de Oscar Bertholdo, e, também, na esfera da valorização da leitura, na crônica "O Nanetto Pipetta sobreviverá!", de Waldyr Luiz Prévizi.

Pôde-se perceber, assim, uma gama diversa de representações de leitura e de assuntos a ela relacionados a partir dos textos da crônica, elemento integrante do âmbito da comunicação entre leitores de uma sociedade específica. E já que os modos de produção da leitura sempre devem ser considerados em suas idiossincrasias, a crônica – que como já visto operou milagres, no Brasil, de simplificação e naturalidade, por ser simples e graciosa e fazer com que o leitor aprenda enquanto se diverte (CANDIDO 1992) –, a partir das representações de leitura contidas em seus textos, pode, certamente, ser entendida como um gênero promotor de temas a ela relacionados.

REFERÊNCIAS

ARTIGOS, DISSERTAÇÕES, LIVROS, TESES, SITES E DEMAIS BIBLIOGRAFIA

ADJORI-RS, 2019. Histórico. Disponível em: <http://www.adjorirs.net.br/quem-somos/hist%C3%B3rico-1.1870970>. Acesso em: 08 jan. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boca de Luar**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boca de Luar**. 11. ed. Rio Janeiro: Record, 2009.

ARENDRT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as letras**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420>>. Acesso em 10 jan. 2019.

ARENDRT, João Claudio; CECCHIN, Aline Brustolin. Do *assombro* regional: o jornal como meio de difusão da literatura na Serra Gaúcha. In: PEREIRA, Helena Bonito; SALES, Germana; ARENDRT, João Claudio. (Orgs.). **História da literatura em perspectiva**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018. p. 153-171.

ARENDRT, João Claudio; LIMA, Letícia; MENEGOTTO, Roberto Rossi. Leitura e censura na Serra Gaúcha: considerações sobre o jornal *Correio Riograndense* (1940-1950). **Revista Labirinto**, Rondônia, ano XVII, v. 27, p. 193-209, jul./dez., 2017.

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo**: o folhetim e a crônica. Rio de Janeiro: E-pappers, 2001.

ASSIS, Machado de. História de quinze dias. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa de Machado de Assis**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_k2&view=itemlist&layout=category&task=category&id=20&order=year&searchword=Hist%C3%B3ria+de+quinze+dias&Itemid=668>. Acesso em 01 maio 2018.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70: 1973.

BAUER, Martin. A popularização da ciência como "imunização cultural": a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.;

JOVCHELOCITCH, Sandra. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 229-257.

BERNARDI, Aquiles. **Vita e storia de Nanetto Pipetta nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cucagna**. 2 ed. Caxias do Sul: São Miguel, 1956.

BERTUSSI, Lisana; ZINANI, Cecil J. Albert; SANTOS, Salete R. Pezzi. dos (Orgs.) **Dicionário biobibliográfico de escritores da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul – das origens a 2005**. Porto Alegre: EST, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRASILIENSE, Daniele Ramos. Tipografia. Verbete. In: **ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p.1184-1185.

BRITO, José Domingos de. Dos mistérios da criação literária. In: _____. (Org.) **Literatura e Jornalismo**. Vol. 3. São Paulo: Novera Editora, 2007. p.25-27.

BRITO, Judith. **A força dos jornais: os 30 anos da Associação Nacional de Jornais no processo de democratização brasileiro**. Brasília: ANJ, 2009.

BOCCHESE, Marcell. **A contundência no jornalismo político de Luiz Carlos Corrêa**. Monografia do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UCS, 2007.

BOCCHESE, Marcell. **A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de *Quando cai a neve no Brasil*, de Paulo Ribeiro**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, 2011.

BOCCHESE, Marcell; BERTUSSI, L. Crônicas de Paulo Ribeiro: algumas manifestações jornalístico-literárias. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 11, p. 173-186, ago./dez., 2012.

BOCCHESE, Marcell. O homem e a região como representações do universal: um estudo a partir da crônica literária. **Revelli: Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**, v. 5, p. 1-16, ago./dez., 2013c.

BOCCHESE, Marcell. O filho de Bonja. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 26, mar. 2013a. Caderno Sete Dias. p.1 - 1.

BOCCHESE, Marcell. Bons ventos a Bom Jesus. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30, mar. 2013b. Caderno de Cultura. p.3 - 3b.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CÂMARA DE VEREADORES DE CAXIAS DO SUL. Velório do ex-presidente da Câmara Bernardino Conte ocorre no Crematório Metropolitano. Disponível em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/5835>. Acesso em: 04 fev. 2018.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. [e-book]. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *Histoire da la lecture dans le monde occidental*. Paris: Seuil, 1997.

CENTRO DE MEMÓRIA. Câmara municipal de Caxias do Sul (Brasil). **Jornais**. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2 ed. Brasília: UnB, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Editora DIFEL, 2002.

CLEMENTE, Elvo. **História de Garibaldi: 1870-1993**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de. GALEANO, Alex (Orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COELHO, Teixeira. Esboços do prazer. In: MONTESQUIEU, Charles de Secondar, Baron de. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Monica Chagas da. Entre caracterizações, informações e críticas: a representação da leitura em *O primo Basílio*. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, jul./dez., 2012.

COSTA, Rovílio. A imprensa na visão de Frei Bruno de Gillonay. In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. **Os capuchinhos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est Edições/Correio Riograndense, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971. v. 6.

DELL' ISOLA, Regina L. Péret. **Leitura: Inferências e Contexto Sociocultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2011.

DELFO: Espaço de Documentação e Memória Cultural, 2019. Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/?p=bertholdo>. Acesso em: 23 ago. 2019.

DAUSTER, Tania; FERREIRA, Lucelena; TIBAU, Anderson. Mulheres e cultura letrada na universidade. **Educativa**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 207-221, jul./dez., 2009.

DUVEEN, Gerald. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 261-293.

ERBOLATO, Mário. **Deontologia da comunicação social**. Petrópolis: Vozes, 1982.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O "sistema literário". **Translatio**, Porto Alegre, v. 5, p. 22-45, 2013. Tradução: Luis Fernando Marozo, Yanna Karlla Cunha.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, Norma S. de Almeida. Leitura como objeto de investigação. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 13, n. 21, p. 13-22, jan./jun., 2004.

FERRÃO NETO, José Cardoso. Leitura. Verbete. In: **ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p.750-751.

FICO, Carlos. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FONSECA, João Barreto da. Comunicação, arte e literatura. Verbete. In: **ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 241-243.

FRAISSE, Emmanuel. POMPOUGNAC, Jean-Claude. POULAIN, Martine. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997.

FREITAS, Emanuele Mendonça. ALVES, Márcio Miranda. **Travessias Interativas**,

São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 67 - 81, jul./dez., 2017.

FREI Clementino será homenageado pela comunidade de Antônio Prado. 2015. Disponível em: <http://www.tuaradio.com.br/Aurora-AM/noticias/religiao/24-10-2015/frei-clementino-sera-homenageado-pela-comunidade-de-antonio-prado>. Acesso em: 04 fev. 2018.

GALVANI, Walter. **Crônica**: o vôo da palavra. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GALVANI, Walter. **Um século de poder**: os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. **A crônica contemporânea brasileira e seus novos espaços**. 2018. 234 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, SP, Araraquara, 2018.

GARCIA, Néelson Jahr. Apresentação. In: ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. eBooksBrasil, 2001. E-book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ortega.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

GIRON, Luís Antônio. Apresentação. In: POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

HENRICHES, Liliansa Alberti (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Museu Municipal / Arquivo Histórico de Caxias do Sul / Empresa Jornalística Pioneiro S.A., 1988.

HENRICHES, Renato. Entrevista concedida à equipe do Projeto 100 Anos, em 21 de março de 2003. In: POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 140.

HOHLFELDT, Antonio. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 61-98.

HOHLFELDT, Antonio. Comunicação .Verbete. In: **ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p.234-235.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ITAU. **Enciclopédia cultural**. Guilhermino César. 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2839/guilhermino-cesar>. Acesso em: 28 maio 2019.

JAKOBSON, Roman. Metalanguage as a Linguistic Problem. In: JAKOBSON, Roman. **The Framework of Language**. Ann Arbor: Michigan Studies in the Humanities. 1980. p. 81-92.

JOHN, Valquíria Michela. **Palavras da salvação**: as representações da leitura na prisão. 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

KALIFA, D. **La culture de Masse en France, 1860-1930**. Paris: La Découverte, 2001.

KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel; LIMA, Mateus da Fonseca Capssa. O golpe e a Consolidação da Ditadura Civil-Militar no Rio Grande do Sul. **Cuadernos del Cilha**, Mendoza, n. 18, p. 107-126, abr., 2013.

LEYVA, Elsa M. Ramírez. ¿Que es leer? ¿Qué es la lectura?. **Investigación Bibliotecológica**, v. 23, n. 47, p. 161-188, jan./abr., 2009.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

LOPES DE OLIVEIRA, Rodrigo. Júlio João Eberle: batismo e piquenique em 1908. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 dez. 2015. Memória. Disponível em <<http://goo.gl/jc1tpV>>Acesso em: 31 jan. 2018.

LUCAS, Fábio. Prefácio. In: BRITO, José Domingos de (Org.) **Literatura e Jornalismo**. Vol. 3. São Paulo: Novera Editora, 2007.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura e formação do gosto: por uma pedagogia do desafio do desejo. **Idéias**, São Paulo, v. 13, p. 101-108, 1992.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARANGONI, Marli Cristina Tasca. Representações de leitura: olhares sobre leitores aprendizes. **Nonada**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 211-226, 2012.

MARANGONI, Reinaldo. PEREIRA, Luciano Luni; SILVA, Rafael Rodrigues. **Webjornalismo**: uma reportagem sobre a prática do jornalismo online. 2 ed. Indaiatuba: Rumograf, 2002.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. **As faces cambiantes da crônica moreyriana**. 1977. 157 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Instituto de Letras e Artes. Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Porto Alegre, 1977.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. 1984. 360 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras e Artes. Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Porto Alegre, 1984.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de. GALEANO, Alex (Orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 139-154.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no Jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOCITCH, Sandra. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p.89-111.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MONTESQUIEU, Charles de Secondar, Baron de. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MORAES, Vinícius. **Para viver um grande amor**. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011. p. 269-279.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **Revista PJ: BR - Jornalismo Brasileiro**. ECA-USP, São Paulo, 5. ed., 2005. Disponível em http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5_b.htm. Acesso em: 31 jan. 2019.

NOVA gestão assume a ARI Serra Gaúcha em Caxias do Sul. 2018. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2018/05/nova-gestao-assume-a-ari-serra-gaucha-em-caxias-do-sul-10331931.html>. Acesso em: 31 maio. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PETOTTI, Tânia. **Nanetto Pipetta**: modos de representação. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, 2007.

PIONEIRO anuncia nova editora-chefe. 2018. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2015/10/16/pioneiro-anuncia-nova-editora-chefe/>. Acesso em: 31 mai. 2018.

PIMENTEL, Alessandra. O método da pesquisa documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, no 114, p. 179-195, nov. 2001.

POZENATO, José Clemente. A espiga do milho verde. **Tempo Todo**, Caxias do Sul, 23 a 29 out. 2009. Olho Vivo, p. 2.

POZENATO, José Clemente. **A cocanha**. Caxias do Sul: Maneco, 2011.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Apontamentos em torno da literatura regional: Guilhermino Cesar e a série "Para o estudo do conto gauchesco". **Antares, Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 263-276, jul./dez., 2016.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro. Codecri, 1978.

RADÜNZ, Roberto; CARDOSO, Tiago Aguiar. Anticomunismo nas páginas do jornal Pioneiro. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 7, n. 19, p. 190-206, jan./jun., 2018.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. Nanetto Pipetta: do texto escrito à história oral. **Chronos**, Caxias do Sul, n. 14, p. 11-13, ago. 1980.

RODRIGUES, Jimmy. **Síntese e reflexão**. HENRICHES, Liliana Alberti (Org.). Histórias da imprensa em Caxias do Sul. Caxias do Sul: Empresa Jornalística Pioneiro S.A., 1988. Entrevista.

ROSA, Susel Oliveira da. "Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia". Imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As 100 melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Vivian Igenes Albertoni. **Guilhermino Cesar e Sistema do Imperfeito & outros poemas: sujeito e linguagem poética em tempos de caos e massificação**. 2005. 228 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Porto Alegre, 2005.

SILVA, Vivian Igenes Albertoni. **Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo: em busca do ouvido certo**. 2010. 297 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Porto Alegre, 2010.

SCHNEIDER, Marco. **A comunicação e o gosto: uma abordagem marxista**. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes (ECA). São Paulo, 2008.

SOARES, Magda. [prefácio]. In: LACERDA, Lillian de. **Álbum de leitura: memória de vida, história de leitores**. São Paulo: UNESP, 2003.

SOBRAL, Gustavo Leite; DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. Jornalismo e Literatura: a crônica de Raquel de Queiroz. **Letras Escreve**, Macapá, v.8, n.1, 1º sem, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/issue/view/147>. Acesso em: 31 jan. 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPERB, Paula. **A recepção de Jorge Amado no New York Times (1945-2001)**. 2017. 325 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Caxias do Sul - Uniritter. Caxias do Sul, 2017.

STUMPF, Ida. R. C.; Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011.

STÜBEN, J. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (orgs.). **Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate**. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 37-73.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no Jornal**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. **Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

VENANCIO, Giselle Martins. **Leitura**. Verbete. In: ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

ZATTI, Kamila C. **A identidade regional contada nas páginas do Correio Riograndense**. 2014. Monografia (Curso de Jornalismo). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2014.

JORNAIS E CRÔNICAS DO CORPUS DA PESQUISA

Boletim Eberle. Das finalidades do BOLETIM EBERLE. Caxias do Sul, ano 1, n. 1, jun. 1956. p. 3.

Caxias Magazine. Caxias Magazine. Caxias do Sul, ano 1, n. 1, set. 1958, p. 2.

Caxias Magazine. Caxias Magazine Semanal. Caxias do Sul, ano 2, n. 13, ago. 1960, p. 1.

Caxias Magazine. Caxias do Sul exige um jornal diário. Caxias do Sul, ano 2, n. 9, set. 1959, p. 13.

CORREIO RIOGRANDENSE. Caxias do Sul, ano 108, n. 5.532, fev. 2017

Ecoss do Mundo. O que somos e o que queremos. Caxias do Sul, ano 1, n. 1, maio 1962, p. 1.

Folha Popular. Chegou a Folha Popular. Caxias do Sul, ano 1., n. 1, ago. 1981, p. 2.

FOLHA POPULAR. Caxias do Sul, ano 1, n. 22, ago. 1982.

Jornal de Caxias. Ação comunitária. Caxias do Sul, ano 1, n.1, mar. 1973. p. 2.

Jornal de Caxias. Editorial. Caxias do Sul, ano 1, n.1, mar. 1973. p. 6.

Jornal de Caxias. Aos leitores e anunciantes. Caxias do Sul, ano 16, n. 741, maio 1989, p. 1.

Nosso mundo. Nosso Mundo. Caxias do Sul, ano 1, n. 1, jun. 1968, p. 2.

Pioneiro. Aos nossos leitores. Caxias do Sul, ano 1, n. 1, nov. 1948, p. 3.

PIONEIRO. Primeira edição. Caxias do Sul, ano XXXIII n. 32, fev. 1981.

BERTHOLDO, Oscar. Dom Benedito - dom Paulo. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 25 out. 1983, p. 4.

COMPAGNONI, Luiz. Êste jornal. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 4 nov. 1948, p. 3.

DALBOSCO, Cleonir Paulo. 108 anos: missão cumprida. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 8 fev. 2017, p. 2.

GARDELIN, Mário. Livraria do Globo, **Pioneiro**, Caxias do Sul, 9 fev. 1963, p. 2.

GARDELIN, Mário. Quintana. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 16 jun. 1973, p. 10.

GARDELIN, Mário. Uma esplêndida iniciativa. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 01 jun. 1983, p. 4.

GIRON, Loraine Slomp. Fim da saga do *Correio Riograndense* em papel. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 8 fev. 2017, p. 15.

LEONEL. Uma pausa. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 05 set. 1973, p. 10.

MACHADO, José. Compadre, Seu rabo está na estrada. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 01 abr. 1972, p.10.

POZENATO, José Clemente, O velho Braga. **Folha Regional**, Caxias do Sul, 11 jun. 1983.

PRÉVIDI, Waldyr Luiz, O Nanetto Pipetta sobreviverá!. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 jan. 1978, p. 2.

RICCIARDI, Ubirajara. Biblioteca Moderna. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 06 jul. 1968, p. 7.

PEREIRA, Eloy Lacava. Le parole que non dissi. **Caxias Magazine**, Caxias do Sul, 15 fev. 1963, p. 2.

RODRIGUES, Jimmy. Um fato em destaque. **Ecos do Mundo**, Caxias do Sul, 8 ago. 1964, p. 7.

SABINO, Fernando. Fernando Sabino. **Jornal de Caxias**, Caxias do Sul, 1 jul. 1978, p. 10.

SERAFINI FILHO, Mansueto. Nova Etapa. **Caxias Magazine**, Caxias do Sul, 13 ago. 1960. p. 3.

SERAFINI FILHO, Mansueto. Não ser poeta. **Boletim Eberle**, Caxias do Sul, fev./mar. 1964. p. 7

VANIN, Mário David. Apenas... **Pioneiro**, Caxias do Sul, jan. 1963.

VIANNA, Décio. A nossa homenagem. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 jul. 1963. p. 2.

ANEXO A

CRÔNICA: "UM FATO EM DESTAQUE"

AUTOR: Jimmy Rodrigues

JORNAL: Pioneiro

DATA: ago. 1964

PÁGINA: 7

Um fato em destaque

Jimmy Rodrigues

O sujeito que vive de escrever, - ou que escreve para viver, - como é o nosso caso, defronta-se, quasi que quotidianamente, com uma série de dificuldades, as quais, porém, têm de ser vencidas de qualquer maneira.

Há dias em que o comentarista se indaga se vale à pena emitir opiniões, tecer considerações, analisar fatos e acontecimentos, difundir idéias, quando, frequentemente, tudo se torna inútil.

Há dias de tédio, de melancolia, de desânimo e até de frustração, quando escrever sobre assuntos sérios, e com sinceridade, torna-se uma verdadeira tragédia.

Os que escutam ou que lêem, fazem, em geral, uma idéia, muito diversa do que é, na realidade, o homem que vive de escrever, que escreve por obrigação, todos os dias, com hora certa e espaço pré-estabelecido.

O escrevinhador, - na verdade não passamos disto, - é uma criatura humana igual as outras, talvez mais desesperado e insatisfeito do que a maioria, porque, quasi sempre, está por dentro dos fatos e lê incessantemente, sobre tudo e sobre todos, para poder transmitir ao grande público as suas impressões. Dêste modo, penetra desde os subterrâneos da vida até às suas mais elevadas e sublimes paragens, onde, entretanto, não chega a encontrar compensações, dado que sua memória registrou, indelévelmente, toda a gama de misérias que lhe foi dado conhecer e constatar.

O escrevinhador, dizíamos, é

uma criatura humana, que tem os seus problemas, as suas dúvidas, as suas dificuldades, as suas máguas e as suas insatisfações.

O público, porém, geralmente, não o encara como tal. Acredita-o dotado de faculdades excepcionais, ser que não tem o direito de errar, de equivocarse, de cometer enganos, enfim, ser passível de todas as fraquezas e de todas as limitações inerentes ao gênero humano.

E por isso, não levando em conta que ele é feito do mesmo barro que os demais, exigem dele muito mais do que seria justo esperar de um homem que sente, que sofre, que tem alegrias e tristezas e que pode cometer, involuntariamente, erros de julgamento e de apreciação.

Afinal, toda esta conversa é para justificar porque, em alguns dias, não se têm ânimo para escrever e, em outros, escrevem-se coisas que não valeriam à pena nem de serem divulgadas.

Mas, minha gente, não há estômago que resista mais de três ou quatro dias sem alimentação. Logo...

RENAULT *Das*
BAY & CIA
Av. Júlio de C
Telefones 63
CAXIAS

ANEXO B
CRÔNICA: "QUINTANA"

AUTOR: Mário Gardelin

JORNAL: Pioneiro

DATA: 16. jun. 1973

PÁGINA: 10

CAXIAS DO SUL, 16 de junho de 1973.

Quintana

Mário Gardelin

Não creio que houvesse melhor ambiente para conhecer a alma do poeta. Foi numa tarde cheia de sol e de luz, de ar puro e suave, que mais do que ar parecia uma fonte cristalina da serra. Terminado o trabalho, gostava de tomar uma antologia e dirigir-me a um matinho, de sombra fechada e aí, com vagar, em altas vozes, ler e reler poemas. Lembro-me da primeira vez que li seu nome, que tem o mesmo que o meu. O Quintana se me afigurou, assim de longe, algo de espanhol, provindo de "Quintas", coisa, portanto, bem rural e, logo, muito nossa. Decorei uns apólogos e alguns sonetos, que apareciam na Antologia de Estevão Cruz, editada pela Globo, com magníficos desenhos a bicolor de pena. Digo que melhor lugar não podia haver para tomar conhecimento do trabalho de Mário Quintana. Ao longe, ondulado no horizonte, o Morro Grande, os Campos do Raposo, os matos do Rio Piaí... à esquerda e à direita, o verde azul desta natureza perpetuamente em festa. E, lá em baixo, numa doce humanização a vila de Fazenda Souza, então, muito pobre, muito acanhada, alongada numa rua que apenas fora composta, pois, anteriormente, era o caminho da última fronteira. Foi num ambiente de natureza esplêndida e borboletas sem pressa, a esvoaçar, que conheci a poesia de Mário Quintana.

O poeta, entretanto, vim a conhecê-lo muitos anos após. A primeira vez que o apontaram para mim, estava assentado a uma mesa, lendo, muito compenetrado. Quizeram apresentá-lo. Recusei. Insistiram-me que o homem era a simplicidade e bondade em pessoa. Pedi que ficasse para outro dia. Uma vaga sensação de que todos os poetas são hóspedes do Olimpo não me permitiu raciocinar melhor... Um dia, cumprimentei-o e, lembrou-me de que tanta alegria me dera com seus versos, levei-lhe uma caixa de uvas. Respondeu-me com um cartão, afirmando que jamais supusera que "versos fossem tão finas uvas". Guardei o novo poema e tenho-o em casa entre os meus papéis.

E, com o tempo, nossas relações mais se familiarizaram. Um dia, por acaso, ao passar por ele, cumprimentando-o (e lendo-me ele respondido) ficou-me no ar uma dúvida. Veio à minha procura, como para esclarecer. Foi aí que senti o cavalheiro, o homem de uma sensibilidade magnífica, o poeta que a natureza fez, com profusão de talento e sem medidas.

Eu sei que os poetas sentem as coisas com um diapasão que escapa ao comum dos mortais. Terá imaginado, algum dia, Mário Quintana, quanta felicidade palpável ele distribuiu com aqueles versos? Suspeita-o, sem dúvida, mas, quem pode imaginar que algo que foi maravilhosamente escrito há um século, pode encontrar um menino, sedento de poesia, a ler e a reler, até penetrar profundamente em todos os versos?

Mário Quintana, para mim, fica entre as mais carinhosas recordações da minha mocidade. Se tínhamos uma penúria franciscana de livros e de fontes de consulta, sobrava-nos natureza, de árvores cheias de sombra, de correjos limpidos, de horizontes verdíssimos... E os poemas, que liamos com paixão, eram pontos de ouro encravados na esmeralda da serra. Para mim, Mário Quintana brilhará como um luzeiro de encosta. E seria uma luz que se renovaria para sempre, aquentando-me, primeiro, a alma, pela beleza de sua mensagem. E o coração, pela amizade posterior.

ANEXO C
CRÔNICA: “UMA ESPLÊNDIDA INICIATIVA”

AUTOR: Mário Gardelin

JORNAL: Pioneiro

DATA: jun. 1983

PÁGINA: 4

Uma esplêndida iniciativa

Mário Gardelin

Certo dia, ao visitar a Gráfica da Universidade, deparei com um livrinho, de umas 90 páginas, intitulado: “Estudos Sociais, Município e Datas Cívicas, III Série, I Grau”, de autoria das professoras Carmen D. Ribeiro Mendes e Glecy Kruker Mosele. Tratando-se de prata-da-casa, é evidente que folhei a publicação com grande interesse; e me congratulei comigo mesmo. Pois saiba o meu prezado leitor que as duas beneméritas mestras entenderam oportuno dar-se ao trabalho de preparar uma série de textos e de exercícios, para as crianças do III Ano, tendo como tema Caxias do Sul. De minha parte, direi que é a realização de um sonho que sempre acalentei. Cheguei mesmo, há alguns anos, a redigir um rápido histórico da imigração e colonização que foi distribuído às professoras municipais, e gratificante surpresa, foi utilizado até para as normalistas. Assim, a Carmen e a Glecy vieram preencher uma lacuna.

Elas fizeram a pesquisa (com grande dificuldade, pois certos assuntos já são conhecidos de poucas pessoas); elaboraram o texto (muito direto, claro); fizeram os desenhos (expressivos e didáticos) e, por fim, mandaram imprimir o livro.

São pioneiras, portanto. E devo dizer que a receptividade de parte de algumas autoridades educacionais tem sido a mais alvissareira! E quem o aplaudiu foi o nosso Secretário de Educação e Cultura, o dr. João Pradel de Azevedo Filho. Por intermédio do incansável Valmir Susin, obtiveram uma audiência e levaram o livrinho. O Secretário entusiasmou-se e disse que espera ver a iniciativa repetir-se a respeito dos principais municípios do Rio Grande do Sul. É claro que para a Carmen e a Glecy foi mais do que uma condecoração. No entanto, devo dizer que para as professoras que lecionam a matéria nas escolas a publicação caiu do céu. E dele me falaram vários amigos, cujos filhos o estão utilizando. O essencial,

o principal, o substancial sobre a nossa cidade aí está: História, relevo, clima, vegetação, hidrografia, economia, cultura, trânsito, praças, divisão, autoridades, calendário cívico, e assim por diante. Uma beleza. E tão beleza, que como disse, começou sendo aceito pelas bases.

Agora as professoras partem para a segunda edição. Vão ampliar, melhorar e dar nova feição. Certamente, precisam da colaboração de todos nós, e esta eu a recomendo, não porque tenha alguma autoridade para isso, mas sim, pelo fato de que se trata de um trabalho que visa tornar conhecida a nossa querida Caxias do Sul a todas as crianças.

Tenho certeza de que a 4ª DE, sob a direção da professora Gilda Nora, continuará dando todo o apoio. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município, sob a direção da profa. Marta Trez, está no mesmo caso, já que o livrinho por ela foi recebido com muita simpatia. Acho que ele pode ser muito útil nas escolas municipais. Nos colégios particulares o campo de ação é o mesmo.

Não se ama senão aquilo que se conhece. E uma cidade, mesmo que já seja do tamanho médio, precisa do amor de seus habitantes. Torná-la conhecida de parte dos alunos, isto é, das novas gerações, é um processo de integração. O livrinho, que é um livrão apesar do tamanho, está neste caso.

Caxias do Sul precisa da afeição de seus habitantes. Não há outra maneira para desenvolver o espírito comunitário. Ele é uma decorrência do carinho e do apreço que tributamos às nossas coisas.

Além disso, há muitas outras vantagens que nos são dadas por acréscimo. Por meio dele, ensinamos o que é turismo, preservação de nossos valores, defesa de nossa ecologia e assim por diante.

Parabéns professoras Carmen e Glecy. Tenho certeza de que nossa cidade saberá apreciar tão belo esforço.

ANEXO D

CRÔNICA: "COMPADRE, SEU RABO ESTÁ NA ESTRADA"

AUTOR: José Machado

JORNAL: Pioneiro

DATA: Abr. de 1972

PÁGINA: 10

CAXIAS DO SUL, 1.º de abril de 1972.

« PIONEIRO »

Compadre, Seu Rabo Está na Estrada

Por José Machado

Não sei se o amigo leitor já pensou, alguma vez, que a maior de todas as universidades, e por isto mesmo a melhor delas, é a própria vida. Por quê? Ora, meu amigo, e isto é pergunta que se faça? Vamos os dois, você e eu, raciocinar em termos de gente. E por que não? De gente sim, pois o mundo em que estamos vivendo hoje está nos transformando a todos em semi-máquinas meio esquisito-trênicas. Se analisarmos as cenas reais do dia-a-dia, as passagens, tragi-cômicas que nossos olhos viram, nossos ouvidos ouviram e nossos sentidos, sentiram, o amigo leitor vai ver que aprendizado! E isto vem desde que, quando engatirhamos, começamos a sentir o estranho e espetacular mundo que nos cerca.

Então, comecemos. De manhã, quando você sai de casa, meio atrasado, costuma sentir o frescor do ar matutino nas suas faces? Ou entrando vivificante pelas suas narinas? Ah, não? Então o amigo também não descobriu o pôr-do-sol caxiense e nem o céu numa noite de estrelas e de lua cheia. Ah! O amigo diz que isto é bobagem. De fato, para o mundo doído que estamos vivendo hoje isto é bobagem. Os maravilhosos ruídos da mata, a música da cascata rolando entre as pedras, o maravilhoso cantar dos pássaros, tudo isto ficou lá atrás, muito longe. A garganta do mundo moderno, da cidade grande, engoliu tudo. Hoje nós nos preocupamos com a grande política, com os resultados da loteria esportiva, com a empregada do nosso vizinho, com as fofocas de nossos companheiros de trabalho ou com a vida que o padre leva. Estamos muito mais preocupados em achar um defeito no nosso patrão do que descobriremos uma forma de melhorar a produção e crescer junto com ele. Esquecemos nossas origens, amigo leitor. Ou acha você que não? Concorda em parte? Bem, então podemos começar o diálogo. Tiremos de nossa vida, do dia-a-dia, as lições que ela nos pode dar. As grandes lições, sigamo-las. As más, deixemos de lado. Mas não vamos nos esquecer que o professor é a nossa própria consciência, que nos mostrará o conceito de "Certo e Errado", como diria Antero de Quental. Até a escola primária nos deu lições que agora estamos jogando fora, na ânsia louca de chegar não se sabe onde. Você se lembra da fábula de Esopo, O Sapateiro e o Leão? Pois é, um pintor havia pintado um leão que era seguro pelos fortes braços de um homem. Um sapateiro, passando por ali, notou que havia defeito em uma das chinelas e falou ao pintor, que, sa-

bendo ser o outro um bom sapateiro, à noite repintou a chinela. No outro dia, o sapateiro voltou e falou que o estilo das pinceladas não era bom, ao que retrucou o pintor: "não vá querer o sapateiro passar além das chinelas". Também o famoso poeta e cronista nacional Rubem Braga, há coisa de uns oito anos atrás, escreveu que o homem de hoje está preocupado só com os outros e nada consigo mesmo. E escrevia com muita propriedade: "que tenho eu a ver se a empregada de meu vizinho tem um amante?" "Devo em primeiro lugar é cuidar do meu eu, que, no momento me é muito mais importante".

Viu, amigo leitor? A vida ensina ou não ensina. Nós é que somos mais alunos. Por isso, vou terminar com uma historinha que meu falecido pai nos ensinou, quando, pequenos, sentávamos aos seus joelhos e ele nos dava verdadeiras lições de vida. Dois ratos caminhavam pelo leito da via férrea, conversando, quando se aproximou o trem. Um deles inchou o peito e, olhando para o outro disse: "compadre, o seu rabo está na estrada. Mas não oiheu para trás para ver onde estava o próprio rabo. Passou o trem e, záz." E isso, amigo, que eu queria te contar, assim na base do tete-a-tete. Pense bem nisso. Até a próxima.

MADEIREIRA GIACOMET S.A. —
Indústria e Comércio
C.G.C. n.º 88.612.395

CONVOCAÇÃO

Convocamos os senhores acionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, para se realizar no dia 08 de Abril de 1972, às 9 horas, na sede social da empresa à rua Simimbu n.º 1.063, com a seguinte ordem do dia:

ORDEM DO DIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

- Deliberar sobre o relatório da Diretoria, Balanço Geral, Demonstrativo da conta Lucros e Perdas e Parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971;
- proceder as eleições dos membros do Conselho Fiscal;
- Fixar os Honorários da Diretoria e do Conselho

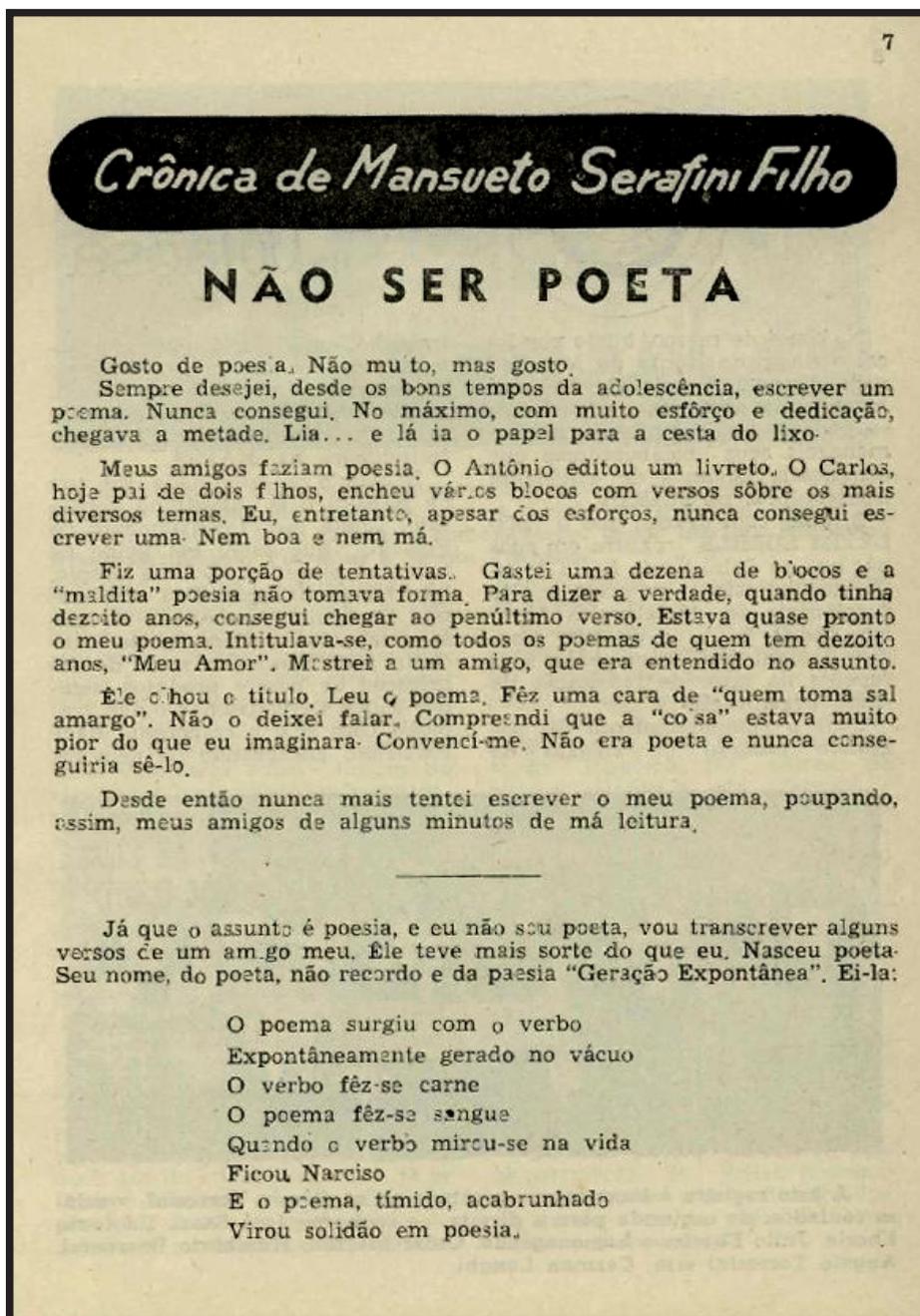
ANEXO E
CRÔNICA: "NÃO SER POETA"

AUTOR: Masueto Serafini Filho

JORNAL: Boletim Eberle

DATA: Fev. e Mar. de 1964

PÁGINA: 7



ANEXO F

CRÔNICA: "BIBLIOTECA MODERNA"

AUTOR: Ubirajara Ricciardi

JORNAL: Pioneiro

DATA: 6 jul. 1968

PÁGINA: 6

BIBLIOTECA MODERNA

Ubirajara Ricciardi

Para organizar a sua biblioteca, você deve começar, evidentemente, pelo armário. Este será uma obra de arte, digna de admiração das pessoas de seu círculo, e para tanto você irá confiá-lo a especialistas: um arquiteto e um decorador. Você não pode deixar por menos. Começa que você não possui sala, você tem living, a entrada você chama de hall e a garage, de box.

O decorador irá contratar um especialista para tomar as medidas da parede e conversará com vários expertos a fim de se inteirar da madeira que está na moda. Feita a sondagem no grad-monde, confirmou-se que o fino mesmo é jacarandá, pois a prima da costureira da esposa do ministro fez encomenda igual e preferiu aquela madeira porque causa bastante efeito e ainda combina com o rodapé.

O arquiteto já lhe submeteu à apreciação o quarto projeto, mas você recusou a todos porque não é daqueles que se deixam levar pela primeira impressão. A propósito, o decorador volta à cena e faz reserva de espaços para incluir acessórios artísticos de grande efeito no dito armário que, primitivamente, se destinava a livros.

A prateleira ao alto, à esquerda, será destinada a um nicho onde figurará uma estatueta de jade, último grito em matéria de bom-gosto. Um pouco mais abaixo irá um vaso de terracota, que você comprou no brique, mas que dirá que lhe foi trazido do Peru, pelo cônsul brasileiro que participou da semana de arte incaica, realizada na cidade de Cuzco.

A terceira prateleira será ocupada pelo bar, onde você exibirá uísques estrangeiros, legítimos escoceses adquiridos na Foz de Iguaçu, via Assunção do Paraguai, licôres curaçu e strega, e alguma cerveja enlatada.

Na quarta prateleira você embutirá o toca-discos e reservará espaço para os próprios, de preferência aqueles que você e as visitas detestam: concertos de Beethoven e Dvorak; sinfonias de Brahms e Tchaikovsky e qualquer coisa de Richard Wagner, que é o máximo da erudição que você poderá aparentar.

O arquiteto entra em cena de novo e combina com o decorador que ao lado do armário será posto um quadro moderníssimo, trabalho premiado na última bienal de S. Paulo, o qual pode ser dependurado em qualquer posição, pois se trata de obra funcional, oferecendo ainda a vantagem de poder ser utilizado como bandeja.

Bem, talvez nestas alturas você será lembrado pelo arquiteto, que foi lembrado pelo decorador, que foi lembrado pelo marceneiro, que foi lembrado pelo carpinteiro que sua encomenda era um armário para livros, e que alguns volumes deverão ser incluídos, ao menos para efeito de decoração e justificar a finalidade do armário.

Tomadas as respectivas medidas restou o espaço de 1,20 metros. Não tenha dúvida meu velho, mande o decorador comprar um metro e vinte de livros, de preferência encadernados, e com lombada colorida que harmonize com o conjunto da estante. Se o decorador tiver um pouco de imaginação é bem provável que lhe consiga o original da carta de Pero Vaz de Caminha, o máximo em matéria de raridade literária que você poderá exibir às suas visitas.

ANEXO G
CRÔNICA: "LIVRARIA DO GLOBO"

AUTOR: Mário Gardelin

JORNAL: Pioneiro

DATA: 9 fev. 1963

PÁGINA: 2

Livraria do Globo

MÁRIO GARDELIN

No «estudo» fazia-se um grande silêncio. «Estudo» era o nome da sala onde se reuniam os cento e tantos alunos do colégio Murialdo, de Ana Rech. O religioso que cuidava da disciplina, que era disciplina de verdade, chamava-se «assistente». Apenas o soar nervoso das canetas no papel, ou então, um que outro suspiro, assinalava a presença das pessoas aí reunidas. Um suspiro: era certo que alguém havia terminado tema de latim. Um livro que se fechava mais forte, era a lição de história aprendida. De muito erros sempre fui culpado, no «estudo» grande, mas jamais de haver fechado com estrondo o livro de história. Habituei-me, desde o terceiro ano elementar, a ler os volumes de história do 1, 2, 3, 4 e 5.º anos ginasiais. Terminados os meus deveres pedia ao Daizotto ou ao Bridi seus livros. E punha-me a ler, como quem saboreia um romance, sempre novo.

A's vezes, recordo as gravuras, as histórias, a interpretação dos fatos... Mas, o que jamais hei de esquecer, é o cheiro dos livros. E direi mais: dos livros publicados pela Livraria do Globo. Era um cheiro todo especial cheiro que associei aos poucos com as gravuras. Assim, quando se falava das invasões bárbaras, julguei que o cheiro do livro fosse o cheiro dos palácios, dos templos e das cidades conquistadas. Desta maneira, eu podia desconhecer perfeitamente como era o palácio de Teodósio, em Milão, mas sabia muito bem como ele cheirava. O único inconveniente, em tudo isto, é que o cheiro das pirâmides egípcias era o mesmo dos pagodes orientais. Isto, porém, eu somente o percebi mais tarde.

Ficou-me o cheiro no fundo da memória. Vieram outros livros, outras oportunidades, outras idéias. E entre as idéias, a de ir a Porto Alegre. A única coisa que eu queria conhecer mesmo, era a Livraria do Globo, a Livraria que havia editado os livros de histórias, que eu lera com tanto entusiasmo. Não o disse a ninguém, mas, quando cheguei à Rua dos Andradas e vi aquela figura inconfundível, emocionei-me. Aí estava o cheiro de toda a história. Cheiro às carradas. Se os Bertaso soubessem quem andava aí e quem tanto desejava conhecer a casa, é certo que me teriam recebido e condecorado. Infelizmente, naquele dia não pude entrar. Era um sábado à noite e nós voltamos pelo domingo. Mais tarde, quando fui a Porto Alegre, com mais vagar, meti-me naqueles corredores de livros. Fui lendo títulos aqui, lombadas acolá, folheando... Entrei pelas duas horas e queria ficar uns vinte minutos. Quando dei por mim, já eram quasi cinco horas e corri o risco de perder o ônibus.

A's vezes, volto à Livraria do Globo, mas, não para

comprar. Ando pelas sacções, afim de reencontrar o cheiro de história. E minha curiosidade, então, é a de saber se ainda eles possuem os livros de história editados em 1935, 1936 e 1937. Ou se possuem ainda papel e tinta com aquele perfume inconfundível. Contenho-me, porém. Certamente, aqueles frios negociantes rir-se-iam de meus lirismos históricos. Mas, se me animasse, gostaria de perguntar-lhes apenas isto: «Vocês já imaginaram quantas horas de alegria, de contentamento e de satisfação não proporcionaram seus livros? Quantos gauchos, como eu, aprenderam, esforçaram-se e amaram aquilo que encontraram em seus livros?»

Fecho os olhos. A fachada da Livraria aparece em muitos livros antigos. Da mesma forma, o G, do Globo, nas páginas internas da capa dos dicionários...

E vem-me uma saudade enorme e uma tristeza imensa ao saber que um dia, até o resto da Livraria do Globo (já foi reformada), desaparecerá. Se isso acontecer, podereis daqui a cem milhões de anos pedir que desenhe de novo a fachada.

E eu a tirei inteirinha de minha saudade.

AGRADECIMENTO

FRASCATTI — Indústria de Instrumentos Musicais Ltda., vem por meio deste externar seus profundos agradecimentos pelo valioso auxílio prestado por ocasião do violento incêndio ocorrido na madrugada do dia 26 de janeiro findo, que destruiu 70% das instalações de nossa fábrica de acordeões, as seguintes pessoas e entidades:

A Transportadora Galotto Ltda., por sua solicitude mandando de imediato três carros tanques com água;

Ao Sr. João Carelli, pela feliz idéia de avisar a Transportadora Galotto, no sentido de transportar água destinada a apagar o pavoroso fogo que tudo destruiu, colocando em ameaça os prédios vizinhos;

Aos abnegados sócios e empregados da empresa que tudo fizeram para salvar a fábrica de um prejuízo total;

Ao LIONS CLUBE, pelo expressivo gesto de solidariedade manifestado pelo seu Vice Governador Distrital;

Ao valeroso Corpo de Bombeiros que trabalhou ininterruptamente durante mais de 6 horas para a completa extinção das chamas;

As firmas Acordões Tedeschi S. A. e Sociedade

ANEXO H
CRÔNICA: "LE PAROLE CHE NON DISSI"

AUTOR: Eloy Lacava Pereira

JORNAL: Caxias Magazine

DATA: 15 de fev. 1963

PÁGINA: 2

LE PAROLE CHE NON DISSI

ELOY LACAVA PEREIRA

Limpei meus livros. Encontrei em páginas amareladas bosquejos de sonetos inacabados e rascunhos de antigas cartas. Meu pensamento percorreu a espiral do tempo numa tentativa de encontrar um princípio e um fim. De coordenar as idéias e passar em revista todo um passado. Inútil. As idéias vinham aos borbotões e se perdiam no torvelinhe da sala. Aqui e ali divisava uma

résca de luz na voragem do tempo. Mas eram tudo sonhos de fim de ano....

Volto à limpeza de meus livros. Ordem. Para o próximo ano vou ter minha biblioteca na máxima ordem. Não quero mais saber de papéis rolando por cima de minha escrivaninha. Parece as vezes que me afogo no meio de tanto papel. O ano que vem será diferente. ...

A propósito de meus versos

pensei num provérbio árabe que diz: "Somos senhores das palavras que não pronunciamos e escravos das que nos escapam". Gente estranha os árabes com provérbios tão profundos sobre a arte de não falar! os que conheço são tão faladores....

A minha sala está um sonho. Bem menor, é verdade, porque tive que ceder um pedaço às exigências de minha senhora, mas muito bonitinha. Tem alguma coisa de moderno em sua modéstia. As armas na parede. Os livros bem arrumadinhos. A secretária limpinha com o quebra-luz e um guardanapo por

cima. Vou trabalhar todo ano com tudo arrumadinho....

Interessante os filósofos. Pensam muito e não dizem nada. Leio junto com outros escritos um pensamento de D. Francisco de Melo que diz: "Nunca me arrependi do que não disse" — Devo ser um homem muito vulgar mesmo, porque, neste fim de ano, passando em revista todos os meus atos vem-me um profundo arrependimento de tudo que não realizei: dos versos que não fiz, das cartas que não mandei, das palavras de amor que não disse aos entes que amo, do livro que não escrevi... Ah esse livro! Sinto uma espécie de nostalgia por aquilo que vive em mim e que, por diversos motivos, não foi dado à luz.

Chego ao fim do meu trabalho com a sensação de ter despertado de um estranho sono.

RENAULT *Dauphine*  **VÁ CONHECÊ-LO EM**

ANEXO I
CRÔNICA: "APENAS..."

AUTOR: Mário David Vanin

JORNAL: Pioneiro

DATA: 12 jan.

PÁGINA: 1963

Ap en a s . . .

MÁRIO DAVID VANIN

Terminei de ler um livro profundamente humano, profundamente corajoso. Sem dúvida o melhor livro de minhas férias. «La Rebelión de las Massas», de José Ortega Y Gasset deve ser lido por todos os que ainda não compreendem nosso século. Editora Ibero-Americano. Tradução de Herrera Filho. Prefácio de Pedro Calmon. Preço, quatrocentos cruzeiros. A ele remeto o leitor.

Gasset não se conforma com a confusão dos tempos. E com aquele espírito especulativo que lhe é peculiar, convicção dos grandes valores transcendentes, desce profundamente para estudar os segredos e a psicologia da sociedade. É Pedro Calmon que o chama de inconformado, no seu prefácio. De repente Gasset desperta de sua solidão filosófica e exclama espantado: «Vivimos bajo el brutal imperio de las massas». Quem são as massas? Quem não são? Para nós estas perguntas traduzem o problema fundamental. É preciso não ocultar ao povo em geral, povo que sofre, a causa de sua condição de massa ante a situação privilegiada que goza esta minúscula minoria chamada elite.

Não temos fôlego bastante para discutirmos Gasset. APENAS queríamos lembrar que «La Rebelión de las Massas» vale a pena ser lido. É principalmente meditado. Alguma coisa de útil sempre ficará. É só ter boa vontade.

Ortega Y Gasset tem ainda o mérito de ser autor da afirmação mais certa feita até hoje: «Eu sou eu e minhas circunstâncias».

É só pensá-la um pouco.

E sem querer corrigir o mestre aos poucos vamos descobrindo que, «eu não sou mais eu. Sou apenas minhas circunstâncias». É devido a essas circunstâncias a crônica de hoje está deficiente. Felizmente a culpa é de José Ortega Y Gasset. Foi ele que nos abriu os olhos.

ANEXO J
CRÔNICA: "O VELHO BRAGA"

AUTOR: José Clemente Pozenato

JORNAL: Folha Regional

DATA: jun. 1983

PÁGINA: 6

O VELHO BRAGA

(José Clemente Pozenato - Crônica - Publicado)

Acabo de descobrir, lendo Rubem Braga, que só os velhos deveriam escrever crônicas. Somente eles podem dizer, sem mentir, ou sem parecer mentir, que antes era muito melhor. Só abonomia do velho é capaz de olhar para as misérias contemporâneas com ar disfarçadamente enfadado de quem já viu tudo antes. Só o velho é capaz de não se surpreender com as modas, com as novidades, com as invenções que tanto espantam os desavisados. Porque eles sabem que o mundo não começou hoje e que as coisas não mudam tanto como parecem. E que nada é mais comum e corriqueiro do que uma mudança espalhafatosa. O velho é o verdadeiro testemunha do que há de essencial no homem.

Por isso é que os velhos são cronistas natos. São eles os privilegiados vedores do tempo. Desse tempo que os gregos chamavam chronos. Por sinal, o representavam sob a figura de um velho de imensas barbas brancas. O tempo é, sem possibilidade de substituição por similar, a matéria prima do cronista.

É claro que existiu o cronista moço chamado Rubem Braga. E de que falava ele, sendo moço? De borboleta amarela, das folhas do parque e dessas miúdas coisas que nosso olho grosseiro não vê. Mas não falou delas derramando-lhes açúcar sentimental, transformando-as em enjoativa embrosia. O velho Braga nunca teve esse mau vício dos cronistas jovens. Desde cedo ele foi o velho Braga.

E isso só vem confirmar minha tardia descoberta, a de que é preciso ser velho para falar do mundo. Tanto é verdade que a opinião comum, ao ler os escritos de Braga, viu-se tão sábios que não pestanejou em apelidá-lo o Velho. Concordo agora que esse foi o melhor elogio que poderia ter sido inventado para o mestre da crônica.

Imagino que algum velho discorde destes meus desva-neios.

Afinal, o desejo de todo velho não é o de ser jovem? Mas duvido que algum queira voltar às brotoejas da juventude jogando no lixo tudo o que a experiência lhe ensinou. O que na verdade os velhos dizem é que voltariam de bom grado a ser jovens, mas sabendo tudo o que sabem. O que é uma sutil maneira de dizer que a juventude é a idade da estupidez. O que talvez não compense a maior rigidez dos músculos e a maior hígidez (como diria um velho) corporal.

Ao contrário do que se pensa, de que o ideal do velho é ter espírito jovem, descobro que o ideal do velho é ter espírito jovem, descobro que o ideal é ser jovem com espírito de velho. Mas foi exatamente isso que o Braga viu, mais cedo que eu. Ah, Velho Braga.

ANEXO K

CRÔNICA: "FERNANDO SABINO"

AUTOR: Fernando Sabino

JORNAL: Jornal de Caxias

DATA: 01 ju. 1978

PÁGINA: 10

fernando sabino

É como o assunto é futebol, aqui vai a opinião de Nilton Santos, numa entrevista que ele concedeu por ocasião da Copa de 74, e que a deste ano só faz confirmar: — Copa do Mundo é coisa muito difícil de ganhar. Quem ganhou as Copas para o Brasil foram Pelé e Garrincha, não tenha dúvida. Tudo mais é questão de sorte: a saraivada de bolas na trave, o azar, na hora de chutar em gol, as coisas estranhas que acontecem contra ou a favor da gente. Se não fosse o Garrincha em 62, não sei o que seria de nós. Gilmar inspirava confiança. Zito também. Belini, grande capitão — eu nunca quis ser capitão, queria ser é tenente, para cantar o jogo à vontade, sem parecer que estava mandando. Didi jogava o fino, mas aquela história de acalmar o time em 58, contra a Suécia, indo buscar a bola no gol, foi de puro acaso. O que acalmava mesmo era a existência do Mané ou do Pelé. O crioulo era perfeito. Em 70 você viu: ele serviu bola a todo mundo pra fazer gol. Agora, nunca se sabe o que pode acontecer, sem esses dois pra garantir. Agora todo mundo é igual, tanto faz como um como outro.

E, segundo ele, ainda resta juíz, cuja atuação pode decidir um jogo: — Futebol é esporte ingrato: você treina, se concentra, faz um sacrifício louco, joga o que pode e o que não pode, para na hora um sujeito vestido de preto meter um apito na boca e acabar com a sua alegria.

Durante a Segunda Guerra, o grande pintor italiano Morandi, já velhinho, foi convidado a visitar uma exposição de pintura nazista que se realizava em Koma. Embora com certo nojo, a curiosidade falou mais alto na sua alma de

artista e lá foi ele dar uma olhada nos quadros dos alemães. Depois de percorrer a exposição, fez apenas um comentário:

— Não tem dúvida: com esta pintura, vão perder a guerra. Essa frase ficou se repetindo na minha cabeça, depois que assisti à estreia do Brasil na Copa do Mundo. Quando esta seção for publicada, já estaremos classificados, ou definitivamente eliminados. Até lá, só me resta esperar, mas parodiando desalentadamente o velho Morandi:

— Com este futebol, vamos perder a Copa.

Mudemos, pois, de assunto falemos, por exemplo, em poesia: "Memória é servidão desinibida, posta a sorrir ao não e ao sim, ao mesmo e ao talvez; é uma corrente esguia; tira do escuro o claro que se vê.

Sem pecúlio de amor, perdidos muitos e muitos ritmos, sinto-me afogar numa fluidez de treva e de incerteza, joguete fadado do possível. Sozinho, na procura esvai-se o rumo, a firmeza que o sonho ao me acabar em cada gesto, em cada pensamento, e só assim consigo ser eu mesmo, e só assim me basto ao meu sustento: morto, a sonhar o renascer em vida"

A modestia, o comedimento, a discrição com que o autor desse belo soneto vem cultivando a poesia, são virtudes mineiras, que, se não deram ainda o seu nome a projeção que merece, souberam inspirar respeito e admiração aos iniciados, entre os quais me incluo. Conheço e admito Guilhermino Cesar desde que me entendo por gente. Os estudiosos de nossa história literária sabem da sua participação no grupo da revista Verde em Caxias, gaúses, que encampou o mo-

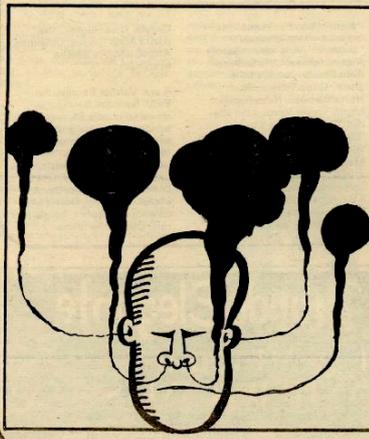
vimento modernista. A partir de então, a sua atividade intelectual, sempre destacada e influente, se estendeu da literatura, ao jornalismo, ao magistério à magistratura. Mas eu sei mais do que isso: tornei-me seu amigo desde os 14 anos, e a nossa diferença de idade não impediu que ele acolhesse com carinho a interesse a minha literacia juvenil. Ainda me lembro o impacto que foi para mim, ao levar-lhe os meus primeiros contos, encontrá-lo literalmente perdido num oceano de livros, na biblioteca de sua casa, cuja desordem natural se agravava ante uma enchente de água que provinha de um cano furado. Ali estava eu, pela primeira vez diante de um escritor consagrado, e ele me parecia um ser humano como outro qualquer, jovial e acolhedor, calças arregaçadas, às voltas com um problema doméstico que afetaria apenas nós outros, simples mortais. Ajudei-o a salvar os livros da inundação, alguns irremediavelmente molhados, e ele escolheu três para me emprestar, depois de haver lido ali mesmo, com benevolência, os meus primeiros contos:

— Você quer ser contista, não é? Pois então leia isto... e isto... e isto. Marimé, Flaubert e Maupassant Maupassant — três autores franceses, no original, que tentei ler a duras penas, já que o meu francês não dava ignorância para tanto que não tive coragem de lhe revelar. Passei a frequentá-lo, e a convivência com ele não foi apenas um arrimo para a minha iniciação literária, mas uma lição permanente de valores humanos e de dignidade intelectual. Mais tarde ele trocou Belo Horizonte por Porto Alegre, onde logo marcou sua presença, fazendo-se admirado e querido como em Minas, e construindo sem pressa a sua obra literária.

O soneto que transcrevi de seu último livro, "Sistema do Imperfeito e Outros Poemas", não chega a dar a medida da importância dessa obra, feita de poesia, romance, estudos históricos, ensaios críticos, mas principalmente, como no verso do outro poeta mineiro seu amigo, de sentimento do mundo. Pois agora fico sabendo que Guilhermino Cesar completou 70 anos, o que foi devidamente celebrado pelos seus amigos. Como um deles, e dos mais convicteis, celebro de longe a permanente realização do seu "sonhar o renascer em vida".

Não há como fugir ao futebol. Paulo Garcez me afirma que só haveria um jeito de ganharmos a Copa: chicote australiano.

— Daqueles compridos, de mais de vinte metros, usado na Austrália, para juntar o gado, não há boi que resista. Era só o Coutinho ficar lá do banco com um chicote desses, e no que o jogador bobou com a bola, levava uma lambada de estalo nas cancelas, vamos, moleque! Era gol na certa.



ANEXO L
CRÔNICA: "UMA PAUSA"

AUTOR: Leonel
JORNAL: Correio Riograndense
DATA: 5 set. 1973
PÁGINA: 10

UMA PAUSA

Leonel

Amigos, vocês vão me perdoar. Mas neste número do nosso jornal vou fazer uma pausa para um "comercial". Não há necessidade de vocês ficarem pensando que irei ter uma comissão por isso ou que esteja dando uma colher de chá para um amigo. O interessado nem mesmo está sabendo do que está acontecendo e nem vou consultá-lo para tanto. Mas acontece que as coisas boas devem ser conhecidas e aproveitadas.

Com toda esta introdução eu queria dizer o seguinte: Um Frei Capuchinho de São Paulo, Frei José Carlos Correa Pedroso, por sinal Superior Provincial da Província de São Paulo e Presidente da Conferência dos Capuchinhos do Brasil, escreveu um livrinho bem adaptado para o nosso tempo. É um livrinho que contém apenas 32 páginas, mas de um inestimável valor quanto ao seu conteúdo. É por isso que o estou recomendando a todos os meus queridos jovens — e também velhos — leitores. Serve para os namorados e noivos e também para os recém casados e para aqueles casais que já perderam a conta dos anos do seu enlace matrimonial.

O livrinho está escrito num estilo bem simples e em forma de perguntas e pensamentos soltos. Estão mesmo adaptados para meditações e diálogos. Tomemos dois exemplos:

nº 1 — "Quando você encontrou o seu cônjuge, ele ia seguindo um caminho, o caminho da vida dele. Você também tinha sonhado e escolhido um para você. Tinha começado. E agora? Vocês continuam os seus caminhos? Mudaram de caminho? Um de vocês parou? Pararam os dois?"

nº 100 — "Humildade é o reconhecimento dos próprios limites e dos próprios valores. É aceitação de si e aceitação do outro. Depois do casamento já se torna difícil salvar as aparências. Isso é bom, pois podemos começar a viver a verdade".

O livrinho tem cinco capítulos com os seguintes assuntos: O Encontro — O Diálogo — O Crescimento — A Multiplicação — A Plenitude. E seu título é: UMA VIDA A DOIS".

Vocês podem adquirí-lo com os Freis Capuchinhos de São Paulo, Av. Brigadeiro Luís Antônio, nº 2071 — CEP 01.317, SÃO PAULO — SP.

Ou então escrevam aqui para a Livraria São Miguel, C. Postal, 233 — 95.100 — Caxias do Sul — RS.

ANEXO M

CRÔNICA: "O NANETTO PIPETTA SOBREVIVERÁ!"

AUTOR: Waldyr Luiz Prévdi

JORNAL: Pioneiro

DATA: 14 de jan. 1978

PÁGINA: 2

O Nanetto Pipetta sobreviverá!

Prof. Waldyr Luiz Prévdi
Do Instituto Minsky

Quando ainda menino, comecei a "saborear" a Vita e Stória de Nanetto Pipetta. Eu ainda não estava na escola e já me deliciava em ouvir meus manos lerem fragmentos do livrinho em "talián", com figuras de um jovem desengonçado. Lembro-me que o exemplar utilizado estava sem capa e seboso: já percorrera longo caminho, de vizinho a vizinho.

Na época, a idéia dominante produzida em mim era a de um livro divertido. Com efeito, ele provocava gostosas gargalhadas em todos nós. Mais tarde, eu mesmo o li; acompanhei o herói em sua descoberta da América, com suas "plante de salami" (árvores que produziam salames, isto é, bananeiras); e comecei a perceber que não se tratava, apenas, de uma coleção inconsequente de situações cômicas.

Na verdade, todas as mensagens inteligentes - e aí estão incluídas as obras de gênio - comportam vários níveis de leitura. Talvez não devamos chegar ao extremo de considerar genial a obra de Bernardi (ele, aliás, nunca teve pretensões artísticas); mas sinto-me tentado a classificá-la como uma pequena obra-prima da literatura popular.

OS NÍVEIS DE LEITURA

Desde o lançamento do Nanetto, em capítulos sucessivos de um periódico local, Bernardi conseguiu divertir e emocionar os quase analfabetos imigrantes e seus filhos. Não obstante o toque desengonçado do herói - ou quiçá graças a isto - os colonos se identificavam com a figura humana do Nanetto e suas peripécias.

O próprio autor é filho de imigrantes italianos. A partir de sua experiência e observação, ele conseguiu criar, com enorme e despreziosa felicidade, uma espécie de história dos primeiros anos da colonização. Em seu trabalho de recriação, ele fez girar a ação em torno de um menino italiano travesso, que se escapuliu dos pais e passou a buscar a sorte ("cucagna") na América.

Conforme dei a entender, a obra de Bernardi não se esgota no humor. Sob o ponto de vista lingüístico, ela representa um documento da maior importância: foi escrita num dialeto único que, como código de comunicação viva, tende a desaparecer.

Sob o aspecto sócio-cultural, sua importância não é menor. O Dr. Luis A. de Boni, após enfatizar que ainda se trata do "vade-mecum dos colonos", assim se refere ao livro: "é também um texto caprichoso que, exigindo paciência, vai revelando aos poucos os estados emotivos de indivíduos e dos grupos, bem como a situação sócio-cultural em que se encontravam milhares de colonos, pouco depois de ocupadas as terras montanhosas gaúchas".

POR QUE O NANETTO SOBREVIVERÁ?

Ai está um livro que - tenho certeza - sobreviverá por seus próprios méritos. Como mera diversão - é verdade -, ele tenderá a se tornar cada vez mais inviável, especialmente por razões lingüísticas. (A própria U.C.S., aliás, ao re-editar o texto, reconheceu a utilidade de acrescentar-lhe um dicionário e uma pequena gramática.) Entretanto, no que diz respeito ao estudo das nossas tradições, a obra de Bernardi se constituirá sempre num documento valiosíssimo e autêntico. Trata-se de uma obra que esparge luzes múltiplas em nossas origens; especialmente nas áreas lingüística, sociológica e cultural.

ANEXO N
CRÔNICA: "DOM BENEDITO - DOM PAULO"

AUTOR: Oscar Bertholdo

JORNAL: Pioneiro

DATA: maio 1983

PÁGINA: 04

Dom Benedito - dom Paulo

Oscar Bertholdo

No momento em que dom Benedito Zorzi, 2º Bispo de nossa Diocese, encerra seu pastoreio pastoral de 31 anos de presença e liderança, e dom Paulo Moretto recebe a mitra e o báculo como 3º Bispo Diocesano - e tendo como alicerce o sempre e inesquecível 1º Bispo de Caxias do Sul, dom José Barea - reedito um poema escrito no longínquo 1958, quando, aluno do Seminário Maior de Viamão, escrevera por ocasião da presença de todo o episcopado gaúcho reunido naquela casa de ensino superior. Trata-se de um poema envolvido com conteúdos de respeito, carinho, emoção, recordações, esperança, revisão e cordial estima; através da imagem da cruz que o bispo carrega no peito, como símbolo e como sinal, como meta e como peso, como perspectiva e como compromisso. Cruz que não termina na cruz, mas que é chave de ressurreição; cruz que deixou de ser fim de caminho, mas unicamente condição de libertação dentro dos designios do plano de Deus. Para os leitores de Pioneiro, aqui está, portanto, o poema em sua forma como foi escrito há vinte e cinco anos:

Pediram-me um poema, um poema que usasse rima, cadência - vejam só! como se não soubesse que o poeta sacudiu há muito esse pó incômodo de rimar. Pediram-me assim mesmo, não tiveram dó.

Fui em busca de uma rima para os Bispos... Procurei ao longo de um velho dicionário de usadas rimas e não achei: mas devo continuar rimando, e uma série de rimas inventei.

Rimas que não rimam, rimas que não são toantes nem sonoras, rimas que não rimam na poesia mas que rimam em todas as horas: rimas que doem na carne, sem notícias mas criadoras.

Rimas dos que permanecem de vigília (a noite é cheia de medo). Por que será que os Bispos dormem tão tarde e acordam tão cedo? Há neste martírio sem derrame de sangue um gradioso segredo.

Por detrás da batina de Sua Excia. o Bispo há muito de martírio aceito... martírio de vítima marcada para a luta contra um mundo estreito. É mais leve carregar a cruz às costas, do que trazê-la sempre sobre o peito.

Porque a cruz é sempre cruz, há na cruz mistura de ousadia, total doação. Não venham dizer-me que a cruz que os Bispos usam não tem peso, não! Essa cruz de ouro não está pesando, a cruz que pesa está no coração.

E essa cruz tão pouco conhecemos nem sabemos se aparece até... A missa desta cruz é continuar trazendo a todos o perdão e a fé a cruz dos Bispos é um testemunho de que a primeira cruz continua de pé.

A cruz é sempre uma invenção múltipla, conseguiu derrubar um Deus ao chão. A cruz não tem medida, maltrata, esmaga, judia aos que não avançam em vão e cansa. Não há cousa mais sublime do que um Bispo esmagado pela ação.

Um Bispo que apresente no rosto e nos cabelos uma velhice prematura, um Bispo que caminha como quem arrasta enorme fardo para a altura. O Bispo deve sofrer. Um Bispo que não sofre é uma impostura.

Oh! se soubéssemos da extensão, profundidade, peso desta cruz que brilha, cruz de ouro trabalhado - uma visível realização de maravilha. A geografia de cada cruz é diferente, mas todos conhecem o peso dessa ilha.

Cruz do Bispo, pesando sobre o peito não como pergunta que apavora. cruz do Bispo - única resposta à dor e anunciando a aurora do sacrifício aceito; esta é a cruz sobre a qual o Bispo também chora

Cruz do Bispo, cruz tão simples como o silêncio do palácio episcopal, esse silêncio construtivo onde o Bispo permanece vigilante sobre o mal, cruz do Bispo - súscipe doloroso, o mais digno elogio sacerdotal.

Cruz do Bispo, cruz que nunca se separa dos ombros do pastor, cruz que faz às vezes de cajado indicando rumos para o amor, cruz firme como um marco de posse para os interesses do Senhor.

Cruz do Bispo, pudesse reunir o sentimento que anda em mim disperso, não findaria aqui meu canto mas faria do meu poema um universo para exaltar a Tua memória... Cruz do Bispo, beijo-te num verso.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS CRÔNICAS PESQUISADAS

	Jornal	Data	Título	Pág.	Autor	Temas ligados à leitura e assuntos correlatos
1	Boletim Eberle	abr./maio 1963	Poesia, sempre	7	Alberto Arioli	Importância da poesia para a humanidade.
2		fev./1964	"Não ser poeta"	4	Mansueto Serafini Filho	Inaptidão do poeta em escrever poesia. Texto cita poesia.
3	Caxias Magazine	15/2/1963	Le Parole che non dissi	2	Eloy Lacava Pereira	Menção ao livro, ao autor e à biblioteca.
4		5/4/1963	Leia Howard Fast	2	Eloy Lacava Pereira	Referência a autor e obra e incentivo à "correta" leitura do conteúdo.
5		12/6/1965	Caxias do Sul sofre nova derrota no setor cultural	10	Cristiano Nunes	Reivindicação de investimento à cultura e referência à importância de autores como Dante Alighieri.
6		12/6/1965	Um poeta	2	Jimmy Rodrigues	Reverência ao escritor Hermani Lopes.
7		9/4/1966	Uma Carta	3	Jimmy Rodrigues	Recebimento de carta de fã pelo cronista e o incentivo à escrita.
8		abr./1970	O exemplo das cigarras	6	Antônio Bresolin	Citação de alguns autores e enaltecimento de obras literárias.
10	Correio Riograndense	17/1/1968	Planificador de Vitórias	1	Padre Pedro Luís	Importância do texto da Bíblia.
11		24/1/1968	Dêle todos gostam	1	Padre Pedro Luís	Tratamento de um livro e de sua mensagem, com citação do autor.
12		20/1/1973	Literatura sem Teoria	4	Décio Osmar Bombassaro	Importância de saber teoria para entender literatura. Tratamento do papel do professor. Citação de autores e trechos de obras.
13		5/9/1973	Uma pausa	10	Leonel	Destaque da importância de uma obra.
14		5/4/1978	Amado e Tieta do Agreste	6	Antonio Baggio	Crítica a uma obra do escritor Jorge Amado.

15	Correio Riograndense	25/5/1983	Pedras que falam	16	Aldo Colombo	Abordagem de um livro sagrado de 728 pedras que existe na China.
16		2/11/1983	Tratado geral dos chatos	16	Aldo Colombo	Referência à obra do escritor Guilherme Figueiredo. Tratamento do sucesso da obra e menção ao seu enredo.
17		21/11/1983	A chave misteriosa	18	Aldo Colombo	Citação do livro "Canto dos Pássaros".
18		21/12/1983	A importância de brincar	31	Carmen Michels	Referência ao livro "Mãe e filho, hoje", dos psicólogos alemães Klaus Weschelberg e Ulrike Puyn. Relação da obra com a problemática central exposta no título da crônica.
19	Ecos do Mundo	13/6/1964	Crônica de Livros "Divina Comédia"	7	Jimmy Rodrigues	Exaltação a Dante Alighieri e a sua obra.
9		9/5/1964	Crônica de Livros "Iraiti"	7	Jimmy Rodrigues	Menção ao escritor Erico Verissimo e classificação dele como "avalista" da obra de Pe. Ângelo Costa.
20		4/7/1964	Crônica de Livros "Divina Comédia II - O inferno"	7	Jimmy Rodrigues	Segunda crônica de exaltação a Dante Alighieri e a sua obra.
21	Folha Regional	De 05 a 10/03/1983	Quinquilharia escolar	5	Charles D. Pirovano	Tratamento do tema da falta de livros e da importância do livro.
22		11/6/1983	O velho Braga	6	José Clemente Pozenato	Menção a diversas qualidades do cronista. Valorização do cronista Rubem Braga. Referências à qualidade do gênero.
27	Jornal de Caxias	16/6/1973	Livros	8	Fernando Ramos Rodrigues	Informações e direcionamentos de como ler uma obra: R. D. Laing.
28		23/6/1973	Livros	9	Fernando Ramos Rodrigues	Informações (e direções) de como ler uma obra: Idade da Razão, de Sartre.

29	Jornal de Caxias	14/7/1973	Invenções da Infância	6	Décio Osmar Bombassaro	Exposição de histórias do inventor Thomas Edison. Citação de obra de Mark Twain.
30		14/7/1973	Livros	8	Fernando Ramos Rodrigues	Valorização de autores.
31		21/7/1973	Livros	8	Fernando Ramos Rodrigues	Exposição de síntese da temática do livro "O Homem e a evolução", de John Lewis. Análise da temática do Livro.
32		11/8/1973	Livros	8	Fernando Ramos Rodrigues	Análise da temática do livro "Síntese de história da cultura brasileira", de Nelson Werneck.
33		18/8/1973	O mito do bom senso	6	Régis Ivan Berthi	Citação da valorização do livro e afirmação de que "meia dúzia de livros podem valer muito mais do que quinhentos anos de experiência."
34		29/9/1973	Livros	9	Fernando Ramos Rodrigues	Análise da temática de um livro de Nietzsche.
35		27/10/1973	Contribuição Açoriana	6	Villas Boas	Menção a autores e citação de trechos de livros sobre a temática da chegada dos imigrantes à região.
36		10/11/1973	Semanal	12	Jimmy Rodrigues	Tratamento da leitura e estabelecimento de uma comparação entre o que leem jovens alemães em relação aos jovens brasileiros.
37		16/2/1974	A revolta dos cientistas	6	Regis Berthi	Citação da importância e temática de um livro.
38		16/2/1974	Semanal	12	Jimmy Rodrigues	Exposição da importância de Erico Verissimo e da qualidade do livro Solo de Clarinete 1.
39		1/7/1978	Fernando Sabino	27	Fernando Sabino	Abordagem sobre o autor Guilhermino César. Citação de um soneto. Exaltação do autor.

40	Jornal de Caxias	7/2/1983	Ficção e Realidade	2	Janete Domingues	Tratamento da experiência do autor do texto na leitura de Ignácio de Loyola Brandão
42	Pioneiro	12/1/1963	Apenas...	3	Mário David Vanin	Exposição de autor e obra. Menção de o porquê deve ser lida.
43		27/7/1963	O poeta	2	Mario Gardelin	Exaltação de obra, biblioteca e poeta Olmirio de Azevedo. Tratamento de várias facetas do autor (o jurista, o poeta, o avô e etc.)
44		31/8/1963	Pobre e Desesperado Dom Quixote	2	Décio Vianna	Referência ao autor Miguel de Cervantes e a sua obra.
45		16/11/1963	Conquista sem Guerra	2	Décio Vianna	Tratamento da importância de autor e obra para o entendimento da política.
46		30/11/1963	Japão de Hoje	2	Mário Gardelin	Exaltação de livro e menção à história do Japão, que é possível entender a partir da leitura da obra referida.
47		22/1/1966	Crônica da Cidade (espaço)	2	Velho Laranjeira (pseudônimo de Heraclito Limeira)	Elogios ao escritor Euclides da Cunha. Menção ao estilo e aos dons do escritor. Há publicação de um soneto.
48		18/6/1966	Coluna Literária	14	Gevaldino Ferreira	Citação ao livro de Hugo Ramirez e exposição de trechos do livro.
49		11/7/1966	Liberdade! Liberdade!	7	Décio Vianna	Menção a uma peça de teatro que veio à cidade de Caxias do Sul e citação de autores como Castro Alves.
50		22/10/1966	Coluna Literária	7	Gevaldino Ferreira	Referência ao livro de poesias de Zeca Blau (José de Figueiredo Pinto). Relato sobre temática da obra com citação de trechos do livro.
51		26/11/1966	Coluna Literária	13	Gevaldino Ferreira	Exposição de elementos do eu lírico do cronista e análise de obra recém lançada de autor gaúcho Manoelito de Ornellas.

52	Pioneiro	21/1/1967	Querência Xucra / Coluna Literária	5	Gevaldino Ferreira	Divulgação de livro, temática e autor regional Ciro Gavião.
53		11/2/1967	Outono Vermelho / Coluna Literária	7	Gevaldino Ferreira	Tratamento da importância do autor Jorge Martins.
54		6/7/1968	Biblioteca Moderna	7	Ubirajara Ricciardi	Exposição de uma biblioteca que acaba destinando pouco espaço aos livros.
55		5/10/1968	Roteiro	10	Décio Vianna	Menciona poeta e revista caxiense.
56		14/12/1968	Filosofia na Prática	16	Hélio C. Teixeira	Tratamento do poeta e citação trecho de livro. Menção à obra que discorre sobre filosofia.
57		15/10/1970	Crônica da Cidade	6	Velho Laranjeira (pseudônimo)	Exaltação de Euclides da Cunha. Tratamento de sua obra e significância.
58		19/12/1970	A nossa história	6	Dr. João Luiz Manieri	Discurso sobre livro de produção local que, didático, é importante para o jovem. Menção à autora da obra.
59		1/4/1971	Compadre, seu rabo está na estrada	10	José Machado	Citação ao cronista Rubem Braga. Ensinamentos do cronista são citados.
60		10/4/1971	Ressureição	10	Antônio Bresolin	Menção a um livro importante para que as pessoas aprendam sobre Jesus Cristo.
61		17/4/1971	Amazônica, Paraíso e Inferno	10	Mário Gardelin	Referência que, a partir da leitura de um livro (o autor fala da obra e do autor), o cronista aprende e torna-se mais argumentativo sobre o assunto da Amazônia.
62		5/7/1971	Problemas Brasileiros	6	Antônio Bresolin	Tratamento de autor e obra.
63		2/10/1971	Livro	6	Mansuete Homann	Exaltação do livro. Menção a uma conversa fictícia entre o leitor da crônica e o texto.
64		2/10/1971	Seara Alheia	6	Tony Bel	Tratamento de autor e obra.

65	Pioneiro	9/10/1971	Os caminhos de Saly Trench	6	Abramo Parmeggiani	Discurso sobre autor e obra e sobre a importância da mensagem que passa a obra.
66		13/5/1972	Da memorização	10	Mário Gardelin	Referência à memorização e direcionamento do assunto à memorização de trechos de livros. Menção a Camões e a trechos memorizados de obras.
107		11/3/1972	A queda da França	10	Mário Gardelin	Menção de que cronista aprendeu a partir da leitura de um livro informações importantes sobre o país. Cronista passou a ler o mundo diferente. Convite para que leitores tenham acesso ao livro.
108		11/3/1972	O Segredo da Felicidade	10	Pastor Camilo Caldas	Tratamento de um livro que "foi um dos mais inspirativos" para o cronista.
109		18/3/1972	... E cantaram	6	Mário Gardelin	Menciona um livro, seu autor e a importância da obra para a posteridade.
110		15/4/1972	Um Poema	10	Mário Gardelin	Discurso sobre autor e obra.
67		9/2/1973	Livraria do Globo	2	Mário Gardelin	Menção ao cheiro dos livros, a partir de relato poético do cronista. Incentivo pelo gosto pela leitura de livros.
69		24/3/1973	Homenagem	17	João Luiz Maineri	Homenagem ao historiador João Spadari Adami. Tratamento do papel do historiador e menção às suas obras.
70		28/4/1973	Caxias de 1937	18	Mário Gardelin	Tratamento da importância de uma revista.
71		16/6/1973	Quintana	10	Mário Gardelin	Referência ao poeta Mário Quintana, à importância dele e à relação do cronista com o poeta.
72		21/7/1973	Uma vida e muitas lutas	10	Mário Gardelin	Menção a livro de Juarez Távora, homônimo ao título da crônica.

73	Pioneiro	14/1/1978	O Nanetto Pipetta sobreviverá!	2	Waldyr Luiz Prévidi	Tratamento de uma obra importante para região. Valorização da obra.
74		28/1/1978	Uma escolha, um destino	4	Mario Gardelin	Menção ao autor, à obra e a sua qualidade.
75		1/2/1978	Da releitura	4	Mário Gardelin	Discurso sobre a importância da releitura. Menção à biblioteca.
76		15/2/1978	O negro e seus descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul	4	Mário Gardelin	Tratamento de livro e de autor. Elogios do cronista à obra.
77		15/2/1978	O grupo	4	Mário Gardelin	Tratamento e exaltação de autor e obra.
78		4/1/1978	Dos romances que não escreverei	4	Mario Gardelin	Menção a um cronista futuro escritor de livros, a livros e a possíveis assuntos "pautas" de seus livros.
79		7/1/1978	Ainda dos meus romances	4	Mário Gardelin	Relato sobre histórias para futuras publicações.
80		17/6/1978	O que os livros não trazem, mas os corações guardam	46	Nellydrini	Menção ao colégio, professora e ao tema da educação.
81		22/7/1978	Hábito de estudo	4	José Machado	Discurso sobre a importância da leitura.
82		29/7/1978	Nem guerra nem paz. Tic tac	28	José Oliveira Luiz - Zéluiz	Menção ao dicionário.
83		6/9/1978	Vida Cultural I	17	Rovillo Costa	Relato sobre livro, livraria e cultura.
84		9/9/1978	Vida Cultural II	6	Rovillo Costa	Relato sobre livro, livraria e cultura.
85		25/10/1978	As coisas que não custam dinheiro	4	Sem autoria	Tratamento do tema da leitura da Bíblia.
86		30/12/1978	Novas conquistas	4	Sem autoria	Relato sobre a importância do livro Bíblia Sagrada e convocação do leitor à leitura da obra.

87	Pioneiro	9/6/1983	O velho Braga	18	José Clemente Pozenato	Menção a diversas qualidades do cronista. Valorização do cronista Rubem Braga. Referências à qualidade do gênero.
88		30/4/1983	Para os Marcantônio nos 106 anos de Brasil	4	Mário Gardelin	Menção a personagem da região e de poema enviado ao cronista. Publicação do poema.
89		11/5/1983	O perdido direito de ser criança	4	Aluísio Coelho	Relato sobre livro do autor Glenn Doman que versa sobre como pais poderia ensinar os filhos a ler. Relação da questão à trama do texto.
90		12/5/1983	Uma escola sem livro-texto e algumas belas ideias.	3	Valentin Ângelo Lazzarotto	Tratamento do prejuízo do livro didático à criança.
91		28/5/1983	Dom Benedito - dom Paulo	4	Oscar Bertholdo	Publicação de poema em homenagem ao bispo de Caxias do Sul.
92		31/5/1983	Vamos Cantar	4	Mário Gardelin	Tramento sobre um livro.
93		1/6/1983	Um esplêndida iniciativa	4	Mário Gardelin	Exaltação da importância de uma produção literária local.
94		3/6/1983	Vamos Cantar II	4	Mário Gardelin	Tramento sobre um livro.
95		7/6/1983	Vamos Cantar III	4	Mário Gardelin	Tramento sobre um livro.
96		9/6/1983	Vamos Cantar IV	4	Mário Gardelin	Tramento sobre um livro.
97		17/6/1983	A sempre grata presença de Paulo Roberto Falcão	4	Mário Gardelin	Citação de poema italiano.
98		8/7/1983	A importância da leitura nas escolas de I Grau	4	Odilla D. B. Dutra	Menção a livro, à leitura e suas respectivas importâncias.
99		16/7/1983	Cultura ao alcance de todos	20	Flavia Bocchese Nora	Tratamento do hábito da leitura e menção a um livro.
100		3/8/1983	Para frei Alberto Stawinski nos 50 anos de seu sacerdócio	4	Mário Gardelin	Citação de Frei que é escritor e menção a livros.

101	Pioneiro	5/8/1983	E lerei agora a alma de meu povo	4	Mário Gardelin	Relato sobre a experiência de leitura do cronista
102		13/9/1983	Sobre Alceu Amoroso Lima	6	Carlos Castelo Branco	Relato sobre autor e leitura de livros do autor.
103		25/10/1983	D. Ester	4	Mário Gardelin	Discurso sobre contato do cronista com conteúdo de produção local: a poesia.
104		21/10/1983	Resgate da história comunitária	4	Valentin Ângelo Lazzarotto	Menção à pesquisa de José Clemente Pozenatto e Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro. Tratamento da importância da pesquisa para uma localidade da cidade de Caxias do Sul.
105		3/12/1983	De Martins Livreiro e de seus livros	4	Mário Gardelin	Relato sobre livreiro, livros e demais assuntos.
106		14/12/1983	Tão longe e tão perto	4	Mário Gardelin	Relato sobre obras de autores que Mário Gardelin leu.